

Cristiano Pinto Anuniação

**JORNAL-LABORATÓRIO NO CONTEXTO DA
CONVERGÊNCIA:
UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE ENSINO DE JORNALISMO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento parcial às exigências para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Elias Machado

Florianópolis, julho de 2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Anuniação, Cristiano Pinto

Jornal-laboratório no contexto da convergência [dissertação] : um estudo empírico sobre ensino de jornalismo / Cristiano Pinto Anuniação; orientador, Elias Machado. – Florianópolis, SC, 2013.

254 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

Inclui referências e apêndices

1. Jornalismo. 2. Jornal-laboratório. 3. Convergência. 4. Ensino de jornalismo. 5. Produção jornalística. I. Machado, Elias. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.
-

Cristiano Pinto Anuniação

**JORNAL-LABORATÓRIO NO CONTEXTO DA
CONVERGÊNCIA:
UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE ENSINO DE
JORNALISMO**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, 5 de julho de 2013

Prof^ª. Dr. Francisco José Karam
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Elias Machado
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dr^ª. Cárilda Emerim
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Fernando Crocomo
Universidade Federal de Santa Catarina

“É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada
vai além do que se vê”
LH

AGRADECIMENTOS

Ao professor Elias Machado, por escancarar as portas do campo acadêmico, realizando com extremo profissionalismo, método e rigor sua função de orientador até os últimos momentos.

Aos professores Bernardo Kucinski, Francisco Karam, Gislene Silva e Orlando Tambosi, pelas maravilhosas aulas que muito contribuíram para pensar o jornalismo como ciência.

Às colegas e amigas Ana Marta Flores, Ana Paula Bandeira e Vanessa Hauser, por compartilharem profundamente comigo angústias e inquietações sobre o jornalismo, a ciência e a vida.

Aos integrantes do grupo de pesquisa LAPJOR, pelas discussões mensais que muito enriqueceram esta pesquisa, especialmente Juliana Teixeira (determinante durante a construção do projeto de qualificação) e Mariana Rosa.

Aos meus tios Ana Maria, Clélia e Sérgio, e minhas primas Aline, Amanda, Giselle e Renata, por sempre acreditarem em mim.

Aos colegas do mestrado, sobretudo os amigos Cândida Oliveira, Gabriel Knoll e Joana Brandão, mais o Felipe Pontes (por insistir no grupo de discussão sobre a obra de Adelmo Genro Filho).

Aos meus vizinhos Dmontier, Ester e Patrícia; Guilherme e Rosinete; Greicy; Gabriel e Rosemere.

À minha mãe Zirlande; minhas irmãs Daniela, Márcia e Samantha, além dos meus sobrinhos Lucas, José Alberto, Matheus e Daniel, somente pelo fato de existirem em minha vida.

À meu pai Mário – que mesmo não estando aqui para colher os frutos dessa vitória comigo – plantou a semente do jornalismo em mim.

À Gracielly, que representa um grupo de amigos fundamentais na minha formação durante o curso de graduação em Comunicação Social.

Aos professores Cárilda Emerim (e mais ainda pelo carinho), Nilson Lage e Rita Paulino, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Aos professores e alunos que colaboraram com a pesquisa de campo.

RESUMO

Esta dissertação investiga o processo de produção de jornal-laboratório no contexto da convergência, a partir da constatação sobre as profundas transformações pelas quais passa o ensino de jornalismo na contemporaneidade. O principal objetivo deste trabalho é identificar e caracterizar como se dá a produção do jornal-laboratório no contexto da convergência, analisando o papel do referido modelo de atividade laboratorial na formação profissional do jornalista. Para isso, utilizaremos a metodologia criada pelo Grupo de Jornalismo Online da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (GJOL/FACOM/UFBA), que propõe uma discussão conceitual sobre os fenômenos estudados e considera as três etapas do processo de produção noticiosa: apuração, produção e circulação. Além disso, esta pesquisa fundamenta-se no aporte teórico-metodológico do *newsmaking* – empregando como sustentáculo metodológico a observação e a elaboração de entrevistas e questionários – para a análise de dois estudos de caso: *Comunicação*, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e *Impressão*, do Centro Universitário de Belo Horizonte/UNIBH.

Palavras-chave: Jornal-laboratório. Convergência. Ensino de jornalismo. Processo de produção jornalística.

ABSTRACT

This dissertation investigates the process of newspaper production-laboratory in the context of convergence, based on the statement about the deep changes undergone by the journalism education. The main objective of this work is to identify and characterize a comparative way how is the production of the newspaper-lab in the context of convergence, analyzing the role of such a model laboratory activity in training the contemporary journalist. For this, we use the methodology established by the Group of Online Journalism of the Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (GJOL/FACOM/UFBA), since it proposes a conceptual discussion of the phenomena studied and considers the four stages of news production. Furthermore, this research is based on the theoretical and methodological's newsmaking - employing as mainstay methodological observation and preparation of questionnaires and interviews - for the analysis of two case studies: *Comunicação*, of the Universidade Federal do Paraná (UFPR) and *Impressão*, of the Centro Universitário de Belo Horizonte/UNIBH.

Keywords: Newspaper-lab. Convergence. Journalism education. Journalistic production process.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Produtos do <i>Comunicação</i> (UFPR) e do <i>Impressão</i> (UNI-BH).....	43
FIGURA 2 – Expediente dos jornais-laboratório.....	53
FIGURA 3 – Quadro comparativo.....	81
FIGURA 4 – Jornal <i>Comunicação</i>	86
FIGURA 5 – Jornal <i>Impressão</i>	86
FIGURA 6 – <i>Facebook</i> do <i>Comunicação</i>	87
FIGURA 7 – <i>Facebook</i> do <i>Impressão</i>	88
FIGURA 8 – <i>Facebook</i> do <i>Impressão</i>	88
FIGURA 9 – <i>Facebook</i> do <i>Impressão</i>	88
FIGURA 10 – <i>Twitter</i> do <i>Comunicação</i>	89
FIGURA 11 – <i>Twitter</i> do <i>Impressão</i>	89
FIGURA 12 – <i>Twitter</i> do <i>Impressão</i>	89

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Questionário: “O que você entende como jornal-laboratório?”.....	37
GRÁFICO 2 – Questionário: “O que você entende como jornal-laboratório?”.....	38
GRÁFICO 3 – Apuração no <i>Comunicação</i>	60
GRÁFICO 4 – Apuração no <i>Impressão</i>	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O ensino de jornalismo.....	15
2. Objetivos.....	16
2.1. Objetivo geral.....	16
2.2. Objetivos específicos.....	16
3. Hipótese.....	17
4. Metodologia.....	17
4.1. Referencial teórico.....	18
4.2. Procedimentos metodológicos.....	19
5. Casos estudados.....	21
5.1. COMUNICAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR).....	22
5.2. IMPRESSÃO – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE (UNIBH).....	22
6. Motivação do pesquisador.....	23
7. Estrutura da dissertação.....	23
CAPÍTULO 1 – Jornal-laboratório e convergência: considerações preliminares	26
1.1. Do impresso aos cibermeios.....	26
1.2. Jornal-laboratório no contexto da convergência.....	29
1.2.1. O fenômeno da convergência.....	31
1.2.2. Jornal-laboratório: características.....	34
1.2.3. Em busca de uma definição operacional.....	40

1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório.....	41
1.4. Os processos de produção.....	43
CAPÍTULO 2 – A apuração no jornal-laboratório.....	46
2.1. De <i>gatekeeping</i> a <i>gatewatching</i> : a expansão dos portões.....	46
2.2. Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório.....	48
2.3. Reunião de pauta nos jornais-laboratório.....	51
2.3.1. Tipos de pauta nos jornais-laboratório.....	55
2.4. Procedimentos de apuração.....	56
2.5. As potencialidades da apuração no ciberespaço.....	57
2.6. A preocupação com uma apuração de qualidade.....	61
CAPÍTULO 3 – A produção no jornal-laboratório.....	64
3.1. A singularidade como forma de apreensão do real.....	64
3.2. Pensando o conteúdo noticioso no contexto da convergência.....	66
3.2.1. A narrativa jornalística.....	66
3.2.2. As especificidades da narrativa ciberjornalística.....	68
3.3. A edição jornalística.....	73
3.4. O fator tempo na produção laboratorial.....	75
3.5. A preocupação com um produto jornalístico de qualidade.....	77
CAPÍTULO 4 – A circulação no jornal-laboratório: diferentes meios.....	79
4.1. Sistemas de circulação.....	79
4.2. Os meios como possíveis agregadores de informações jornalísticas: a efetivação da convergência?	83

4.2.1. Tipos de circulação no jornal-laboratório: os casos convergente e divergente.....	90
4.3. Os dispositivos de memória: uma discussão à parte.....	91
4.4. Reunião de avaliação: um importante meio de reflexão sobre o fazer jornalístico na universidade.....	94
4.5. A etapa final do processo de produção noticiosa?	96
CAPÍTULO 5 – Ensino contemporâneo de jornalismo.....	98
5.1. A importância da formação superior.....	99
5.2. O projeto político-pedagógico: oportunidade para uma boa formação.....	107
5.3. O professor: agente fundamental no processo de aprendizagem.....	108
5.4. A sala de aula como laboratório de pesquisa.....	110
5.5. Revisando métodos de ensino de jornalismo.....	113
5.6. Os processos de produção como métodos pedagógicos.....	117
CONCLUSÕES.....	121
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES E ANEXOS.....	162
APÊNDICE 1 – PROTOCOLO PARA O ESTUDO DE CASO.....	162
APÊNDICE 2 – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ABERTA.....	167
APÊNDICE 3 – MODELOS DE QUESTIONÁRIO.....	168
APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM LEONARDO CUNHA.....	173
APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM LORENA TÁRCIA.....	183
APÊNDICE 6 – ENTREVISTA COM MÁRIO MESSAGI JR.....	198
APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM MAURÍCIO GUILHERME.....	209
APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM TONI SCHARLAU.....	239

INTRODUÇÃO

1. O ensino de jornalismo

Em tempos de convergência, o ensino de jornalismo no Brasil passa por mudanças significativas. Trata-se da proposta que estabelece as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) no dia 20 de fevereiro de 2013. Com parecer favorável já publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e aguardando homologação do Ministério da Educação (MEC), o projeto abre caminhos para as especificidades institucionais da área. Deste modo, refletir sobre novas tendências no ensino do jornalismo – seja no aspecto da convergência seja do ponto de vista das novas diretrizes curriculares – perpassa por pensá-lo no contexto da “nascente sociedade da informação” (MEDITSCH, 2007). São muitos os questionamentos que emergem: “Qual seria então o papel das escolas de jornalismo neste contexto? Forte arcabouço teórico ou profundos conhecimentos tecnológicos? Responder às exigências do mercado ou aos apelos da ciência? Teoria ou prática?” (TÁRCIA; MARINHO, 2008, p. 32).

Se a prática jornalística vem sendo submetida a uma intensa mudança em seus processos de apuração, produção, circulação e consumo de informações desde meados dos anos 1980 em decorrência da reestruturação do sistema capitalista, da incorporação das tecnologias digitais, da expansão das redes sociais, da mundialização dos mercados e das fusões empresariais, como afirma Machado (2010), então o ensino de jornalismo sofre consequentemente as transformações advindas do campo profissional. De qualquer modo, o importante é a compreensão de que “para que o jornalismo sobreviva à era da informação é preciso estar preparado, e esta preparação passa pela universidade” (MEDITSCH, 2007, p. 59).

Desde a criação dos primeiros cursos no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1950, o ensino de jornalismo sempre esteve “em pauta”, para usar um “trocadilho jornalístico”. Só para citar alguns pesquisadores que se ocuparam do tema como objeto de suas reflexões, temos: Luiz Beltrão (1963, 1992), Danton Jobim (1964, 1969), José Marques de Melo (1972, 1984, 1991, 2004, 2007, 2008), Eduardo Meditsch (1992, 1999, 2007), Nilson Lage (2001) e Elias Machado (2003, 2005, 2006, 2010). Dentre as pesquisas, o jornal-laboratório se coloca como um objeto à parte. Além desta dissertação, podemos mencionar os trabalhos de Dirceu Fernandes Lopes (1989, 2001), Antônio Vieira Júnior (2002), Mônica Kimura (2006), Mário Luiz Policeno Filho (2008) e Demétrio Soster (2010, 2011).

O vácuo existente entre o ensino de jornalismo e a realidade profissional também é alvo de críticas tanto de um lado quanto do outro. Canavilhas (2011) é um dos que buscam alternativas para modificar essa contradição. “A digitalização é uma excelente oportunidade para se romper uma longa história de desencontros entre o ensino do jornalismo e as empresas jornalísticas” (CANAVILHAS, 2011, p. 19), ou melhor, entre o ensino e a prática jornalística, seja esta realizada

por empresas ou grupos alternativos. Conforme Machado (2010) e Canavilhas (2011), ao contrário do que se imaginava, formar jornalistas para o contexto digital não significa apenas integrar mais conhecimentos instrumentais nos planos de estudo ou criar mais disciplinas nas matrizes curriculares, mas sim repensar alguns conceitos fundamentais e adaptá-los a uma nova realidade profissional.

Os novos processos digitais são mimetismos dos velhos processos analógicos, tendo por isso uma mesma base a partir da qual nascem novos procedimentos. O digital não pode ser ensinado por oposição ao analógico, mais sim privilegiar a complementaridade. Neste campo, o jornalismo não se distingue das ciências exactas: primeiro é necessário dominar os conceitos para depois se aprenderem as técnicas que permitem solucionar os problemas (CANAVILHAS, 2011, p. 19).

Neste sentido, Quadros, Caetano e Amaral (2011) verificaram – em um estudo preliminar sobre ensino de jornalismo digital e práticas de convergências em três cursos de jornalismo do Estado do Paraná – que os procedimentos adotados pelos docentes têm sido acionados para a abordagem da prática jornalística tanto na esfera digital quanto no que diz respeito à convergência. “Eles [os procedimentos] são, no entanto, ainda tímidos em relação ao processo efetivado nas redes sociais, ou seja, no cenário contemporâneo em que tais cursos se inserem e para o qual devem, pretensamente, preparar os futuros profissionais” (QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011, p. 131). Mesmo assim, têm se tornado cada vez mais frequentes.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Identificar e caracterizar como se dá a produção do jornal-laboratório no contexto da convergência, analisando o papel do referido modelo de atividade laboratorial na formação profissional do jornalista contemporâneo.

2.2. Objetivos específicos

- a) Situar e conceituar o jornal-laboratório no contexto da convergência.
- b) Investigar três diferentes etapas do processo de produção do jornal-laboratório: apuração, produção e circulação.
- c) Examinar o nível da produção laboratorial levando em consideração as potencialidades do ciberespaço.
- d) Avaliar a contribuição da produção de jornal-laboratório para a formação profissional do jornalista.
- e) Refletir sobre as implicações do fenômeno da convergência no ensino contemporâneo de jornalismo.

3. Hipótese

Sob a perspectiva de que o ensino de jornalismo atravessa profundas e consideráveis transformações – como já foi dito –, reconhecemos, concomitantemente, por outro lado, que a teoria ainda se encontra distante da prática. A questão é alvo de reflexão em diversos estudos da área há anos (ANUNCIAÇÃO, 2010, 2011; CANAVILHAS, 2011; CARVALHO, 2008; KIMURA, 2006; MACHADO, 2010; MEDITSCH, 1992, 1999, 2007; QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011; PAVLIK, 2001; PINTO, 2004; TÁRCIA; MARINHO, 2008).

De acordo com Meditsch (2007), é preciso superar a dicotomia entre teoria e prática. “A unidade indissolúvel ensino-pesquisa é a única saída possível. O ensino e a pesquisa devem perseguir a qualidade do jornalismo – adotando uma efetiva perspectiva profissional” (MEDITSCH, 2007, p. 52). O jornal-laboratório – como uma atividade pedagógica dos cursos de jornalismo que possibilita a formação profissional (ANUNCIAÇÃO, 2011; KIMURA, 2006; LOPES, 1989; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002) – reúne elementos que permitem contornar a “velha” questão.

Canavilhas (2011) destaca que os novos processos digitais se colocam como uma oportunidade de romper com o que chama de “desencontros” entre o ensino de jornalismo e a realidade profissional. Machado (2010) – ao discutir sobre as implicações da convergência para o ensino de jornalismo – relata o fenômeno como uma realidade e alerta para a necessidade da produção de conhecimento conceitual sobre o assunto, assim como o estabelecimento da ruptura com o modelo tradicional de ensino.

Assim sendo, direcionamos esta pesquisa com a hipótese de que os jornais-laboratório na contemporaneidade, embora partam do suporte impresso – ao qual estão historicamente vinculados –, já se colocam no contexto da convergência, explorando as potencialidades dos cibermeios em seus processos de produção (ANUNCIAÇÃO, 2011). Levando em conta a análise preliminar sobre a produção de jornal-laboratório no contexto da convergência, seguimos a premissa de que os procedimentos adotados pelos docentes dos cursos de jornalismo na esfera digital ainda são “tímidos” (QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011). Nosso propósito é analisar o que isso representa, ou seja, qual o nível da produção, levando em consideração as potencialidades do ciberespaço.

4. Metodologia

Por seguirmos os princípios epistemológicos da ciência moderna e reconhecermos a importância da reflexão acerca do processo de produção acadêmica, entendemos o objeto de estudo como uma construção teórico-metodológica. Conforme Lopes, “[...] o objeto de estudo já é desde o início uma construção teórica, e a opção pelos métodos é imposta antes pela teoria que pelos fatos da realidade” (LOPES, 2005, p. 104).

Destacamos que a viabilidade de toda e qualquer pesquisa acadêmica depende dos caminhos metodológicos a serem trilhados. “O importante não é o que se vê, mas o que se vê com método, pois o investigador pode ver muito e identificar pouco e pode ver apenas o que confirma suas concepções” (LOPES, 2005, p. 143). Santaella, por conseguinte, reitera que “[...] quanto mais o curso de uma ação estiver bem planejado, mais equipados estaremos para reconhecer e lidar com o inesperado, enquanto que, sem planos, via de regra, nos perdemos nas brumas confusas de um jogo sem regras” (SANTAELLA, 2001, p. 152).

Desta forma, considerando a dinâmica e a espontaneidade dos fatos da realidade (manifestados ou não), ou seja, do objeto empírico, nos colocamos criteriosamente aptos para buscar de modo planejado, metódico, estruturado, sistemático e coerente às questões que este trabalho visa responder. Neste trabalho, buscaremos refletir e apresentar uma estratégia metodológica que garanta o rigor científico e o exercício da vigilância epistemológica (BACHELARD, 1977; BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010; LOPES, 2005; THIOLENT, 1982).

4.1. Referencial teórico

Este trabalho visa contribuir com a produção de conhecimento para a Área de Concentração em Jornalismo, uma vez que está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC), dentro da Linha de Pesquisa Processos e Produtos Jornalísticos – além de estar associado ao Laboratório de Pesquisa aplicada em Jornalismo Digital (LAPJOR), coordenado pelo professor Elias Machado.

Assim sendo, o presente projeto se divide basicamente em três abordagens teóricas que se correlacionam: 1) o ensino de jornalismo no Brasil; 2) as reflexões acerca de jornal-laboratório; 3) o ensino de jornalismo no contexto da convergência. A definição dos conceitos e a compreensão dos fenômenos relacionados ao ensino contemporâneo de jornalismo foram fundamentadas com base em pesquisas produzidas nos âmbitos nacional e internacional.

No que diz respeito ao ensino de jornalismo no Brasil, adotaremos o seguinte referencial: Círcia Peruzzo (2002); Cláudia Moura (2002); Eduardo Meditsch (1992, 2007); José Marques de Melo (1972, 1991, 2004, 2007, 2008); Luiz Beltrão (1992); Margarida Krohling Kunsch (1992); e Sérgio Mattos (2007).

O quadro de referência da abordagem teórica relacionado às reflexões acerca de jornal-laboratório é: Antônio Vieira Júnior (2002); Carmen Carvalho (2008); Dennis de Oliveira e Patricia Rodelli (2007); Dirceu Fernandes Lopes (1989, 2001); Márcia Marques e Thaís de Mendonça Jorge (2008); Mário Luiz Policeno Filho (2008); e Mônica Kimura (2006).

Quanto ao ensino de jornalismo no contexto da convergência, utilizaremos como quadro de referência: Antonio Fausto Neto (2009); António Fidalgo (2001); Elias Machado e Marcos Palacios (2007a); Elias Machado e Tattiana Teixeira (2010); Gabriel Galdon (1999); Gerson Luiz Martins

(2008); João Canavilhas (2011); Lorena Tárzia e Simão Pedro Marinho (2008); Nancy Nuyen Ali Ramandan (2001, 2006); e Santiago Tejedor Calvo (2007).

Destacamos ainda que o presente trabalho está amparado nas teorias do jornalismo pelo aporte teórico-metodológico do *newsmaking* – estudo sociológico que estabelece as relações entre o trabalho dos jornalistas e o processo de produção noticiosa (DOMINGO et al, 2011; PATERSON; DOMINGO, 2008; RIBEIRO, 1994; ROSHCO, 1975; SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005, 2008; TRAVANCAS, 1992; TUCHMANN, 1978).

4.2. Procedimentos metodológicos

Para realizar a pesquisa aqui proposta sobre a produção de jornal-laboratório no contexto da convergência, utilizaremos a metodologia criada pelo Grupo de Jornalismo Online da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (GJOL/FACOM/UFBA). A escolha pela metodologia do GJOL se deu por três aspectos. Primeiro porque propõe uma discussão conceitual da nova prática jornalística, adaptada, neste trabalho, para a produção de jornal-laboratório no ensino de jornalismo mediante o contexto da convergência. Em segundo lugar, considerando a organização de modelos de produção de conteúdos jornalísticos em sociedades complexas, a proposta metodológica assume as quatro etapas do processo de produção noticiosa: 1) apuração; 2) produção; 3) circulação; e 4) consumo. Outra questão é o fato deste projeto estar associado a um grupo de pesquisa coordenado pelo orientador deste trabalho e criador da metodologia do GJOL juntamente com o professor Marcos Palacios.

De acordo com Machado e Palacios (2007b), a metodologia do GJOL supõe três fases: 1) análise preliminar do objeto; 2) delimitação do objeto de estudo; e 3) definição conceitual. “Nossa metodologia permite que o pesquisador, por um lado, revise a bibliografia corrente sobre o objeto e, por outro, possibilita que esta produção conceitual seja testada em estudos de casos específicos” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 201), o que será realizado neste trabalho na análise de dois objetos empíricos já escolhidos e preliminarmente verificados. As três fases estabelecidas pelos referidos pesquisadores são:

1) Análise preliminar do objeto – Esta primeira etapa é determinante para todo o andamento da pesquisa, pois é neste momento do trabalho que se dá a realização da revisão bibliográfica. Conforme Stumpf (2010), a revisão bibliográfica, num sentido amplo, é o processo que vai desde a identificação do material teórico referente ao tema da pesquisa até a sistematização do texto final. Num sentido restrito, é apenas a captação da chamada bibliografia de referência. “A análise preliminar tem um duplo objetivo: 1) completar a revisão da bibliografia e 2) mapear o campo para a escolha definitiva das organizações jornalísticas que serão utilizadas nos estudos de caso” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 202).

2) Delimitação do objeto de estudo – Esta etapa é essencial no que diz respeito à “potencialidade dos futuros resultados” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 203), uma vez que serão definidas

neste momento do trabalho tanto as hipóteses que nortearão a pesquisa quanto os objetos empíricos para os estudos de caso.

3) Definição conceitual – Nesta etapa, são realizadas “a definição das categorias de análise e a elaboração dos conceitos capazes de dar conta das particularidades do objeto” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 207).

Os estudos de caso, para os pesquisadores do GJOL, compreendem um processo de combinação de metodologias que objetivam descrever, explicar e compreender o objeto, ultrapassando, desta forma, os estudos meramente descritivos sobre os objetos previstos pelos estudos de caso tradicionais. Para Yin (2005), o estudo de caso representa a estratégia mais adequada por três motivos: quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando se tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Estes aspectos citados se ajustam completamente ao propósito deste trabalho, que busca “compreender fenômenos sociais complexos” (YIN, 2005, p. 20), visto que “os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” (YIN, 2005, p. 32).

Considerado um método de natureza qualitativa, o estudo de caso é uma investigação empírica e “baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo” (YIN, 2005, p. 33), o que permite – como destaca Matsuuchi Duarte (2010) – utilizar variadas técnicas de coleta das informações (observações, entrevistas, documentos). Como o estudo de caso é a estratégia ideal para examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes, como afirma Yin (2005), duas fontes de evidências serão fundamentais para a operacionalização metodológica deste trabalho: “observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevistas das pessoas neles envolvidas” (YIN, 2005, p. 26), mais a utilização de questionários.

Vale mencionar ainda o que Yin (2005) aponta como os cinco componentes importantes para o projeto de pesquisa que busca aplicar o estudo de caso: 1) questões de estudo – sugere que os questionamentos (do tipo “como” e “por que”, já citados acima) forneçam uma pista importante para estabelecer a estratégia de pesquisa mais relevante a ser utilizada; 2) proposições de estudo – proposição que direciona a atenção a alguma coisa que deveria ser examinada dentro do escopo do estudo; 3) unidade de análise – definição do que seja um “caso” ou “casos” (em se tratando de um estudo de casos múltiplos), especificando as questões primárias da pesquisa, chegando, assim, a uma unidade primária de análise; 4) e 5) ligando os dados a proposições e os critérios para a interpretação das constatações – relacionar os dados obtidos com as proposições delimitadas previamente.

Ainda percorrendo a metodologia do GJOL, apresentamos – no apêndice 1 – o protocolo do estudo de caso como um procedimento utilizado “para aumentar a *confiabilidade*” (YIN, 2005, p. 92, grifo do autor) e validar a realização da pesquisa de campo. “É um documento onde são descritos os procedimentos e as regras gerais a serem seguidas no uso dos instrumentos” (MATSUUCHI DUARTE, 2010, p. 229). De um modo geral, Matsuuchi Duarte (2010) e Yin (2005) expõem que o

protocolo do estudo de caso deve conter: 1) uma visão geral do projeto do estudo de caso; 2) os procedimentos de campo; 3) as questões específicas do estudo de caso; e 4) um guia para o relatório do estudo de caso.

Conforme o modelo empregado pelo GJOL, a pesquisa de campo busca testar *in loco* as hipóteses de trabalho e levantar informações complementares. A observação direta dos processos de produção nos estudos de campo pressupõe a utilização, neste trabalho, de duas técnicas de coleta de dados: entrevistas semi-abertas (modelo apresentado no apêndice 2) – que serão realizadas com professores responsáveis pelos jornais-laboratório –, e questionários (modelo apresentado no apêndice 3) – que serão direcionados a alunos e, caso hajam, secretários e/ou técnicos envolvidos de alguma forma no processo de produção noticiosa que ocorre no laboratório. Jorge Duarte (2010, p. 66) define entrevista semi-aberta como o modelo de entrevista em profundidade que “tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa”, no qual o pesquisador deve “explorar ao máximo cada resposta até esgotar a questão”, buscando compreender o processo de produção jornalístico a partir da experiência subjetiva das fontes.

Por fim, faz-se importante definir que – com base na proposta metodológica que adotamos – analisaremos as seguintes etapas do processo de produção noticiosa: apuração, produção e circulação. Como já foi dito, nossa pesquisa fundamenta-se no aporte teórico-metodológico do *newsmaking*. Para constituir-lo teoricamente, Tuchmann (1978) empregou como sustentáculo metodológico a observação e a elaboração de entrevistas – como faremos nesta pesquisa – durante o período de 10 anos. Assim sendo, buscando identificar e caracterizar de forma comparativa como ocorre a produção de jornal-laboratório no contexto da convergência – tendo como amostra experiências de ensino de jornalismo em duas macrorregiões brasileiras (*Comunicação*, da Universidade Federal do Paraná/UFPR; e *Impressão*, do Centro Universitário de Belo Horizonte/UNIBH) – analisaremos o modo como os conteúdos noticiosos são apurados, produzidos e distribuídos, tendo em vista as potencialidades dos cibermeios.

5. Casos estudados

Para esta pesquisa, escolhemos o jornal-laboratório oficial de dois diferentes cursos de Comunicação Social/Jornalismo como objetos empíricos: *Comunicação*, da Universidade Federal do Paraná (UFPR); e *Impressão*, do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). O processo de escolha utiliza como modelo os três critérios básicos para definição de objetos dos estudos de caso – estabelecidos pela metodologia criada pelo Grupo de Jornalismo Online da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (GJOL/FACOM/UFBA): 1) originalidade; 2) representatividade; e 3) diversidade.

Com relação ao primeiro quesito, Machado e Palacios (2007b, p. 204) afirmam que “quanto mais original for a organização, mais adequada será para os propósitos do pesquisador”. O segundo aspecto busca oferecer uma amostra concernente ao âmbito espacial, uma vez que visa demonstrar as

diferenças de cada das duas macrorregiões escolhidas do ponto de vista do ensino de jornalismo. “Quanto mais representativa de uma tendência mais chances terá de ser incluída” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 204). Por último – e não menos importante – vem do anseio em descentralizar a pesquisa acadêmica, que ainda privilegia o eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Fadul (2006), as pesquisas sobre a mídia brasileira são quase sempre realizadas a partir da perspectiva dessas duas cidades, deixando de lado as grandes diferenças existentes na mídia regional, que incluem manifestações culturais específicas. “Quanto mais distante estiver das tendências dominantes levantadas melhor porque serve como contraprova” (MACHADO; PALACIOS, 2007b, p. 204). Além disso, elegemos duas instituições públicas e uma particular para garantir a diversidade dos resultados obtidos na observação.

Assim sendo, o presente trabalho optou por selecionar objetos empíricos que ilustrassem, de certo modo, o ensino de jornalismo no Brasil. Segue abaixo a descrição sumária dos objetos empíricos escolhidos para esta pesquisa:

5.1. COMUNICAÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

O *Comunicação* foi criado em 1979. Vincula-se a duas disciplinas: *Produção e Edição I* (5º período) e *Laboratório Multimídia* (7º período). O *Comunicação* integra ainda a disciplina obrigatória *Laboratório de Jornalismo* (3º período). Os professores responsáveis são Mário Messagi e Toni Scharlau.

A equipe produz em torno de 12 edições por ano, além de informações jornalísticas para o site do jornal, o *Comunicação On-line*. O objetivo era firmar o jornal como um veículo de informação importante dentro da Universidade, com linha editorial independente das posições da instituição. Em 2008, o *Comunicação On-line* se integrou as outras produções do curso, a *TV Comunicação* e a *Rádio Comunicação*.

5.2. IMPRESSÃO – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE (UNIBH)

Em 2012, o jornal-laboratório *Impressão* completou 30 anos. Está vinculado à disciplina *Edição Jornalística*, ministrada no 5º período do curso, e traz como ementa¹: “Planejamento da edição em jornalismo impresso. Normas e critérios editoriais”. Entre os objetivos estão: 1 – selecionar assuntos possíveis de gerar a notícia; 2 – relacionar fontes como matéria-prima da informação; 3 – redigir texto informativo, considerando os elementos construtivos da notícia e os dados apurados; 4 – identificar os aspectos jornalísticos, econômicos, sociais e culturais que interferem no processo de edição; e 5 – identificar os critérios de seleção e rejeição de notícias em função da política editorial do veículo. O *Impressão* faz parte do projeto de convergência² que

¹ Informações fornecidas por e-mail pelo professor Luciano Andrade Ribeiro.

² Disponível em: < <http://convergenciaunibh.webnode.com.br/> >. Acessado em: 10 de outubro de 2011.

congrega os cursos de Jornalismo, Publicidade/Propaganda e Relações Públicas da UNIBH. O professor responsável é Luciano Andrade Ribeiro.

O jornal tem quatro edições por ano (duas por semestre) com 16 páginas – cada –, das quais duas são temáticas e duas com assuntos diversos. O *Impressão* conta ainda com o caderno cultural *Dois*, com 12 páginas, produzido em parceria a disciplina *Jornalismo Cultural*, ministrada no 6º período do curso. A tiragem atual é de dois mil exemplares. Nas redes sociais, o jornal tem perfil no *Facebook*, no *Twitter* – com última atualização em 1º de maio de 2011 – e comunidade no *Orkut*, além de ser publicado no sítio *Scribd*.

6. Motivação do pesquisador

A semente desta dissertação foi plantada ainda na graduação em jornalismo, quando no quarto semestre do curso produzimos um artigo para a conclusão da disciplina *Oficina de Jornalismo Impresso II*, ministrada pela professora Carmen Carvalho. O objetivo do trabalho era que a turma fizesse uma reflexão, dando um maior enfoque àquilo que mais havia despertado o nosso interesse durante a passagem pelas duas oficinas, nas quais é produzido o jornal-laboratório *Oficina de Notícias*, do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

A partir daí, começou uma inquietação a respeito da metodologia didático-pedagógica aplicada na disciplina. Mesmo antes de delimitar o tema para o *Projeto Experimental em Jornalismo (PEJ)*, já no sétimo semestre da graduação, duas questões estavam definidas com relação ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A primeira é que seria uma monografia, pois poderia abrir caminho para a continuidade da pesquisa em curso de Mestrado, como de fato ocorreu. Além disso, sem querer diminuir a importância em elaborar um produto editorial, pensávamos que a monografia nos daria uma maior possibilidade de reflexão sobre o campo do jornalismo.

Posteriormente, outra questão emergiu: teria de ser algo ligado ao ensino de jornalismo e que se relacionasse com o curso da Uesb. O jornal-laboratório *Oficina de Notícias* como o único produto das disciplinas consideradas de caráter prático do curso que interage efetivamente com o público, seria o objeto ideal de estudo. O trabalho ainda contribuiria para a história do curso, pois poderia servir de documento. Salvo engano, até então, não existia relato bibliográfico sobre o curso, a não ser numa passagem do livro *A imprensa e o coronelismo no sertão do sudoeste*, do jornalista Jeremias Macário de Oliveira.

7. Estrutura da dissertação

O capítulo inicial da dissertação apresenta o nosso objeto de estudo. Iniciaremos com uma revisão do percurso histórico sobre a produção de jornal-laboratório nos cursos de jornalismo do Brasil que vai desde o produto impresso – quando ocorreram as primeiras experiências laboratoriais

na universidade – até a contemporaneidade com a ampliação das práticas pedagógicas para o ciberespaço. Em seguida, abordaremos de forma mais específica o nosso objeto em uma análise subdividida em três itens: (1) a problematização acerca do fenômeno da convergência; (2) as características que constituem um jornal-laboratório; e (3) a formulação de uma definição operacional a partir da intersecção entre ambos (jornal-laboratório e convergência), naquilo que chamamos de jornal-laboratório no contexto da convergência. No tópico seguinte, buscaremos sistematizar as fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório em relação aos períodos de adesão e uso das novas tecnologias no fazer jornalístico. E por fim, faremos uma breve discussão acerca dos seus processos de produção, uma vez que esta questão perpassará os próximos capítulos deste trabalho. Vale destacar que o presente capítulo – assim como toda a dissertação – vai incluir os resultados obtidos durante a realização dos dois estudos de caso da pesquisa: Comunicação (UFPR) e Impressão (UNI-BH) para ilustrar os argumentos apresentados.

O segundo capítulo desta dissertação começa de modo efetivo com a abordagem sobre o processo de produção jornalística a partir da apuração. Buscaremos refletir as características concernentes desta etapa na feitura de jornal-laboratório no contexto da convergência. Para isso, nos centraremos primeiramente nas discussões mais recentes a respeito do atual fenômeno que perpassa a multiplicidade de fontes e informações disponíveis com o advento das novas tecnologias da comunicação – fundamento do *gatewatching*, termo cunhado por Bruns (2005) para tratar dos “portões” (*gates*) por onde são selecionados os materiais que se potencializam como notícia –, realizando uma incursão teórica que tem início na segunda metade do século XX com a metáfora do *gatekeeping* – conceito ainda em voga nos estudos sobre o processo de produção noticiosa (*newsmaking*). Em seguida, discutiremos o que é notícia em um jornal-laboratório ao apresentar os elementos que compõem a noticiabilidade para – em um item seguinte – abordarmos a importância da elaboração da pauta e, conseqüentemente, descrevermos a reunião de pauta dos dois estudos de caso desta pesquisa. Adiante, desenvolveremos os procedimentos e os tipos de apuração no contexto contemporâneo. Trataremos também das potencialidades da apuração no ciberespaço. Por último, abordaremos a preocupação com uma apuração jornalística de qualidade.

No campo do Jornalismo, o conceito de produção tem dois sentidos: (1) todo o processo de elaboração técnica e racional da informação jornalística e envolve múltiplas categorias profissionais; e (2) etapa do trabalho, parte desse todo (J. TEIXEIRA, 2011) – objetivo do presente capítulo. Desta maneira, o terceiro capítulo da dissertação busca discutir a estrutura do texto jornalístico – a produção (redação e edição) enquanto etapa. De início, abordaremos a singularidade como forma de apreender o real, fundamentando-nos, especialmente, no estudo de Genro Filho (1987). A seguir, discutiremos a estrutura do conteúdo noticioso no contexto da convergência, passando pelos estágios de desenvolvimento do ciberjornalismo e suas características no ciberespaço – tomando como fundamentação teórica a proposta de Palacios (1999, 2002, 2003) e Mielniczuk (2002, 2003). O processo de edição jornalística terá um item à parte. Além disso, discutiremos a influência do fator

tempo no processo de produção noticiosa e, em seguida, abordaremos o produto jornalístico de qualidade.

De acordo com Machado (2006, 2008), a circulação é, dentre as etapas do processo de produção jornalística, a menos discutida na bibliografia especializada, o que traz “prejuízos para a compreensão da dinâmica do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)” (MACHADO, 2008, p. 21). Reconhecemos que a discussão acerca do processo de produção noticiosa fica pendente, sobretudo na contemporaneidade, com a multiplicação de plataformas de disseminação de informações jornalísticas. Esse quadro provoca uma contradição nas teorias do jornalismo: a produção acadêmica sobre o Jornalismo não acompanha aspectos da prática profissional. Tendo em vista tal constatação, estruturamos esta dissertação, de modo que o quinto capítulo analise especificamente os mecanismos existentes para promover a circulação no jornal-laboratório. Para alcançar este objetivo, iniciaremos nossa discussão apontando os sistemas de circulação de informações jornalísticas (seu sentido, um breve histórico e a nossa opção pelo termo “circulação”, em detrimento de outras nomenclaturas – difusão, transmissão e publicação – utilizadas com a mesma finalidade). Trataremos seguidamente do que chamamos de “meios como possíveis agregadores de informações jornalísticas”, buscando uma abordagem que questione se existe o fenômeno da convergência. Ainda neste tópico, distinguiremos a circulação efetivada por meio (1) do jornal impresso; (2) de blogues e sites; e (3) das redes sociais, sobretudo *Facebook* e *Twitter*. No tópico posterior, apresentaremos os tipos de circulação de informações jornalísticas dos jornais-laboratório, identificados durante a pesquisa de campo. Versaremos também sobre os dispositivos de memória, além da importância da reunião de avaliação para a produção laboratorial. Por fim, colocaremos uma questão: a circulação – fora o consumo (que não é tratado neste estudo) – representa a finalização do processo de produção jornalística?

O último capítulo da dissertação tem o objetivo de realizar uma reflexão acerca do ensino contemporâneo de jornalismo – com base na produção de jornais-laboratório – e propor algumas soluções. Primeiro, discutiremos a importância da formação acadêmica em jornalismo. Trataremos, em seguida, do projeto político-pedagógico, que embora não seja garantia da viabilidade de um ensino ideal, representa a oportunidade para uma boa formação. A partir daí, abordaremos a importância do professor, como agente do processo, mais a sala de aula como laboratório de pesquisa. Por fim, vamos discutir os processos de produção como métodos pedagógicos.

CAPÍTULO 1

JORNAL-LABORATÓRIO E CONVERGÊNCIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Não se pode ensinar ou aprender jornalismo sem a
prática do exercício profissional.
Luiz Beltrão, 1969

Este capítulo inicial da dissertação apresenta o nosso objeto de estudo. Iniciaremos com uma revisão do percurso histórico sobre a produção de jornal-laboratório nos cursos de jornalismo do Brasil que vai desde o produto impresso – quando ocorreram as primeiras experiências laboratoriais na universidade – até a contemporaneidade com a ampliação das práticas pedagógicas para o ciberespaço. Em seguida, abordaremos de forma mais específica o nosso objeto em uma análise subdividida em três itens: (1) a problematização acerca do fenômeno da convergência; (2) as características que constituem um jornal-laboratório; e (3) a formulação de uma definição operacional a partir da intersecção entre ambos (jornal-laboratório e convergência), para descrever o que chamamos de jornal-laboratório no contexto da convergência. No tópico seguinte, sistematizaremos as fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório em relação aos períodos de adesão e uso das novas tecnologias no fazer jornalístico. E por fim, discutiremos os seus processos de produção, uma vez que esta questão perpassará os próximos capítulos deste trabalho. Ao longo do presente capítulo – assim como de toda a dissertação – incluiremos os resultados obtidos durante a realização dos dois estudos de caso da pesquisa: *Comunicação* (UFPR) e *Impressão* (UNI-BH) para ilustrar os argumentos apresentados.

1.1. Do impresso aos cibermeios

Desde a criação dos primeiros cursos de jornalismo no Brasil, a prática jornalística se revela como um elemento problemático no ensino devido à falta de órgãos laboratoriais. Tal experiência ocorre de forma mais efetiva no jornal-laboratório, uma vez que “[...] abre espaço para compreensão do fazer, com a possibilidade de publicação do material” (BRONOSKI; XAVIER, 2010, p. 184). O jornal-laboratório trabalha com o processo de produção jornalística na universidade com a real possibilidade de ter a resposta do público, o que possibilita uma abordagem mais profissionalizante.

Entre as principais ações – pelo menos de que se tem conhecimento – de implantação dos chamados órgãos laboratoriais, destacamos a iniciativa do professor Luiz Beltrão. Como docente do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, na década de 1960, criou estratégias para possibilitar o exercício necessário aos alunos e, por meio do jornal-cobaia, com a publicação do jornal experimental *Diário da Cidade*, buscou simular situações profissionalizantes em sala de aula (BELTRÃO, 1969; LOPES, 1989, 2001; MARQUES DE MELO, 1984).

Os espaços laboratoriais só obtiveram exigência na legislação brasileira com a Resolução nº 03/78, aprovada pelo Conselho Federal de Educação (CFE), que estabeleceu o currículo mínimo para os cursos de comunicação social do País (KIMURA, 2006; LOPES, 1989; MARQUES DE

MELO, 1984; VIEIRA JÚNIOR, 2002)³. Antes disso, em 1967, José Marques de Melo, então professor do curso de Comunicação Social da Universidade de São Paulo (ECA/USP), destacou que o jornal-laboratório “[...] constitui o instrumento básico de um curso de Jornalismo no sentido de **integrar os estudantes na problemática da futura profissão**” (SILVA, 1985, p. 34, grifo nosso).

A problemática da futura profissão na contemporaneidade perpassa cada vez mais pelas implicações de natureza tecnológica. A incorporação das novas tecnologias da comunicação tem suscitado fortes discussões sobre o papel dos cursos de jornalismo (BALDESSAR, 2005; CANAVILHAS, 2011; FIDALGO, 2001, 2007; MACHADO, 2002, 2006, 2007, 2011; MACHADO; PALACIOS, 2007; MARTINS, 2008; MARTINS; STURZA, 2010; MEDITSCH, 2007; MORAES JÚNIOR, 2007; PAVLIK, 2001; QUEIROGA, 2010; RAMANDAN, 2001, 2006; RIBAS, 2007; SALAVERRÍA, 2011), sobretudo a respeito da produção de jornal-laboratório através de iniciativas viabilizadas no ciberespaço (BECKER, 2008; KISCHINHEVSKY, 2009; PALACIOS, 2007; PICCININ; SOSTER, 2011; PRUDENCIO; VIEIRA, 2011; RENÓ, 2006; RENÓ; PIMENTA, 2007).

A era digital provocou algumas mudanças paradigmáticas no ensino de jornalismo que tornou obsoleto o modelo tradicional aplicado ao longo da maior parte do século XX (PAVLIK, 2001), transformando, conseqüentemente, toda a estrutura dos cursos. Entre as modificações mais destacadas, Palacios et al (2007, p. 117) mencionam “a adaptação das grades curriculares, a dependência cada vez maior da tecnologia, o aumento da autonomia dos estudantes, a descentralização dos processos de ensino e a necessidade de criação de centros locais de inovação [...]”.

Em documento publicado em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhece a necessidade em adaptar o ensino de jornalismo “ao desenvolvimento tecnológico e a outras mudanças nos meios de comunicação” (UNESCO, 2010, p. 7), e define a seguinte orientação como modelo para jornais-laboratório:

Nesta oficina, os estudantes produzirão semanalmente um jornal completo – desde as sugestões de pautas até a diagramação das páginas antes da impressão. Para tanto, a oficina oferecerá aulas teóricas e práticas sobre jornalismo impresso, redação, edição, editoração e **produção de páginas para a web**. Os alunos serão apresentados às técnicas empregadas por repórteres e editores (ou responsáveis pelo conteúdo) na produção do conteúdo informativo e as técnicas usadas pelos subeditores para selecionar e tratar reportagens e fotos. Os estudantes aprenderão a editar, adequando o texto ao espaço disponível na página, com exatidão e estilo, e a perceber a notícia em seu conjunto e linha por linha. Aprenderão a desenhar e elaborar páginas, o que implica a escolha e utilização das notícias, imagens e redação de legendas para fotos, títulos de matérias, sutias etc. No final da disciplina, os estudantes devem estar preparados para trabalhar como editores de jornais. Nesta oficina (ou em outra disciplina separadamente), os estudantes receberão informação sobre os princípios e as práticas do fotojornalismo, fotografando notícias, reportagens, retratos, esportes e desenhando e elaborando

³ A Resolução do CFE foi reforçada pela Resolução nº 2/84, que definiu um novo currículo mínimo para os cursos de comunicação social do País e fez exigências laboratoriais, determinando um prazo de três anos para sua implantação.

fotocomposições com a **utilização de técnicas digitais** (UNESCO, 2010, p. 25, grifo nosso).

Já a proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo (MEC, 2013)⁴ não considera de modo específico o jornal-laboratório e adota, de forma mais genérica, a expressão “prática laboratorial”, o que se justifica pelo fato de haver atualmente uma diversidade de produtos laboratoriais. De acordo com o Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo órgão, que formula as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo (BRASIL, 2009), a organização do currículo deve contemplar conteúdos que atendam a seis eixos de formação, entre os quais destacamos:

[...]

IV – Eixo de formação profissional, que tem por objetivo embasar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com o universo dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, fomentando a investigação dos acontecimentos relatados pelas fontes, bem como a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, como os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, **as inovações tecnológicas**, retóricas e argumentativas.

[...]

VI – Eixo de prática laboratorial, que tem por objetivo desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores, integrando os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, **webjornal**, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros (BRASIL, 2009, p. 20, grifo nosso).

Como podemos constatar tanto o documento da UNESCO quanto a proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo apontam tardiamente para uma produção laboratorial na *web* – que nesta dissertação abordamos de modo mais amplo como ciberespaço – para os cursos de jornalismo. Muito embora tenha apresentado uma investida considerada substancial, a “implantação do ciberjornalismo na educação universitária tem sido então relativamente atrasada e irregular” (SALAVERRÍA, 2011, p. 144)⁵.

As experiências pioneiras analisadas no Brasil sobre a uso do ciberespaço no ensino de jornalismo se deram em meados da década de 1990 no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA), quando os professores da instituição Elias Machado e Marcos Palacios ofereceram o primeiro curso de jornalismo digital em 1995 e, dois anos

⁴ A proposta teve parecer favorável já publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e aguarda homologação do Ministério da Educação (MEC).

⁵ Salaverría (2011) avalia que se as faculdades de jornalismo demoraram muito tempo para colocarem o ensino universitário de ciberjornalismo no mesmo nível de outras especializações de mídia, se pode dizer a mesma coisa com relação à pesquisa. Em contrapartida, a partir da primeira década do século XXI, o ciberjornalismo apresenta uma atenção crescente no âmbito científico com criação de associações, redes de pesquisadores e revistas acadêmicas especializadas. No Brasil, temos a Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura (ABCiber), que envolve pesquisadores de diversas áreas ligadas a ciberultura – incluindo aí o Jornalismo.

depois, incorporaram a *Oficina de Jornalismo Digital* como uma disciplina de caráter obrigatório (FERREIRA, 2011; MACHADO, 2006; MACHADO; PALACIOS, 2004).⁶

Desde então, foram realizadas diversas iniciativas de utilização do ciberespaço no ensino de jornalismo, sobretudo com os tradicionais jornais-laboratório – que até determinado período do ensino de jornalismo no país estavam vinculados apenas ao meio impresso, seu formato original (KIMURA, 2006; LOPES, 1989; PICCININ; SOSTER, 2011; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002).

Os jornais-laboratório têm buscado cada vez mais utilizar o ciberespaço em seus processos de produção, seja na apuração, na produção e/ou na circulação de informações jornalísticas (abordaremos o assunto mais adiante, neste mesmo capítulo, no item 1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório).

1.2. Jornal-laboratório no contexto da convergência

O advento da internet e, conseqüentemente, das novas tecnologias digitais possibilitaram diversas transformações no ensino de jornalismo (BALDESSAR, 2005; CANAVILHAS, 2011; CORRÊA; SAAD CORRÊA, 2007; FERREIRA, 2011; FIDALGO, 2001; FRANKLIN; MENSING, 2011; MACHADO, 2006, 2011; MACHADO; PALACIOS, 2007; PAVLIK, 2001; QUEIROGA, 2010; RAMADAN, 2001, 2004; SALAVERRÍA, 2011; J. TEIXEIRA, 2011). A partir dessa constatação, Pavlik (2001) apresenta as implicações desse fenômeno nos cursos em quatro grandes áreas:

- 1) O modo como se ensina – A facilidade da comunicação entre as equipes de trabalho e pesquisa com o uso do *e-mail*, por exemplo.
- 2) O conteúdo ensinado – A utilização de *softwares*, como o *PowerPoint*, com o intuito de facilitar o entendimento de conceitos complexos.
- 3) As mudanças na estrutura do ensino – O oferecimento de programas de ensino completamente *online*.
- 4) As relações entre professores e seus públicos – A possibilidade de níveis de interação sem precedentes entre professores e alunos.

Em um contexto ainda mais específico, Machado (2010) discute o que considera cinco teses equivocadas sobre o ensino em tempos de convergência. O autor desmistifica algumas compreensões pré-estabelecidas sobre o fenômeno:

- 1) A convergência tem pouca importância porque atende apenas a uma demanda das corporações para reduzir custos – Embora as empresas possam obter redução nos custos, essa relação de causa e efeito não procede como regra, pois a implantação das novas tecnologias contribui para o aumento dos custos com mão-de-obra.

⁶ Para ter um levantamento preliminar da primeira década de pesquisa em jornalismo digital no País, ver *Estudos sobre jornalismo digital no Brasil* (BARBOSA; MIELNICZUK; QUADROS, 2006).

- 2) A convergência deve ser incorporada como uma disciplina a mais nas matrizes curriculares – Em vez de restringir o seu ensino a uma disciplina isolada, o mais recomendável seria a reformulação completa dos cursos, com um projeto político-pedagógico em sintonia com as transformações da sociedade contemporânea.
- 3) O ensino de convergência necessita centrar-se nos aspectos tecnológicos em detrimento dos conceituais – O conhecimento conceitual permite o avanço da técnica para o desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, garante a inteligibilidade do próprio sistema.
- 4) A consolidação da convergência jornalística depende apenas dos estudos conceituais sobre o fenômeno – Busca uma articulação equilibrada das duas instâncias de produção e reprodução do conhecimento, sem que haja uma predominância do conhecimento puro (compreensão de técnicas, processos, tecnologias e relações existentes) sobre a pesquisa aplicada (desenvolvimento da inovação criativa).
- 5) O fator cultural tem pouca importância para a generalização da convergência jornalística – Não existe um modelo único de convergência jornalística, mas sim um conjunto diversificado de formas, que tem como ponto de referência a cultura dos países ou das corporações em questão.

Em consonância com as mudanças no ensino, o jornal-laboratório tem no ciberespaço um novo ambiente de ensino-aprendizagem para exercitar a prática jornalística na universidade. O uso da tecnologia adquire cada vez mais espaço e “ganha função central no processo de ensino-aprendizagem a partir da gradativa disseminação do fenômeno da convergência nos cursos de Jornalismo [...]” (MACHADO, 2011, p. 3).

O emergente panorama traz uma nova problematização acerca da temática em questão – que faz parte de um contexto ainda mais complexo em relação ao momento analisado pelo professor Dirceu Fernandes Lopes na sua tese de doutoramento (1986) e que resultou no livro *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor* (1989). Neste caso, é importante compreender que não “se trata [...] de ‘ensinar’ novas tecnologias [...], mas de problematiza-las como fenômenos sociais e históricos, articulados a questões mais específicas das profissões, de modo que não se tornem meros agentes reprodutores, mas críticos de seu tempo” (PRUDENCIO; VIEIRA, 2011, p. 139), tendo a tecnologia como meio, e não como fim.

Em trabalhos realizados (ANUNCIACÃO, 2011a, 2011b) no decorrer desta pesquisa, elencamos e desenvolvemos três pressupostos para a produção de jornal-laboratório no contexto da convergência:

- 1) Estímulo à produção de conhecimento conceitual – Para transformar (no sentido de aperfeiçoar) a prática é preciso conhecê-la, por isso deve-se buscar primeiramente compreender o fenômeno.
- 2) Possibilidade de aproximação entre teoria e prática – A importância que a teoria permita compreender como se dá a prática jornalística.
- 3) Perspectiva de ruptura com o modelo vigente – Por meio da matriz curricular (não somente incorporar novas disciplinas), da qualificação docente (com professores que dominem os conceitos) e da estrutura laboratorial (que deveria testar técnicas, tecnologias e processos desenvolvidos nos laboratórios de pesquisa).

Em suma, feitas as devidas ressalvas sobre o uso das novas tecnologias no processo de produção jornalística e, ao mesmo tempo, destacando a importância em estudá-las e apreendê-las, buscamos apresentar, caracterizar e problematizar o nosso objeto de estudo no sentido de formular uma definição operacional que vai conduzir este trabalho. O presente item está dividido em três subitens que se complementam neste tópico: 1.2.1. O fenômeno da convergência; 1.2.2. Jornal-laboratório: características; e 1.2.3. Em busca de uma definição operacional.

1.2.1. O fenômeno da convergência

Em seu sentido etimológico, a palavra convergência decorre da junção de “convergir + -ência” e possui sete significados distintos (FERREIRA, 2009). Desses, o termo apresenta definições de quatro diferentes campos do conhecimento: Biologia, Física, Matemática e Óptica. O verbete do *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009), não faz qualquer menção à área da Comunicação ou ao campo do Jornalismo.

Gordon (2003) afirma que o termo convergência é originário da ciência e da matemática. Segundo o autor, o vocábulo foi bastante usado pelos cientistas William Derham – nos estudos da física no século XVIII – e Charles Darwin – na edição da célebre obra *A origem das espécies*, em 1866. Pouco mais de um século depois, no ano de 1970, a palavra era usada para designar, de um modo geral, a junção entre os computadores e as telecomunicações (BRIGGS; BURKE, 2004). Desde a década de 1990 é aplicada “ao desenvolvimento tecnológico digital, à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos na mídia [...]” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 270).

O termo “convergência” tem sido utilizado exaustiva e diversificadamente em toda a literatura que envolve o status das mídias contemporâneas, as tecnologias digitais de informação e comunicação – TIC’s, a cibercultura, as linguagens e narrativas, apenas para ficarmos no campo maior das Ciências da Comunicação (CORRÊA; SAAD CORRÊA, 2007).

De acordo com cada corrente teórica, a convergência apresenta termos e – até – conceitos diferenciados. Durante o desenvolvimento desta pesquisa (ANUNCIACÃO, 2011a, 2011b), verificamos basicamente quatro diferentes terminologias utilizadas pelos pesquisadores da área que classificam a convergência:

- 1) Tecnológica (FERRARETO, 2009; FONSECA, 2008; OMENA SANTOS, 2003).
- 2) Digital (BENEVENUTO JUNIOR, 2009; GARCÍA AVILÉS, 2006; LÓPEZ; PEREIRA, 2010).
- 3) Midiática (CORRÊA; SAAD CORRÊA, 2007; KISCHINHEVSKY et al., 2009; MÉDOLA, 2006, 2009; MOSCHETTA; RASÊRA, 2010; SAAD CORRÊA, 2008).
- 4) Jornalística (BARBOSA, 2008; BARBOSA; MACHADO; PEREIRA, 2010; QUINN, 2005; RASÊRA, 2010; SALAVERRÍA et al., 2008).

A convergência tem tantas definições quanto o número de pessoas que tentam defini-la ou praticá-la (QUINN, 2005), o que evidencia que o conceito é bastante complexo, sendo

simultaneamente heterogêneo, polifônico e polissêmico. Neste sentido, há uma série de variáveis, tais como audiência, legislação, tecnologia e sociedade (PAVLIK, 2008; QUINN, 2005; SALAVERRÍA et al, 2008), além do aspecto cultural (CASTELLS, 2003; JENKINS, 2009; MACHADO, 2010; PAVLIK, 2001; QUINN, 2005; SALAVERRÍA et al, 2008) que influenciam em diversos níveis na compreensão e na forma adquirida pelo fenômeno. A questão é que a convergência no âmbito do jornalismo provoca fortes alterações em seu processo de produção.

A partir da divisão realizada por Lemos (2007) sobre os conceitos de funções massivas e funções pós-massivas a respeito das mídias contemporâneas, Oliveira (2009) propõe três categorias de convergência:

- 1) Entre mídias de função massiva – Se refere aos conglomerados de comunicação que produzem conteúdos voltados para um público-alvo que interage pouco com o polo emissor das mensagens.
- 2) Entre mídias de função pós-massiva – São os meios que incentivam o público a produzir e divulgar conteúdos quaisquer, a exemplo do *YouTube*.
- 3) Mista – Baseada na mescla entre as duas categorias apresentadas anteriormente (mídias de função massiva e mídias de função pós-massiva). Com o advento e a popularização de redes sociais, *blogs*, *podcasts*, etc., “[...] tem sido cada vez mais comum as mídias de funções massivas se conectarem a estas possibilidades” (OLIVEIRA, 2009, p. 8).

É nesta última categoria apresentada – convergência mista – que posicionamos o nosso objeto de estudo, ou seja, o panorama que evidencia o que entendemos como **contexto da convergência**.

Para Jenkins (2009, p. 32-33), “[...] o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas”, como um processo em andamento, e não como algo acabado, finalizado (JENKINS, 2009; PAVLIK, 2001)⁷. Logo, o **contexto da convergência** ao qual nos referimos – e que intitula a presente dissertação – tem como principal característica o hibridismo entre os diversos suportes midiáticos.

Historicamente, os meios de comunicação e a tecnologia têm percorrido frequentemente caminhos entrelaçados em uma espécie de “aliança instável” (PAVLIK, 2008). A apropriação das novas tecnologias tem provocado, muitas vezes, rupturas na sociedade, desafiando a mídia tradicional em explícitas ou sutis maneiras de mudar “velhas práticas” (FIDLER, 1997; PALACIOS, 2002; PAVLIK, 2008).⁸ Igualmente ocorreu com o jornal impresso depois do advento do rádio, mais tarde com os meios já habituais com a chegada da televisão e, atualmente, com os chamados suportes tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) com o aparecimento do suporte digital. A propósito, Castells (2003, p. 160) acredita que “a Internet é o resultado da apropriação social de sua

⁷ O paradigma anterior previa que a chamada revolução digital propiciaria a substituição dos meios tradicionais pelas novas mídias (BAUDRILLARD, 1997; LÉVY, 1996, 1999; NEGROPONTE, 1995).

⁸ Não pretendemos fazer uma análise de caráter ideológico ou maniqueísta sobre a influência da tecnologia nos meios de comunicação. Fidler (1997) afirma que as sociedades sempre foram afetadas e transformadas pelas novas formas midiáticas. Para o autor, se os resultados são vistos como bons ou maus depende, em grande medida, da perspectiva de quem vê.

tecnologia por seus usuários/produtores. Uma história semelhante pode estar se desenvolvendo na interação entre a mídia e a Internet”, mais especificamente entre o referido meio de comunicação e o jornalismo.

Entendido o movimento de constituição de novos formatos midiáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” e complementação no espaço midiático, as características do Jornalismo na Web aparecem majoritariamente como **Continuidades** e **Potencializações** e não, necessariamente, como **Rupturas** com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores (PALACIOS, 2002, p. 5-6, grifo do autor).

Conforme a concepção de midiamorfose – uma junção dos termos mídia e metamorfose aludindo a uma espécie de metamorfose da mídia – formulada por Fidler (1997), as transformações nos meios de comunicação são geralmente trazidas pela complexa interação de necessidades buscadas, pressões competitivas e políticas, além de inovações sociais e tecnológicas. O autor expõe seis princípios fundamentais da midiamorfose com elementos que caracterizam o que designamos neste trabalho – reiteramos – como **contexto da convergência**:

- 1) Coevolução e coexistência – Todas as formas de comunicação midiáticas coexistem e coevoluem dentro de um sistema expansivo, complexo e adaptável.
- 2) Metamorfose – A nova mídia não surge espontaneamente e independentemente, e sim gradualmente da metamorfose das mídias antigas.
- 3) Propagação – As formas emergentes da comunicação midiática propagam traços dominantes das formas anteriores.
- 4) Sobrevivência – Todas as formas de mídia comunicacional são compelidas a se adaptar e a evoluir para sobreviver em um ambiente de mudanças.
- 5) Oportunidade e necessidade – As novas mídias não são amplamente adotadas apenas pelos seus méritos tecnológicos, sempre deve haver uma oportunidade, assim como uma motivação social, política e/ou razão econômica para que uma nova mídia seja desenvolvida.
- 6) Aprovação tardia – As novas tecnologias midiáticas sempre levam mais tempo que o esperado para se tornarem sucessos comerciais, exigindo pelo menos uma geração (entre 20 e 30 anos) para obterem uma ampla aprovação.

O fenômeno da convergência está reconfigurando o panorama do jornalismo e dos meios de comunicação de uma forma geral (PAVLIK, 2008; QUINN, 2005). As mudanças têm implicações profundas na natureza e na função do jornalismo na sociedade moderna (PAVLIK, 2008), sobretudo nas relações profissionais: jornalistas e empresas de comunicação; jornalistas e fontes de informação; e jornalistas e público.

Desta maneira, observamos que a internet como um meio de comunicação relativamente novo “com lógica própria e linguagem própria” (CASTELLS, 2003, p. 164) tem possibilitado o surgimento e o desenvolvimento de novas formas de jornalismo – que devem ser

estudadas/analizadas/sistematizadas/refletidas/teorizadas pelo campo científico, contudo ressaltamos que “[...] é preciso conhecer e dominar princípios, regras e práticas do velho jornalismo” (FIDALGO, 2001, p. 8).⁹

1.2.2. Jornal-laboratório: características

Utilizado pelos alunos do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, na década de 1960, o jornal-cobaia – com a publicação do produto experimental *Diário da Cidade* – desempenhava a mesma função que o jornal-laboratório exerce atualmente nos cursos de jornalismo, isto é, servia de “cobaia para os exercícios de cobertura e de redação [jornalística] [...]” (BELTRÃO, 1969, p. 23). Deste modo, podemos afirmar que o jornal-cobaia foi o primeiro jornal-laboratório (ou uma espécie de pré-jornal-laboratório) – de que se tem conhecimento – implantado no Brasil, embora não estivesse na época institucionalizado como uma determinação governamental.

Fundamentando-se em dez anos de ensino de jornalismo (e mais de duas décadas de prática profissional) – resultado¹⁰ das primeiras experiências profissionalizantes em sala de aula –, Beltrão (1969) defende que a produção de jornal na universidade necessitava de duas condições: (1) que a publicação fosse diária ou pelo menos semanal possibilitando o exercício das ocorrências factuais; e (2) que os alunos e professores dedicassem tempo integral à escola e ao jornal.

Ao levar em consideração o contexto da convergência (tratado no subitem anterior), constatamos que a primeira condição estabelecida por Beltrão já se torna praticável, uma vez que a internet tem possibilitado ao longo da última década do século XXI o exercício do jornalismo na universidade. Os dois estudos de caso desta dissertação, os jornais-laboratório *Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH, apresentam produção diária na internet. A segunda é mais complexa e depende – dentre outros aspectos – do projeto político-pedagógico dos cursos e das condições de infraestrutura das universidades.

O jornal-laboratório tem um papel fundamental na formação profissional do jornalista (LOPES, 1989; VIEIRA JÚNIOR, 2002), de modo que possibilita uma estrutura organizacional que estimula o aluno a vivenciar uma compreensão ampla do processo de produção noticiosa na universidade. A noção de que integra os estudantes na problemática da futura profissão – como já foi tratado anteriormente (ver tópico 1.1. Do impresso aos cibermeios) – confirma o entendimento de que o jornal-laboratório seja mais do que uma disciplina a ser cumprida no currículo do curso, efetivando-se um espaço de prática e reflexão do fazer jornalístico (LOPES, 1989).

A partir das principais pesquisas acadêmicas realizadas até então sobre jornal-laboratório (KIMURA, 2006; LOPES, 1989; MARQUES DE MELO, 1984; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002), verificamos em trabalhos anteriores (ANUNCIAÇÃO, 2011a, 2011b) dois

⁹ Opondo-se a autores como Pierre Lévy (1999) que decretaram o fim do jornalismo, em função do desenvolvimento da internet, Palacios (2002, p. 5) sugere que “com o crescimento da massa de informação disponível aos cidadãos, torna-se ainda mais crucial o papel desempenhado por profissionais que exercem funções de ‘filtragem e ordenamento’ desse material, seja a nível jornalístico, acadêmico, lúdico, etc.”.

aspectos que justificam inicialmente a importância deste objeto nos cursos de jornalismo e se manifestam dialogicamente relacionados: 1) como atividade pedagógica que oriente o processo de ensino-aprendizagem colaborando com o professor no aspecto didático; e 2) como espaço de formação profissional que possibilite o conhecimento e o exercício da prática jornalística.

O papel que o jornal-laboratório desempenha na formação do futuro jornalista é de suma importância numa sociedade democrática. Se o estudante assimilar que o conteúdo do jornal-laboratório não pode confundir o leitor ao ponto de levá-lo a conclusões distorcidas, omitir dados relevantes e muito menos enganar a si mesmo terá dado um grande passo na sua formação. É oportuno enfatizar que a preocupação na formação de um profissional responsável, crítico e ético deve ser o fio que conduz os critérios de produção e difusão do jornal-laboratório (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 92).

Logo no início desta pesquisa, nos deparamos com um elemento conflitante no momento da construção teórica do nosso objeto de estudo e que se confirmou, mais tarde, durante a pesquisa de campo – sobretudo nas entrevistas realizadas com os professores: a relação quase que intrínseca entre o conceito de jornal-laboratório e a ideia de experimentação.

Reiteramos que a experimentação da atividade profissional é fundamental para a formação do jornalista na universidade (JORGE; MARQUES, 2008; KIMURA, 2006; LOPES, 1989, 2001; MOTA, 2010; OLIVEIRA; RODELLI, 2007; PACHECO, 2005; SILVA, 2006; SOUSA; VARÃO, 2005; VIEIRA JÚNIOR, 2002). Dito isso, enfatizamos a necessidade de problematizar¹¹ o uso do termo experimentação no conceito de jornal-laboratório, uma vez que apresenta basicamente dois diferentes sentidos: 1) conhecer, exercitar, vivenciar, etc. o processo de produção noticiosa vigente; e 2) ensaiar, testar, inovar, etc. novos tipos e formatos de prática jornalística.¹²

Formar jornalistas sem que se lhes desperte o interesse pela análise crítica dos padrões vigentes na sociedade e sem que se lhes ofereçam oportunidades de testar tais modelos em laboratórios e de criar alternativas inovadoras constitui o motivo da frustração generalizada que domina a área, desde a década de 50 (MARQUES DE MELO, 1984, p. 2).

Lopes (1989) e Marques de Melo (1984) propõem possíveis soluções sobre a natureza pedagógica dos órgãos laboratoriais, especificando aqui o jornal-laboratório: reproduzir padrões vigentes do processo de produção jornalística e, de modo concomitante, criar inovações.

[...] entendemos que é importante assegurar as duas soluções, combinando-as, intercalando-as, integrando-as. Por exemplo, nos exercícios didáticos que se

¹⁰ É considerado o primeiro livro acadêmico brasileiro sobre técnica de jornal.

¹¹ Vale destacar aqui que tal questão se manifestou porque desde o início da pesquisa nossa preocupação consistia em – primeiramente – conhecer/compreender o objeto e suas características (o que o objeto é, e não o que deveria ser), para – em seguida – buscarmos transpor formas e modos de produção vigentes, como nos foi sugerido no exame de qualificação.

¹² Machado (2002, 2003) concebe laboratórios de natureza diferenciada para as escolas de jornalismo: um dedicado à pesquisa aplicada para o desenvolvimento de protótipos tecnológicos; e outro com a missão de formar os futuros jornalistas, mas que sirva de espaço para a experimentação dos modelos criados nos laboratórios de pesquisa.

realizam nos laboratórios (aulas de diagramação, de redação, de fotografia) é possível comparar a reprodução dos padrões jornalísticos dominantes com a criação de novos modelos que possam constituir alternativas viáveis. No entanto, nos projetos que possuem públicos definidos, **torna-se indispensável articular a reprodução dos padrões existentes e gradativamente ir introduzindo alterações que sejam testadas periodicamente** (MARQUES DE MELO, 1984, p. 10, grifo nosso).

Dos cinco professores entrevistados durante os estudos de caso da pesquisa, apenas um não se referiu ao jornal-laboratório como meio de experimentação: o professor Leonardo Cunha (UNI-BH). Para Cunha (2012, grifo nosso), o jornal-laboratório é “um espaço para se **exercitar** vários momentos do jornalismo”, desde a composição da pauta até a edição do texto jornalístico. Os professores Lorena Tárzia (UNI-BH), Mário Messagi Júnior (UFPR), Maurício Guilherme (UNI-BH) e Toni Scharlau (UFPR) empregaram vocábulos derivados do termo experimentação: experimental/experimentar/experimento.

O professor Maurício Guilherme (2012) reconhece a dificuldade em inovar, mas corrobora que os meios, as ferramentas e os ambientes da prática jornalística “não estão definidos, não estão selados, encerrados em si mesmos”. Deste modo, reconhecendo os limites dessa inovação, optamos – a partir daqui – em usar preferencialmente o termo **exercício** para nos referirmos conceitualmente ao nosso objeto de estudo, sem desconsiderar a potencialidade do jornal-laboratório em produzir inovações na prática profissional. Logo, adaptaremos a definição/características de Vieira Júnior (2002) para jornal-laboratório.

O conceito de jornal-laboratório não se limita ao espaço (sala de redação) que a universidade oferece ao aluno e aos professores que coordenam o projeto. O laboratório é importante para o aluno porque o ajuda a conhecer o jornal em vários sentidos, desde a pauta, checagem das fontes envolvidas no assunto, entrevistas, pesquisa no banco de dados, leitura complementar e a produção do texto. O aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo. Incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 96).

Dos questionários aplicados aos alunos – mais especificamente a pergunta aberta “O que você entende como jornal-laboratório?” – para explicitar melhor a compreensão dos alunos, dividiremos, por instituição, as respostas quantificando os termos ou expressões mais citadas¹³:

A) *Comunicação* (UFPR)

- (1) simulação/vivência/rotina de jornal/jornalista – 6
- (2) prática/experiência/treinamento – 16
- (3) experimentação/experimental – 4
- (4) produção de alunos – 5

¹³ Uma resposta pode conter mais de um termo ou expressão; levamos em conta a partir de três menções por palavra.

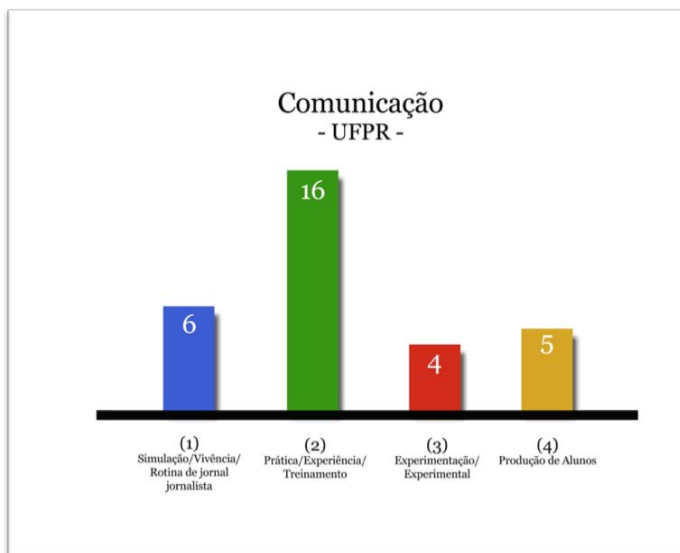


Gráfico 1 – fonte: autor

B) *Impressão* (UNI-BH)

(1) funcionamento/rotina de jornal/jornalista – 4 menções

(2) prática/experiência/treinamento – 11 menções

(3) experimentação/experimental – 6 menções

(4) produção de alunos – 9 menções

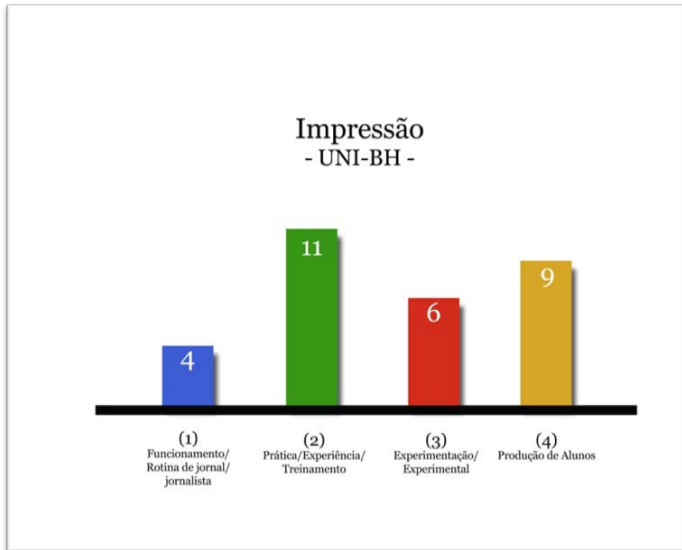


Gráfico 2 – fonte: autor

Conforme as respostas dadas pelos discentes da UFPR e da UNI-BH, jornal-laboratório é, sobretudo, espaço de “prática, experiência, treinamento”, termos que levam a uma mesma compreensão em torno do fazer jornalístico na universidade. Para os alunos, é uma simulação da rotina de jornal ou da vivência do jornalista, mas também representa experimentação, precisa ser experimental. A expressão “produção de alunos” demonstra que os discentes se sentem parte do produto/produção. Isso aparece de modo mais visível no *Impressão*: foram nove menções, ao todo. No *Comunicação*, cinco.

Assim como toda publicação jornalística tem, pelo menos em tese, seu projeto editorial, com o jornal-laboratório não poderia ser diferente (LOPES, 1989; VIEIRA JÚNIOR, 2002). Grosso modo, o projeto editorial organiza e orienta todo o processo de produção, ou, como sustenta Vieira Júnior (2002), é a identidade do veículo jornalístico, ou, como atesta Marques de Melo (1985), é a lente por onde a empresa jornalística enxerga o mundo. “O jornalista – mesmo que ainda aprendiz – deve saber adaptar-se à linha editorial do veículo em que trabalha” (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 159), uma vez que lida com dilemas éticos, questões pessoais e empresariais, assim como decisões e outros aspectos da produção (GUTSCHE JR., 2011).

Em referência ao projeto editorial, destacamos aqui dois elementos que – com base na bibliografia revisada (BRONOSKI; XAVIER, 2010; KIMURA, 2006; LOPES, 1989; MARQUES DE MELO, 1984; OLIVEIRA; RODELLI, 2007; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002) – consideramos essenciais no processo de produção do jornal-laboratório:

- a) Público – Não tem sentido fazer jornalismo sem público, por isso o jornal-laboratório deve assumir essa premissa como um dado anterior ao processo de produção ou como parte dele. “O aluno só trabalha num contexto real se tiver um público definido”, como sublinha Lopes (1989, p. 173). A expectativa do público-leitor serve de orientação no processo de ensino-aprendizagem do jornal-laboratório (VIEIRA JÚNIOR, 2002).
- b) Periodicidade – É o que permite, dentre outros fatores, a manutenção do público-leitor de qualquer jornal, fazendo com que vai fazer com que as pessoas se habituem a ler o jornal e participem da produção, com críticas, denúncias e sugestões. A periodicidade decorre dos trâmites internos da instituição a qual o jornal-laboratório está vinculado, pois **“depende da gráfica, do diretor do curso ou até da reitoria”** (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 100). **Neste caso, os cursos de jornalismo têm obrigação de manter pelo menos oito edições anuais (impressas), como determinava a Resolução 2/84** (VIEIRA JÚNIOR, 2002).

Os dois estudos de caso desta pesquisa (*Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH) não possuem – pelo menos não nos foi apresentado – um projeto editorial¹⁴ sistematizado que sirva como modelo na redação laboratorial. Cunha (2012) confirma que não há um documento que estabeleça uma linha editorial oficial no *Impressão*. Em ambos os casos, o público-leitor é constituído pela comunidade acadêmica. Quanto a periodicidade do produto impresso, no *Comunicação* é mensal e no *Impressão* é trimestral. Este último não cumpre a determinação a Resolução 2/84, do CFE, no que concerne a periodicidade do jornal-laboratório (impresso). A produção laboratorial na internet é diária nos dois casos estudados (tratemos esse assunto de modo mais específico no decorrer da dissertação).

A proposta de um projeto editorial com público e periodicidade definidos perpassa as questões institucionais (GUTSCHE JR., 2011; PRUDENCIO; VIEIRA, 2011), como estrutura laboratorial, trâmites acadêmicos (compra de material, contratação de serviços, etc.), entre outros. O professor Leonardo Cunha relatou que – por causa das questões institucionais – houve uma diminuição no número de edições produzidas por ano da publicação impressa do jornal-laboratório *Impressão*: “tem um pouco a ver com a mudança da instituição que foi vendida uns dois, três anos atrás, e que também coincidiu com uma diminuição do número de alunos, que chegou a ter 800 alunos no curso de jornalismo e atualmente está por volta de 500” (CUNHA, 2012). Isso confirma o argumento de Gutsche Jr. (2011) de que nas universidades privadas as interferências institucionais são mais evidentes.¹⁵

Enfatizamos ainda que o jornal-laboratório – como um exercício pedagógico da prática profissional – não tem caráter mercadológico, ou seja, não manifesta interesses financeiros no sentido da obter lucro (MARQUES, 2008; LOPES, 1989; VIEIRA JÚNIOR, 2002) nem

¹⁴ Durante a pesquisa de campo, não encontramos um projeto editorial, mas um sucinto manual de redação do *Comunicação*. Datado de 1991, o documento foi elaborado pelos então professores do curso Ieda Matias e Luiz Paulo Maia para fins didáticos e teve como principais referências manuais de redação de O Estado do Paraná, O Estado de S Paulo e Rede Globo. O manual não é levado em conta pelos atuais docentes do jornal-laboratório da UFPR.

institucionais (BRONOSKI; XAVIER, 2010; LOPES, 1989; SOUSA; VARÃO, 2005; VIEIRA JÚNIOR, 2002), servindo de assessoria ou veículo de propaganda para o grupo que ocupe em determinado momento a gestão administrativa da universidade ou outras instâncias acadêmicas (associação docente, colegiado, comunidade estudantil, departamento, etc.).

1.2.3. Em busca de uma definição operacional

A formação de jornalistas na contemporaneidade não depende somente da incorporação de disciplinas isoladas ou conhecimentos meramente instrumentais nas matrizes curriculares, mas sim em repensar alguns conceitos e métodos para aplicá-los ao contexto emergente (CANAVILHAS, 2011; MACHADO, 2010; MENSING, 2011). O que buscamos explicitar nesta discussão é a necessidade de se realizar uma “[...] reformulação completa dos cursos, com a elaboração de um projeto político-pedagógico sintonizado com as profundas transformações por que passa a sociedade contemporânea, incluindo aí a convergência [...]” (MACHADO, 2010, p. 19), e não a simples adaptação do currículo a um aspecto tecnológico iminente.

Ao discorrer sobre a formação de jornalistas para o século XXI, Canavilhas (2011, p. 19) enfatiza que a “digitalização é uma excelente oportunidade para se romper uma longa história de desencontros” entre o ensino de jornalismo e o campo profissional. “Os novos processos digitais são mimetismos dos velhos processos analógicos, tendo por isso uma mesma base a partir da qual nascem novos procedimentos” (CANAVILHAS, 2011, p. 19). Deste modo, se o “jornal-laboratório é algo imprescindível na aprendizagem do jornalismo impresso, também o é, obviamente, no suporte digital” (BECKER, 2008, p. 8).

Compreender o que representa a utilização, em um mesmo contexto, de matrizes analógicas e digitais na elaboração de experiências educacionais de natureza jornalística em sala de aula implica destacar, em primeiro lugar, que essa simbiose complexifica, desde a instância ensino, o processo de produção de dispositivos tradicionais, caso dos impressos, mas também os digitais (PICCININ; SOSTER, 2011, p. 173).

Em relatório realizado no 1º Encontro Gaúcho de Ensino de Jornalismo (EGEJ) em paralelo ao 1º Fórum Sul-Brasileiro de Professores de Jornalismo (FSPJ), ocorrido na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no Rio Grande do Sul – o professor Demétrio Soster avaliou que “professores e alunos envolvidos na produção de jornais e de revistas impressos [...] se utilizam cada vez mais de blogs e sites [...]” (GADINI; TONUS, 2012, p. 202).

Dentre as questões que emergiram [...], destaca-se o fato de os **produtos laboratoriais impressos dialogarem** com outras plataformas por meio de dispositivos como sites e blogs, com frequência cada vez maior. Ou seja, **em uma perspectiva convergente**, que acabam por interferir na forma como o

¹⁵ Isso não significa que as universidades públicas também não sejam afetadas pelas questões institucionais, como veremos ao longo deste trabalho (MACHADO, 2010; MACHADO et al, 2011).

jornalismo é ensinado e apreendido nas escolas durante a formação. Equivale dizer, por essa perspectiva, e ainda que não há estatísticas que corroborem a afirmação, que ensinar jornalismo, com base nos trabalhos apresentados nos encontros de 2011, tem a ver com repensar os limites físicos e didáticos das aulas, mas também as questões ligadas ao suporte impresso (GADINI; TONUS, 2012, p. 202, grifo nosso)¹⁶.

Como atividade pedagógica e espaço de formação profissional, o jornal-laboratório reafirma sua função no ensino de jornalismo quando viabiliza movimentos que permitam ao impresso dialogar, em seu processo de produção, “com dispositivos e linguagens que emprestem mais amplitude ao fazer jornalístico nesta circunstância [...]” (PICCININ; SOSTER, 2011, p. 177), ao possibilitar uma espécie de alargamento da produção laboratorial. Isso permite não só a elaboração de novos produtos jornalísticos, mas também a prática de processos diferenciados de produção. Deste modo, embora a utilização das novas tecnologias amplie e aprofunde métodos e técnicas jornalísticas, ressaltamos que a essência da atividade permanece (PRUDENCIO; VIEIRA, 2011).

Ao levar em consideração a intersecção entre jornal-laboratório e convergência, buscamos trabalhar uma definição operacional que vai servir como uma espécie de referencial teórico-metodológico para este trabalho. Depois de problematizar o nosso objeto de estudo (nos subitens anteriores), discutiremos três questões que consideramos fundamentais para tal propósito: (1) a referência conceitual ao jornal-laboratório como um “espaço de/para”, o que se configura como um termo bastante amplo e não condiz com suas especificidades; (2) o processo de produção jornalística não é valorizado; e (3) no contexto da convergência, as potencialidades de produção no ciberespaço ainda são pouco utilizadas nos cursos de jornalismo.

A partir especialmente de Piccinin e Soster (2011) e Vieira Júnior (2002), formulamos a seguinte definição operacional: **o jornal-laboratório no contexto da convergência engloba um conjunto de produtos que viabiliza o exercício e a experimentação de processos de produção jornalística na universidade.**

1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório

Com base na discussão realizada até aqui, sobretudo no item anterior (1.2. Jornal-laboratório no contexto da convergência), identificamos e desenvolvemos três etapas pelas quais passaram os jornais-laboratório, de acordo com os períodos de adesão e uso das novas tecnologias no ensino de jornalismo.

Neste aspecto, com base na bibliografia revisada sobre o assunto (CRISPINO, 2011; MACHADO, 2007; MARTINS, 2011; PALACIOS et al; 2007; PALACIOS; RIBAS, 2008; PICCININ; SOSTER, 2011; RIBAS, 2007; ZANOTTI, 2011), verificamos que “[...] as alterações do processo de ensino-aprendizagem voltadas para a formação dos novos profissionais em Comunicação vem se fazendo de uma maneira pouco sistemática, em um processo de tentativa e

¹⁶ Segundo Gadini e Tonus (2012), o balanço realizado por Demétrio Soster, vice-diretor editorial e de comunicação do FNPJ, foi compartilhado via e-mail, em 19 de setembro de 2011.

erro” (PALACIOS; RIBAS, 2008, p. 1), sobretudo em uma realidade na qual “[...] as faculdades de jornalismo são lentas na sua adaptação às [novas] mídias” (SALAVERRÍA, 2011, p. 143).

É importante destacar que cada nova fase percebida surgiu de modo a complementar a experiência realizada anteriormente. Neste caso, os diferentes tipos e formatos de jornal-laboratório podem conviver dentro de um mesmo processo de produção – até chegarem ao momento atual – trabalhando em uma perspectiva convergente:

1ª fase) Produção única ou isolada – Percorre o período que vai desde as primeiras iniciativas com órgãos laboratoriais nos cursos de jornalismo na década de 1940 até o início dos anos 2000, quando os jornais-laboratório eram essencialmente produtos em formato impresso. Tanto que na publicação *Cadernos de jornalismo e editoração*¹⁷, Marques de Melo (1984, p. 6) se refere especificamente a “área de Jornalismo Impresso”¹⁸ da ECA-USP, a qual considerava à época ser “o campo privilegiado pelo programa de ensino da Escola”. Outros estudos também assinalam esse momento de produção (KIMURA, 2006; LOPES, 1989; PICCININ; SOSTER, 2011; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002).

2ª fase) Produção estendida ou dúplex – Ocorre a partir do ano 2000 com a popularização da internet e a consequente abertura da rede mundial de computadores no ensino de jornalismo quando houve uma ampliação da produção de jornal-laboratório do impresso para o ciberespaço. Ao abordar o ensino de jornalismo no/para o século XXI, Fidalgo (2001, p. 4) afirma que “a melhor maneira de formar jornalistas para a era da Internet é utilizar desde logo esta na sua formação”. O blogue, por exemplo, “[...] acabou tornando-se um ótimo espaço para o exercício do jornalismo” (CRISPINO, 2011, p. 260), especialmente na universidade, pois dispensa qualquer custo financeiro e apresenta potencialidades no que diz respeito à circulação do material produzido. Atualmente, parte dos jornais-laboratório conta com blogue ou sítios na *web*.

A utilização de blogs como ferramentas de ensino do jornalismo, entre outras como correio eletrônico, fóruns de discussão, chats, plataformas de e-learning, distribuição de textos on-line, sítios web e wikis, insere os estudantes neste novo contexto de produção jornalística e propicia o desenvolvimento das competências digitais que um profissional da comunicação precisa ter a partir do advento das redes telemáticas (RIBAS, 2007, p. 159).

3ª fase) Produção convergente ou híbrida – Tem início com os primeiros perfis em redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*, que começaram a aparecer fortemente a partir de 2010. Isso tem ocorrido por causa da potencial apropriação das redes sociais pelo jornalismo (ZAGO, 2008) e o ensino tem acompanhado essa tendência. Um exemplo é o projeto *Zero Convergência* do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A equipe é formada pelos professores responsáveis Rita Paulino e Tattiana Teixeira (online), Rogério Christofletti e Samuel

¹⁷ Resultado do 1º Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo (I ENOL-CJ), realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em abril de 1984.

¹⁸ A referida área desenvolvia três projetos que implicavam na manutenção de órgãos laboratoriais: 1) *AUN – Agência Universitária de Notícias*; 2) *Jornal do Campus* (jornal-laboratório que existe até hoje); e 3) *Revista K-Ciência*.

Pantoja (impresso), Ivan Giacomelli (fotojornalismo), Antônio Brasil e Cárlica Emerim (telejornalismo) e alunos da graduação. Além do *site*¹⁹, o projeto tem página no *Facebook* e perfil no *Twitter*²⁰.

Para Salaverría (2011, p. 150, grifo do autor), a questão é ensinar pelo próprio exemplo: “cada professor [...] deveria enriquecer suas atividades ordinárias de ensino com o uso constante e público das plataformas digitais como os *blogs*, as páginas da *web*, os *microblogs* especializados em jornalismo”. Constatamos que os dois estudos de caso da pesquisa – *Comunicação* (UFPR) e *Impressão* (UNI-BH) – encontram-se na terceira fase, chamada de **produção convergente ou híbrida**. Ambos os jornais-laboratório possuem edições impressas, *sites* e perfis em redes sociais, especialmente *Facebook* e *Twitter*.

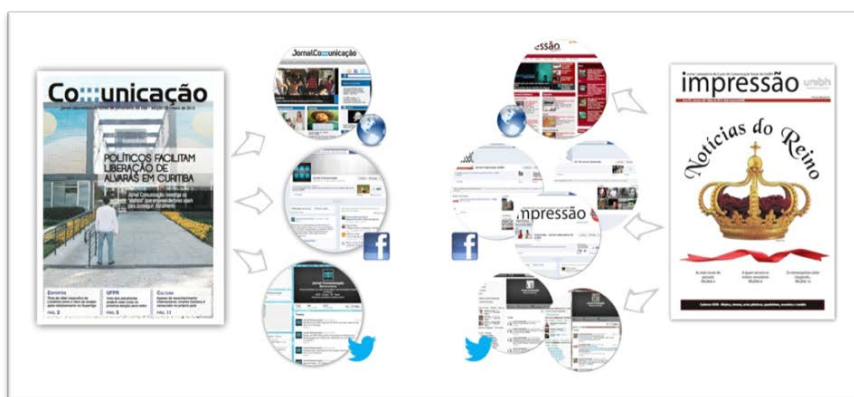


Figura 1

Assim, é necessário compreender que se trata de questões técnicas. Na sociedade do conhecimento, o mais importante é que os cursos de jornalismo utilizem os mais diversos espaços da prática para “aprender a apreender a realidade”, como afirma Meditsch (2007, p. 54).

1.4. Os processos de produção

Esta dissertação busca examinar o jornal-laboratório no contexto da convergência a partir dos seus processos de produção – investigando de forma ainda mais específica as etapas de apuração, produção e circulação (MACHADO; PALACIOS, 2007b; RODRIGO ALSINA, 2009) –, estabelecendo, consequentemente, uma discussão fundamentada no aporte teórico-metodológico do *newsmaking* – estudo sociológico que trata da análise de processos jornalísticos (DOMINGO et al,

¹⁹ <<http://www.zeroconvergencia.ufsc.br/>>. Acessado em 30 de maio de 2012.

²⁰ <[@zconvergencia](#)>. Acessado em 30 de maio de 2012.

2011; PATERSON; DOMINGO, 2008; RIBEIRO, 1994; ROSHCO, 1975; SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005, 2008; TUCHMANN, 1978, 1983).

Entendemos que o processo de produção do jornal-laboratório – que tem como modelo a própria produção jornalística – não ocorre isoladamente, mas como um ciclo, “[...] que se repete, e que se renova continuamente” (MARQUES, 2008, p. 3) e pressupõe elementos pré-determinados, sobretudo no que concerne ao tempo e ao espaço. Embora a produção jornalística não ocorra de modo simultâneo – uma vez que as fases de apuração, produção e circulação são complementares e sequenciais (por isso, se caracteriza como um processo) – é importante destacar que cada etapa tem sua autonomia funcional dentro do todo.

Trabalhar o processo de produção no jornal-laboratório é “[...] permitir aos alunos compreender como funciona a estrutura interna do campo jornalístico – qual o capital dos agentes desta organização, qual a mobilidade – e o relacionamento deste com os outros campos” (MARQUES, 2008, p. 3). Como parte da atividade laboratorial, os futuros jornalistas experimentam a realização de um trabalho coletivo, além de aprenderem a lidar com os conflitos que permeiam a tomada de decisões (BRONOSKI; XAVIER, 2010; JORGE; MARQUES, 2008; LOPES, 1989; MARQUES, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002), levando em conta que a “decisão [...] não se dá de forma aleatória” (ZANOTTI, 2008, p. 8).

[...] um profissional capacitado, técnica, teórica e eticamente, fará um trabalho melhor do que um amador. Atualmente, na universidade, o curso de jornalismo é o único que ensina de forma sistemática a escrever, a apurar, a editar e a pensar o que fazer com essas competências. É um grande diferencial competitivo diante dos desafios de gestão da informação e do conhecimento que são os maiores desafios da civilização nas próximas décadas (MEDITSCH, 2007, p. 56).

O surgimento da internet provocou uma nova configuração no fazer jornalístico. A incorporação das tecnologias digitais da comunicação está alterando profundamente os processos (entendidos aqui enquanto etapas) de apuração, produção, circulação e consumo de informações jornalísticas (BALDESSAR, 2005; CANAVILHAS, 2011; MACHADO, 2000, 2003, 2006, 2010; MACHADO; PALACIOS, 2007; MARTINS, 2008; MIELNICZUK, 2003; PAVLIK, 2001; RODRIGO ALSINA, 2009; SAAD CORRÊA, 2011; SALAVERRÍA, 2006, 2011; J. TEIXEIRA, 2011). Como consequência dessas mudanças, “os processos muito gerais de acessar, desenvolver e difundir informações já acarretam aspectos que são específicos do ciberjornalismo, e que distinguem esses processos das suas contrapartidas dentro da esfera das mídias anteriores” (SALAVERRÍA, 2011, p. 152).

No que diz respeito à produção no ciberespaço, Schwingel (2010, 2011) e Salaverría (2011) afirmam que é importante ter clareza não somente da evolução técnica e tecnológica da profissão, mas também como os estudos teóricos do jornalismo estão verificando a prática jornalística.

Para melhor compreender tais aspectos aplicados ao processo de produção ciberjornalístico, seria interessante sistematizar cada etapa do processo, com seus fazeres e condutas, com ênfase para a tipificação dos fazeres específicos do

processo ciberjornalístico: a composição, a edição e a disponibilização (SCHWINGEL, 2010, p. 10).

É o que buscaremos realizar nos capítulos seguintes deste trabalho, desenvolvendo de forma independente (por capítulo) as etapas do processo de produção noticiosa – apuração, produção (redação e edição) e circulação de informações jornalísticas de caráter laboratorial no contexto da convergência. Afinal, averiguar os processos, “entender o produto jornal a partir de suas engrenagens, é uma forma de fortalecer o campo do conhecimento jornalístico” (MARQUES, 2008, p. 14).

CAPÍTULO 2

A APURAÇÃO NO JORNAL-LABORATÓRIO

A apuração está para a notícia, da mesma forma como a
notícia está para o jornalismo.
Juarez Bahia, 1990

O segundo capítulo desta dissertação começa com a abordagem sobre o processo de produção jornalística a partir da apuração. Buscaremos identificar características desta etapa na feita do jornal-laboratório no contexto da convergência. Para isso, nos centraremos primeiramente nas discussões mais recentes do atual fenômeno que perpassa a multiplicidade de fontes e informações disponíveis com o advento das novas tecnologias da comunicação – fundamento do *gatewatching*, termo cunhado por Bruns (2005) para tratar dos “portões” (*gates*) por onde são selecionados os materiais que se potencializam como notícia –, realizando uma incursão teórica que tem início na segunda metade do século XX com a metáfora do *gatekeeping* – conceito ainda utilizado nos estudos sobre o processo de produção noticiosa (*newsmaking*). Em seguida, discutiremos o que é notícia em um jornal-laboratório ao apresentar os elementos que compõem a noticiabilidade para depois abordarmos a importância da elaboração da pauta e, quando, descreveremos a reunião de pauta dos dois estudos de caso desta pesquisa. Adiante, problematizaremos os procedimentos e os tipos de apuração no contexto contemporâneo. Trataremos também das potencialidades da apuração no ciberespaço e, por último, os critérios necessários para garantir uma apuração jornalística de qualidade.

2.1. De *gatekeeping* a *gatewatching*: a expansão dos portões

O surgimento e o constante desenvolvimento das tecnologias digitais propiciaram que o início do processo de produção jornalística não apresente mais como modelo único a figura metafórica do *gatekeeping*²¹, que representa a seleção sobre o fluxo de informações – que se potencializam como notícias – através de “portões” (*gates*) controlados por “porteiros” (*gatekeepers*) (RODRIGO ALSINA, 2009; SHOEMAKER; VOS, 2011; SOUSA, 2002, 2005; TRAQUINA, 2005; WOLF, 2003). Neste sentido, a teoria do *gatekeeping* é datada, porque se volta especificamente para o suporte impresso – principal meio jornalístico na época que o conceito foi desenvolvido – e não explica minimamente o processo de produção noticiosa no ciberespaço, já que os cibermeios “[...] possuem algumas rotinas [práticas] que são diferentes daquelas dos veículos tradicionais” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 87).

²¹ Também conhecida como teoria da ação pessoal. Segundo Traquina (2005), foi a primeira teoria desenvolvida sobre o jornalismo na literatura acadêmica. O conceito foi aplicado ao jornalismo por David Manning White nos anos 1950 (RODRIGO ALSINA, 2009; SHOEMAKER; VOS, 2011; TRAQUINA, 2005; WOLF, 2003).

A decisão sobre as informações se divide em duas categorias principais: (1) mensagens que passam pelos “portões”; e (2) mensagens que não passam pelos “portões” (SOUSA, 2002; TRAQUINA, 2005).

Estas decisões eram especialmente críticas, de fato em uma época em que o número total de publicações noticiosas em uma esfera de mídia regional ou nacional – o espaço total disponível para a indústria jornalística – estava também rigidamente limitado: quando apenas um pequeno grupo de jornais ou noticiários servia a audiência interessada. A escassez de canais não apenas justifica as práticas de *gatekeeping* em si, mas exige também um escrutínio especial destas práticas: o poder e a influência dos editores sobre a pauta das notícias são inversamente proporcionais ao número de canais noticiosos disponíveis (BRUNS, 2011, p.121, grifo do autor).

A torrente de informações²² – entre outros aspectos – complexificou o fazer jornalístico na contemporaneidade, fazendo surgir o que Bruns (2005, 2011) designa de *gatewatching*, que se baseia no profissional que filtra a multiplicidade de fontes e informações com as quais lida a todo momento em vez de descartá-las, publicando aquelas que são de interesse do leitor.

Conforme a nova prática, qualquer cidadão pode participar do processo de produção jornalística, sobretudo na *web* (BRUNS, 2005, 2011). De acordo com Canavilhas (2010), o *gatewatcher* funciona como uma nova modalidade de *gatekeeper*, uma vez que seleciona e redistribui informações de interesse específico para as suas comunidades virtuais, especialmente nas redes sociais e, neste caso, “[...] a utilização das redes sociais na distribuição de notícias aumenta o número de leitores” (CANAVILHAS, 2010, p. 9-10). O *gatewatching* acaba “pressionando” os meios de comunicação a publicar como notícias informações consideradas importantes que antes – do advento da internet – seriam obviamente descartadas.²³

A nosso ver, essa tendência não extinguiu a figura do “porteiro”, que seleciona o material que tem a potencialidade de ser publicado como informação jornalística. O papel do *gatekeeper* ainda se mantém porque o veículo jornalístico tem sua política editorial e suas limitações de tempo e espaço, mesmo no ciberespaço. Como lembra Sousa (2001, p. 38), “[...] valorizar, hierarquizar e seleccionar são actividades inerentes ao jornalismo”. Para o autor, a seleção é a “pedra angular do processo”, pois o produto jornalístico “não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações” (SOUSA, 2001, p. 38). Deste modo, não se trata de uma mera substituição de funções (neste caso, de *gatekeeping* para *gatewatching*) na seleção de informações – como avalia Bruns (2005, 2011) – mas na coexistência/convivência de ambas as atuações.

Verificamos, portanto, uma espécie de expansão dos “portões” – como sugere o título deste item inicial do capítulo. Por um lado, aumentaram as possibilidades de informações em geral se tornarem notícia (pressuposto do *gatewatching*). Por outro, a seleção (pressuposto do *gatekeeping*)

²² Ocasionalmente especialmente pelo crescimento substancial de *websites* alternativos para a cobertura e discussão dos eventos noticiosos a partir do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (BRUNS, 2011).

continua no processo de produção jornalística. Um movimento não exclui o outro, inclusive no ciberjornalismo. Como assegura Bruns (2011), o importante é haver equilíbrio entre a geração de conteúdo noticioso original e pertinente, inserido em um espaço compartilhado, distribuído e descentralizado e a utilização de maneiras específicas de atrair público.

Como uma atividade que simula e experimenta a prática jornalística na universidade, o jornal-laboratório também reflete esse contexto de expansão dos “portões”, onde ocorre o fluxo de informações que têm o potencial de se tornarem notícias neste tipo de órgão laboratorial.

2.2. Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório

A decisão sobre o que é notícia para qualquer veículo de caráter jornalístico incide diretamente na questão editorial. Como tratamos no capítulo anterior (item 1.2.2. Jornal-laboratório: características), existem dois elementos que consideramos essenciais na constituição do projeto editorial: público e periodicidade (BRONOSKI; XAVIER, 2010; KIMURA, 2006; LOPES, 1989; MARQUES DE MELO, 1984; OLIVEIRA; RODELLI, 2007; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002). A definição de ambos os elementos é um procedimento anterior e, ao mesmo tempo, determinante para o processo de escolha sobre as informações que passarão ou não pelos “portões” (*gates*) – como discutimos no primeiro tópico deste capítulo. Mas afinal, o que é notícia em um jornal-laboratório?

Para responder a essa pergunta, precisamos discutir os caminhos que levam uma organização jornalística a estabelecer sua noção de notícia: os critérios de noticiabilidade. Wolf (2003) expõe que a noticiabilidade é constituída por um complexo de requisitos – destacamos aqui os valores-notícia (HARCUP; O’NEILL, 2009; MOREIRA, 2006; WOLF, 2003) – que se exige dos acontecimentos para que adquiram existência pública de notícia. Isto é, que possibilita ou dá qualidade aos acontecimentos de serem noticiáveis. Traquina (2008) afirma que diversos estudos²⁴ demonstram que responder sobre o que é notícia ou a respeito dos critérios de noticiabilidade são questões difíceis de serem explicadas²⁵, mas são facilmente reconhecidas pelos membros da comunidade/tribo jornalística, uma vez que os jornalistas estão inseridos em uma cultura profissional estabelecida.²⁶

Os valores-notícia estão presentes em todo o processo de produção jornalística (HENN, 1996; MOREIRA, 2006; HARCUP; O’NEILL, 2009; TRAQUINA, 2008; WOLF, 2003²⁷). Com efeito, “[...] eles regem as pautas; orientam o trabalho de apuração do repórter em campo;

²³ Por vários motivos, por exemplo, por ir de encontro à política editorial do veículo jornalístico, etc. No entanto, ainda existe algum tipo de censura a publicação de determinadas informações que não são de interesse de determinados meios de comunicação.

²⁴ Traquina (2008) também chama de comunidade interpretativa: um grupo profissional que reivindica um monopólio de saber – especificamente o que é e como são construídas as notícias.

²⁵ Para Harcup e O’Neill (2009), valores-notícias são conceitos escorregadios, mas que não impediram acadêmicos de tentar fixá-los em estudos taxonômicos.

²⁶ Ver, por exemplo: Tuchman (1972, 1993).

determinam ordens de edição” (JORGE, 2006, p. 8). Como elemento básico da cultura profissional, os valores-notícia não são imutáveis e têm um vasto número de critérios (HENN, 1996; HARCUP; O’NEILL, 2009; TRAQUINA, 2008), variando de acordo com influências pessoais, sociais, organizacionais, ideológicas, culturais, históricas e tecnológicas (MOREIRA, 2006; HARCUP; O’NEILL, 2009; SOUSA, 2001, 2002; TRAQUINA, 2008).

Logo, o processo de produção noticiosa decorre de uma sucessão de negociações (HENN, 1996; JORGE; MARQUES, 2008; MARQUES, 2008; MARQUES DE MELO, 1985; RODRIGO ALSINA, 2009; SOUSA, 2001; TUCHMANN, 1978; WOLF, 2003), visto que resulta de um trabalho coletivo e que depende de fatores extra-organizacionais. Enfatizamos aqui dois tipos de negociações que se manifestam fortemente no fazer jornalístico: (1) as que atribuem uma relevância informativa para os inúmeros acontecimentos diários (RODRIGO ALSINA, 2009; TUCHMANN, 1978), tornando-os informações jornalísticas; e (2) a relação entre os jornalistas e as fontes de informação, que Sousa (2001, p. 65) caracteriza como sendo “[...], muitas vezes, uma relação de luta ou de negociação”. No que diz respeito ao jornal-laboratório, evidenciamos a negociação com o professor ou professores responsáveis (JORGE; MARQUES, 2008; MARQUES, 2008) – que se encaixa no primeiro tipo de negociação apresentado acima.

Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma **série de negociações**, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que dever ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas **negociações** são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção (WOLF, 2003, p. 200, grifo nosso).

Conforme Traquina (2008) e Wolf (2003), existem dois tipos de valores-notícia acerca do processo de seleção de informações gerais²⁸:

- 1) Critérios substantivos – estão relacionados às características do acontecimento: morte (valor fundamental pelo seu negativismo); notoriedade (posição pública do ator do acontecimento); proximidade (sobretudo em termos geográficos); relevância (acontecimentos que têm impacto sobre o maior número de pessoas); novidade (o que há de novo); tempo (como atualidade; como tempo histórico; uma forma mais estendida ao longo do tempo); notabilidade (atributo de ser visível, tangível); inesperado (aquilo que rompe a expectativa da comunidade jornalística); conflito ou controvérsia (uso da violência); infração (violação ou transgressão de regras); escândalo (jornalista como “cão de guarda” das instituições democráticas).

²⁷ Wolf (2003) distingue valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Aqui, trataremos apenas dos valores-notícia de seleção.

²⁸ Ancorados em uma ampla revisão bibliográfica e jornais examinados, Harcup e O’Neill (2009) selecionam os seguintes valores-notícia: (1) A elite do poder – indivíduos, organizações ou instituições poderosas; (2) Celebridade – pessoas famosas; (3) Entretenimento – negócios, interesse humano, drama etc.; (4) Surpresa – elemento de surpresa e/ou contraste; (5) Más notícias – conotações negativas, como conflitos ou tragédias; (6) Good news – conotações positivas, como resgates e curas; (7) Magnitude – significativo nos números ou pessoas envolvidas; (8) Relevância – questões, grupos e nações relevantes para a audiência; (9)

- 2) Critérios contextuais – estão relacionados ao processo de produção: disponibilidade (facilidade de cobertura); equilíbrio (quantidade de notícias sobre determinado acontecimento ou assunto); visualidade (uso de elementos visuais); concorrência (disputa entre empresas jornalísticas); dia noticioso (disputa entre os acontecimentos).

Durante a realização das entrevistas na pesquisa de campo, verificamos – com base nos referidos valores-notícia (TRAQUINA, 2008; WOLF, 2003) – alguns critérios destacados pelos professores.

- 1) No que diz respeito aos critérios substantivos:
- (a) Atualidade²⁹ (CUNHA, 2012; SILVA JÚNIOR, 2012) – “Nós pensamos em pautas contemporâneas. Uma das nossas seções tem o nome, inclusive, de tramas contemporâneas. [...] São pautas frias, mas não necessariamente sem vínculo com o tempo presente imediato” (SILVA JÚNIOR, 2012).
- (b) Novidade (MESSAGI JÚNIOR, 2012) – “É aquilo que traz algum elemento de novidade [...] Notícia é aquilo que é o assunto novo ou um acontecimento novo [...]”.
- (c) Proximidade (SILVA JÚNIOR, 2012; VIEIRA, 2012; TÁRCIA, 2012) – “[...] notícia é tudo aquilo que interessa ao nosso público, especialmente. O público, portanto, acadêmicos da UFPR. [...] Então, a baliza principal é o interesse da comunidade” (VIEIRA, 2012).
- 2) No que diz respeito aos critérios contextuais:
- (a) Disponibilidade – por se tratar de um exercício escolar (LOPES, 1989), os professores priorizam os acontecimentos que têm facilidade de cobertura. Em ambos os jornais estudados (*Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH) essa premissa é subjacente.
- (b) Equilíbrio (SILVA JÚNIOR, 2012).

Quando os temas, os assuntos, são muito *batidos*, nós dizemos necessariamente: isso está muito *batido*! [...] tem duas reportagens que eu e o Léo [professor Leonardo Cunha] costumamos dizer que a gente não quer mais. Em Belo Horizonte, seria a Feira Hippie e o Mercado Central. Curiosamente, diversos alunos vêm com essa pauta: ah, a gente queria trabalhar o Mercado Central. Isso já foi dito demais, já foi feito demais! (SILVA JÚNIOR, 2012, grifo nosso³⁰).

De acordo com os critérios substantivos – mais a categorização feita acima –, aferimos algumas particularidades acerca dos dois estudos de caso da pesquisa sobre os valores-notícia: **(1) o jornal *Comunicação* lida com temáticas que têm como principal valor a novidade** – como ocorre na chamada grande imprensa; **(2) o jornal *Impressão* trabalha com assuntos atuais, mas não necessariamente factuais** – uma vez que a periodicidade é trimestral e não muito bem delineada; **(3) ambos os jornais-laboratório se baseiam na proximidade** – o *Comunicação* com a

Acompanhamento – sujeitos que já são notícia; e (10) Agenda de jornal – organizações que têm sua própria agenda.

²⁹ Usada pelos autores com o valor-notícia de tempo.

³⁰ Segundo o professor, o termo “batido” refere-se a temas sem originalidade, já excessivamente trabalhados tanto pela mídia convencional quanto pelo próprio jornal-laboratório.

comunidade acadêmica da UFPR e a cidade de Curitiba; e o *Impressão* com a comunidade acadêmica da UNI-BH e a cidade de Belo Horizonte – o que também acontece com os jornais convencionais.

2.3. Reunião de pauta nos jornais-laboratório

Em comparação com o exercício profissional, Bronoski e Xavier (2010) atestam que o jornal-laboratório “[...] permite uma aproximação com as formas e processos de apuração, a pauta, tratamento das fontes, a prática de entrevistas, o enquadramento a partir da linha editorial do veículo” (BRONOSKI; XAVIER, 2010, p. 182).

Desta maneira, é durante a reunião de pauta que se definem as informações que serão noticiadas ou, pelo menos, a maior parte delas, conformando-se como “uma estrutura organizada para garantir o acompanhamento do que está ocorrendo na sociedade” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 62). Entre a ocorrência do acontecimento e a sua difusão no noticiário existe um longo percurso, que – como ressalta Henn (1996) – tem seu momento decisivo: “Trata-se da produção de pautas que, de antemão, já define aquilo que poderá ser noticiável” (HENN, 1996, p. 13), a partir de uma “seleção negociada” – como define Tuchmann (1978).

Por se tratar de um processo dinâmico por natureza, o fazer jornalístico exige um mínimo de organização e planejamento – que começa com a elaboração da pauta. Como salienta Henn (1996, p. 86), a produção jornalística “tem na pauta seu componente-chave em termos de primeira filtragem”. Assim sendo, a pauta é “o roteiro destinado à pré-seleção das informações que serão noticiadas em detrimento de outras dentro do fluxo dos acontecimentos” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 162), uma vez que “orienta repórteres e editores” (HENN, 1996, p. 112). Sob a ótica de Marques de Melo (1985, p. 61), é por meio dela “que se distribui o conjunto de tarefas destinadas cotidianamente aos profissionais que integram a redação [...]”. A formulação da pauta é o primeiro momento da apuração (PEREIRA JUNIOR, 2006; VIEIRA JÚNIOR, 2002). Por isso, tal procedimento é tão necessário.

Os critérios relativos ao produto pretendem dar conta da disponibilidade material do veículo para determinada cobertura. A pauta já tem que prever os recursos físicos e humanos que um determinado acontecimento possa exigir. Prevê, inclusive, as fontes mais acessíveis e as que podem tanto fornecer o maior número de informações possíveis, como as que têm condições de contextualizar os acontecimentos, interpretando-os (HENN, 1996, p. 81).

A pauta indica o ângulo sobre o qual o acontecimento será abordado (MARQUES DE MELO, 1985). O ângulo manifesta o tratamento, enfoque ou enquadramento dado à informação jornalística – de acordo com a política editorial do veículo –, pois “[...] a construção da notícia começa com um recorte, uma seleção [...]” (RIBEIRO, 1994, p. 11). Aliás, o ângulo – ou o enfoque, para sermos mais fidedignos ao termo usado pelos alunos-editores – foi uma das principais

preocupações apresentadas pelos participantes no momento da reunião de pauta do jornal *Comunicação*, da UFPR (que discutiremos mais adiante, neste mesmo item).

Ainda com relação à angulação da pauta, voltamos à discussão sobre a expressão “temas batidos”, utilizada pelo professor da UNI-BH, Maurício Guilherme, durante as questões levantadas na entrevista (assunto iniciado no item 2.2. Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório). Em menção ao Mercado Central como “tema batido”, o docente justifica informar aos alunos: “Você me traga um ângulo completamente novo acerca do Mercado Central e isso vai entrar [no jornal]” (SILVA JÚNIOR, 2012). Nesta perspectiva, o professor justifica: “A gente busca que os alunos pensem em ângulos originais mesmo que sejam para velhas questões. [...] **Isso está diretamente vinculado ao olhar, ao enfoque**” (SILVA JÚNIOR, 2012, grifo nosso). Essa afirmação se aplica ao que Sousa (2001) postula a respeito da cobertura dos acontecimentos: “[...] muitas vezes aquilo que interessa é encontrar um **ângulo diferente** de contar a história, precisamente para fugir às rotinas e encontrar formas mais eficazes de fazer passar a informação” (SOUSA, 2001, p. 79, grifo nosso) ou “[...] procurar **ângulos alternativos** de contar a história” (SOUSA, 2001, p. 80, grifo nosso) ou “[...] quando se descobre um **ângulo inédito** para explorar o tema” (SOUSA, 2001, p. 266, grifo nosso). Já o professor Toni Scharlau, da UFPR, relata que a angulação “[...] depende muito do desejo do editor, mesmo com a supervisão dos professores na produção das pautas” (VIEIRA, 2012). Deste modo, a angulação manifesta a singularidade do fato, ideia ou situação, teoricamente proposta por Genro Filho (1987), tema que trataremos no capítulo três (tópico 3.1. A singularidade como forma de apreensão do real).

A reunião de pauta do jornal *Comunicação*, da UFPR, acontece semanalmente – todas as terças-feiras no horário da noite – com a presença do professor Mário Messagi, os alunos-editores (matriculados na disciplina optativa Produção e Edição I – 5º período)³¹ e os alunos que têm cargos de chefia (matriculados na disciplina optativa Laboratório Multimídia – 7º período)³². Primeiro, os alunos tratam do conteúdo do jornal impresso. Nesta hora, os alunos chegaram a falar sobre o assunto que poderia ser a “aposta” da edição³³. Em seguida, debatem as pautas do on-line. Em ambos, cada editor expõe as questões específicas de sua editoria. Na ocasião, uma aluna-editora afirmou que “as pessoas trazem poucas pautas; e dessas, as ‘boas’ vão para o impresso, desprezando o online” – o que se explica pelo fato de a imprensa escrita ainda ser considerada um paradigma na profissão de jornalista (TRAVANCAS, 1993).

Durante a reunião, o secretário da redação do impresso recomendou que o conteúdo do on-line se relacionasse com o material produzido para o suporte tradicional. Como o jornal circula apenas na universidade, as pautas do impresso são direcionadas levando em conta este aspecto. Em se tratando da página na internet, as pautas podem ter uma temática “mais geral”, ou melhor, que não se prendam somente ao universo da UFPR.

³¹ No segundo semestre é oferecida a disciplina optativa Produção e Edição II – 6º período.

³² Composta pelas seguintes funções: editor-chefe, secretário do impresso, secretário do online, editor de fotografia.

³³ Reportagem com grande possibilidade de se tornar manchete; principal reportagem da edição.

O *Comunicação* integra ainda a disciplina obrigatória Laboratório de Jornalismo (3º período) – que contém os alunos-repórteres – sob a tutela do docente Toni Scharlau. Em entrevista, o professor Mário Messagi afirmou que participa de todas as reuniões de pauta – como a que ocorreu durante a nossa presença no momento da pesquisa de campo. Uma vez por mês, os alunos-editores se reúnem com os alunos-repórteres. Isso ocorre sem a presença dos dois docentes responsáveis pelo jornal-laboratório.

No período de realização da pesquisa de campo no jornal *Impressão*, da UNI-BH, não houve reunião de pauta. Em decorrência das questões institucionais sobre as quais tratamos no primeiro capítulo desta dissertação (1.2.2. Jornal-laboratório: características), os laboratórios de jornalismo (neste caso, o Laboratório de Jornalismo Impresso – sob a responsabilidade dos professores Leonardo Cunha e Maurício Guilherme – e o Laboratório de Convergência de Mídias – sob a responsabilidade da professora Lorena Tárzia) estavam selecionando os monitores-estagiários – coincidentemente – na semana da nossa visita demonstrando um atraso no processo de seleção (CUNHA, 2012; SILVA JÚNIOR, 2012; TÁRCIA, 2012).³⁴

No suporte impresso do *Impressão*, parte do conteúdo jornalístico decorre das duas disciplinas obrigatórias às quais o jornal-laboratório está vinculado³⁵: Edição Jornalística (5º período) – primeiro caderno – e Jornalismo Cultural (6º período) – segundo caderno. A outra parte nasce nas reuniões de pauta, quando o jornal está em produção efetiva. Conforme os professores entrevistados (CUNHA, 2012; SILVA JÚNIOR, 2012; TÁRCIA, 2012), as reuniões ocorrem abertamente: “[...] a gente deixa que os próprios alunos tragam as suas ideias e nós vamos burilando essas ideias a partir dessas sugestões” (SILVA JÚNIOR, 2012). Em se tratando do *Impressão Online* (TÁRCIA, 2012), há duas linhas: (1) o conteúdo da edição impressa é aproveitado no *online*; e (2) o conteúdo (independente do impresso) dentro do Laboratório de Convergência de Mídias. Assim, “quando está funcionando em plenas condições” – como ressalta a docente Lorena Tárzia (2012) –, é realizada uma reunião semanal entre a equipe do impresso e a equipe do *online*.³⁶

Vale destacar aqui que as sucessivas incorporações tecnológicas e alterações nos modelos de gestão das organizações jornalísticas ocorridas nas últimas três décadas aceleraram a crescente tendência de divisão social do trabalho – com a especialização por área, o aparecimento de novas funções no processo de produção jornalística, assim como a supressão de outras – possibilitando um maior controle do profissional sobre a qualidade dos produtos finais (LAGE, 2001; MACHADO, 2000; TRAVANCAS, 1993). Ao levar em consideração o expediente dos dois jornais-laboratórios estudados, segue os cargos existentes em ambos (quadro):

Cargos do jornal *Comunicação* (UFPR)

Diretoria

Cargos do jornal *Impressão* (UNI-BH)

Laboratório de Jornalismo Impresso

³⁴ As aulas começaram na segunda semana de fevereiro.

³⁵ Eventualmente recebe material de outras disciplinas, como: Redação I, Redação II e Jornalismo Interpretativo.

³⁶ Não se vincula a nenhuma disciplina.

Jornalista responsável/diretor de jornalismo (professor)	Editor (professor)
Chefe de reportagem (professor)	Subeditores (professores)
Editora-chefe	Preceptora (programação visual)
	Estagiários
Coordenadorias	Monitora
Coordenação de Mídias Sociais	Colaboradora (revisão)
Coordenação de Opinião	Repórteres
Coordenação de Jornalismo de Serviço	
Coordenação de Eventos	Laboratório de Convergência de Mídias
	Editora (professora)
Comunicação On-line	Estagiários
Editor-executivo	Monitora
Secretários de redação	Ilustrações (aluno de Publicidade e Propaganda)
	Repórteres
Desenvolvedores	
Comunicação	
Editor-executivo	
Secretários de redação	
Secretário de grandes reportagens	
Redação	
Editoria de Arte	
Editoria Ciência & Tecnologia	
Editoria Comportamento	
Editoria Cultura	
Editoria Esportes	
Editoria Política/Jornalismo Investigativo	
Editoria Sociedade	
Editoria UFPR	
Editoria Tubo de Ensaio	
Editoria Vestiba	
Diagramação	
Repórteres	

Figura 2 – fonte: autor

Com base no quadro apresentado acima, verificamos que os dois estudos de caso desta pesquisa se organizam em uma determinada divisão social do trabalho. O *Comunicação*, da UFPR, possui uma representação mais complexa e demonstra a crescente tendência que relatam Lage (2001) e Machado (2000). Além da “[...] estrutura organizacional bem planejada e administrada [...]” (TRAVANCAS, 1993), o jornal tem funções consideradas novas para um jornal-laboratório, a exemplo da Coordenação de Mídias Sociais, cargo responsável pela circulação do conteúdo jornalístico nos perfis de redes sociais (*Facebook* e *Twitter*) do *Comunicação*. Enquanto que o *Impressão*, da UNI-BH, não apresenta mudanças no expediente em comparação com o cenário analisado por Kimura (2006), Lopes (1989, 2001) e Vieira Junior (2002). O jornal possui basicamente as funções de editor, subeditores e repórteres.

2.3.1. Tipos de pauta nos jornais-laboratório

A pesquisa de campo nos deu subsídios para distinguir os dois tipos de pauta dos jornais-laboratório observados. Para isso, nos baseamos na pesquisa de J. Teixeira (2011) sobre ensino de jornalismo. Verificamos os seguintes tipos de pauta: **(1) pauta participativa e aprovada pela equipe**, modelo do *Comunicação*; e **(2) pauta participativa e aprovada pelos professores**, modelo do *Impressão*. Do ponto de vista da elaboração da pauta, apresentamos: **(1) pauta preparada previamente**, no *Comunicação*; e **(2) pauta informada oralmente**, no *Impressão*.

No jornal *Comunicação*, a pauta é feita de forma participativa e aprovada pela equipe, incluindo os professores responsáveis, durante a reunião. Além disso, é preparada previamente pelo editor e enviada por *e-mail* ao repórter em seguida. O modelo de pauta elaborado no *Comunicação* apresenta apenas algumas orientações para o repórter executá-las. Quaisquer dúvidas sobre as informações contidas na pauta podem ser prontamente sanadas com o editor responsável tanto por *e-mail* quanto pessoalmente.

A pauta do jornal *Impressão* também feita de forma participativa, mas depende da aprovação dos professores responsáveis. Neste tipo de pauta, não há um documento elaborado. A “ideia” é informada oralmente na reunião – para quem ficar responsável pela produção da matéria jornalística – ou em qualquer outra ocasião. Neste caso, quaisquer dúvidas a respeito da pauta também podem ser tratadas com os dois professores responsáveis pelo jornal-laboratório.

Em relação ao momento de discussão sobre a pauta, destacamos dois aspectos verificados durante a pesquisa de campo: (1) embora haja um outro tipo de “pressão”, a institucional – como abordamos no capítulo 1 (1.2.2. Jornal-laboratório: características) – não há preocupação com o jornal enquanto um modelo de negócios, por isso todos os tipos de assuntos são levados em consideração; e (2) como o vínculo com o fator tempo não é a mesma de uma organização convencional, os alunos juntamente com professores responsáveis pelos jornais-laboratório permanecem um período relativamente maior discutindo os assuntos que serão pautados (ver capítulo 3 – 3.4. O fator tempo na produção laboratorial).

2.4. Procedimentos de apuração

A apuração é a etapa do processo de produção jornalística que integra – dentre outras técnicas necessárias – pesquisa, observação dos acontecimentos, entrevista, checagem e checagem de informações/dados. Desta forma, é considerada “a espinha dorsal do trabalho jornalístico” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 73), configurando-se como um momento fundamental do processo (BAHIA, 1990; HERREROS, 2003; MEDINA, 1988; PEREIRA JUNIOR, 2006; VIRISSIMO, 2008, 2009). A apuração evidencia efetivamente o início do sistema de negociações (incluindo a reunião de pauta) que abordamos no segundo item deste capítulo (2.2. Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório) e perpassa todas as fases da produção noticiosa (compreendendo aí a produção e a circulação de informações jornalísticas), pois exige um trabalho que pressupõe determinado rigor em meio a uma série de “[...] decisões complexas e desafiadoras [...]” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 159).

A apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo. Elemento essencial no processo da informação, a apuração em jornalismo quer dizer o completo levantamento dos dados de um acontecimento para se escrever a notícia. É o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto (BAHIA, 1990, p. 40).

Como salientam Kovach e Rosenstiel (2004, p. 113), “[...] é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte”, naquilo que os autores denominam de “disciplina da verificação” – expressão também usada por Pereira Junior (2006): “O que distinguirá o jornalista serão os passos que der para atingir o ‘disponível’ que chamamos de real, seus critérios para não se deixar levar por falhas de percepção, pela rotina produtiva, pelo engano das fontes” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 71).

O procedimento de apuração acompanha todo o fazer jornalístico: desde a elaboração da pauta até o momento da edição do conteúdo noticioso. Pereira Junior (2006) em quatro fases: (1) elaboração da pauta – pesquisa preliminar que ajuda a estabelecer a viabilidade da pauta; (2) pré-produção – avaliação estratégica das fontes de informação; (3) produção – confronto de fontes e informações; e (4) pós-produção – redação, edição e produção visual do conteúdo.

Apuração é uma palavra comumente utilizada em momentos cruciais, de extrema importância, em que rigorosidade e credibilidade são imprescindíveis. Por isso adequa-se ao Jornalismo, que, em tese deve se guiar eticamente em todas as etapas, desde a apuração até a edição das matérias, alicerçando a credibilidade do processo comunicativo (VIRISSIMO, 2009, p. 28).

A apuração estabelece uma espécie de confronto entre as diversas técnicas utilizadas com o intuito de se chegar – da maneira mais próxima possível – à “verdade” dos fatos. Embora tal procedimento possa se estender para os diversos integrantes de uma redação jornalística (editores,

secretários de redação, redatores, etc.), é o repórter “quem fala com os entrevistados, observa as cenas do cotidiano, mergulha na **materialização dos conflitos**” (CHAPARRO, 2001, p. 166, grifo nosso). Sousa (2001) reitera que as informações devem ser verificadas e contrastadas para, em seguida, serem processadas. Dedicando-se ao estudo de jornais-laboratório, Vieira Júnior (2002, p. 152) afirma que ao “apurar, com uma leitura rigorosa sobre o assunto, o estudante pode encontrar contradições ou informações que não batiam ou batem com o assunto”. Seguindo esse raciocínio, Pereira Junior (2006, p. 75) constata que o “produto do trabalho jornalístico é sempre uma combinatória”.

A principal técnica de apuração utilizada é a fonte de informação (CHAPARRO, 2001; RODRIGO ALSINA, 2009; SCHMITZ, 2010). Como não podem estar em todos os lugares atuando na observação dos acontecimentos, os jornalistas se valem das chamadas fontes – termo bastante popular dentro da cultura profissional –, que operam como testemunhas respaldadas. Os jornalistas são dependentes das fontes de informação (CHAPARRO, 2001; SCHMITZ, 2010), por isso sem esse acesso “não existe a informação decisiva, o detalhe poético, a versão esclarecedora, a frase polêmica, a avaliação especializada” (CHAPARRO, 2001, p. 43). Deste modo, a obtenção de informações ocorre por meio de várias formas: face a face (pessoalmente), rádio escuta, telefone e internet (PAVLIK, 2008).

Para Schmitz (2010, p. 31), “o significado de ‘fonte’ no jornalismo torna-se paradoxal. ‘Ir à fonte’ sugere dirigir-se a quem pode fornecer informação exata sobre algo ou explicar a origem do fato”. Isso porque se aplica a indivíduos, grupos e organizações (GANS, 1980; SCHMITZ, 2010), de modo que fontes noticiosas com mais recursos possuem maior acesso a jornalistas (MANNING, 2001). Assim, retomamos à discussão (abordada no item 2.2. Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório) acerca das negociações no processo de produção noticiosa: a relação entre os jornalistas e as fontes de informação. “As interações do jornalista com a fonte envolvem **conflitos e acordos inevitáveis**, porque a interlocução é viva, **interessada** – na maioria das situações, entre interlocutores reciprocamente confiáveis e confiantes”, como explica Chaparro (2001, p. 44, grifo nosso).

O professor Leonardo Cunha relatou que “muitas possíveis fontes não gostam de conversar com jornal-laboratório, então vão meio que com má vontade” (CUNHA, 2012). O que o docente expôs – durante a entrevista – como um problema específico da produção laboratorial se aplica para o campo profissional, afinal trata-se de uma relação de interesses entre ambas as partes: jornalista e fonte de informação. No caso de um jornal-laboratório, o problema pode estar nas limitações existentes para acessar as fontes noticiosas (JORGE; MARQUES, 2008).

2.5. As potencialidades da apuração no ciberespaço

O advento da internet ampliou as possibilidades de apuração jornalística. Como etapa considerada inicial do processo de produção noticiosa, é importante ressaltar aqui que – embora as

formas de processar a informação jornalística tenham se expandido, o que permite, inclusive, a obtenção de novos produtos – a essência do processo se mantém potencializado. Assim, J. Teixeira (2011) ratifica nosso entendimento acerca do fazer jornalístico no contexto da convergência e observa que é “a predominância de mudanças quantitativas em detrimento dos saltos qualitativos que tem gerado a impressão de que o webjornalismo não produz qualquer alteração no processo de produção tradicional” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 139).

Mesmo que os princípios da apuração jornalística de qualidade continuem intactos, com a checagem e contrastação das fontes, esta etapa do processo jornalístico transformou-se profundamente à medida que **novas ferramentas** foram introduzidas para produção de notícias, principalmente com os dados fornecidos pela *World Wide Web* (VIRISSIMO, 2009, p. 91, grifo nosso).

Neste caso, a autora se refere ao armazenamento de dados na rede para consultas, que nomeia de “hemerotecas digitais”. O que se percebe nas redações é que “[...] os computadores passaram cada vez mais a ser uma ferramenta usada individualmente pelos repórteres para desempenhar as tarefas de apuração e produção de notícias” (TRÄSEL, 2010, p.218), em um sistema de organização, acesso e cruzamento de informações gerais que conduziu a uma modalidade específica da prática jornalística – que ficou conhecida como “jornalismo em base de dados” (BARBOSA, 2007, 2008; KERBER, 2009; MACHADO, 2006; MACHADO et al., 2010; VIRISSIMO, 2008, 2009). Virissimo (2008), inclusive, afirma que a base de dados é própria do fenômeno da convergência.

A disseminação do acesso à internet, em especial com a criação da interface gráfica *World Wide Web*, em 1989, inaugura novos e fundamentais usos do computador nas redações. O acesso a bancos de dados públicos se torna ainda mais simples e barato através de conexões diretas pelas redes de computadores. Os contatos com fontes passam a ser feitos via correio eletrônico ou mesmo por mensageiros instantâneos. O desenvolvimento de serviços de busca ampliou ainda mais a utilidade da internet para a apuração, permitindo reunir dados preliminares sobre temas de reportagens, descobrir novas fontes e material de apoio (TRÄSEL, 2010, p.218).

Machado (2006, p. 15-16) defende a base de dados “como forma cultural com estatuto próprio no jornalismo digital”³⁷. Ao escrever sobre a base de dados como forma, o pesquisador elenca dois tipos: (1) simples – relacionada a uma pessoa física; (2) complexas – relacionada a diversos dados interdependentes e inter-relacionados.

Até meados dos anos 90 do século passado uma Base de Dados era um conjunto de dados alfanuméricos (cadeiras de caracteres e valores numéricos). Hoje, uma Base de Dados costuma armazenar textos, imagens, gráficos e objetos multimídia (som e vídeo), aumentando muito as proporções das necessidades de armazenamento e a complexidade dos processos de recuperação e processamento de dados. A principal diferença existente entre as Base de Dados modernas e a classificação mais antiga de coleção de arquivos suportados pelo sistema

³⁷ Barbosa (2007) propõe o Jornalismo Digital de Base de Dados (JDBD) como paradigma de uma fase de transição.

operacional reside na possibilidade de relacionamento dos dados entre si (MACHADO, 2006, p. 17).

A estrutura da base de dados ainda é pouco utilizada nas organizações jornalísticas (MACHADO, 2006; VIRISSIMO, 2008). Apesar da atual realidade, Machado (2006) apontara que a base de dados é o futuro das organizações jornalísticas nas redes, que – como afirma Virissimo (2009, p. 76) – “[...] pode, potencialmente, aprimorar o conteúdo de notícias jornalísticas em todos os suportes, apresentando os fatos de forma mais completa e contextualizada [...]”. Um exemplo disso, é que os jornais-laboratório estudados nesta dissertação não usam as potencialidades desta estrutura informacional em seus processos de produção noticiosa. Somente a professora Lorena Tárzia se referiu à base de dados no momento da entrevista realizada durante a pesquisa de campo. Percebemos que isso se deu em razão da disciplina ministrada pela docente no curso da UNI-BH: Jornalismo Online (7º período). Do mesmo modo, durante a nossa presença na referida universidade, foi aplicada uma prova específica sobre o tema. De acordo com a docente (TÁRCIA, 2012), com a estrutura da base de dados, os alunos “começam a entender que a internet vai além do *Google*” e aprendem a possibilidade do surgimento de pautas.

Além das técnicas tradicionais de apuração (registradas no item anterior – 2.4. Procedimentos de apuração), os jornalistas – na contemporaneidade – contam com um amplo conjunto de recursos mediados pela internet (PAVLIK, 2001, 2008; QUINN, 2005): os blogs, o *e-mail* e as redes sociais já bastante difundidas no Brasil, como o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter*. Isso significa que há uma convivência entre os diferentes modelos de apuração: o tradicional e o baseado na utilização do ciberespaço (MACHADO, 2003; PAVLIK, 2001, 2008; J. TEIXEIRA, 2011; VIRISSIMO, 2009). No entanto, é preciso compreender que o procedimento de apuração realizado no ciberespaço tem suas especificidades com relação aos modos tradicionais de captação de informações.

O futuro do jornalismo digital passa pela ruptura com o passado e com a migração plena para o ciberespaço: como espaço para localização das fontes, criação de modelos de negócio, ferramenta para apuração e suporte para a disseminação dos conteúdos entre os membros das redes articuladas em torno de cada publicação. Uma ruptura que, sem deixar de incorporar os conhecimentos acumulados ao longo de quatro séculos, parte do pressuposto que, por mais experiente que seja, um jornalista dos meios convencionais parece um foca no mundo das redes (MACHADO, 2003, p.12-13).

Assim sendo, embora a maioria dos jornalistas ainda necessite de entrevistas e observações pessoais, Pavlik (2008) considera que os profissionais da notícia também têm usado a internet para verificar os acontecimentos. Os repórteres estão cada vez mais completando e, muitas vezes, suplantando a apuração jornalística face a face com base em procedimentos via internet – dos quais precisam ter cautela (PAVLIK, 2008). Neste contexto – aponta Zago (2011) – “recorrer às redes sociais na Internet tem emergido como uma **alternativa** para a busca de fontes rápidas e acessíveis para notícias” (ZAGO, 2011, p. 54, grifo nosso).

Esse processo de multiplicação das fontes de informação – possibilitado pelo surgimento do ciberespaço – é conhecido como apuração descentralizada (MACHADO, 2000, 2003; VIRISSIMO, 2009)³⁸, alicerce do modelo teórico do *gatewatcher* (abordado no primeiro item deste capítulo: 2.1. De *gatekeeping* a *gatewatching*: a expansão dos portões). Tal procedimento amplia a participação do público e, da mesma forma “em que novas possibilidades se abrem ao jornalista, torna-se cada vez mais complexo aplicar critérios ao se decidir pela confiabilidade de determinadas fontes ou dados em circulação na internet” (VIRISSIMO, 2009, p. 38). Deste modo, como cita J. Teixeira (2011, p. 179), o “importante é que as informações obtidas a partir do ciberespaço sejam cruzadas com os demais métodos, até porque [...] nem todas as fontes têm demonstrado confiabilidade”.

O questionário aplicado aos alunos durante a pesquisa de campo demonstra que o ciberespaço se coloca como um elemento essencial na apuração jornalística. Dos 33 alunos que responderam no jornal *Comunicação*, da UFPR: 10 responderam que usam para ideias de pauta; 17 para fazer pesquisa; 12 para buscar fontes de informação; e um respondeu que não usa, a não ser que a pauta contenha algum link (portanto, consideramos já utilizou em algum momento). É importante enfatizar que três alunos do *Comunicação* especificaram que usaram o *e-mail* para realizar entrevistas e seis mencionaram que utilizaram as redes sociais – *Facebook* e *Twitter* – durante o procedimento de apuração.

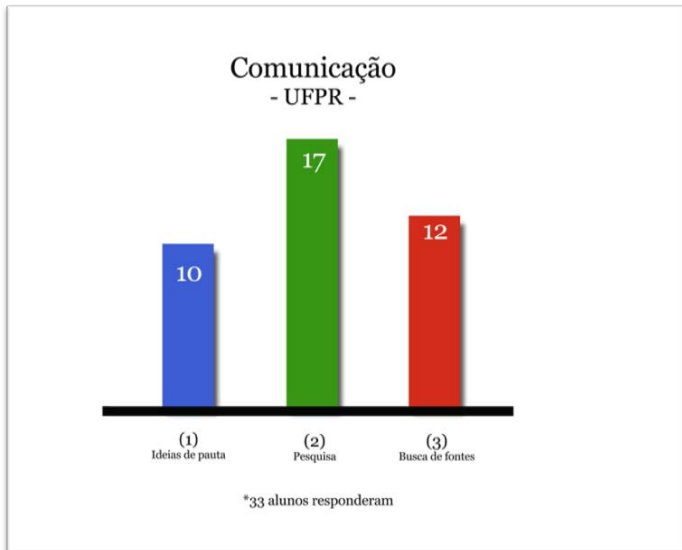


Gráfico 3 – fonte: autor

³⁸ Träsel (2010) emprega a nomenclatura apuração distribuída, porque envolve “a delegação de tarefas menores constituintes de um processo de apuração a uma coletividade de leitores que queiram oferecer seu tempo livre para desempenhá-las” (TRÄSEL, 2010, p. 223).

Com relação ao jornal *Impressão*, da UNI-BH, 29 alunos responderam o questionário, dos quais: nove responderam “sim”, mas não explicaram; dois responderam que não usam; e um não respondeu essa questão. Cabe registrar aqui que dentre os 17 alunos do *Impressão* que explicaram: sete disseram que usam para ideias de pauta; dois para buscar fontes de informação; e 12 para fazer pesquisa.



Gráfico 4 – fonte: autor

2.6. A preocupação com uma apuração de qualidade

Em um contexto em que as informações circulam com cada vez mais rapidez, as variadas técnicas de apuração necessitam ser bem decodificadas e aproveitadas sem fazer perder a qualidade do conteúdo noticioso. Se a etapa de apuração é fundamental, então um jornalismo de qualidade pressupõe uma apuração de qualidade. O aluno precisa ter noção disso. Dar conta da apuração e não

atrasar o fechamento da edição é um desafio (JORGE; MARQUES, 2008), sobretudo em se tratando da circulação das informações jornalísticas no ciberespaço, visto que “[...] a exigência por resultados rápidos muitas vezes provoca publicações incompletas” (RENÓ, 2006, p. 6).

A pluralidade de fontes de informação é o elemento básico para conferir uma apuração de qualidade (GUERRA, 2007; KARAM, 1997; PEREIRA JUNIOR, 2006; PRADO, 2008; VIRISSIMO, 2009). Como abordamos anteriormente (item 2.4. Procedimentos de apuração), os jornalistas dependem das fontes e, neste caso, quanto maior o número de versões acerca de um acontecimento, mais confronto haverá com outras técnicas de apuração com o intuito de se chegar à “verdade” dos fatos. Para Chaparro (2007), as ações jornalísticas são orientadas pelo componente da intenção, liga que funde ética, técnica e estética. Portanto, a ética se coloca aí como o alicerce do fazer jornalístico. “Só com a Ética fundida (pela liga da *intenção*) à técnica do *fazer* será possível alcançar a Estética do relato verdadeiro, reelaborando-a permanentemente” (CHAPARRO, 2007, p. 36, grifo do autor).

Além disso, com uma apuração de qualidade se escreve para qualquer suporte midiático. Essa ideia é ratificada pelo que expôs o professor Mário Messagi no momento da entrevista: “[...] fazer apuração de informação é o que eles [os alunos] aprendem para o impresso e depois vão aplicar em TV porque o procedimento de obtenção de informação [...] não varia conforme o meio” (MESSAGI JÚNIOR, 2012).

Se jornalismo de qualidade requer uma apuração de qualidade, então para efetuar-la “os profissionais precisam, necessariamente, saber onde estão investigando, ou seja, como funcionam as engenharias de busca” (VIRISSIMO, 2009, p. 45). Essa é uma vantagem da tecnologia digital: os bancos de dados. Aliás, a constituição de uma base de dados própria tem se firmado como um procedimento original de apuração, tornando o jornalismo um pouco menos dependente das chamadas fontes oficiais de informação (MACHADO, 2003). Neste sentido, Virissimo (2008, p. 9) comenta que uma “apuração séria em jornalismo digital em base de dados pode fornecer relatos de acontecimentos com alto grau de contextualização, revelando aspectos até então obscuros”.

Pavlik (2008) compreende que os avanços tecnológicos abrem cada vez mais novas oportunidades para melhorar a captação de notícias, permitindo que os jornalistas lancem as suas redes de forma mais ampla a inclusão de fontes não-tradicionais e especialistas localizados em lugares distantes. É o que tem ocorrido através de técnicas de apuração jornalísticas como os blogues, o *e-mail* e as redes sociais, como o *Facebook*, o *Orkut* e o *Twitter* (como tratamos no item anterior 2.5. As potencialidades da apuração no ciberespaço).

No entendimento de Medina (1988), a captação de dados suscita o levantamento de questões – o que conduz, segundo a pesquisadora, a uma angústia – e, conseqüentemente, implica a formulação de hipóteses. Acrescentamos aí a questão da finalidade no procedimento de apuração. Para isso, o jornalista precisa manifestar o que chamaremos aqui de questionamento direcionador da informação jornalística: qual o objetivo desta pauta? Neste aspecto, mesmo reconhecendo que jornalismo não é ciência, Chaparro (2001) faz essa analogia, porque também não é “simples

técnica”: “**É procedimento científico [...] olhar os factos, recortá-los, respeitá-los, investigá-los, decompô-los, relacioná-los com outros – e sempre voltar a eles, para verificações e aferições**” (CHAPARRO, 2001, p. 168, grifo do autor). Realiza-se aí uma espécie de “caminho” que leva à produção propriamente dita (redação e edição) do conteúdo jornalístico – discussão do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A PRODUÇÃO NO JORNAL-LABORATÓRIO

A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a
palavra foi feita para dizer.
Graciliano Ramos, 1948

No campo do Jornalismo, o conceito de produção tem dois sentidos: (1) todo o processo de elaboração técnica e racional da informação jornalística e envolve múltiplas categorias profissionais; e (2) etapa do trabalho, parte desse todo (J. TEIXEIRA, 2011) – objetivo do presente capítulo. Desta maneira, este terceiro capítulo da dissertação busca discutir a composição do produto jornalístico – a produção (redação e edição) enquanto etapa. De início, abordaremos a singularidade como forma de apreender o real, fundamentando-nos, especialmente, no estudo de Genro Filho (1987). A seguir, discutiremos a estrutura do conteúdo noticioso no contexto da convergência, passando pelos estágios de desenvolvimento do ciberjornalismo e suas características no ciberespaço – tomando como fundamentação teórica a proposta de Palacios (1999, 2002, 2003) e Mielniczuk (2002, 2003). O processo de edição jornalística terá um item à parte. Além disso, discutiremos a influência do fator tempo no processo de produção noticiosa e, em seguida, abordaremos o produto jornalístico de qualidade.

3.1. A singularidade como forma de apreensão do real

Depois de realizada a maior parte da captação de dados³⁹, o jornalista vai se ocupar em estruturar esses diferentes tipos de informações em um texto específico que faça algum sentido para o público-leitor: o texto jornalístico. O conteúdo noticioso se apresenta por meio da singularidade dos fatos (FRANCISCATO, 2003; GENRO FILHO⁴⁰, 1987; KARAM, 2007; KARAM; PONTES, 2009; MACHADO, 1992, 2000; PONTES, 2010; SODRÉ, 2009). A singularidade perpassa características⁴¹ tradicionais no jornalismo como a atualidade e a novidade, mas também incorpora a ideia de ruptura em relação à “normalidade” dos acontecimentos.

Inicialmente, lembremos que a categoria da novidade conduz-nos a esta vinculação do 'novo' ao tempo presente, seja porque ele é a afirmação de que algo está brotando ou irrompendo em um ambiente ou se tornando publicamente conhecido recentemente, seja porque ele orienta (o jornalista e o leitor) a reconhecerem este grau de originalidade e singularidade num movimento social específico. O novo está inevitavelmente ligado ao 'agora', que é um incisivo marcador temporal do presente (FRANCISCATO, 2003, p. 182).

³⁹ Mesmo na etapa de produção, a apuração continua, sobretudo através dos procedimentos de checagem e rechechagem de informações.

⁴⁰ Foi quem primeiro se tratou sistematicamente o conceito de singularidade no jornalismo, com o objetivo de explicá-lo como uma forma de conhecimento.

⁴¹ No capítulo anterior (A apuração no jornal-laboratório), tratamos especificamente no item 2.2. *Decidindo o que é notícia em um jornal-laboratório* sobre os valores-notícia, nos quais os dois termos aqui apresentados como atributos da singularidade (atualidade e novidade) foram mencionados pelos professores entrevistados durante a pesquisa de campo.

Ao perceber a especificidade do fato – ou seja, o que o fato tem de peculiar – como um elemento inerente ao processo de produção jornalística, o jornalista compreende a própria lógica da linguagem jornalística. Na perspectiva de Genro Filho (1987), o processo de mediação jornalística exige uma linguagem que otimize a predominância da singularidade. Com efeito, isso denota que “os aspectos lógicos subjacentes à apreensão do real através do *singular-significante* serão predominantes na atividade jornalística tomada em seu conjunto” (GENRO FILHO, 1987, p. 184, grifo do autor).

O autor destaca a singularidade⁴² como categoria central do jornalismo (GENRO FILHO, 1987; KARAM; PONTES, 2009): “[...] o singular é a matéria-prima do jornalismo, a forma pela qual se cristalizam as informações [...]” (GENRO FILHO, 1987, p. 172). Neste sentido, podemos afirmar que a estrutura do texto jornalístico parte daquilo que é mais específico no acontecimento até o mais geral, sendo que o “singular [...] é a **forma do jornalismo**, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados” (GENRO FILHO, 1987, p. 172, grifo nosso). Para o teórico, a singularidade é a cristalização do fato, ou melhor, a distinção do fato em relação aos demais.

[...] um texto informativo jornalístico parte da singularidade – como característica primeira do jornalismo – para particularidade e a universalidade, horizontes em que são reconhecidos o engajamento ético e a capacidade de contextualização crítica do jornalista (KARAM; PONTES, 2009, p. 150).

A singularidade, então – ressaltamos –, é a forma do jornalismo (GENRO FILHO, 1987). Para o aluno que começa a produzir conteúdo jornalístico para um jornal-laboratório, a compreensão sobre a singularidade facilita – a nosso ver – o modo como se apreende o real imediato. A referida estrutura incorpora a constituição da narrativa jornalística por meio da técnica do lide – apontada por Genro Filho (1987) como o “epicentro do singular” – além da composição da pirâmide invertida (que abordaremos no próximo item: 3.2. Pensando o desenvolvimento do texto noticioso).

Originalmente utilizado em transmissões telegráficas (FRANCISCATO, 2003), o lide foi apropriado pelo jornalismo para – dentre outros fatores – dar agilidade ao relato noticioso. O formato de apresentação do conteúdo jornalístico aceito como convencional surgiu de uma sucessão de inovações, introduzidas em resposta a um ambiente social em mutação (ROSHCO, 1975). A técnica é considerada a forma clássica do texto jornalístico, sobretudo do gênero notícia, e, em geral, está situada no primeiro parágrafo (BELTRÃO, 1969; LAGE, 2001, 2005). O lide é composto por seis perguntas básicas que respondem as questões pertinentes aos acontecimentos: (1) *Quê?* – a ação; (2) *Quem?* – os agentes; (3) *Quando?* – o tempo, o momento; (4) *Onde?* – o local; (5) *Como?* – o modo; (6) *Por quê?* – o motivo (BELTRÃO, 1969). “Trata-se do relato sumário e particularmente ordenado do fato mais interessante de uma série e não do resumo da notícia toda, como aparece em algumas

⁴² Genro Filho (1987) se apropria de três categorias da filosofia para constituir a base para uma teoria do jornalismo: a *singularidade*, a *particularidade* e a *universalidade*.

descrições” (LAGE, 2001, p. 103), embora nem todas as perguntas sejam respondidas⁴³, de modo a respeitar o que estabelece a técnica noticiosa.

Deste modo, Genro Filho (1987) define o lide como princípio organizador da singularidade. “O *lead* é uma importante conquista da informação jornalística, pois representa a reprodução sintética da singularidade da experiência individual” (GENRO FILHO, 1987, p. 205-206, grifo do autor). Assim, independente do meio jornalístico (impresso ou digital), o conteúdo noticioso será apresentado por meio da singularidade do acontecimento, embora o suporte impresso tenha o lide e a pirâmide invertida como sustentáculos de caráter técnico⁴⁴.

3.2. Pensando o conteúdo noticioso no contexto da convergência

Pensar na estrutura do texto jornalístico no contexto da convergência é pensar na arquitetura da narrativa noticiosa para os diferentes meios (impresso e digital), uma vez que novas e antigas formas de meios coexistem e interagem entre si de formas cada vez mais complexas (FIDLER, 1997; JENKINS, 2009; PAVLIK, 2001, 2008). O jornalismo vem se apropriando dos novos formatos midiáticos para fazer circular o conteúdo noticioso produzido para os diferentes meios. Estamos nos referindo especialmente aos blogues, além das redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras, que estão propiciando alterações no processo de produção noticiosa (CHRISTOFOLETTI; SILVA, 2010; PRIMO, 2011; ZAGO, 2008, 2011a, 2011b), além do tradicional formato impresso. “A técnica de fazer jornal – que não deve ser confundida com a tecnologia da fabricação dos jornais – respondeu muito nitidamente às necessidades criadas pelas mudanças sociais”, como destaca Lage (2001, p. 32-33).

Assim, é fato que as próximas gerações de jornalistas irão depender cada vez mais de dispositivos de computador (PAVLIK, 2001). Para este pesquisador, essas ferramentas estão disponíveis a baixo custo e em dispositivos portáteis que permitem aos jornalistas e demais profissionais de comunicação trabalhar nas ruas e em redações virtuais (PAVLIK, 2001). Hoje com apenas um celular, o jornalista pode entrevistar, fotografar, produzir vídeo e enviar todo o material para a redação ou até publicá-lo. De qualquer maneira, enfatizamos que o exercício do jornalismo, independente das suas funções ou do suporte tecnológico, “está subordinado ao uso da linguagem, pois se baseia na **comunicação**, ou seja, no **ato pelo qual se transmite uma mensagem** [...]” (BELTRÃO, 1969, p. 35, grifo do autor).

3.2.1. A narrativa jornalística

A competência profissional exige que o jornalista reordene os acontecimentos em forma de informações em um texto, “incluindo algumas e suprimindo outras, colocando estas primeiro,

⁴³ Em muitos casos, o *Como?* e o *Por quê?* não são respondidos no relato noticioso.

⁴⁴ O suporte digital segue outra lógica.

aquelas depois [...]” (LAGE, 2001, p. 34), que expressa “a sua maneira própria de agir, sua maneira própria de falar e a sua maneira própria de ver o mundo” (TRAQUINA, 2008, p. 50).

Assim como os fenômenos imediatos que povoam o cotidiano, os acontecimentos precisam ser percebidos como processos incompletos que se articulam e se superpõem para que possamos manter uma determinada “abertura de sentido” em relação a sua significação. Mesmo que o sentido seja produzido sempre numa determinada perspectiva ideológica, assim como qualquer outra significação atribuída ao mundo social, isso não invalida a importância dessa “abertura de sentido” que lhe é subsistente (GENRO FILHO, 1987, p. 36).

A “abertura de sentido” a qual Genro Filho se refere ilustra bem o formato da pirâmide invertida, principal estrutura técnica de redação dos textos jornalísticos. Neste formato, o relato dos fatos segue a ordem decrescente da sua importância, não havendo, portanto, obediência ao desenvolvimento cronológico (BELTRÃO, 1969). A pirâmide invertida é mais utilizada pelo jornalismo diário factual impresso. A outra técnica de redação de textos jornalísticos é a chamada pirâmide normal, na qual a técnica de relato segue a ordem cronológica da ocorrência dos fatos (BELTRÃO, 1969). A técnica é mais usada em jornais semanários e em grandes reportagens.

De acordo com Canavilhas (2006), as técnicas de redação jornalística sempre ocuparam um lugar de destaque nos cursos superiores da área, “onde a pirâmide invertida é referenciada como uma das técnicas fundamentais do jornalismo escrito” (2006, p. 5). Isso ocorre porque é por meio da pirâmide invertida que o texto jornalístico se organiza. Não foi sempre assim, mas a técnica se convencionou por aspectos meramente funcionais: responde pelo que é considerado mais importante para aquilo que é menos importante no fato. Lage (2005, p. 16, grifo do autor) aponta que, do ponto de vista da estrutura, a notícia se define como “*o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante*”.

Ao seguir nossa linha de raciocínio inicial, discordaremos de Lage (2005), assim como fez Machado (1992), ao defender que o relato noticioso parte do singular para o universal (GENRO FILHO, 1987; MACHADO, 1992). Conforme o modelo estrutural disseminado, a pirâmide invertida é composta por: (a) lide; (b) informações que explicam e amplificam o lide; (c) parágrafos de contextualização; e (d) informações secundárias ou ‘menos importantes’ (FRANCO, 2002).

Kovach e Rosenstiel (2004) lembram que a técnica nunca deve alterar os fatos. “A forma como o jornalista usa a narrativa deve sempre ser governada pelos princípios da exatidão e da veracidade [...]” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 243). Os pesquisadores alertam que a narrativa deve estar a serviço da verdade, como citamos no capítulo 2 desta dissertação (item 2.4. Procedimentos de apuração/2.6. A preocupação com uma apuração de qualidade). Esta, aliás, é uma das características que diferenciam a narrativa jornalística da narrativa literária. Diferente de outros tipos de narrativas (literária, médica, jurídica etc.), a narrativa jornalística como um texto específico traz suas particularidades na escrita, no relato, no modo de narrar, de contar uma história. Conforme Traquina (2008, p. 43), implica a capacidade de mobilizar a linguagem jornalística, “[...] com suas

regras estilísticas (uma sintaxe direta e concisa, palavras concretas, a voz ativa, a descrição detalhada, a precisão do pormenor)”.

Além disso, o jornalismo – através de sua narrativa – contribui para uma maior compreensão dos outros campos sociais (o que acontece no direito, na medicina, na ciência etc.), uma vez que desmistifica determinadas linguagens com o objetivo de informar o público, sendo, deste modo, um texto de “alta comunicabilidade”, conforme Lage (2001). Nas palavras deste autor, a comunicabilidade é “a capacidade de um texto relativamente complexo ser compreendido pelo máximo de receptores diversos, com repertórios diferentes” (LAGE, 2001, p. 85). Mas cada veículo jornalístico “tem o seu estilo redacional próprio, que faz parte de sua personalidade, que o distingue de outros que circulam na mesma comunidade” (BELTRÃO, 1969, p. 38). Isso ocorre porque cada jornal possui seu projeto editorial, que define público, periodicidade e cobertura – aspectos que perpassam o estilo redacional, o modo de narrar.

Os relatos noticiosos não são textos expositivos comuns, como ressalta Benedeti (2009), mas têm um compromisso social com “os princípios de correspondência, coerência, confiabilidade, verificabilidade, comunicabilidade, inteligibilidade, pluralidade, interesse público, independência, isenção e equilíbrio da mediação jornalística” (BENEDETI, 2009, p. 65). São princípios que começam no momento de apuração das informações e dados que irão compor a narrativa jornalística.

Segundo Beltrão (1969), o principal instrumento da narrativa jornalística é a descrição, a exposição detalhada dos acontecimentos, a preocupação em caracterizá-los. O autor considera que a narração jornalística tem três elementos fundamentais que se complementam:

- 1) Os tipos – o personagem (tipo) deve ter suas características distinguidas de outros indivíduos, tornando-se conhecido do público. Além de dar nome ao tipo, o jornalista precisa especificar sua idade, profissão, estado civil, dentre outros aspectos, manifestando, assim, suas características próprias.
- 2) A ação – é o que o tipo fez e que deve ser exposta na narrativa para dar uma ideia de movimento. “Narrar a ação exige ter bem calculados e medidos os episódios, a sua sequência, o seu desenlace, os seus efeitos, desenrolando minuciosamente a intriga [...] (BELTRÃO, 1969, p. 40), por isso o jornalista deve se preocupar com os antecedentes, as circunstâncias e as consequências dos acontecimentos para que o público compreenda o fato.
- 3) O ambiente – corresponde ao local onde se deu os fatos e as condições sociais, culturais e econômicas que lhe são subjacentes e que podem “[...] dar a explicação (o **como** e o **porque**) do sucedido” (BELTRÃO, 1969, p. 40, grifo do autor), questões nem sempre respondidas.

3.2.2. As especificidades da narrativa ciberjornalística

Para compreender as mudanças que ocorrem na produção noticiosa na contemporaneidade, precisamos traçar, de modo breve, o percurso histórico do desenvolvimento da web no Brasil. De acordo com Mielniczuk (2003) e Pavlik (2001), o ciberjornalismo tem evoluído através de três estágios:

1) Primeira geração – Nos primeiros anos (a partir de 1995), os produtos eram reproduções de partes dos jornais impressos, seus modelos-base (MIELNICZUK, 2003; PAVLIK, 2001). Em seu estudo, a autora constatou que não havia “nenhuma evidência de preocupação com relação a uma possível forma inovadora de apresentação das narrativas jornalísticas” (MIELNICZUK, 2003, p. 33).

2) Segunda geração – Data do final dos anos 1990, com o desenvolvimento da estrutura técnica da internet brasileira e seguindo uma tendência mundial de explorar as características da rede para o produto jornalístico. “Ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as publicações para a *web* começam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como *links* com chamadas para notícias [...]” (MIELNICZUK, 2003, p. 34).

3) Terceira geração – Ocasionalizada pela crescente popularização da internet, que ainda está em andamento. Os *sites* jornalísticos vão além da ideia de uma “versão para a *web* de um jornal impresso já existente” (MIELNICZUK, 2003, p. 36, grifo do autor), produzindo conteúdo jornalístico original desenhado especificamente para a *web* como um novo meio de comunicação (PAVLIK, 2001).

Alguns autores (BARBOSA, 2007; BARBOSA; LARRONDO; MIELNICZUK, 2008; MACHADO, 2006) sugerem a quarta geração, etapa na qual a “prática do ciberjornalismo exige a criação de estruturas próprias de apuração, produção e circulação de conteúdos adaptados às características do ciberespaço e dependentes da utilização de bases de dados” (KERBER; MACHADO; MANINI, 2008). O trabalho é multidisciplinar e aproxima as áreas da Comunicação e da Informática (BARBOSA; LARRONDO; MIELNICZUK, 2008).

Os dois estudos de caso desta pesquisa – o *Comunicação*, da UFPR, e o *Impressão*, da UNIBH – se encaixam na terceira geração. Como indicamos no capítulo 1 (item 1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório), os dois produtos laboratoriais apresentam o que identificamos como **produção convergente ou híbrida**, com material pensado originalmente para a *web*, além da tradicional versão impressa. Constatamos ainda que os dois jornais-laboratório começam, aos poucos, a realizar um trabalho multidisciplinar na área da Comunicação – com o suporte dos cursos de Publicidade e Relações Públicas de ambas as universidades –, o que ainda não ocorre com a Informática.

Na contemporaneidade, as organizações jornalísticas tradicionais estão desenvolvendo ou oferecendo produtos jornalísticos para múltiplas plataformas (PAVLIK, 2001), sobretudo nas redes sociais. As experiências são diversas. Não há um formato fechado, “mais avançado” ou “mais apropriado” para a prática jornalística na *web*, como afirma Palacios (2002, p. 2): “Diferentes experimentos encontram-se em curso, sugerindo uma multiplicidade de formatos possíveis e complementares, que exploram de modo variado as características das NTC [Novas Tecnologias da Comunicação]”. Para Mielniczuk (2002, p. 1), o “jornalismo desenvolvido para a *Web* não é uma prática profissional com rotinas efetivamente consolidadas até o presente, um reflexo disso é que os produtos apresentados passam por modificações constantes”. A questão é que o processo de

produção noticiosa (apuração, produção, circulação e consumo) continua se modificando com a recente apropriação das redes sociais pelo jornalismo.

Assim como Mielniczuk (2003), acreditamos que o avanço tecnológico propicia processos de metamorfoses do processo de produção jornalística. A natureza híbrida da rede teria implicações na produção jornalística, sendo responsável por novos formatos (JORGE, 2007). Ao parafrasear Fidler e seu conceito de midiamorfose – que mencionamos no capítulo 1 (1.2.1. O fenômeno da convergência) –, Mielniczuk (2003) aborda o que chama de “metamorfose dos formatos” e parte do modelo narrativo clássico da pirâmide invertida: “As metamorfoses dos formatos das informações jornalísticas são muito explícitas quando surge um novo suporte” (MIELNICZUK, 2003, p. 89). De acordo com Orihuela (2002), a convergência da escrita com os meios digitais dá lugar a um novo modo de estruturar a informação. Hoje, acrescenta o autor, a informação tende a se constituir em espaços navegáveis como redes cujos diversos formatos estão interconectados. É o que ocorre nos dois estudos de caso desta dissertação: os jornais-laboratório *Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH (ver quadro apresentado no capítulo 1 – tópico 1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório).

O procedimento técnico é basicamente o mesmo (singularidade, lide e pirâmide invertida), o que modifica apenas – de acordo com o suporte (meio) – é a estrutura do texto noticioso, ou melhor, como a narrativa jornalística é apresentada. O advento e desenvolvimento do ciberjornalismo deram lugar a uma nova discussão sobre a técnica. Como afirma Jorge (2007, p. 16), o “texto jornalístico nas sociedades ocidentais, que preconizava a utilização de uma fórmula – a pirâmide invertida e sua representação no rádio, jornal, revista e TV –, é colocado em questão no novo suporte digital”. Há autores como Nielsen (1996), que acreditam na realização da pirâmide invertida em meios digitais, e outros que, como Salaverria (2005), a consideram limitadora, além de Canavilhas (2006) expõe a estrutura da pirâmide deitada, que dispõe de uma série de recursos multimídia. Em relação à utilização da técnica da pirâmide invertida no ciberjornalismo, Jorge (2007) conclui:

Quando se fala em pirâmide invertida não se menciona apenas o padrão lide/corpo: está-se tratando da maneira de ordenar as informações da mais para a menos importante. A estruturação de conteúdo com esse princípio parece incorporada ao discurso jornalístico em várias de suas modalidades, não obstante outros tipos de texto em formato ou sob a forma de listas, tabelas e infografias (JORGE, 2007, p. 128).

No que diz respeito às características do jornalismo produzido no ciberespaço, apresentamos a partir daqui a proposta balizada por Palacios (1999, 2002, 2003): multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Mais a instantaneidade ou atualização contínua, em consonância com Mielniczuk (2002, 2003). Seguem abaixo as referidas características do ciberjornalismo que relacionaremos aos jornais laboratório desta pesquisa (o *Comunicação*, da UFPR, e o *Impressão*, da UNI-BH):

- 1) Multimídia/convergência – Mielniczuk (2003) sintetiza tal particularidade: “No contexto do webjornalismo, a multimídia caracteriza a convergência dos formatos das mídias

- tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte” (MIELNICZUK, 2003, p. 48). Representa a utilização de diversos elementos que compõem a narrativa jornalística em um único meio: uso de vídeo, galeria de fotografias e infografias (RIBAS, 2004; MIELNICZUK, 2003). Tais recursos são verificados nos dois estudos de caso desta pesquisa, embora não tenhamos encontrado a utilização de vídeos – com imagem e som – para relatar os fatos.
- 2) Interatividade – Embora diversos autores considerem que o ambiente online possibilite uma maior interação entre leitores e jornalistas, Mielniczuk (2003, p. 41) afirma que “não se pode falar simplesmente em interatividade, e, sim, em uma série de processos interativos” no qual o usuário estabelece relações (a) com a própria máquina; (b) através do hipertexto; e (c) com outras pessoas (MIELNICZUK, 2003). A conclusão da pesquisadora é de que um dos recursos mais utilizados para explorar essa característica é o emprego do *e-mail*, “permitindo que o leitor escreva para a redação do jornal ou entre em contato diretamente com o autor da matéria [jornalística]” (MIELNICZUK, 2003, p.42). Foi o que constatamos nos respectivos jornais-laboratório (*Comunicação e Imprensa*), corroborando o entendimento de que a interatividade não é efetivada (J. TEIXEIRA, 2011). O que ocorre por meio do uso do *e-mail*, além de mecanismos bastante utilizados como os “Comentários” e “Enquete” (no *Comunicação*) e a sessão “Fale Conosco” (no *Imprensa*) são canais que possibilitam a participação do público.
 - 3) Hipertextualidade – Utiliza outros textos para explicar novos acontecimentos (SALAVERRÍA, 2005). O recurso é viabilizado através do emprego do *link*, que, como sugere Ribas (2004), marca a fragmentação do discurso. Segundo Bardoel e Deuze (2000), tal característica faz parte da natureza do jornalismo *online*. Apesar de ser usada pelos dois jornais-laboratório, a hipertextualidade é mais bem explorada no *Comunicação*, que se vale também das *tags* e das “Notícias Relacionadas”.
 - 4) Personalização (ou customização do conteúdo ou individualização) – Conforme Mielniczuk (2003, p. 44), “consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário”, ou seja, são produtos específicos ajustados à demanda do público. O serviço ocorre principalmente através de *newsletter* e *e-mail*. Os jornais estudados não dispõem deste tipo de serviço.
 - 5) Memória – Está relacionada com o espaço ilimitado, que, em tese, serve para armazenamento e disponibilização de material (MIELNICZUK, 2002), o que efetivamente ocorre nos dois jornais-laboratório que compreendem os estudos de caso da pesquisa. O acúmulo de informações na *web* é técnica e economicamente mais viável do que em outros meios de comunicação (PALACIOS, 2002). Assim, “surge a possibilidade de acessar, com maior facilidade, material antigo, o que introduz mudanças tanto na produção quanto na recepção do material jornalístico” (MIELNICZUK, 2003, p. 51). Além disso, os jornais contam com um espaço específico – um quadro em branco onde se digita a palavra-chave relacionada ao assunto de interesse do internauta – para pesquisa do conteúdo produzido e que faz parte da memória do *site*.

- 6) Instantaneidade – Corresponde à rapidez na atualização das informações jornalísticas que, por sua vez, são recebidas em tempo real pelos usuários (MIELNICZUK, 2003). Neste sentido, “o intervalo entre o acontecimento e a publicização do mesmo reduz imensamente” (MIELNICZUK, 2003, p. 8). Essa característica ainda não é efetivada na produção dos jornais *Comunicação e Impressão*.

Mas nem todas as características acima são exploradas no momento de produção da narrativa jornalística. Em sua tese de doutoramento, datada de 2003, Mielniczuk alertava para o fato de que tais “possibilidades não se traduzem, necessariamente, em aspectos efetivamente explorados pelos cibermeios, seja por razões técnicas, de conveniência ou adequação à natureza do produto oferecido” (MIELNICZUK, 2003, p. 40), visto que “a disponibilidade de uma tecnologia não necessariamente implica na sua adoção, muito menos garante que essa adoção seja imediata [...]” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 138). Em se tratando do ensino de jornalismo, o quadro é o mesmo. Os cursos de jornalismo estudados nesta pesquisa ainda não aproveitam as potencialidades do ciberespaço para a etapa de produção. Segue quadro comparativo abaixo:

	<i>Comunicação</i>	<i>Impressão</i>
Multimedialidade/convergência	X	X
Interatividade		
Hipertextualidade	X	X
Personalização		
Memória	X	X
Instantaneidade		

Figura 3 – fonte: autor

Verificamos dois modelos distintos de produção no decorrer da pesquisa de campo realizada nos dois jornais-laboratórios estudados: *Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH. Antes disso, destacamos aqui que o desenvolvimento tecnológico alcançou um nível que permite que o ensino de jornalismo, sobretudo o processo de produção jornalística laboratorial, seja realizado de qualquer lugar que não mais o espaço da sala de aula – como ocorria, por exemplo, nas duas últimas décadas do século 20⁴⁵. A internet trouxe diversas implicações para o ensino de jornalismo (PAVLIK, 2001), como já apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação (1.2. Jornal-laboratório no contexto da convergência). Constatamos que os trabalhos das equipes são facilitados com o uso de recursos advindos da internet como o *e-mail*. O professor Toni Scharlau (2012) traz essa questão:

Acho que o professor tem que puxar muito essa reflexão e fazer com que o aluno produza essa reflexão: qual é o significado de uma entrevista por telefone? Por

⁴⁵ Ver o livro *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor* (1989).

que a gente faz a entrevista por telefone? Por que a gente não faz ao vivo? O que o *e-mail* tem como suporte? Até que ponto ele pode ser usado ou deve ser evitado? Enfim, todas as questões que envolvem a ideia de produção jornalística e a forma como as pessoas refletem sobre a sua própria produção.

O primeiro estudo de caso, o *Comunicação*, apresenta um modelo nomeado aqui como **produção integrada**: os alunos-repórteres redigem o conteúdo jornalístico na estrutura laboratorial que funciona como uma redação integrada (impresso e online), embora tenhamos verificado os que produzem em suas residências (como atividade de casa). O segundo modelo, o *Impressão*, chamamos de **produção disciplinar**, ou seja, realizado como exercício, resultado das disciplinas que integram o referido jornal-laboratório (são elas: Edição Jornalística, Jornalismo Cultural, Redação I, Redação II e Jornalismo Interpretativo).

Do ponto de vista da convergência, certificamos que os jornais estão divididos em duas categorias na etapa da produção. No *Comunicação*, a produção é **integrada**. A equipe de reportagem produz conteúdo jornalístico para os suportes impresso e *online*. Já no *Impressão*, a produção é **compartmentada**, ou seja, dividida por suportes: (1) a equipe que trabalha para o Laboratório de Jornalismo Impresso – produz a versão impressa do jornal *Impressão*; e (2) a equipe que trabalha para o Laboratório de Convergência de Mídias – produz a versão *online* do jornal *Impressão*.

3.3. A edição jornalística

Antes do advento da internet, para se tornar um editor, o repórter demorava alguns anos aprendendo seu ofício (SOSTER, 2006). Entretanto, “a partir do momento em que os computadores entraram para as redações, isso passou a ocorrer casa vez mais prematuramente, à revelia do suporte midiático” (SOSTER, 2006, p. 13). A função do editor, como assinala Machado (MACHADO, 2000), é basicamente corrigir o conteúdo produzido pelo repórter, decidir qual será a abertura e a colocação do material na página. O pesquisador acrescenta que a edição enquanto etapa da produção jornalística nasce somente com a consolidação da empresa jornalística como uma indústria no século XIX (MACHADO, 2000). É, portanto, mais uma etapa de negociações do processo de produção noticiosa (JORGE; MARQUES, 2008; MARQUES, 2008; MARQUES DE MELO, 1985; TUCHMANN, 1978; WOLF, 2003), já que na edição também ocorre uma seleção final de informações.

Por mais que a previsão inicial possa ser alterada, é a edição final que, em última instância, comanda o processo. Aliás, é por causa da edição final que muitas das alterações de pauta terminam acontecendo. Os acontecimentos inesperados também mudam os rumos de uma programação. Eles trazem o frescor do novo e seu apelo é irresistível. O surgimento de tais acontecimentos tem a capacidade de alterar qualquer programação com a qual a redação trabalha (HENN, 1996).

Com a descentralização da produção, houve um relativo afrouxamento das etapas de controle da cadeia produtiva (MACHADO, 2000). O pesquisador constata que o jornalista tende a

redigir, entrevistar, tratar imagens digitalmente, recolher dados sempre que seja necessário e atuar como editor de todo o material que será publicado (MACHADO, 2000), o que causa uma acumulação de funções no jornalismo contemporâneo. A esse fator, acrescentamos a velocidade do processo de produção, que, para Pinheiro (2006), é a “essência do webjornalismo”. Neste sentido, “os cuidados com a edição devem aumentar proporcionalmente em relação ao aumento da velocidade de produção da notícia” (MIELNICZUK, 2006, p. 175).

Os procedimentos de edição no ciberjornalismo não mudam de modo significativo em relação ao jornal impresso, rádio e televisão (MIELNICZUK, 2006), embora cada meio apresente suas particularidades. Segundo Mielniczuk (2006), os procedimentos ficam mais complexos e apresentam “nuances em função das especificidades das redes digitais e da convergência das mídias” (MIELNICZUK, 2006, p. 178). Por isso, o profissional dessa área precisa, dentre diversas habilidades, ter conhecimento de linguagens e softwares para edição de textos e imagens na web, além de saber a lógica de navegação e gerenciamento do produto (PINHEIRO, 2006).

Durante o período de observação, identificamos – fundamentando-nos na pesquisa de J. Teixeira (2011) sobre ensino de jornalismo – dois tipos de edição nos jornais-laboratório estudados: **(1) procedimento realizado pelos alunos com a orientação do professor – Comunicação;** **(2) procedimento no qual os editores são os professores responsáveis – Impressão.**

No jornal *Comunicação*, o material é editado pelos alunos matriculados nas disciplinas optativas Produção e Edição I e II, que são oferecidas no 5º e no 6º período, respectivamente. Os editores fazem seu trabalho sem a presença dos repórteres e sem a interferência do professor. Há apenas uma orientação, como enfatiza o professor Mário Messagi (2012). O processo começa no momento da elaboração da pauta (tema versado no capítulo 2, no item 2.3. Reunião de pauta), trabalho de responsabilidade do editor. Este, por conseguinte, envia a pauta para o repórter, que começa a se ocupar com o trabalho de apuração e redação do texto jornalístico. O editor fica encarregado do procedimento de edição do material para o impresso e para o online.

No jornal *Impressão*, o processo é realizado pelos professores responsáveis, embora haja no currículo do curso da UNI-BH uma disciplina obrigatória de edição (denominada Edição Jornalística e disponibilizada no 5º período) vinculada diretamente ao jornal-laboratório. De qualquer modo, há um retorno para os alunos-repórteres que produzem o material. O professor Maurício Guilherme (2012) explica que “no processo de edição das reportagens, a gente tem buscado falar: ‘olha, faltou isso na sua reportagem’. Então esse aluno vai em busca disso” (SILVA JÚNIOR, 2012). O docente acrescenta que as questões institucionais têm interferido na produção do jornal. Uma das implicações dessa interferência foi o atraso na seleção dos monitores-estagiários do Laboratório de Jornalismo Impresso, que ficariam responsáveis, dentre outras obrigações, pela edição do material produzido.

Eu faço a edição, mas com muitos recados no texto para que o aluno tenha noção do que é preciso apurar, ampliar a apuração e do que ele errou em grande medida. [...] A participação dos alunos está em todos os textos. Nós não fizemos todos os textos. Agora quem vai editar essas matérias? Eu e o Léo [professor Leonardo Cunha]. Ou seja, se os alunos [monitores-estagiários] já estivessem aqui, eles que editariam. Porque pensa bem comigo... Se a gente fosse esperar os alunos para

eles editarem, essa primeira edição ia sair no mínimo no final de maio. Sem condições. Então assim, esse atraso no processo de seleção dos estagiários traz prejuízos essenciais ao jornal porque eu e o Léo [professor Leonardo Cunha] já sabemos editar. [...] A gente busca estimular mesmo assim essa conversa que eu disse. A gente volta com o texto para o aluno e fala: “tem isso, tem isso”. Ele vai e volta com esse texto para nós. Ai nós fazemos a edição. E a Ana Paula, que já é formada, vai depois diagramar. [...] Professor não é para ficar editando o texto do aluno. A gente faz porque gosta, mas quem tem que editar são os alunos. E o professor vai depois e faz sua própria edição com o aluno do lado (SILVA JÚNIOR, 2012).

O relato do docente da UNI-BH, Maurício Guilherme, demonstra mais uma contradição: a interferência das questões institucionais no processo de produção noticiosa, mais especificamente no que diz respeito à edição do material produzido, que, em tese, deveria ser realizada pelos próprios alunos com a orientação do professor. O atraso na seleção de monitores-estagiários, alunos do curso de Jornalismo da UNI-BH, faz com que os dois professores-responsáveis pelo *Impressão* sejam os mentores restritos do procedimento de edição do conteúdo noticioso.

No Laboratório de Convergência de Mídias, a experiência é a mesma do Laboratório de Jornalismo Impresso. Como “todos são repórteres convergentes” (TÁRCIA, 2012), o procedimento de edição é realizado pelo técnico do laboratório em conjunto com a professora Lorena Tárzia.

3.4. O fator tempo na produção laboratorial

O tempo é um elemento inerente ao jornalismo e seus processos de produção. Com o advento do telégrafo, a notícia se aproxima mais ao tempo do fenômeno, o que contribuiu para que a informação passasse a ter um novo valor, ligado com o cálculo do tempo (MACHADO, 2000), condição que, conseqüentemente, intensificou “a pressão temporal no jornalismo” (BENEDETI, 2009, p. 66). Traquina (2008) afirma que se o campo jornalístico fosse um país, sua paisagem “estaria marcada, em todo e qualquer lugar, pela presença de relógios” (TRAQUINA, 2008, p. 37). Isto porque o tempo é um fator fundamental tanto no que diz respeito aos fatos correntes quanto na produção desses acontecimentos singulares. Afinal, o jornalismo “reconstitui a singularidade, simbolicamente, tendo consciência que ela mesma se dissolve no tempo” (GENRO FILHO, 1987, p. 61). A natureza do singular é ser efêmero, como acrescenta Genro Filho (1987).

De acordo com Traquina (2008), “o fator tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento” (TRAQUINA, 2008), o que chamamos no jargão jornalístico de fechamento. Isso ocorre porque o jornalismo tem uma demanda imediata, na qual os termos “simultaneidade e imediatismo são mais apropriados para nos referirmos à *velocidade de produção e recepção* das informações” (BENEDETI, 2009, p. 66, grifo do autor). Aliás, a demanda do jornalismo contemporâneo tem sido cada vez mais pelo imediatismo.

A relação entre o fator tempo e o jornalista é tão fundamental que constitui um fator central na definição da competência profissional. Ser profissional implica possuir uma capacidade performativa avaliada pela aptidão de dominar o tempo em vez de ser vítima dele (TRAQUINA, 2008, p. 40).

Como um dos elementos mais distintivos da tribo jornalística, a relação com o tempo precisa ser vivenciada pelo futuro jornalista porque faz parte de sua cultura profissional (TRAQUINA, 2008). Essa experiência acontece durante a produção do jornal-laboratório, que é diferente quando tratamos de um produto de caráter laboratorial. “Nosso tempo da escola [universidade] é um tempo que não reproduz a realidade [profissional]”, reconhece a professora Lorena Tárzia (2012). A relação com o fator tempo é bem característica no jornal-laboratório, porque se dispõe de um período suficiente para preparação do material. De qualquer modo, o aluno deve ter noção de que o tempo “é um fator fundamental para a definição do conteúdo (atualidade, novidade), da linguagem (forma de expressão) e da estrutura de produção da informação jornalística” (BENEDETI, 2009, p. 69). Portanto, se o fator tempo não for levado em conta durante a prática laboratorial, o sentido da produção – em simular a realidade profissional – se perde.

É importante ter em mente que a organização jornalística funciona dentro de um ciclo temporal (TRAQUINA, 2008), mesmo que seja diário (como é o caso das edições online dos dois jornais-laboratório estudados nesta pesquisa – *Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH), semanal, mensal (a exemplo da edição impressa do *Comunicação*) ou bimestral (como a edição impressa do *Impressão*). Por isso, é fundamental “organizar a aparente instabilidade dentro de um ciclo diário [semanal, mensal, bimestral] no qual cabem esses produtos” (TRAQUINA, 2008, p. 39).

Verificamos que o jornal-laboratório *Comunicação* possui essa “organização aparente”, uma vez que conta com uma equipe hierarquizada com repórteres, editores, coordenadores de áreas e editor-chefe, dentre outros cargos (como ilustramos no capítulo 2 – tópico 2.3. Reunião de pauta), além de reuniões de pautas semanais com a presença do professor Mário Messagi – o que demonstra algum tipo de planejamento de cobertura. Embora o *Comunicação* seja um jornal-laboratório, essas características fazem dele um veículo mais próximo da realidade profissional do jornalismo. “Eles [os alunos] produzem com *deadlines* definidos: em função do impresso e para o online. A gente regula a maneira como se pode pedir a prorrogação de *deadline* ou não. Os *deadlines* são mais curtos quando as pautas são factuais” (MESSAGI JÚNIOR, 2012). Assim sendo, classificamos o *Comunicação* como um tipo que podemos chamar de **produção profissional**, pois apresenta tais características – equipe hierarquizada, fechamentos bem definidos e publicações periodicamente regulares.

No *Impressão*, levamos em consideração os contratempos: “Normalmente, a gente tem um tempo, até porque são duas edições semestrais. Mas ainda assim, quando chega na hora de fechar é um desespero” (CUNHA, 2012). Já o professor Maurício Guilherme, o docente que divide a produção do jornal *Impressão* com Leonardo Cunha afirma que a relação com o tempo é flexível: “Temos nossos prazos, nosso *deadline*, porque as coisas precisam ser fechadas. Mas isso é extremamente discutível, negociável. Se um aluno quer trabalhar melhor a reportagem em uma semana ao invés de entregar em dois dias, por que não?” (SILVA JÚNIOR, 2012). Deste modo, categorizamos o *Impressão* como **produção escolar**, uma vez que “respeita” o tempo do aluno.

É importante nos atentarmos que este tipo de produção – que denominamos **produção escolar** – representa um problema para o ensino de jornalismo e, conseqüentemente, para o futuro profissional que não vai experimentar uma prática, que, cada vez mais, é determinada pelo fator tempo. Ainda mais se o jornal-laboratório tem um projeto editorial com público e periodicidade definidos (BRONOSKI; XAVIER, 2010; KIMURA, 2006; LOPES, 1989; MARQUES DE MELO, 1984; OLIVEIRA; RODELLI, 2007; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002). Em uma analogia ao livro de Lopes (1989), possibilitar que o aluno experimente fechamentos pré-estabelecidos, é afastar o jornal-laboratório de um mero exercício escolar, aproximando-o a um jornalismo que tem como compromisso o público-leitor. No entanto, destacamos que tal prática foge da lógica industrial do jornalismo contemporâneo. Os professores precisam saber sanar essa contradição na produção laboratorial.

3.5. A preocupação com um produto jornalístico de qualidade

O futuro profissional do jornalista depende de sua formação acadêmica, pois sua “preparação passa pela universidade” (MEDITSCH, 2007, p. 59). Embora adote a perspectiva da profissão, o processo de produção noticiosa realizado na universidade é diferente do procedimento que o baliza em diversos aspectos. O principal deles é a relação com o fator tempo. Neste aspecto, a lógica existente em uma redação profissional é diferente da lógica de uma redação laboratorial. Não existem cobranças de caráter mercadológico, por exemplo, e, conseqüentemente a pressa pelo “furo jornalístico”. Esse elemento influencia diretamente na qualidade do trabalho jornalístico. Sem cobranças de outra ordem, os alunos que iniciam a prática jornalística na universidade dispõem de um tempo maior para produzir.

Um conteúdo jornalístico pode possuir qualidade sem utilizar as possibilidades da hipertextualidade, da multimídia ou da interatividade, assim como pode contar com esses recursos e não ter nenhum valor informativo (SALAVERRÍA, 2005; J. TEIXEIRA, 2011). No aspecto conteudístico, o mínimo que se exige de um produto de qualidade é que seja fundamentado nos princípios básicos da narrativa jornalística: precisão, clareza, concisão. O professor Mário Messagi questiona: “Quais são as condições para você fazer bom jornalismo?” (MESSAGI JÚNIOR, 2012). E, em seguida, responde:

Primeiro, tem que ter competência técnica, tem que ter uma capacidade de levantar, de descobrir, de apurar, checar informação para ter informação de boa qualidade, informação completa, precisa, informação nova. E ao mesmo tempo, ter capacidade de redigir. Então, o bom jornalismo pressupõe bons jornalistas, mas também pressupõe condições institucionais. [...] Aqui a gente tenta dar condições como independência editorial, liberdade, tempo suficiente para eles [os alunos] produzirem, e acompanhamento para que eles consigam tecnicamente desenvolver e se aprimorar para fazer bom jornalismo (MESSAGI JÚNIOR, 2012).

Com as informações apuradas, estruturadas no formato de um texto específico, o texto jornalístico, e finalmente editado, é o momento de fazê-lo circular (para utilizar o termo do ciberjornalismo), possibilitando-o chegar ao público e finalizar o processo de produção noticiosa, como tratamos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

A CIRCULAÇÃO NO JORNAL-LABORATÓRIO: DIFERENTES MEIOS

A notícia só ganha existência plena como um produto social quando circula.
Robert Park, 1925

De acordo com Machado (2006, 2008), a circulação é, dentre as etapas do processo de produção jornalística, a menos discutida na bibliografia especializada, o que traz “prejuízos para a compreensão da dinâmica do jornalismo como um complexo de sistemas integrados (apuração, produção, circulação e financiamento)” (MACHADO, 2008, p. 21). Reconhecemos que a discussão acerca do processo de produção noticiosa fica pendente, sobretudo na contemporaneidade, com a multiplicação de plataformas de disseminação de informações jornalísticas. Esse quadro provoca uma contradição nas teorias do jornalismo: a produção acadêmica sobre o Jornalismo não acompanha alguns dos aspectos da prática profissional. Tendo em vista tal constatação, estruturamos esta dissertação, de modo que o presente capítulo analise especificamente os mecanismos existentes para promover a circulação no jornal-laboratório. Para alcançar este objetivo, iniciaremos nossa discussão apontando os sistemas de circulação de informações jornalísticas (seu sentido, um breve histórico e a nossa opção pelo termo “circulação”, em detrimento de outras nomenclaturas – difusão, transmissão e publicação – utilizadas com a mesma finalidade). Trataremos seguidamente do que chamamos de “meios como possíveis agregadores de informações jornalísticas”, buscando uma abordagem que questione se existe o fenômeno da convergência. Ainda neste tópico, distinguiremos a circulação efetivada por meio (1) do jornal impresso; (2) de blogues e *sites*; e (3) das redes sociais, sobretudo *Facebook* e *Twitter*. No tópico posterior, apresentaremos os tipos de circulação de informações jornalísticas dos jornais-laboratório, identificados durante a pesquisa de campo. Versaremos também sobre os dispositivos de memória, além da importância da reunião de avaliação para a produção laboratorial. Por fim, apresentaremos uma questão: a circulação – fora o consumo (que não é tratado nesta dissertação) – representa a finalização do processo de produção jornalística?

4.1. Sistemas de circulação

Com o produto jornalístico pronto, seja ele jornal, revista, radiojornal, telejornal, webjornal, começa um dos maiores desafios do jornalismo enquanto atividade industrial complexa: fazer com que as informações que passaram por um processo de apuração, produção e edição sejam distribuídas pelos mais diversificados canais para que alcancem o maior número possível de pessoas (MACHADO, 2000, 2006, 2008; ROSHCO, 1975), embora o veículo tenha um público-alvo.

O caráter crucial da circulação para a disseminação social das informações exige que a definição do sistema de circulação seja uma etapa prévia ao lançamento de qualquer projeto jornalístico a fim de evitar que, uma vez concluído o trabalho de produção, a informação disponível sofra restrições para chegar aos mais

diferentes tipos de públicos. Nada poderia ser mais temerário para uma organização que montar sofisticados sistemas de apuração e produção sem uma adequada contrapartida na circulação (MACHADO, 2008, p. 21).

Por isso, esta última etapa do processo – assim como as anteriores (apuração e produção) – pressupõe planejamento. A circulação liga o produto noticioso (os acontecimentos) ao público (ROSHCO, 1975). Se o produto final não chega ao público, a produção jornalística perde o sentido. Deste modo, a notícia só adquire existência propriamente dita a partir do momento que uma empresa jornalística a dissemina para os cidadãos (PARK, 1925; ROSHCO, 1975). O aumento da circulação proporciona algumas implicações para a organização noticiosa, especialmente visibilidade (prestígio, publicidade etc.).

Por um lado, a multiplicação de plataformas de disseminação de informações existentes no ciberespaço diversifica as possibilidades de difusão, e, por outro, aumenta os riscos de fracasso do projeto, caso o sistema adotado ignore as especificidades dos atores envolvidos e as características que constituem as redes de circulação de informações demandadas pelas organizações jornalísticas na sociedade contemporânea (MACHADO, 2006, 2008).

Conforme Tuchmann (1978), por conferir um caráter público a ocorrências, a notícia – e, conseqüentemente, o jornalismo – é, antes de tudo, uma instituição social. A autora acrescenta que a notícia (1) é um método institucional de tornar informações acessíveis a consumidores; (2) é uma aliada das instituições legitimadas (a política, a igreja etc.); e (3) é localizada, apurada e disseminada por profissionais trabalhando em organizações. Conseqüentemente, a notícia é o produto de uma instituição social e se baseia em relacionamentos com outras instituições (TUCHMANN, 1978). Assim sendo, a circulação completa o processo de produção noticiosa. É por meio deste mecanismo que ocorre efetivamente o processo relacional entre o produto e o público, que estabelece uma espécie de conversação.

Aliás, a multiplicação de plataformas de disseminação de informações nos levou a optar pelo termo circulação em detrimento da palavra difusão (usada para os estudos relacionados ao telejornalismo) ou mesmo do vocábulo transmissão (que denota uma relação unidirecional, já que a mensagem é apenas passada/transferida de um meio de comunicação para o público) ou ainda da palavra publicação (já em desuso em se tratando do conceito para o qual é apropriada). Pelo fato de aproveitar as características interativas da tecnologia digital para estimular a participação dos cidadãos (MACHADO, 2000), entendemos que o termo circulação é o que mais se aproxima tanto da produção ocorrida no ciberespaço – o que, por sinal, é usado pelos pesquisadores da área (FOLETTTO, 2009; MACHADO, 2000, 2006, 2008; PALACIOS, 2011; J. TEIXEIRA, 2011; VIRISSIMO, 2009) – quanto dos tradicionais produtos impressos ou produtos jornalísticos de uma forma geral (RODRIGO ALSINA, 2009; ROSHCO, 1975).⁴⁶ Machado (2006, 2008) leva em conta o fator histórico ao adotar a terminologia circulação.

⁴⁶ Outros pesquisadores, como Mielniczuck (2003) e Schwingel (2007, 2008), utilizam o termo publicação.

Como o próprio termo define, um sistema de distribuição opera de forma centralizada, mantém uma hierarquia rígida entre os participantes e tem como objetivo principal a entrega das informações ao consumidor final. Muito mais flexível, um sistema de circulação funciona sem necessidade de uma hierarquia rígida, adota a descentralização como modelo padrão e tem como objetivo principal a disseminação das informações produzidas nestes diferentes centros. Um simboliza a apologia ao consumo enquanto o outro simboliza a apologia da participação (MACHADO, 2008, p. 26).

A incorporação de uma nova tecnologia no processo de produção jornalística provoca profundas transformações na prática profissional e possibilita aos consumidores uma diversidade de produtos noticiosos (GORDON, 2005; PAVLIK, 2008). O aperfeiçoamento da tecnologia de impressão, nos anos 30 do século XIX, permitiu a produção de jornais diários, com grandes tiragens, vendidos a preços baixos e financiados por publicidade (MACHADO, 2006, 2008). Invenções como o telégrafo e as estradas de ferro aumentaram não só a capacidade de circulação dos jornais, mas também a disponibilidade de informação, passível de ser usada para a produção de notícias (SOUSA, 2001; TRAVANCAS, 1993). Quase cem anos depois, a junção tecnológica entre impressoras mais modernas e câmeras fotográficas ofereceu condições necessárias para o lançamento de revistas ilustradas (MACHADO, 2006, 2008; SOUSA, 2001). O mesmo acontece em relação ao rádio e à televisão: as organizações jornalísticas utilizam a tecnologia para criar e distribuir conteúdos, muito antes da definição de um modelo de negócios sobre os meios de comunicação (GORDON, 2005; MACHADO, 2006, 2008).

A história do jornalismo mostra que as empresas já estabelecidas acabam se adaptando ao advento de uma nova tecnologia, do contrário deixam de existir. A televisão, por exemplo, representou um desafio para a imprensa (BRIGGS; BURKE, 2004). Como consequência, quando a televisão “teve que se preocupar com outra mídia, tanto em termos culturais quanto de negócios, precisou examinar as possíveis mudanças futuras de seu próprio papel” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 219). Os produtos laboratoriais precisam se atentar para essa realidade dinâmica dos meios de comunicação. O suporte impresso, por exemplo, pode até deixar de existir, mas surgirão outras formas de fazer circular o material jornalístico.

Por se tratar de um mecanismo fundamental na produção, circulação e ação para a rede de disseminação de informações – inclusive antes da consolidação do ciberespaço – “o jornalismo empreendeu um profundo processo de reestruturação para adaptar-se aos incipientes espaços nacionais e mundiais” (MACHADO, 2008, p. 22). A competição com os meios eletrônicos (rádio e televisão) e o intuito de aproximar-se cada vez mais aos consumidores são dois fatores que fizeram com que os jornais de grande circulação (fundados em sua maioria no século XIX) passassem a delimitar estratégias de descentralização dos mecanismos de distribuição do produto noticioso com o objetivo de alcançar um número máximo de pessoas (FOLETTTO, 2009; MACHADO, 2006, 2008; MORGAINÉ, 1972).

Os sistemas de circulação, portanto, atendem a uma demanda social e dependem das possibilidades culturais, econômicas e tecnológicas da sociedade (MACHADO, 2006, 2008). Ou seja, estão sujeitos a uma série de fatores que extrapolam a estrutura da empresa jornalística. No

jornal-laboratório, por exemplo, que não tem uma característica empresarial, as possibilidades de circulação do material produzido para o suporte impresso dependem diretamente das questões institucionais (GUTSCHE JR., 2011; PRUDENCIO; VIEIRA, 2011), como abordamos no capítulo 1 (1.2.2. Jornal-laboratório: características). Os produtos laboratoriais impressos subordinam-se à verba da universidade para serem impressos. O *Comunicação* sofre menos os reflexos dos trâmites acadêmicos da UFPR. O docente Toni Scharlau (2012) conta que até o ano de 2011, o jornal era produzido na gráfica da universidade, que funciona dentro do campus, por isso depende das demandas institucionais. Em decorrência disso, foi feito um contrato com um jornal diário tradicional de Curitiba que tem gráfica própria: “[...] a gente manda e, no outro dia, eles devolvem” (VIEIRA, 2011). No *Impressão*, o procedimento é diferente: “A gente faz três ou quatro orçamentos e escolhe uma delas. Mas é sempre uma mesma gráfica que acaba dando o melhor orçamento” (CUNHA, 2012). Durante a pesquisa de campo, verificamos que o *Impressão* sente as interferências institucionais (GUTSCHE JR., 2011) – neste caso, da gestão privada da UNI-BH – de modo mais evidente que o *Comunicação*, da UFPR, que é uma universidade pública federal.

O desenvolvimento da internet possibilitou uma mudança significativa nos sistemas de distribuição de informações (BRIGGS; BURKE, 2004; FOLETTO, 2009; MIELNICZUK, 2003), propiciando, conseqüentemente, uma maior participação do público na produção noticiosa. Como afirmam Machado (2003) e Schwingel (2008), as ferramentas de publicação de conteúdo no ciberjornalismo apresentam novas possibilidades para o próprio jornalismo, uma vez que o usuário foi incorporado ao processo de produção, como indica o jornalismo participativo. A questão é que as “redes telemáticas e sua lógica de funcionamento quebraram o último elo de controle técnico de circulação de informações ao romperem o monopólio dos canais de divulgação” (BARBOSA, 2007, p. 77). Até então, a disseminação de informações no jornalismo tradicional “se submetia a uma arquitetura central e hierárquica, onde poucos escolhiam o que muitos iam consumir” (FOLETTO, 2009, p. 89). A respeito dessa mudança, Barbosa (2007) explica que a liberação do polo de emissão das mensagens ocorre concomitantemente com a liberação dos espaços de circulação cujas ferramentas se tornaram cada vez mais simplificadas e eficientes para os cidadãos.

É importante destacar ainda que o mecanismo de circulação de informações jornalísticas na contemporaneidade vai além dos tradicionais estabelecimentos fixos de venda ou até mesmo dos vendedores itinerantes, como ocorria habitualmente até o final do século XX. Em uma analogia, Machado (2006, 2008) afirma que reduzir o sistema de circulação aos pontos de venda é o mesmo que tentar decifrar os enigmas do corpo humano por meio das particularidades do esqueleto.

A rede de circulação de notícias, portanto, é mais do que os pontos de venda, um simples caminho ou via de acesso para distribuição de dados ou publicações porque atua como um instrumento que autoriza os contatos entre os atores sociais localizados em lugares [cada vez mais] remotos (MACHADO, 2008, p. 25).

Talvez nenhuma parte do jornalismo moderno tenha sido mais visivelmente transformada do que a forma como as notícias são distribuídas e publicadas (PAVLIK, 2001). O que verificamos é

que a internet possibilitou que o produto noticioso se tornasse potencialmente capaz de extrapolar todo e qualquer espaço físico, podendo chegar a qualquer lugar. A multiplicação de plataformas de disseminação de informações jornalísticas, no caso dos produtos laboratoriais – e estamos nos referindo de modo mais específico aos jornais-laboratório –, possibilitou que professores e estudantes se preocupassem ainda mais com o conteúdo produzido na universidade, pois um número maior de pessoas passou a acompanhá-los. Pavlik (2001) assegura que o jornalismo de todas as partes do mundo passou a estar universalmente disponível. Essa realidade é irreversível e, no caso dos veículos de caráter laboratorial, só aumenta a responsabilidade a respeito do conteúdo publicado. Os alunos estão mais sujeitos às críticas, o que pode ser fundamental no processo de ensino-aprendizagem – a depender da metodologia do professor-responsável.

4.2. Os meios como possíveis agregadores de informações jornalísticas: a efetivação da convergência?

As informações jornalísticas aparecem distribuídas social e geograficamente entre os diferentes meios (MACHADO, 2006, 2008). O advento das tecnologias digitais possibilitaram múltiplas possibilidades de disseminação do material jornalístico. Como afirma J. Teixeira (2011), são distintas – e cada vez mais variadas – as formas de acessar conteúdos proporcionados por ferramentas de comunicação não tradicionais. Hoje, o cidadão pode acessar informações de qualquer lugar do globo tendo como suporte um celular conectado à internet. Para Machado (2008), um sistema de circulação atua sobre o espaço “como um conjunto de meios, nos quais as formas e os conteúdos de uns são determinados pelas articulações com os demais” (MACHADO, 2008, p. 28-29).

Enquanto que, nos sistemas de distribuição de informações, as notícias simultâneas sobre acontecimentos distantes são idênticas para os membros de uma mesma audiência, a arquitetura dispersa das redes digitais multiplica as sucessões espaciais virtuais em conformidade com as expectativas individuais das pessoas dos distintos lugares. A natureza aberta da navegação nas redes digitais multiplica de forma exponencial a circulação unificada como notícias dos eventos remotos porque o tempo do conhecer e o conjunto das ações sincrônicas são, ao menos em parte, variáveis dependentes das eleições dos usuários (MACHADO, 2008, p. 29).

De acordo com Machado (2006, 2008), os sistemas de circulação ou de distribuição noticiosos podem ser: (1) dinâmicos – têm como principal atributo ir ao encontro do público (venda de publicações na rua, assinatura ou serviço de correio eletrônico); (2) estáticos – nestes, o público interessado é que vai em busca das publicações para ter acesso às informações jornalísticas (venda em banca, além de somente ter acesso ao produto em emissoras de rádio, televisão ou portais). Os primeiros, os sistemas dinâmicos, estão de acordo com o que estabelece a estrutura do ciberespaço, “formada pela articulação de múltiplos centros de produção”, mas que “por enquanto [ainda são] muito dependentes de modelos centralizados” (MACHADO, 2008, p. 31). De qualquer modo, “a

disseminação de informações no ciberespaço depende cada vez mais de sistemas dinâmicos, múltiplos e inteligentes de circulação, em contraposição aos sistemas estáticos e centralizados, adotados nos primeiros anos pelos ciberjornalistas” (MACHADO, 2008, p. 22).⁴⁷ Entretanto, como afirma Machado (2006, 2008), os dois tipos de modelos são cumulativos e podem coexistir.

Correia (2010) trata de dois fenômenos complementares que trouxeram transformações nos mecanismos de circulação das informações jornalísticas: a convergência e a descentralização da produção.

A convergência vem mostrar novas plataformas para a circulação do produto, novos modos de fazer com que essa etapa, compreendida através de seu envio, seu processamento no meio social e seu retorno, seja efetivamente realizada, e saber o posicionamento profissional frente a essa nova realidade. A descentralização propõe a apropriação do produto jornalístico pelo público para que esse seja parte atuante dos mecanismos de circulação, modificando ou não o conteúdo em si, mas sempre se manifestando para a propagação desse conteúdo (CORREIA, 2010, p. 58).

As consequências da convergência no jornalismo aparecem nas suas formas de produção e, evidentemente, nos produtos oferecidos ao público (T. TEIXEIRA, 2012). A natureza do produto que circula nestes sistemas – no caso aqui, a informação jornalística – “possibilita que, em função do tempo de consumo, um mesmo fato possa ser compartilhado com diferentes tipos de público, utilizando redes de circulação distintas” (MACHADO, 2008, p. 32). Como explica o autor, uma notícia pode ser divulgada em diferentes momentos (do dia, por exemplo) por canais distintos para os mais diversos tipos de público. Afinal, com o fenômeno da convergência, “não dependemos de um mecanismo de distribuição específico” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 248).

A circulação de informações jornalísticas que, nas organizações jornalísticas convencionais, estava a cargo de profissionais especializados, vinculados aos departamentos de distribuição em conexão com as redes de postos de venda, tornou-se, na atual etapa processo de produção, um fato social descentralizado, pelo qual todos os participantes destes sistemas são responsáveis. Esse é um detalhe que fica evidente no dispositivo-padrão para envio de notícias para amigos ou conhecidos incorporados nos recursos de interação de quase todas as organizações jornalísticas existentes no ciberespaço (MACHADO, 2008, p. 32-33).

Com isso, o cidadão passou de “simples” usuário para um potencial “distribuidor” de informações, uma vez que promove a circulação de produtos jornalísticos. As redes sociais têm um importante papel nesses mecanismos, uma vez que funcionam como um espaço a mais para circulação de informações de caráter noticioso (AMARAL; KEHL, 2012; FOLETTO, 2009; MIELNICZUK et al, 2011; J. TEIXEIRA, 2011; ZAGO, 2008, 2011, 2012).

A partir das considerações sobre os procedimentos de circulação de informações jornalísticas, elencamos três diferentes tipos de meios/suportes pelos quais a produção noticiosa é

⁴⁷ Foletto (2009) identifica duas nomenclaturas para os sistemas de circulação nos *blogs* jornalísticos: os dinâmicos simples – apresentam poucas ferramentas de distribuição do conteúdo – e os dinâmicos complexos –

distribuída nos dois jornais-laboratório estudados nesta dissertação (*Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH). Como a nossa compreensão sobre o contexto da convergência é caracterizado pelos princípios da midiamorfose (FIDLER, 1997), dividimos – também com base na explanação realizada no primeiro capítulo desta dissertação (1.3. Tipos e formatos: fases de desenvolvimento dos jornais-laboratório) – os mecanismos de circulação no processo de produção jornalística na contemporaneidade da seguinte forma: (1) jornal impresso; (2) blogs e *sites*; e (3) redes sociais. É importante destacar que chegamos a essa distinção porque ambos os produtos laboratórios contêm as três formas de circulação, a ver:

(1) O jornal impresso – As questões institucionais (GUTSCHE JR., 2011; PRUDENCIO; VIEIRA, 2011) das quais falamos no primeiro capítulo (1.2.2. Jornal-laboratório: características) costumam ter maior interferência nesta forma de circulação do produto laboratorial. Isto ocorre porque a impressão do jornal é feita em uma gráfica, que pode ter ou não vínculo direto com a universidade. De qualquer modo, esse trâmite exige licitação e verba específica para pagar os encargos. No caso do *Comunicação*, da UFPR, o professor Toni Scharlau (2012) conta que:

Até o ano passado, ele [o *Comunicação*] era produzido aqui na gráfica da universidade, que, inclusive, funciona dentro desse campus. Só que a gráfica funciona com uma lógica não comercial. Se aparecia um pedido do reitor, entrava na nossa frente. A gente nunca tinha prioridade, nunca tinha periodicidade certa. Esse ano, nós temos um contrato com um jornal diário tradicional que tem gráfica e a gente manda e, no outro dia, eles devolvem (VIEIRA, 2012).

O fato de que o jornal seja impresso numa gráfica fora da universidade, não quer dizer que o *Comunicação* não sofra restrições da instituição. Em se tratando do *Impressão*, da UNI-BH, o próprio professor Leonardo Cunha expôs essa interferência, como discutimos no primeiro capítulo (1.2.2. Jornal-laboratório: características). Só para rememorar, o docente (CUNHA, 2012) disse que houve uma redução pela metade no número de edições semestrais de jornais: de quatro passou para duas publicações.

(2) Os blogs e os sites – A utilização dessas ferramentas tem se tornado cada vez mais comum nos cursos de Comunicação porque não necessita de maiores investimentos financeiros. Neste sentido, “os blogs produzidos pelos estudantes de jornalismo podem ser classificados como *blogs de jornalistas* (mesmo que em formação) que mantém blogs temáticos não vinculados a produtos impressos ou digitais” (PALACIOS; RIBAS, 2008, p. 3, grifo do autor), assim como também mantém blogs vinculados aos produtos laboratoriais.

Os dois estudos de caso desta pesquisa ultrapassaram a plataforma blogue e contam atualmente com *sites* como mecanismo de circulação das informações jornalísticas produzidas pelas equipes. Nenhum dos professores entrevistados citou o blogue como suporte de produção jornalística. O professor Toni Scharlau afirma que “[...] por ter uma atualização diária, por ter um *site* que funciona que tem visibilidade, que tem repercussão, isso acaba ampliando a

possuem um conteúdo com distribuição mais ativa.

responsabilidade dos alunos e dando para eles mais motivação para trabalhar” (VIEIRA, 2012). Embora os docentes do curso de Comunicação da UNI-BH não tenham citado o *site*, o jornal *Impressão* conta com esse meio de publicação das informações produzidas pelos alunos.



Figuras 4 e 5

(3) As redes sociais – São suscetíveis a múltiplas formas de apropriação por seus usuários, mas se tornaram – em sua maioria – meios de compartilhamento de conteúdos jornalísticos, embora não tenham surgido com tal intenção (CHRISTOFOLETTI; SILVA, 2010; J. TEIXEIRA, 2011; ZAGO, 2008, 2011). Apresentam um modo de circulação de informações mais recente na produção jornalística e crescem cada vez mais na utilização pelas organizações noticiosas. Recuero (2009), por sua vez, afirma que funcionam como uma rede de informações que filtra, recomenda, discute e qualifica o conteúdo que circula no ciberespaço. No aspecto da convergência, a interatividade no campo do jornalismo é mais bem verificada no uso das redes sociais (MIELNICZUK et al, 2011), na medida em que possibilita uma resposta imediata as questões colocadas pelo público/usuários. O mecanismo de interatividade é proporcionado pelo fato das redes sociais terem um caráter de “mensageiros instantâneos”, para usar uma expressão de Orihuela (2007). O que constatamos é a utilização das redes sociais – assim como blogues e *sites* (que também funcionam como redes sociais) – como agregadores do conteúdo jornalístico. Isso significa que “a etapa de circulação jornalística estaria sendo potencializada” (ZAGO, 2012, p. 251) pela utilização desses meios na disseminação de informações noticiosas.

Destacamos os dois tipos de redes sociais mais usadas pelos estudos de caso desta pesquisa e acompanhamos as postagens realizadas nos perfis dos jornais-laboratório durante a primeira semana de outubro de 2012 (entre os dias 1º e 5 do mês, que corresponde ao período que vai de segunda à sexta-feira).

(3.1) Facebook – De acordo com as possibilidades e as limitações, a plataforma apropriada pelo jornalismo tem a função de reunir usuários para a troca de informações (AMARAL; KEHL, 2012).

O espaço é usado como estratégia de divulgação para as organizações jornalísticas que buscam chamar a atenção do usuário do serviço para o seu produto noticioso.

O *Comunicação* tem uma página no *Facebook* desde 11 de novembro de 2010 (<http://www.facebook.com/jornalcomunicacao?ref=ts&fref=ts>). Nas informações do perfil – assim como nas postagens –, faz conexões com o site do jornal. No caso específico das postagens, os *links* levam ao site, estabelecendo uma ligação convergente. A maior parte das postagens é feita com o uso da fotografia. No período referente à análise, foram publicadas quatro diferentes tipos de conteúdos jornalísticos: duas no dia 1º de outubro, uma no dia 4 de outubro e uma no dia 5 de outubro. A postagem seguinte, feita no dia 15 de outubro, trazia a seguinte informação: “O site do Jornal Comunicação está passando por mudanças. Se você teve problemas ao acessá-lo, pedimos desculpas. Em breve ele estará de cara nova!”. As publicações seguem sendo realizadas eventualmente. Isso representa que o *Facebook* do jornal *Comunicação* é um espaço alternativo para publicação do material produzido.



Figura 6

Com relação ao *Impressão*, localizamos três páginas do jornal no *Facebook*: uma criada no dia 23 de abril de 2010 (<http://www.facebook.com/unibh.jornalimpresso>); uma iniciada no dia 25 de março de 2011 (<http://www.facebook.com/jornalimpresso.unibh>); e outra que teve início em 24 de maio de 2012 (<http://www.facebook.com/pages/Impress%C3%A3o-Jornal-Laborat%C3%B3rio-do-Unibh/330279467040134?fref=ts>). O fato de ter três páginas diferentes, sem relação aparente entre as contas na rede social – uma com a logo do jornal, um sem foto no perfil e outra com a capa de uma das edições do jornal impresso – demonstra duas possibilidades sobre as páginas existentes: (1) ou não houve qualquer comunicação ou planejamento dentro da equipe que compõe o jornal no que diz respeito à possibilidade de publicação de conteúdo noticioso no *Facebook*; ou (2) as páginas referem-se a atividades de diferentes turmas dentro do curso de Jornalismo da UNI-BH. As páginas

não apresentam conteúdo jornalístico publicado, embora contenham amigos adicionados – um delas possui apenas um.



Figuras 7, 8 e 9

(3.2) *Twitter* – Funciona como uma espécie de blogue simplificado (ZAGO, 2008, 2011), uma vez que cada postagem não usa mais que 140 caracteres. O *Twitter* tem sido usado tanto “como

ferramenta para produção jornalística como também [para] incorporá-lo e exibir seu conteúdo junto ao site da publicação” (ZAGO, 2008, p. 13).

Com página na rede social desde 28 de abril de 2009, o *Comunicação* pode ser encontrado no endereço eletrônico @jcomunicacao. A última postagem é de 19 de dezembro de 2012, que deve corresponder ao período de recesso. O *Twitter* do *Comunicação* costuma ser atualizado periodicamente, embora haja interrupções na postagem com hiatos de mais de uma semana (entre os dias 19 e 29 de outubro de 2012).



Figura 10

Encontramos duas contas do *Impressão* no *Twitter*: uma aberta em 22 de agosto de 2009 e com última postagem em 21 de setembro de 2009 (@jornalimpresso); e outra datada de 18 de maio de 2010 e com última postagem em 1 de maio de 2011 (@ImpressaoUnibh).

Figuras 11 e 12



4.2.1. Tipos de circulação no jornal-laboratório: os casos convergente e divergente

Com base no que foi percorrido até aqui, identificamos dois diferentes tipos de circulação de informações jornalísticas nos jornais-laboratórios estudados nesta dissertação. Durante o processo de categorização dos mecanismos de circulação dos nossos objetos de pesquisa, levamos em consideração a **periodicidade** da produção dos jornais-laboratório – já que ambos possuem o mesmo número de produtos (jornal impresso; blogs e *sites*; e redes sociais). Nossa investigação se fundamentará nas atualizações realizadas nas redes sociais (*Facebook* e *Twitter*), pois as produções laboratoriais impressas dependem mais das questões institucionais, o que poderia enviesar nossa análise.

No caso do *Comunicação*, da UFPR, verificamos uma **circulação convergente**. O principal argumento se baseia na periodicidade das postagens das redes sociais. O jornal criou em novembro de 2010 uma página no *Facebook* (<http://www.facebook.com/jornalcomunicacao?ref=ts&fref=ts>) e possui um perfil no *Twitter* (@jcomunicacao) desde abril de 2009.

Em se tratando do *Impressão*, da UNI-BH, conferimos uma **circulação divergente**. Além da edição impressa e do *site*, o jornal-laboratório está presente nas redes sociais (*Facebook* e *Twitter*), mas não mantém os perfis atualizados. O *Impressão* possui três diferentes páginas no *Facebook* e duas contas distintas no *Twitter* (@jornalimpressao e @ImpressaoUnibh). Não há relação entre as páginas criadas, uma vez que

as fotos dos perfis apresentam disparidade na logomarca do jornal. Uma das páginas do *Facebook* nem sequer contém foto no perfil. Todas as páginas criadas – *Facebook* e *Twitter* – se mantêm inativas.

4.3. Os dispositivos de memória: uma discussão à parte

A internet tem a possibilidade de funcionar como uma memória coletiva de cariz global e imediato (CANAVILHAS, 2004). De acordo com Palacios (1999, 2002), a memória é mais viável em termos técnicos e econômicos na internet do que em outras mídias. Isso ocorre porque a web é um espaço que contém um conteúdo praticamente gratuito, rápido e infinito, ao contrário do que acontece com os meios tradicionais (jornal, rádio e televisão).⁴⁸ Tanto que, para Palacios (2002), a conjugação de elementos como instantaneidade, hipertextualidade e interatividade na web, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam a memória de tal forma, que representa uma ruptura com relação a suportes anteriores.

Canavilhas (2004), por sua vez, apresenta duas características da memória: (1) serve de arquivo; e (2) permite a pesquisa. Ambas se complementam, pois ao passar pelo procedimento de arquivamento, permite a pesquisa posterior dos dados e informações. Mas, para tanto, é

⁴⁸ Canavilhas (2004) assevera que “[...] os processos de pesquisa nos arquivos dos *media* tradicionais são morosos, falíveis e limitam o pesquisador pela obrigação de se deslocar para o local onde o material está arquivado” (CANAVILHAS, 2004, p. 8, grifo do autor), embora a análise dos produtos mediáticos sirva como fonte para muitas áreas de investigação.

preciso fazer uma catalogação do documento a ser arquivado, que, no caso da web, é feita por palavras-chave (CANAVILHAS, 2004). Com isso, “[...] abre-se a possibilidade de disponibilizar online toda informação anteriormente produzida e armazenada através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação” (PALACIOS, 2002, p. 7). É o que muitos jornais vêm fazendo com o seu material de arquivo.

A internet tem um dispositivo de memória que lhe é inerente: funciona como uma ilimitada base de dados. Como bem coloca Canavilhas (2004), a internet surge como extensão da memória e – conforme Palacios (2002) – pode ser recuperada tanto por quem produz quanto por quem recebe as informações jornalísticas. “Enquanto no jornalismo tradicional o arquivo representava somente um instrumento de trabalho para os profissionais de cada meio, nos cibermeios, os arquivos transformam-se em fontes documentais acessíveis a todos”, ressalta J. Teixeira (2011, p. 251). Canavilhas (2004) analisa o jornalismo na internet por dois planos distintos: (1) alimenta a memória da web com o arquivo de notícias colocadas online; e (2) recorre a serviços da própria web como apoio (*e-mail* para contatos, *background* para contextualização e atualização de notícias etc.).

A questão da contextualização assume particular importância na medida em que a natureza hipertextual da internet lhe permite o enriquecimento das notícias, contrariando assim um dos problemas do jornalismo actual: a compatibilização da velocidade da informação,

com o espaço disponível e com a riqueza das informações disponibilizadas (CANAVILHAS, 2004, p. 7).

A possibilidade de ligar uma nova notícia aos seus relatos antecedentes permite o enriquecimento do jornalismo graças à contextualização dos acontecimentos (CANAVILHAS, 2006; PAVLIK, 2001), admitindo que o público conheça/saiba mais sobre os desdobramentos dos fatos. Por isso, que, para o pesquisador, a memória representa muito mais que um “simples arquivo”.

No jornal *Comunicação*, verificamos como dispositivo de memória o uso do mecanismo intitulado “Notícias relacionadas” ao final de cada notícia postada no *site*.

Ainda no que diz respeito à memória, Palacios (2002) considera que há uma situação de continuidade com relação a suportes anteriores. A preocupação das organizações jornalísticas com a memória de seus produtos não é recente. Os jornais impressos, por exemplo, mantém arquivos físicos das suas edições passadas (PALACIOS, 2002). Além disso, no “jornalismo impresso moderno é comum a publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente” (PALACIOS, 2002, p. 8). O autor acrescenta que o mesmo ocorre com relação às emissoras de rádio e televisão.

O espaço (físico) específico dentro do jornal conserva a história do periódico e possibilita a pesquisa, como já afirmamos. O *Comunicação*, da UFPR, e o *Impressão*, da UNI-BH, utilizam o

procedimento de arquivamento das edições impressas dos jornais. É importante destacar que o *Comunicação* tem uma pequena sala dentro da redação para a memória das edições produzidas.

4.4. Reunião de avaliação: um importante meio de reflexão sobre o fazer jornalístico na universidade

Como o próprio nome sugere, a reunião de avaliação é um importante procedimento de verificação e reflexão de erros e acertos do processo de produção noticiosa, que chega ao fim. Seria interessante que a reunião de avaliação fosse realizada antes da reunião de pauta que vai definir a próxima edição para que algumas questões inerentes à produção sejam problematizadas (BRONOSKI; XAVIER, 2010; JORGE; MARQUES, 2008). A realização da reunião de avaliação contribui para melhorar o processo de produção do jornal – seja um veículo profissional ou laboratorial – e, no que diz respeito ao ensino, fornece subsídios para a reflexão sobre o fazer jornalístico na universidade.

De acordo com os docentes entrevistados durante a pesquisa de campo, o jornal *Comunicação*, da UFPR, realiza reuniões periódicas para avaliação. O professor Mário Messagi Júnior (2012) analisa:

Uma vez por mês a gente tem uma reunião de avaliação do impresso. E a gente tem também uma vez por mês os relatórios de Google Analytics, em que a gente discute a produção do online, onde a gente acertou, onde a gente errou. E também a gente está fazendo os relatórios de redes sociais,

que também nos dá dados estatísticos sobre a nossa aceitação, nosso nível de leitura etc (MESSAGI JÚNIOR, 2012).

A respeito do jornal *Impressão*, da UNI-BH, o professor Leonardo Cunha explica que “quando o jornal chega da gráfica, a gente para, reúne a equipe, discute o que ficou legal, o que não ficou, o que pode mudar” (CUNHA, 2012). Sua colega Lorena Tárzia (2012), responsável pelo Laboratório de Convergência de Mídias, acrescenta:

Nas reuniões de pauta, a gente pensa o que foi feito, e também quando começa o semestre, os alunos da disciplina que vão estar responsáveis fazem um trabalho de ombudsman da edição anterior. Esse trabalho de ombudsman é publicado na próxima edição. Tem uma coluna que eles criticam o que foi feito (TÁRCIA, 2012).

A reunião de avaliação não é seguida à risca por professores e alunos. Na maior parte das vezes ocorre de forma conjunta com a reunião de pauta, o que – a nosso ver – atrapalha o processo, uma vez que ambos os procedimentos (reunião de pauta e reunião de avaliação) têm objetivos diferentes dentro do processo de produção jornalística.

Tal procedimento é mais estimulado no *Comunicação* que, além dos relatórios do *Google Analytics*, realiza as reuniões presenciais. Por isso, classificamos a reunião de avaliação do *Comunicação* como um tipo que tem o propósito efetivo de melhorar o processo de produção e, conseqüentemente, o produto. Este é o modelo de **(1) avaliação reflexivo-pragmática**. Enquanto que o *Impressão* privilegia as

discussões sobre possíveis erros e acertos do produto, sendo, deste modo, considerada como **(2) avaliação estritamente reflexiva**.

4.5. A etapa final do processo de produção noticiosa?

De acordo com Machado e Palacios (2007), as etapas do processo de produção jornalística são apuração, produção, circulação e consumo. O desenvolvimento das redes sociais propiciou uma reconfiguração do ciclo. Zago (2011) propõe a existência de uma nova subetapa da circulação jornalística, a qual chama de recirculação. Como uma espécie de subetapa potencial posterior ao consumo, a recirculação ocorre “quando o interagente se apropria do conteúdo jornalístico e o faz circular novamente a partir de suas próprias palavras” (ZAGO, 2011, p. 62).

As etapas do processo de produção noticiosa, sobretudo na contemporaneidade, fogem de uma delimitação pré-estabelecida, como acontecia com os meios tradicionais. Atualmente, a apuração, a produção e a circulação acontecem simultaneamente. É claro que a distinção (inclusive no que diz respeito aos capítulos desta dissertação) é necessária no aspecto teórico para valorizar a discussão sobre o assunto.

Mas, excetuando o consumo, a circulação é a etapa que finaliza o processo de produção noticiosa? Diante do que foi exposto, afirmamos que aparentemente é difícil, no contexto da convergência, afirmar que sim. A produção jornalística chegou a tal ponto, que a questão se complexifica: não se sabe onde começa e finaliza o processo de produção

jornalística. Diante disso, passaremos para o quinto e último capítulo desta dissertação para analisar o ensino contemporâneo de jornalismo.

CAPÍTULO 5

ENSINO CONTEMPORÂNEO DE JORNALISMO

Ensinar não é transferir
conhecimento, mas criar as
possibilidades para a sua própria
produção ou sua construção.
Paulo Freire, 1996

Este último capítulo da dissertação tem o objetivo de realizar uma reflexão acerca do ensino contemporâneo de jornalismo – com base na produção de jornais-laboratório – e propor algumas possíveis soluções. Primeiro, discutiremos a importância da formação superior em jornalismo, propondo uma diferença conceitual entre informação e informação jornalística. Ainda no item inicial, daremos destaque à proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, aprovada em fevereiro de 2013. Trataremos, em seguida, do projeto político-pedagógico, que embora não seja garantia da viabilidade de um ensino ideal, representa a oportunidade para uma boa formação profissional. A partir daí, abordaremos a importância do professor, como agente do processo de aprendizagem. Fundamentando-nos na pesquisa de J. Teixeira (2011), verificamos dois tipos distintos de professores responsáveis pelos jornais-laboratório estudados: (1) o **professor-orientador**, no Comunicação; e (2) o **professor-editor**, no Impressão. No momento subsequente, trataremos da sala de aula como laboratório de pesquisa e consequente experimentação de novas práticas jornalísticas. Por fim – revisando métodos de ensino de jornalismo –,

buscaremos discutir e elaborar uma proposta metodológica para produção de jornal-laboratório. A preocupação sobre como ensinar jornalismo no Brasil data da criação dos cursos entre as décadas de 1940 e 1950, período em que os catedráticos Beltrão (1963) e Jobim (1964) perceberam a necessidade de sistematizarem seus próprios métodos de ensino da área. Deste modo, partiremos da definição de Jobim (1964) cujo método é o princípio geral que pretende organizar ou racionalizar a conquista do objeto, neste caso o processo de produção de jornal-laboratório no contexto da convergência. Se o processo de produção noticiosa tem etapas bem definidas em sua essência – como demonstramos no percurso deste trabalho – é necessário sistematizar um método pedagógico que viabilize de forma objetiva tais procedimentos, como realizaremos na finalização do presente capítulo e, por conseguinte, desta dissertação.

5.1. A importância da formação superior

Embora o papel do jornalista esteja mudando de modo gradual e significativo, isso não quer dizer que a profissão será extinta (BASTOS, 2000; FIDLER, 1997; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; J. TEIXEIRA, 2011). Pelo contrário, “não são apenas as competências tradicionais que serão exigidas dos jornalistas daqui para frente” (J. TEIXEIRA, 2011, p. 287), uma vez que surgem novos métodos, práticas e linguagens concernentes à profissão. É por isso que precisamos estar atentos às transformações sociais e tecnológicas que ocorrem, alterando

profundamente a profissão (LAGE, 2001). As sociedades sempre foram afetadas e transformadas pelas novas formas midiáticas, como lembra Fidler (1997), e a universidade precisa compreender e se apropriar dessa dinâmica. Deste modo, no ambiente atual, onde qualquer indivíduo tem a potencialidade de produzir e difundir quaisquer tipos de informações, a formação superior em jornalismo se torna cada vez mais importante.

Para tanto, precisamos problematizar o que colocaremos aqui como dois conceitos distintos. Nos referimos à “confusão” que o senso comum estabelece entre informação e informação jornalística mesmo dentro do ambiente acadêmico (de pesquisa). Um problema conceitual que põe em xeque o próprio exercício do jornalismo. Neste caso, os conceitos precisam ser melhor pensados, já que são usados sem acuidade científica (com método e de forma sistemática).

Explicamos: alguns pesquisadores (BARICHELLO; CARVALHO, 2008; DALTOÉ, 2004; RAMONET, 2003) compreendem que a “facilidade” de produção e difusão de informações propiciada pelas novas tecnologias digitais – como tratamos no decurso deste trabalho – representa uma ameaça à permanência do jornalismo como atividade profissional. Justificam com o (falho) argumento de que “qualquer cidadão pode produzir e fazer circular informações”, o que, segundo eles, representa um risco para o jornalista (que passou por uma formação superior específica). Afirmarões como esta se configuram como um erro – porque informação e informação jornalística não são a mesma coisa. Ambas têm naturezas epistêmicas distintas.

Informação implica dados/números/registros/fatos ainda não sistematizados, sem qualquer contextualização ou relação direta com a realidade e, ainda, sem o compromisso com a verdade. Já a informação jornalística, que pode se desdobrar em diversos gêneros (notícia, reportagem, editorial, crônica, etc.), pressupõe um produto que passou por um processo de produção – decorrente de um fato singularizado⁴⁹ (FRANCISCATO, 2003; GENRO FILHO, 1987; KARAM, 2007; KARAM; PONTES, 2009; MACHADO, 2000; PONTES, 2010; SODRÉ, 2009) processado por mecanismos de apuração e investigação, técnicas de checagem e recheagem, além dos pressupostos básicos de ouvir “todos os lados envolvidos” em uma questão para apresentar o conflito, apurar sistematicamente os fatos, ter a verdade como premissa fundamental (CHAPARRO, 2007; TAMBOSI, 2007) e, ainda, ser difundido por meio de um suporte tecnológico (jornal impresso, rádio, revista, televisão, computador, telefone celular, etc.) – ou, como afirma Meditsch (2007), requer “tratamento profissional”.

Para Neveu (2010, p. 53), mesmo em uma chamada sociedade da informação, “um mundo sem jornalistas, seria mais impenetrável, mais difícil de compreender, mais aberto à manipulação”. Como aponta Lage (2001), sem informação jornalística, o homem contemporâneo não consegue se orientar no mundo. Assim, ressaltamos que é necessário perceber que toda informação jornalística advém de uma informação (que se torna pauta e daí por diante, formulando o processo de produção

⁴⁹ Nos referimos à notícia.

jornalística), mas nem toda informação é uma informação jornalística. Portanto, os jornalistas não produzem qualquer tipo de informação. O que esses profissionais processam são informações jornalísticas/noticiosas.

Neste sentido, assim como Canavilhas (2009, 2011); Emerim (2011), Karam (2004), Koshiyama (2006, 2007, 2008); Lage (1999, 2001, 2008), Machado (2002, 2006, 2007, 2010, 2011), Marques de Melo (2004, 2006), Martins (2008), Meditsch (1992, 1999, 2007, 2008), J. Teixeira (2011), T. Teixeira (2010, 2012) e Traquina (2004), defendemos a formação superior em jornalismo. Para Meditsch (2007, p. 59), “para que o jornalismo sobreviva à era da informação é preciso estar preparado, e esta preparação passa pela universidade” (MEDITSCH, 2007, p. 59).

Não pode haver contradição nem distanciamento entre teoria e prática (se a teoria na prática é outra, está errada a teoria, dizia Adelmo Genro Filho). Não é razoável desprezar as **competências técnicas, processuais, metodológicas** e **deontológicas** desenvolvidas historicamente na profissão, que representam o seu principal patrimônio no novo contexto: em vez disso, é preciso sistematizá-las em teorias e modelos com base científica e aplicação tecnológica, antes que outros aventureiros o façam (MEDITSCH, 2007, p. 59, grifo nosso).

Isso porque não basta instinto ou talento para ser jornalista (LAGE, 2002). Contudo, ao contrário do que indica o senso comum, é uma maior consistência na formação específica que pode gerar uma maior adaptabilidade do profissional diante das transformações e das encruzilhadas que vai encontrar no futuro. É o que – lá no início da

criação dos cursos de jornalismo no Brasil – Beltrão (1963) chamava de “cultura superior” para justificar a formação profissional do jornalista, que vale ainda hoje, uma vez que compõe o ensino de manuseio de instrumentos de trabalho, os processos das operações mecânicas e administrativas das empresas, os princípios da ética profissional e a legislação específica da imprensa. Para Beltrão, o curso superior de jornalismo tem por objetivo cumprir três funções que considera como primordiais⁵⁰: (1) formar profissionais fornecendo-lhe conhecimento da técnica de coleta, redação, interpretação, seleção e apresentação gráfica das informações com a utilização de métodos e processos racionais e práticos; (2) promover e desenvolver investigações e análises sobre os meios de comunicação, verificando não somente a melhoria dos padrões técnicos da imprensa, mas também sua influência na formação da opinião pública; e (3) funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experimentações morfológicas e conteudísticas (redacionais).

Com a intervenção do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal), os cursos de jornalismo se voltaram para a formação do comunicador polivalente, logo adotaram a nomenclatura “Comunicação Social”, seguida pelas habilitações – que revelam suas especificidades (Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; além da própria ênfase em Jornalismo).

⁵⁰ Beltrão (1963, 1969), assim como outros pesquisadores da área (JOBIM, 1964; MARQUES DE MELO, 1984, 2006), endossa que o ensino dos processos e

O modelo de “comunicador polivalente” foi “introduzido pelo Ciespal por razões mais políticas do que técnicas ou científicas [...] [e] conduziu o **crescimento horizontal da área acadêmica: mais para os lados do que para cima**” (MEDITSCH, 1999, p. 1, grifo nosso). A postura de um “olhar horizontal” acabou dificultando a importância de um “olhar vertical” sobre o jornalismo, que passe pela “afirmação da especificidade do seu objeto de estudo” (MEDITSCH, 1999, p. 1).

A proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, aprovada pelo conselho Nacional de Educação (CNE) no dia 20 de fevereiro de 2013, dá luz às especificidades da área. Sua adoção visa orientar a formação do jornalista e gerar estímulo para a criação de bacharelados específicos em jornalismo (MEC, 2013).⁵¹ A composição hegemônica das entidades representativas da área – formada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) – que defende a modificação, alega que “o atual modelo, ou seja, generalista, reduz demasiadamente o espaço para discussões fundamentais à atividade do jornalismo em troca

técnicas jornalísticas ocorra simultaneamente ao de ciências e artes, por exemplo, com o objetivo de elevar o nível cultural.

⁵¹ Conforme a proposta, não há dúvidas de que o jornalismo pertence ao campo da comunicação social. Há também uma concordância de que a organização curricular atual enfatiza questões e teorias gerais da comunicação social em vez de questões específicas das diversas formações ou profissões da área: jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas (MEC, 2013).

de discussões de natureza mais abstratas sobre comunicação e papel da mídia” (MEC, 2013).⁵²

Ainda segundo a proposta (MEC, 2013), os conteúdos curriculares deverão ser organizados a partir de seis eixos de formação: (1) fundamentação humanística – exercício da cidadania; (2) fundamentação específica – clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade da profissão; (3) fundamentação contextual – embasamento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em suas várias dimensões; (4) formação profissional – fundamentar o conhecimento dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística – fornecer ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes; (5) aplicação processual; (6) prática laboratorial – tem a “função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular” (MEC, 2013, p. 12).

Deste modo, ressaltamos que formação superior do jornalista não deve se limitar a um mero exercício de processos e normas do jornalismo (BELTRÃO, 1963; JOBIM, 1964; LOPES, 1989; MARQUES DE

⁵² O posicionamento contrário, que partiu de associações ligadas à área geral de comunicação social, como são a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos), afirma que “a ênfase em teorias gerais da comunicação seria positiva para a formação do jornalista”, porque “proporcionaria aos futuros profissionais a necessária capacidade de ‘olhar mais amplamente a sociedade’, evitando-se assim uma formação estritamente ‘tecnicista’” (MEC, 2013, p. 3).

MELO, 1984; VIEIRA JÚNIOR, 2002). É necessário que o aluno seja integrado na vivência profissional do jornalista, pois se o objetivo do ensino é sistematizar a experiência do aluno, ampliando-a, aprofundando-a e orientando-a, canalizando a ação para resultados concretos da atividade que enfrentará na sua vida profissional (BELTRÃO, 1963), esteja o aprendiz (estudante) em qualquer ambiente tecnológico. Por isso, acrescenta o autor, seu estudo – como prática profissional – exige uma participação social do indivíduo com os trabalhos didáticos, mas também com a realidade de sua época (colocados aqui por nós como contexto da convergência) e sua comunidade (que possibilita o retorno sobre o trabalho – o *feedback* –, como ocorre no campo profissional).

A formação do jornalista [...] deveria preparar os estudantes para identificar e reconhecer notícias em um complexo campo de fatos e opiniões, como conduzir a investigação jornalística e como escrever, editar e produzir material para os vários suportes tecnológicos e suas específicas audiências (GUERRA, 2009, p. 3).⁵³

Afinal, quem consegue dominar certas competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) de uma forma estruturada e coerente, é porque aprendeu a aprendê-las, e aprenderá outras, ainda que totalmente novas, com mais facilidade do que outro que tentou abarcar

⁵³ O pesquisador acrescenta que a formação do jornalista deve oferecer ainda conhecimento para refletir sobre a ética jornalística, além do papel social da profissão, sua história, legislação e economia política dos meios de comunicação (GUERRA, 2009).

tudo e não se aprofundou em nada. Daí a importância dos projetos pedagógicos distinguirem a profissão (com suas funções exclusivas) das eventuais ocupações (funções compartilhadas com outras profissões) que um jornalista pode exercer em sua vida laboral e social (MEDITSCH, 2007, p. 57).

5.2. O projeto político-pedagógico⁵⁴: oportunidade para uma boa formação

Embora não seja garantia para viabilizar um ensino ideal, um projeto político-pedagógico bem elaborado representa um pressuposto para uma boa formação. Para isso, é preciso entender a universidade a partir de dois aspectos: (1) como espaço de produção de conhecimento; e (2) como ambiente de formação profissional. O fundamental é “pensar caminhos não de forma isolada, mas integrada em um projeto mais amplo e que, por isto mesmo, implique em um compromisso coletivo” (T. TEIXEIRA, 2012). Mas, como acrescenta a pesquisadora, não adianta um projeto inovador, se não há possibilidade de torná-lo viável (T. TEIXEIRA, 2012).

Em se tratando do fenômeno da convergência, não é a simples incorporação de uma disciplina na matriz curricular que vai resolver a

⁵⁴ Durante e mesmo depois da realização da pesquisa de campo, solicitamos reiteradas vezes que os professores nos enviassem por e-mail – como ficou acordado, já que não nos foi conseguido no momento da entrevista – o projeto político-pedagógico dos dois cursos que fazem parte deste trabalho. Não obtivemos resposta em nenhuma das tentativas.

questão. Machado (2010) recomenda a reformulação completa dos cursos:

A partir do pressuposto de que a convergência perpassa a prática jornalística na atualidade todos os conteúdos devem ser repensados, articulados e integrados em uma grade curricular que seja gestada tendo a convergência como pano de fundo, sem cair no equívoco de restringir o seu ensino a uma disciplina isolada (MACHADO, 2010, p. 19).

Deste modo, o ideal seria que os conteúdos digitais perpassassem os planos de ensino de modo transversal (MACHADO, 2007), contemplando, assim, o fenômeno da convergência no âmbito do jornalismo. O jornal-laboratório como atividade pedagógica e espaço de formação profissional (ANUNCIACÃO, 2011a, 2011b) apresenta potencialidades para implantar essa perspectiva convergente.

5.3. O professor: agente fundamental no processo de aprendizagem

Ainda que as novas tecnologias digitais estejam modificando os processos e os produtos jornalísticos, assim como o ensino e a relação entre professores e alunos, o papel de um profissional que oriente, ensine, instrua, forme e/ou transforme ainda é fundamental na universidade. Entre as implicações do fenômeno no ensino de jornalismo (PAVLIK, 2001), como apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação, destacamos a última decorrência: A possibilidade de níveis de interação sem precedentes entre professores e alunos. Pavlik (2001) sugere que o

modelo de aprendizagem tradicional – no qual o docente se colocava no papel de portador onipotente do conhecimento – está dando lugar a uma espécie de guia crítico com experiência. Ainda mais, como acrescenta o autor, quando as aulas estão sendo complementadas por discussões online, salas de chat e e-mail – da mesma maneira que acontece nos dois estudos de caso desta pesquisa: o *Comunicação*, da UFPR, e o *Impressão*, da UNI-BH. Em ambos os jornais-laboratório, verificamos que o processo de produção ocorre por meio de discussões online e e-mail na elaboração de pautas.

Deste modo, com base na pesquisa sobre ensino de jornalismo de J. Teixeira (2011), verificamos dois tipos distintos de professores responsáveis pelos jornais-laboratório estudados: (1) o **professor-orientador**, no *Comunicação*; e (2) o **professor-editor**, no *Impressão*.

No jornal *Comunicação*, o papel dos professores é de orientar e supervisionar a produção. Os alunos se dividem nos cargos de repórteres e editores, entre outros. O docente Mário Messagi (2012) destaca que seu papel é como orientador e avaliador: “O mais importante é que haja um *feedback*, que o aluno saiba onde está errando e permitir que ele se aprimore profissionalmente” (MESSAGI JÚNIOR, 2012).

Enquanto que no jornal *Impressão*, os professores são responsáveis pela edição do material enviado pelos alunos, embora haja no fluxograma do curso da UNI-BH a disciplina de Edição Jornalística. O professor Maurício Guilherme (2012) diz que o procedimento de edição é realizado “com o aluno do lado” (SILVA JÚNIOR, 2012).

Conforme Jobim (1964), o professor de jornalismo deve ter, preferencialmente, uma boa experiência no campo profissional. O catedrático não se refere apenas aos docentes das chamadas disciplinas de caráter prático – proposta do jornal-laboratório –, mas a qualquer cadeira que compõe o fluxograma (teorias do jornalismo, deontologia jornalística etc.). Afirma que todos os professores devem ter tido algum contato direto com os problemas da imprensa, de modo que não conheçam apenas as necessidades, mas que possuam “espírito jornalístico” (JOBIM, 1964) e com autoridade docente para exercer sua competência profissional (FREIRE, 1996), de modo que trabalhe na base do diálogo, uma vez que o processo de produção jornalística – representado aqui pelo jornal-laboratório – pressupõe uma série de negociações (como tratamos nos capítulos anteriores). Com isso, um professor-jornalista terá sempre mais recursos para incitar a classe por meio de estímulos adequados, estabelecendo conexões constantes entre a disciplina ensinada e o exercício da profissão (JOBIM, 1964).

5.4. A sala de aula como laboratório de pesquisa

Um laboratório de jornalismo deve criar condições mínimas para a produção na universidade. Machado (2007) diferencia laboratório de pesquisa e laboratório de ensino. Enquanto o primeiro tem a função de criar conhecimentos novos e inovação, o segundo busca reconstruir o conhecimento dado e, a partir daí, experimentar novas práticas jornalísticas. É por essa via que a universidade realiza sua missão de

aperfeiçoamento das técnicas empregadas na atividade jornalística, trabalhando como um centro de experimentação (JOBIM, 1964). Deste modo, pensam-se criticamente as práticas com o intuito de melhorá-las (FREIRE, 1996).

No entanto, é preciso ir além da simples incorporação instrumental das novas tecnologias para romper com o modelo de ensino reprodutivo (MACHADO, 2007, 2010). No período de produção do jornal-laboratório, o aluno precisa conhecer e compreender os procedimentos para ter uma maior autonomia no processo, sobretudo no contexto da convergência, com a produção para múltiplas plataformas. “O ensino da convergência requer [...] um desafio à inventividade, que indique a aptidão de professores e alunos para formular hipóteses, resolver problemas e tomar decisões [...]” (MACHADO, 2010, p. 20).

Por isso, Machado (2007) defende que a sala de aula deveria funcionar como laboratório de pesquisa, pois – como ressalta Freire (1996) – “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

A tradução curricular da educação pela pesquisa pressupõe a organização das atividades a partir da pesquisa como princípio científico e educativo. Sem incorporar a pesquisa como atitude cotidiana o aluno e o professor acabam por renunciar à capacidade de reconstruir o conhecimento e contribuir no processo social de inovação. A qualidade da profissionalização passa, pois, pelo domínio das técnicas e dos conceitos específicos de cada prática particular. Em outras palavras, pela atualização e pelo avanço do conhecimento decorrentes da institucionalização da pesquisa pelos professores e alunos. Ao lado do princípio

científico, a pesquisa assume uma dimensão educativa porque aumenta a autonomia de todos os envolvidos no processo de formação e a possibilidade de inserção criativa dos futuros profissionais na sociedade (MACHADO, 2007, p. 17).

Meditsch (2007) acrescenta:

É preciso também elevar o nível de nossa prática científica e não ignorar, mas recolocar as questões suscitadas pelos estudos de jornalismo realizados por outras disciplinas: desmistificar a desmistificação do jornalismo. Chegaremos lá quando conseguirmos construir teorias e metodologias próprias para sistematizar, criticar (por dentro) e aperfeiçoar as competências (conhecimentos, habilidades, atitudes) da prática (MEDITSCH, 2007, p. 58).

Conforme Meditsch (2007), é preciso superar a dicotomia entre teoria e prática no ensino de jornalismo. “A unidade indissolúvel ensino-pesquisa é a única saída possível. O ensino e a pesquisa devem perseguir a qualidade do jornalismo – adotando uma efetiva perspectiva profissional” (MEDITSCH, 2007, p. 52). O jornal-laboratório – como uma atividade pedagógica dos cursos de jornalismo que possibilita a formação profissional (KIMURA, 2006; LOPES, 1989, 2001; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002) – reúne elementos que permitem contornar a “velha” questão que se impõe sobre o ensino, sobretudo no contexto da convergência (ANUNCIAÇÃO, 2011; SOSTER, 2010, 2011).

Além disso, possibilita contribuir com o jornalismo como área de conhecimento, afinal – como já afirmava Jobim (1964) nas primeiras décadas de criação dos referidos cursos – estão entre as principais funções da universidade: descobrir novos caminhos, enriquecer o acervo de conhecimentos sobre as matérias estudadas, revisá-las permanentemente – por meio da pesquisa, das noções e dos processos consagrados. Assim, nos laboratórios de ensino de jornalismo, “além da possibilidade de acesso às teorias e técnicas padrão predominantes no mercado [de trabalho], deveriam ser testadas as tecnologias, técnicas, processos e linguagens desenvolvidos nos laboratórios de pesquisa” (MACHADO, 2007, p. 18).

5.5. Revisando métodos de ensino de jornalismo

Em relato sobre sua experiência docente na Universidade Católica de Pernambuco, bem como a realidade das escolas latino-americanas de então, Beltrão (1963) expõe algumas questões-chave sobre o ensino de jornalismo: como ensinar a preparar um jornal diário em condições laboratoriais desfavoráveis? Que métodos e processos de aprendizagem devem ser aplicados para suprimir as diferenças entre o campo profissional e a universidade? Como acostumar o aluno a vivenciar, jornalisticamente, os problemas da comunidade (público-alvo), acompanhar e captar os feitos significativos, analisá-los, interpretá-los, impor-lhes um tratamento técnico e divulgá-los? (BELTRÃO, 1963).

Tais questões derivam de uma demanda essencial que preocupa os professores da área desde a criação dos primeiros cursos de jornalismo no Brasil entre as décadas de 1940 e 1950: como ensinar a prática jornalística na universidade? É importante enfatizar aqui que o “como” da indagação apresentada acima não é colocado de forma gratuita. O pronome traz em si um sentido implícito na questão feita por professores da área. O termo diz respeito à necessidade de um método de ensino em jornalismo.

Beltrão (1963) desenvolve seu método de ensino baseando-se em dois pilares: a linguagem didática e a ação expositiva. Seus métodos assumem os seguintes tipos de atividades: (a) motora – reclama o emprego de órgãos físicos (artes gráficas, fotografia); (b) experimental – exige do aluno a manipulação de dados para chegar à síntese (entrevistas, estatística); (c) observação – pede a atenção do aluno para a apresentação direta do material didático (descrição jornalística, estudo de originais e provas); (d) associativa – leva o aluno a se valer de sua memória para fixar símbolos verbais e gráficos (revisão de provas tipográficas, diagramas); (e) apreciativa – conduz o aluno à capacidade de apreciação dos valores humanos e sociais (teorias do jornalismo, ciências sociais, literatura); e (f) criadora – desenvolve a capacidade de produzir e criar (redação de notícias e reportagens, artigos, crônicas).

Segundo o autor (BELTRÃO, 1963), a aplicação dos métodos compreendem três objetivos para o aluno: (a) fazê-lo adquirir habilidade específica pela observação do que faz o professor; (b) fazê-lo assimilar as informações e elaborar o conhecimento por meio de investigações,

experimentações, leituras e trabalhos práticos; e (c) obter que ele formule ideais, atividades e interesses por meio da participação direta em iniciativas, trabalhos socializados, congressos e outros. Entendemos que esses objetivos se adequam à produção de jornal-laboratório, uma vez que atuam com **observação (a); experimentações e trabalhos práticos (b); e formulação de atividades por meio da participação de iniciativas e trabalhos socializados.**

De outro modo, percebemos que as mesmas indagações sobre os caminhos para ensinar o jornalismo na universidade foram feitas por Jobim (1964) na conferência intitulada originalmente “Pedagogia del Periodismo: métodos de enseñanza orientados para la prensa escrita”, encomendada pelo Ciespal no início daquela década. Na ocasião, o catedrático deu destaque aos métodos didáticos aplicados na aprendizagem do futuro profissional do jornalismo (JOBIM, 1964). Nesta época, o professor já defendia a confecção regular de um periódico experimental mantido pela universidade, o que mais tarde seria chamado institucionalmente de jornal-laboratório (KIMURA, 2006; LOPES, 1989, 2001; POLICENO FILHO, 2008; VIEIRA JÚNIOR, 2002).

Para Jobim (1964), o método ideal deveria estar em perfeita conformidade com o objeto que se pretende alcançar. Daí a importância em determinar nitidamente o objeto do ensino de jornalismo e caracterizar sua função no processo pedagógico, além de articular outros fatores que intervêm nesse processo, como as condições oferecidas pela universidade para assegurar a aplicação das técnicas mais eficazes de ensino (JOBIM, 1964). Deste modo, o autor pergunta: o que se espera da

escolarização, em nível universitário, da formação de jornalistas? Ao responder, Jobim (1964) desenvolve dois pontos de vista: (1) especificamente profissional – que reflita o interesse de empresas jornalísticas – na qual uma escola de jornalismo deve objetivar a preparação de bons práticos; (2) voltada para a comunidade, com a preparação de profissionais – numa formação humanística – capazes de utilizar a imprensa como meio de ação social.

Não basta conhecer o objeto do ensino de jornalismo para escolher o método ideal – acrescenta Jobim (1964) –, é preciso também saber as particularidades dos alunos e, conseqüentemente, realizar um processo de seleção no sentido de possibilitar-lhes uma aprendizagem satisfatória, que ajustaremos aqui para a produção de jornal-laboratório, com os seguintes propósitos: (1) controlar numericamente as matrículas dos alunos com o objetivo de assegurar a eficácia do ensino; (2) oferecer iguais oportunidades a todos para que ninguém seja excluído de ocupar determinada função dentro do “jornal escolar”, seja de repórter, editor etc.; (3) adaptar-se as reais necessidades do jornalismo, e não das empresas jornalísticas; e (4) corresponder as exigências do bem comum, levando em conta o importante papel do jornalismo na sociedade.

Ao sintetizar sua reflexão sobre os métodos de ensino de jornalismo, Jobim (1964) afirma que a eficiência do trabalho depende de diversos fatores, entre eles: (1) professores qualificados; (2) laboratórios equipados; e (3) prática profissional por meio de produtos laboratoriais. A essa tríade, acrescentamos um quarto elemento: (4) um projeto pedagógico bem delineado, objetivo, nos que diz respeito aos propósitos

da formação. De qualquer modo, o docente comenta que os métodos de ensino devem ser adaptados às possibilidades da escola: não fazer o impossível, mas o melhor possível com os instrumentos que se dispõem (JOBIM, 1964).

Logo, com base na pergunta feita por Jobim (1964) sobre “como ensinar?” ou “como ajudar o aluno a aprender?”, apresentamos os seis elementos essenciais da aprendizagem, que o autor denomina como “cadeia didática”: (1) o objetivo; (2) a disciplina, matéria; (3) o meio; (4) o aluno; (5) o professor; e (6) as técnicas de ensino. Em se tratando da produção de jornal-laboratório no contexto da convergência, tais elementos se tornam ainda mais necessários. Excentuando a segunda característica citada por Jobim (1964), que se refere à própria disciplina/matéria, trabalharemos com os outros elementos na elaboração de uma proposta metodológica para produção de jornal-laboratório: **(1) o objetivo; (2) o meio/os meios; (3) o aluno; (4) o professor; e (5) as técnicas de ensino/produção.**

5.6. Os processos de produção como métodos pedagógicos

De acordo com Freire (1996), ensinar exige rigorosidade metódica. O objetivo é trabalhar com os educandos (alunos) o modo com que devem “se aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996): nem tão próximos nem tão distantes. Para o pesquisador, ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (FREIRE, 1996).

O educador acrescenta que “essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de **educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes**” (FREIRE, 1996, p. 26, grifo nosso), assim como também são ou, pelo menos, devem ser os jornalistas.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o **objeto ensinado** é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 26, grifo nosso).

O objeto ensinado que grifamos na citação acima se aplica seguramente ao jornal-laboratório, entendido aqui como atividade pedagógica e espaço de formação profissional dos cursos de jornalismo. Verificamos no decorrer deste trabalho a necessidade de discutir a abordagem de procedimentos de produção do jornal-laboratório. Por isso, refletimos o jornalismo a partir do seu processo de produção (BRONOSKI; XAVIER, 2010; DOMINGO et al, 2011; FOLETTO, 2009; JORGE; MARQUES, 2008; MACHADO; PALACIOS, 2007b; MARQUES, 2008; PATERSON; DOMINGO, 2008; RIBEIRO, 1994; RODRIGO ALSINA, 2009; ROSHCO, 1975; SOUSA, 2002; J. TEIXEIRA, 2011; TRAQUINA, 2005, 2008; TUCHMANN, 1978, 1983) e compartilhamos do pensamento de Chaparro (2001): “o jornalismo

produziria conteúdos e criaria formas de melhor qualidade se os jornalistas acreditassem nas vantagens de trabalhar com **método**” (CHAPARRO, 2001, p. 169, grifo nosso).

Segundo Ramadan (2001), as transformações ocasionadas pela cultura da informática exigem do docente/pesquisador uma disposição para revisão e/ou atualização teórica e metodológica sem precedentes na história. “Não estamos falando simplesmente de discussão em torno de currículos, estamos falando de uma reflexão sobre a prática do ensino de jornalismo num mundo onde espaço e tempo ganham novos contornos” (RAMADAN, 2001, p. 4).

Machado (2007, 2010) defende que a convergência deveria possibilitar uma ruptura com o modelo dominante de ensino, dando lugar – de um modo geral – a metodologias baseadas no aprendizado simultâneo das diversas linguagens e na produção orientada para as múltiplas plataformas. Canavilhas (2011) afirma que os novos processos digitais se colocam como uma oportunidade de romper com o que chama de “desencontros” entre o ensino de jornalismo e a realidade profissional. Deste modo, independente do produto, seja jornal impresso, rádio, televisão e internet, verificamos que a produção noticiosa passa por um processo, que conjuga procedimentos de apuração, checagem e recheagem de informações, dentre outros. No contexto contemporâneo, quando as possibilidades de produção e circulação de informações jornalísticas são múltiplas, é fundamental que o aluno tenha consciência desse processo.

Esta dissertação ancora-se no processo de produção jornalística em dois momentos: nos procedimentos metodológicos (que busca viabilizar a pesquisa) e na estrutura do trabalho (na composição dos capítulos). Com base na metodologia aplicada (MACHADO; PALACIOS, 2007b), trabalhamos a partir de três etapas da produção noticiosa: apuração, produção e circulação.

Salaverría (2011) questiona e apresenta uma possível solução: “Como podem os professores de ciberjornalismo transmitir aos seus alunos conhecimentos profissionais que ainda estão sendo definidos? Há um método eficaz: parar de ensinar as ferramentas e começar a ensinar *com* as ferramentas” (SALAVERRÍA, 2011, p. 149). Se a produção jornalística parte de “fazer intencionados”, como ressalta Chaparro (2007), então é preciso que o aluno tenha consciência desse processo.

A nossa proposta se baseia, portanto, no processo de produção jornalística, ressaltando, de modo mais específico, as etapas pelas quais passa o produto noticioso: **(1) apuração**, **(2) produção** e **(3) circulação**.

No que diz respeito a (1) apuração jornalística, o aluno precisa ter consciência da importância dessa etapa, considerada básica no processo de produção noticiosa, além das tomadas de decisões que serão decisivas nas próximas fases (J. TEIXEIRA, 2011). Na segunda etapa – (2) a produção jornalística –, destacamos a singularidade, como forma de apreensão do real (GENRO FILHO, 1987). Sobre a (3) circulação jornalística, consideramos a importância de que o produto, uma vez passado pelas etapas anteriores (apuração e produção), seja disseminado para o público.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento das tecnologias digitais da comunicação representa uma mudança significativa no campo profissional do jornalismo, mas não significa a extinção da atividade (FIDLER, 1997; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; J. TEIXEIRA, 2011). A partir da constatação sobre as profundas transformações pelas quais passa a profissão e a incidência desse processo no ensino de jornalismo (CANAVILHAS, 2011; MACHADO, 2010; MEDITSCH, 1992, 1999, 2007; QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011; PAVLIK, 2001; TÁRCIA; MARINHO, 2008) – principalmente com o fenômeno da convergência – o presente trabalho buscou apreender, analisar e sistematizar o processo de produção do jornal-laboratório.

Em entrevista a revista ECO-Pós (2009), Hohlfeldt – recém-empossado presidente da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) – questionado sobre as demandas do jornalismo na era digital, destaca que a essência do jornalismo não mudou. Para o pesquisador, “a era digital não deve assustar nem ser pensada como panacéia. É apenas mais uma etapa, em outro ritmo, por certo, de nossa vida sempre em busca da comunicação e da informação” (HOHLFELDT, 2009, p. 141). É deste modo que compreendemos o fenômeno da convergência no campo do jornalismo: como um processo em andamento, mais uma etapa, e não como algo acabado, finalizado (JENKINS, 2009; PAVLIK, 2001).

Desde o aparecimento do jornalismo como atividade resultante do “casamento” entre a modernidade e o capitalismo (GENRO FILHO, 1987), a atividade passou por diversas transformações, sobretudo em dois aspectos: (1) o modo como a informação jornalística é produzida; e (2) a forma como o produto noticioso é apresentado ao público. No entanto, a essência do jornalismo permanece. As redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *Twitter*), por exemplo, não o substituíram, e sim complementam a atividade na sua função de informar. Não foram as redes sociais que se apropriaram do jornalismo. A relação é inversa: é o jornalismo que tem se apropriado das redes sociais, como fez com os meios impressos (jornal e revista) e eletrônicos (rádio e televisão).

No que diz respeito ao ensino contemporâneo de jornalismo, defendemos a pressuposto de que investigar o processo de produção de jornal-laboratório no contexto da convergência se coloca como desafio e necessidade da área, de modo que visa associar efetivamente ensino, pesquisa e extensão no ambiente acadêmico. Como um exercício pedagógico e prática profissional, podemos concluir que o jornal-laboratório é fundamental para o ensino de jornalismo.

Aliás, o ensino sempre foi uma preocupação entre os pesquisadores do campo (QUADROS; T. TEIXEIRA, 2008). Após cerca de meio século de pesquisa em jornalismo no Brasil, iniciada pelos estudos sistemáticos dos precursores Beltrão (1963) e Jobim (1964), e depois de longas discussões em torno das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação, aprovada pelo Conselho Nacional

de Educação (CNE) no dia 20 de fevereiro de 2013, a área está prestes a ter a proposta homologada pelo Ministério da Educação (MEC).

Ao retomarmos a nossa hipótese de trabalho, verificamos que a proposição se confirma. É certo que, embora partam do suporte impresso – ao qual estão historicamente vinculados –, os jornais-laboratório já se colocam no contexto da convergência, explorando as potencialidades dos cibermeios em seus processos de produção. Levamos em consideração que os procedimentos adotados pelos docentes dos cursos de jornalismo na esfera digital ainda são “tímidos” (QUADROS; CAETANO; AMARAL, 2011): ainda que a produção no ciberespaço dos dois objetos de pesquisa (*Comunicação*, da UFPR, e *Impressão*, da UNI-BH), as informações produzidas não são atualizadas periodicamente no *Impressão* (no *Comunicação* também não são devido o período de férias).

Ao retornar aos objetivos desta dissertação (geral e específicos), constatamos que conseguimos aplicar os procedimentos metodológicos necessários, que nos permitiram inicialmente formular uma definição operacional de jornal-laboratório no contexto da convergência (primeiro capítulo), de modo que pudéssemos investigar as três diferentes etapas do processo de produção noticiosa: apuração (segundo capítulo), produção (terceiro capítulo) e circulação (quarto capítulo). E, por fim, refletir sobre o ensino contemporâneo de jornalismo (quinto capítulo).

Enquanto o jornal *Comunicação*, da UFPR, apresenta um modelo nomeado como **produção integrada**, no qual os alunos-repórteres redigem o conteúdo jornalístico na estrutura laboratorial que funciona como uma redação integrada (impresso e online); o jornal *Impressão*, da

UNI-BH, apresenta uma **produção disciplinar**, ou seja, realizada como exercício, resultado das disciplinas que integram este produto laboratorial.

Do ponto de vista da convergência, certificamos que os jornais estão divididos em duas categorias na etapa da produção. No *Comunicação*, a produção é **integrada**. A equipe de reportagem produz conteúdo jornalístico para os suportes impresso e *online*. Já no *Impressão*, a produção é **compartimentada**, ou seja, dividida por suportes: (1) a equipe que trabalha para o *Laboratório de Jornalismo Impresso* – produz a versão impressa do jornal *Impressão*; e (2) a equipe que trabalha para o *Laboratório de Convergência de Mídias* – produz a versão *online* do jornal.

Acerca dos tipos de circulação dos dois estudos de caso, levamos em consideração a periodicidade da produção dos jornais-laboratório – já que ambos possuem o mesmo número de produtos (jornal impresso; blogues e *sites*; e redes sociais). Assim, conferimos que o *Comunicação*, da UFPR, apresenta uma **circulação convergente**. O principal argumento se baseia na periodicidade das postagens das redes sociais. Em se tratando do *Impressão*, da UNI-BH, verificamos uma **circulação divergente**. Além da edição impressa e do *site*, o jornal-laboratório está presente nas redes sociais (*Facebook* e *Twitter*), mas não mantém os perfis atualizados. O *Impressão* possui três diferentes páginas no *Facebook* e duas contas distintas no *Twitter*. No entanto, não há relação entre as páginas criadas, uma vez que as fotos dos perfis apresentam disparidade na logomarca do jornal. Uma das páginas do *Facebook* nem

sequer contém foto no perfil. Todas as páginas criadas – *Facebook* e *Twitter* – se mantêm inativas.

Em tempos de convergência, a proposta de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo abre espaço para as especificidades da área. Sua adoção visa orientar a formação do jornalista e gerar estímulo para a criação de bacharelados específicos em jornalismo (MEC, 2013). A composição hegemônica das entidades representativas da área – formada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPI) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) – que defende a modificação, alega que “o atual modelo, ou seja, generalista, reduz demasiadamente o espaço para discussões fundamentais à atividade do jornalismo em troca de discussões de natureza mais abstratas sobre comunicação e papel da mídia” (MEC, 2013), que representa um modelo de “comunicador polivalente”, “introduzido pelo Ciespal por razões mais políticas do que técnicas ou científicas [...] [e] conduziu o **crescimento horizontal** da área acadêmica: mais para os lados do que para cima” (MEDITSCH, 1999, p. 1, grifo nosso).

Ainda segundo a proposta (MEC, 2013), os conteúdos curriculares deverão ser organizados a partir de seis eixos de formação: (1) fundamentação humanística – exercício da cidadania; (2) fundamentação específica – clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade da profissão; (3) fundamentação contextual – embasamento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em

suas várias dimensões; (4) formação profissional – fundamentar o conhecimento dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística – fornecer ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes; (5) aplicação processual; (6) prática laboratorial – tem a “função de integrar os demais eixos, alicerçado em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular” (MEC, 2013, p. 12).

Deste modo, ressaltamos que formação superior do jornalista não deve se limitar a um mero exercício de processos e normas do jornalismo (BELTRÃO, 1963; JOBIM, 1964; LOPES, 1989; MARQUES DE MELO, 1984; VIEIRA JÚNIOR, 2002). É necessário que o aluno seja integrado na vivência profissional do jornalista, pois se o objetivo do ensino é sistematizar a experiência do aluno, ampliando-a, aprofundando-a e orientando-a, canalizando a ação para resultados concretos da atividade que enfrentará na sua vida profissional (BELTRÃO, 1963), esteja o aprendiz (estudante) em qualquer ambiente tecnológico. Por isso, acrescenta o autor, seu estudo – como prática profissional – exige uma participação social do indivíduo com os trabalhos didáticos, mas também com a realidade de sua época (colocados aqui por nós como contexto da convergência) e sua comunidade (que possibilita o retorno sobre o trabalho – o *feedback* –, como ocorre no campo profissional).

Vislumbramos que a homologação das novas diretrizes curriculares – juntando-se aos espaços institucionais da área, como o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), a Associação

Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), além dos mestrados acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bem como o Mestrado Profissional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – possibilitará um **crescimento vertical** do campo do jornalismo. Assim, o ensino de jornalismo encontrará mais espaços de discussão, de modo que fortaleça cada vez mais não só os mecanismos de aprendizagem, mas também a prática profissional e a pesquisa. Como afirma Freire (1996), as condições para o ensino crítico “implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 26).

O fenômeno da convergência é uma oportunidade de possibilitar uma ruptura com o modelo dominante de ensino, dando lugar a metodologias baseadas no aprendizado simultâneo das diversas linguagens e na produção orientada para as múltiplas plataformas (CANAVILHAS, 2011; MACHADO, 2007, 2010). Neste sentido, os processos de produção (apuração, produção e circulação) como métodos pedagógicos podem ser viabilizados no ensino da área, uma vez que o jornalismo é, antes de tudo, uma prática social.

REFERÊNCIAS

ANUNCIÇÃO, Cristiano. Jornal-laboratório: ensino de jornalismo no contexto da convergência. In: V Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. **Anais...** Florianópolis, 2011.

_____. Um estudo sobre o jornal-laboratório *Oficina de Notícias*. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Luís, 2010.

AMARAL, Adriana; KEHL, Camila. Experiências de usos do Facebook como estratégia de ensino de Jornalismo Digital. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), v. 9, p. 12, 2012.

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Tradução de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

BALDESSAR, Maria José. Considerações sobre as mudanças necessárias no jornalismo e na formação profissional a partir da internet. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Florianópolis, 2005.

BARBOSA, Suzana. Modelo jornalismo digital em base de dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. In: Textual & Visual Media. **Revista de la Sociedad Española de Periodística**. v.1, 2008. p. 87-106.

_____. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea. Universidade Federal da Bahia. Orient: Prof. Marcos Palacios. 2007.

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana; LARRONDO, Ainarra. Narrativa jornalística e base de dados: discussão preliminar sobre gêneros textuais no ciberjornalismo de quarta geração. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Anais...** São Bernardo do Campo: São Paulo, 2008.

BARICHELO, Eugenia; CARVALHO, Luciana. Webjornalismo participativo e auto-referencialidade: estratégias de legitimação do campo do jornalismo na sociedade midiaticizada. **Alceu** (PUCRJ), v. 9, p. 90-101, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre, 1997.

BECKER, Maria Lúcia. Webjornal-laboratório: uma necessidade didática. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. **Anais...** Brasília, v.1, n.3, p.4-27, dez. 2007/mai. 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

_____. **Métodos em la enseñanza de la técnica del periodismo**. Quito: Ciespal, 1963.

BENEDETI, Carina Andrade. **A Qualidade da Informação Jornalística – Do conceito à prática**. Série Jornalismo a Rigor. V.2. Florianópolis: Insular, 2009.

BENEVENUTO JUNIOR, Álvaro. Desafios à produção e difusão do audiovisual na fase da convergência digital. In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **Anais...** Blumenau, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRONOSKI, Marcelo; XAVIER, Cíntia. Rotinas produtivas em jornal laboratório a partir da experiência do Foca Livre – UEPGPR. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo.** Ponta Grossa, v.1, n. 6, p. 173-185, dez. 2009/mai. 2010.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo.** Brazilian Journalism Research, vol. 7, nº. 11, 2011.

_____. **Gatewatching: collaborative online news production.** New York: Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais.** Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 13-20.

_____. **Do gatekeeping ao gatewatcher:** o papel das redes sociais no ecossistema mediático. II Congreso Internacional Comunicación. Universidad de Salamanca, 2010.

_____. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.** In: Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, 2006, p. 113-119.

_____. **A Internet como Memória.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2004.

CARVALHO, Carmen Regina. Jornal-laboratório, um conhecimento para aproximar a teoria da prática. **Revista Científica de Comunicação – Contra&dição**, v. 01, p. 1-12, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Pragmática do jornalismo:** buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3ª ed. revisada. São Paulo: Summus, 2007.

_____. **Linguagem dos conflitos.** 1. ed. Coimbra. Portugal: Minerva Coimbra, 2001.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; SILVA, Francisco Antônio. Jornalismo em 140 toques: análise de três contas do Twitter no Brasil. **InTexto** (UFRGS Online), v. 01, p. 65-80, 2010.

CORREIA, Ben-Hur. **A circulação da informação jornalística no ciberespaço: conceitos e proposta de classificação de estruturas.** In. Produção e colaboração no Jornalismo Digital. Carla Schwingel/Carlos A. Zanotti (Org.). Florianópolis: Insular, 2010.

CRISPINO, Fabiana. Novas tecnologias e educação: o uso dos blogs para o curso de jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 8, p. 251-263, 2011.

DALTOÉ, Andrelise. **Promessas, desafios e ameaças das tecnologias digitais.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.

DOMINGO, David et al. **Participatory journalism: guarding open gates at online newspapers.** John Wiley & Sons, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2010. 2ª ed. p. 62-83.

EMERIM, Cárilda. O desafio do ensino de Telejornalismo em duas regiões do interior do Rio Grande do Sul. In: MACHADO, Elias. (Org.).

O ensino de Jornalismo na era da convergência. 1ªed. Salvador: EDUFBA, 2011, v. 01, p. 191-214.

FADUL, Anamaria. Mídia regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, Anamaria; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Mídia e Região na era digital:** diversidade cultural, convergência midiática. São Paulo: Arte & Ciência, 2006. p. 23-40.

FAUSTO NETO, Antônio. Novas exigências de formação. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, julho a dezembro de 2009. Ano VI, n. 2.

FERRARETO, Luiz Artur. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2009.

FERREIRA, Luciana Gomes. **Produção laboratorial digital nos cursos de jornalismo: um estudo das tendências e mudanças em Salvador.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, 2011.

FIDALGO, António. **O ensino do jornalismo no e para o século XXI.** 2001. Disponível em: < <http://boce.uff.br/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf> >.

FIDALGO, Joaquim. **O jornalista em construção**. Porto: Porto Editora, 2008.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1997.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **O blog jornalístico**: definição e características na blogosfera brasileira. Dissertação de mestrado em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Orient: Prof. Elias Machado. 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Tese de doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Orient: Prof. Albino Rubim. 2003.

FRANCO, Guillermo. **Cómo escribir para a internet**, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADINI, Sérgio; TONUS, Mirna. Ensino de Jornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; CASTRO, Daniel (Orgs.). **Panorama da comunicação**

e das telecomunicações no Brasil. 1ed. Brasília - DF: IPEA, 2012, v. 4, p. 201-206.

GALDON, Gabriel. **La enseñanza del periodismo:** una propuesta de futuro. Barcelona: CIMS, 1999.

GANS, Herbert. **Deciding what's news.** Evanston: Northwestern University Press. 25th anniversary edition, 2004.

_____. **Deciding what's news:** a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Vintage, 1980.

GARCÍA AVILÉS, José-Alberto. **El periodismo audiovisual ante la convergencia digital.** Elche: Universidad Miguel Hernández, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GORDON, Rich. Online opportunities make journalism's future bright, despite gloomy feelings. In: **Online journalism review.** 2005.

GUERRA, Josenildo Luiz. A gestão dos processos na formação do jornalista: uma análise comparada entre conteúdos curriculares e técnicas profissionais. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2009.

_____. Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos. **Pauta Geral**, v. 1, p. 181-220, 2007.

GUTSCHE JR., Robert. Missing the Scoop: Exploring the cultural and sociological influences of news production upon college student journalists. In: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism Education, training and employment**. New York: Routledge, 2011, pp. 63-77.

HARCUP, Tony.; O' NEILL, Deirdre; News Values and Selectivity. In: **The Handbook of Journalism Studies**. Routledge: New York, p.161-174, 2009.

HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

HERREROS, Mariano Cebrián. **Información Televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009. 2ª ed.

JOBIM, Danton. **Pedagogia del periodismo: métodos de enseñanza orientados para la prensa escrita.** Quito: Ciespal, 1964.

JORGE, Thaís de Mendonça. A notícia nos cibermeios: três hipóteses sobre a mutação no relato noticioso. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

_____. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2007.

_____. Pirâmide e hipernotícia: elementos para uma discussão sobre o texto no jornalismo digital. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Porto Alegre, 2006.

KARAM, Francisco José. Ética, deontologia, formação e profissões: observações sobre o Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), Florianópolis, v. 1, p. 118-130, 2004.

_____. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus, 1997.

KARAM, Francisco José; PONTES, Felipe. A Pertinência da Categoria Singularidade de Adelmo Genro Filho para os Estudos Teóricos em Jornalismo. **Estudos em Comunicação**, v. 6, p. 147-165, 2009.

KERBER, Diego. A apuração no Jornalismo em Bases de Dados: os casos da Slashdot, Kuro5shin e Pacjor. In: XVII Jornadas de Jóvenes Investigadores, 2009, Concordia. **Anais...** XVII Jornadas de Jóvenes Investigadores, 2009.

KERBER, Diego; MACHADO, Elias; MANINI, Elaine. O Jornalismo Digital no Diario.com.br - Modelos de produção de conteúdos no Diário Catarinense On-line. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2008.

KIMURA, Mônica. **Perfil do jornal-laboratório nos cursos de jornalismo do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. Portal PUC-Rio digital: experiência de ensino-aprendizagem em jornalismo num ambiente de convergência midiática. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). **O ensino de comunicação: análises, tendências e perspectivas**. São Paulo: ABECOM: ECA/USP, 1992.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001.

LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, Funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes (USP)**, v. 1, p. 121-138, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Jaqueline. **Campus 40 anos: dos papiros à internet**. Brasília: Summus, 2011.

LOPES, Dirceu Fernandes. Para uma pedagogia do jornal-laboratório. **Cadernos Posgrad – Comunicação**, nº 1, dezembro de 2001.

_____. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MACHADO, Elias. Cinco teses equivocadas sobre o ensino em tempos de convergência. In: MACHADO, Elias; TEIXEIRA, Tattiana (Orgs.). **Ensino de jornalismo em tempos de convergência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010, p. 13-29.

_____. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. **ECO-PÓS**, v.11, n.2, agosto-dezembro 2008, p.21-37.

_____. **O jornalismo digital em base de dados**. Florianópolis: Calandra, 2006.

_____. Uma formação voltada para o futuro. **Comunicação e desenvolvimento: o encontro do Brasil profundo**. Brasília: Banco do Brasil, 2005, p. 60–67.

_____. O banco de dados como espaço de composição de narrativas multimídia. In: 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Salvador, 2004.

_____. **Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

_____. **La estructura de la noticia en las redes digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo.** Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Autônoma de Barcelona, 2000.

MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software.** Salvador: EDUFBA, 2007a.

_____. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007b, p.199-222.

MACHADO, Elias; TEIXEIRA, Tattiana. **Ensino de jornalismo em tempos de convergência.** Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

MANNING, Paul. **News and news sources: a critical introduction.** London: Sage, 2001.

MARQUES, Márcia. O ensino de processos de produção no jornal-laboratório. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

MARQUES, Márcia; JORGE, Thaïs de Mendonça. A arte de negociar a notícia: a experiência do jornal-laboratório campus da UnB. **Revista**

Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v.1, n.3, p.109-135, dez. 2007/mai. 2008.

MARQUES DE MELO, José. Pedagogia da comunicação: a construção da via brasileira para formar profissionais competentes. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. O ensino de comunicação: os desafios da sociedade contemporânea. In: MATTOS, Sérgio (Org.). **Comunicação plural**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 17-32.

_____. Os primórdios do ensino de jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. I, nº 2 - 2º Semestre de 2004.

_____. **Comunicação e modernidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. Jornais-laboratório: questões antigas e, como sempre, a fuga do fundamental. In: MARQUES DE MELO, José (Org.). **Cadernos de jornalismo e editoração**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 1984.

_____. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

MARTINS, Gerson Luiz. As potencialidades do ciberjornalismo no ensino de jornalismo. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

MARTINS, Gerson Luiz; STURZA, Catarine Moscato. O uso do ciberjornalismo na formação dos estudantes dos cursos de jornalismo de Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileiro de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.7, p. 73-106, jun. a dez. 2010.

MATSUUCHI DUARTE, Marcia Yukiko. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. 2ª ed, p. 215-235.

MATTOS, Sérgio. **Comunicação plural**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988, v. 24.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007.

_____. **Crescer para os lados ou crescer para cima**: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. In: XXII Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Rio de Janeiro: 7 e 8 de setembro de 1999.

_____. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi. Televisão e interatividade: uma demanda da convergência midiática. **Revista ECO-PÓS**. v. 12, p. 1-5, 2009.

_____. Globo Media Center: televisão e internet em processo de convergência midiática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs.). **Livro da XIV COMPÓS - Narrativas Midiáticas Contemporâneas**. Porto Alegre: Sulinas, 2006, v. 1, p. 181-190.

MENSING, Donica. Realigning Journalism Education. In: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism Education, training and employment**. New York: Routledge, 2011, pp. 15-32.

MIELNICZUK, Luciana. Dez anos de jornalismo *online*: muitas indagações e poucas respostas. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Florianópolis, 2005.

_____. **Jornalismo na web:** uma contribuição para o estudo do formato na notícia na escrita hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de jornalismo. **Relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação.** 2009.

MORAES JÚNIOR, Enio. Jornalistas para o século XXI - Convivendo como as tecnologias digitais de comunicação e seu modo de vida em sociedade, a formação dos jornalistas brasileiros deve implicar, sobretudo, uma formação cidadã. 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Sergipe, 2007.

MOREIRA, Fabiane. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo.** Dissertação de mestrado em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orient: Prof. Karla Maria Müller, 2006.

MORGAINÉ, Daniel. **Diez años para sobrevivir:** el diario de masas de 1980. Madrid: Editora Nacional, 1972.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVEU, Erik. As notícias sem jornalistas: uma ameaça real ou uma história de terror? **Brazilian Journalism Research**, vol. 6, nº 1, 2010.

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007.

OMENA SANTOS, Adriana Cristina. Reflexões sobre convergência tecnológica: a TV digital interativa no Brasil. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. v. 1, p. 10, 2003.

ORIHUELA, José Luís. **Los 'weblogs' cumplen diez años de agitación**. 2007.

PACHECO, Roni. **A Importância do Jornal Laboratório Portal na formação do Jornalista**. In: Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004, Araçatuba.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Orgs.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Editora Calhandra/Edições GJol, 2003.

_____. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: apontamentos para debate. In: Workshop de Jornalismo Online, 2002, Covilhã – Portugal. Workshop de Jornalismo Online de Covilhã, 2002.

_____. Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n.08, p. 111-121, 1999.

PALACIOS, Marcos et al. Um jornal laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado: o caso da plataforma panopticon. **Pauta Geral**, Florianópolis, v. 7, n. 7, p. 105-115, 2005.

PALACIOS, Marcos; [MIELNICZUK, Luciana](#). Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual. **Pauta Geral**, Salvador, v. 9, n.4, p. 33-50, 2002.

PARK, Robert. The natural history of the newspaper. In: **The city**. Suggestions for investigations of human behavior in the urban environment. London and Chicago: Chicago University Press, 1984, p. 663-679. 1a ed. 1925.

PATERSON, Chris; DOMINGO, David (Eds.). **Making online news: the ethnography of new media production**. London: Peter Lang, 2008.

PAVLIK, John. **Media in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2008.

_____. **Journalism and new media**. New York. Columbia University Press, 2001.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PERUZZO, Cicilia. **Tópicos sobre o ensino de comunicação no Brasil**. Versão ampliada do texto com o mesmo título apresentado no V LUSOCOM (Congresso de **Comunicação** de Países e Comunidades de Língua Portuguesa) em 17 de abril de 2002.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio. Ensino de jornalismo-laboratório em uma perspectiva convergente. In: SOSTER, Demétrio; LIMA JUNIOR, Walter. (Org.). **Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011, p. 172-193.

PINHEIRO, Paulo. A ditadura do CTRL C + CTRL V no webjornalismo: conceitos de edição de notícias para web. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, pp.181-194.

PINTO, Manuel. O ensino e a formação na área do jornalismo em Portugal: notas sobre uma “crise de crescimento”. In: LÓPEZ GARCÍA, Xosé; SOUSA, Jorge Pedro (Coords.). **A investigación e o ensino do xornalismo no espazo luso-galego: actas do I Congreso Luso-Galego de Estudos Xornalísticos** celebrado os días 29 e 30 de outubro de 2002 en Santiago de Compostela. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Sección de Comunicación, 2004.

POLICENO FILHO, Mário Luiz. **Jornal-laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

PONTES, Felipe. Teoria e História do Jornalismo: confluências e divergências das teorias do jornalismo e da história. **Interin** (Curitiba), v. 10, p. 73-94, 2010.

PRADO, Ana. Qualidade da informação jornalística: o jornal-laboratório em questão. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **InTexto** (UFRGS Online), v. 2, p. 1-15, 2011.

PRUDENCIO, Kelly; VIEIRA, Toni Scharlau. Comunicação e novas tecnologias no curso de Comunicação social da UFPR: problematização teórica e produção laboratorial. In: Claudia Quadros; Kati Caetano; Álvaro Lorangeira. (Org.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. 1ed. Covilhã: Livros LabCom, 2011, v. , p. 135-145.

QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; AMARAL, Adriana. O ensino do jornalismo digital e as práticas de convergência: análise de disciplinas e formação docente. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: Livros LabCom, 2011. p. 111-113.

QUADROS, Claudia; TEIXEIRA, Tattiana. Pela qualidade do ensino do jornalismo (editorial). **Brazilian Journalism Research** (versão em português) – vol. 1, 2008.

QUEIROGA, Tony. Transformações no saber-fazer dos jornalistas a partir do digital: reflexos na formação profissional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.7, p. 31-49, jun. a dez. 2010.

QUINN, Stephen. **Convergent journalism**: the fundamentals of multimedia reporting. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

RAMADAN, Nancy. Jornalismo na era digital: construindo uma filosofia de ensino. In: Latin American Studies Association 2006 XXVI International Congress, San Juan. **Anais...** Decentering Latin American Studies LASA, 2006.

_____. Reflexões sobre o ensino de jornalismo na era digital. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Campo Grande, 2001.

RASÊRA, Marcella. Convergência jornalística: uma proposta de definição do termo. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **Anais...** Novo Hamburgo, 2010.

RENÓ, Denis; PIMENTA, Caroline. O jornal laboratório digital como ferramenta de aprendizado e prática do estudante de Jornalismo. In: II Jornadas Internacionais de Jornalismo da UFP. **Anais...** Porto, 2007.

RENÓ, Denis. Construção do jornalista conectado: a experiência de um jornal laboratório digital como forma de aprendizado e armazenamento de informações sobre a profissão. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. **Anais...** Brasília, 2006.

RIBAS, Beatriz. Blogs como ferramentas de ensino do jornalismo. In: Marcos Palacios; Elias Machado. (Org.). **O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade**. Salvador: EDUFBA, 2007.

RIBAS, Beatriz; PALACIOS, Marcos. Os blogs no ensino do jornalismo: relato e reflexões a partir de experiências pedagógicas. **Diálogos de la Comunicación**, v. 76, p. 1-9, 2008.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Olho d'Água/Brasiliense, 1994.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

ROSHCO, Bernard. **Newsmaking**. Chicago: The University Chicago Press, 1975.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. In: NOCI, Javier Díaz;

PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador, 2008.

SAAD CORRÊA, Elisabeth; CORRÊA, Hamilton Luís. Convergência de mídias: primeiras contribuições para um modelo epistemológico e definição de metodologias de pesquisa. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Sergipe, 2007.

_____. O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências. In: V Congreso Iberoamericano de periodismo en internet. **Anais...** Salvador, 2004.

SALAVERRIA, Ramón; NEGREDO, Samuel. Periodismo integrado. **Convergencia de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Sol90, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. [O ciberjornalismo encontra a universidade: ideias para melhorar o ensino e a pesquisa](#). **Brazilian Journalism Research**, 2011. p. 141-157.

_____. Hipertexto periodístico: mito y realidad. In: MASIP, Pere; JOSEP, Rom (eds.). **La utopia digital en els mitjans de comunicació: dels discursos als fets**. Un balanço. Barcelona: Universitat Ramon Llull, 2005, pp.517-524.

_____. Convergencia de los medios. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 81, p. 32-39, 2003.

_____. Criterios para la formación de periodistas en la era digital. In: I Congresso Nacional de Periodismo Digital. **Anais...** Huesca, Espanha: 2000.

SALAVERRÍA, Ramón et al. Métodos de investigación sobre convergencia periodística. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker editoras, 2001.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios**. Dissertação de mestrado em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Orient: Prof. Francisco José Karam. 2010.

SCHWINGEL, Carla. A produção de conteúdos no ciberespaço: sistemas de gerenciamento de conteúdos. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2009.

_____. **Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo: a composição e a arquitetura da informação no desenvolvimento de produtos jornalísticos.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, 2008.

SILVA, Simone. O jornal-laboratório na formação do jornalista. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** UnB, Brasília, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOSTER, Demétrio. Uso de plataformas analógicas e digitais na prática do jornalismo-laboratório. In: MACHADO, Elias (Org.). **O ensino do jornalismo na era da convergência:** conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2011, v. 1, p. 233-253.

_____. Ensino de jornalismo-laboratório em uma perspectiva convergente. In: 8º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. **Anais...** São Luiz, 2010.

_____. **Sobre midiaticização, mediação, poder e jornalismo.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-9, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início do século XXI**. 2004. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=sousa-jorge-pedro-desafios-do-jornalismo.html>.

_____. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

_____. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001.

SOUSA, Janara; VARÃO, Rafiza. Recriando o jornal-laboratório: uma experiência metodológica e editorial diferente. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** 2005.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. 2ª ed, p. 51-61.

TAMBOSI, Orlando. Jornalismo e teorias da verdade. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 30, p. 35-48, 2007.

TÁRCIA, Lorena; MARINHO, Simão Pedro. Desafios e novas formas de ensino do jornalismo em tempos de convergência das mídias. In: 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, Juliana. **Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ e TJ UFRJ (2001-2010)**. Dissertação de mestrado em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Orient: Prof. Elias Machado. 2011.

TEIXEIRA, Tattiana. Projetos político-pedagógicos em tempos de mudança no Jornalismo: desafios e alternativas. In: MACHADO, Elias (Org.). **O ensino de jornalismo na era da convergência: conceitos, metodologias e estudos de casos no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 17-32.

TEJEDOR CALVO, Santiago. **La enseñanza del ciberperiodismo: de la alfabetización digital a la alfabetización periodística**. Sevilla: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística. Vol II**. Florianópolis, Editora Insular, 2^a ed, 2008.

_____. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2^a ed, vol I. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1992.

TUCHMANN, Gaye. **Making news**. New York: The Free Press, 1978.

UNESCO. **Modelo curricular da Unesco para ensino de jornalismo**. Tradução de Aline Paz Rogers. 2010.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VIRISSIMO, Vivian de Azevedo. **Apuração na Internet: Definição e Características. Um Estudo de caso com jornalistas de rádio, televisão, jornal e internet do Grupo RBS em Florianópolis**. Dissertação de mestrado em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Orient: Prof. Elias Machado. 2009.

_____. Apuração Jornalística na Internet. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2008.

VIVAR, Jesús Flores; GUADALUPE, Guadalupe Aguado. **Modelos de negocio em el ciberperiodismo**. Madri: Editorial Fragua, 2005.

ZAGO, Gabriela. Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 249-271, 2012.

_____. **Recirculação jornalística no twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação.** Dissertação de mestrado em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orient: Prof. Alex Primo. 2011.

_____. O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. In: 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2008.

ZANOTTI, Carlos Alberto. Jornais de web nas faculdades brasileiras de jornalismo. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; LIMA JR., Walter Teixeira. (Orgs.). **Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração.** Santa Cruz do Sul (RG): Edunisc, 2011. p. 156-171.

_____. Teorias do jornalismo e atividades laboratoriais. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo, 2008.

ZULIAN, José Antônio. A docência em tempos digitais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 3, p. 1-13, janeiro/junho de 1998.

YIN, Robert. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** 8ª ed. Lisboa: Presença, 2003.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE 1 – PROTOCOLO PARA O ESTUDO DE CASO

1. Visão geral do projeto do estudo de caso

As transformações nos meios de comunicação ocasionadas por uma complexa interação de necessidades percebidas, pressões competitivas e políticas, além de inovações sociais e tecnológicas e suas implicações no ensino de jornalismo são elementos de inquietação que deram início a este trabalho, que tem como objeto de estudo a produção de jornal-laboratório no contexto da convergência.

O principal objetivo da pesquisa é identificar e caracterizar de forma comparativa como se dá a produção do jornal-laboratório no contexto da convergência, analisando o papel do referido modelo de atividade laboratorial na formação profissional do jornalista contemporâneo. Com isso, buscaremos alcançar os seguintes objetivos específicos: situar e conceituar o jornal-laboratório no contexto da convergência; investigar três diferentes etapas do processo de produção do jornal-laboratório: apuração, produção e circulação; examinar o nível da produção laboratorial levando em consideração as potencialidades do ciberespaço; avaliar a contribuição da produção de jornal-laboratório para a formação profissional do jornalista; e refletir sobre o ensino contemporâneo de jornalismo.

Assim sendo, utilizaremos a metodologia criada pelo Grupo de Jornalismo Online da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (GJOL/FACOM/UFBA) – que assume, dentre outros aspectos, as quatro etapas do processo de produção noticiosa: 1) apuração; 2) produção; 3) circulação; e 4) consumo – assim como o aporte teórico-metodológico do *newsmaking* – estudo sociológico que estabelece as relações entre o trabalho dos jornalistas e o processo de produção noticiosa. Dessa forma, escolhemos três jornais-laboratório de cursos de Comunicação Social/Jornalismo como objetos empíricos: *Comunicação*, da Universidade Federal do Paraná (UFPR); e *Impressão*, do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH).

O emprego deste protocolo durante toda a realização do estudo de caso é imprescindível, de modo que funciona como uma orientação que visa garantir o rigor científico em uma pesquisa de campo planejada, estruturada e focada nas questões que busca responder.

2. Procedimentos de campo

Neste estudo de caso, elegemos diferentes procedimentos para a coleta de dados. Além da revisão bibliográfica, foram realizadas algumas análises preliminares do objeto que tinham como propósito avaliar quais procedimentos metodológicos permitiriam analisar da forma mais fidedigna possível do problema de pesquisa.

Mais especificamente na pesquisa de campo, prevista para o mês de dezembro de 2011, empregaremos duas principais fontes de evidências: a observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e as entrevistas com as pessoas neles envolvidas, além dos questionários. Como observação direta, buscaremos testar *in loco* as hipóteses de trabalho e levantar informações complementares.

Durante a pesquisa de campo, em um momento posterior ao primeiro dia de observação, pretendemos aplicar os questionários e começar as entrevistas com os envolvidos no processo de produção dos jornais-laboratório, incluindo professores, alunos e secretários e/ou técnicos. Consideramos a entrevista uma técnica que explora um tema a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de modo estruturado. O objetivo é recolher respostas a partir da experiência subjetiva das fontes.

Pretendemos visitar diariamente, durante uma semana (de segunda à sexta-feira), sempre das 8h às 18h, cada uma das três experiências, buscando observar parte do processo de produção. No final de cada dia da pesquisa de campo, sistematizaremos as observações realizadas, respondendo o que foi observado de mais relevante com relação às questões deste protocolo. Terminada a semana de visita, serão dedicados mais cinco dias para a organização dos dados recolhidos.

É necessário explicitar que todas as visitas devem ser solicitadas aos professores responsáveis por cada jornal-laboratório com, no mínimo, um mês de antecedência através dos seguintes e-mails:

- Comunicação, da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Professor responsável: Toni Scharlau

E-mail:

- Impressão, do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH)

Professor responsável: Luciano Andrade Ribeiro

E-mail: lucianoandraderibeiro@gmail.com

3. Questões do estudo de caso

3.1. Um panorama sobre o jornal-laboratório no contexto da convergência

- a) O que se entende como jornal-laboratório?
- b) Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?
- c) Qual o histórico deste jornal-laboratório? Quais as fases pelas quais passou? Qual a metodologia de ensino/produção?
- d) Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?

3.2. A apuração no jornal-laboratório

- a) Existe uma linha editorial a ser seguida?
- b) O que é notícia em um jornal-laboratório? Como são escolhidos os assuntos que serão pautados? Quem participa da escolha? Como as pautas são direcionadas?
- c) Como se dá a escolha das fontes?

- d) Como ocorre a apuração? Qual a influência dos cibermeios nesta etapa do processo de produção noticiosa?

3.3. A produção no jornal-laboratório

- a) Este jornal-laboratório conta com (ou segue como modelo) algum manual, regra ou norma de redação e estilo?
- b) Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?
- c) Quem gerencia a equipe? Como ocorre isso? Quais são os cargos dentro do processo de produção?
- d) Existe um planejamento que pense o produto para circulação nos diferentes meios (por exemplo, impresso e ciberespaço)?
- e) De que forma o ciberespaço auxilia a produção enquanto etapa?
- f) Qual a influência do fator tempo no processo de produção? Os prazos (dead line) são respeitados?

3.4. A circulação no jornal-laboratório

- a) Qual a periodicidade deste jornal-laboratório?
- b) Há uma preocupação com a memória dos jornais? Onde são arquivadas as edições anteriores?
- c) Como se dá a distribuição dos jornais? Quem participa desta etapa? Qual o público específico do jornal?
- d) Existe reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal? Como acontecem essas reuniões?

- e) A produção está aberta à participação do público-leitor? Como ocorre isso?
- f) O ciberespaço é usado na circulação do jornal? Quais as formas de circulação no ciberespaço (sítio, blogue, redes sociais, outros)?

4. Guia para o relatório do estudo de caso

O relatório do estudo de caso seguirá o segundo modelo dos quatro tipos propostos por Yin (2005): uma versão de casos múltiplos, baseada no clássico estudo de caso único. De acordo com o modelo, o relatório deve ser composto por diversas narrativas, ou seja, não deve partir da estrutura de perguntas e respostas – geralmente apresentadas em capítulos separados sobre cada um dos casos individualmente. Também deverá constar no relatório uma seção que apresente a análise e os resultados dos casos cruzados.

É importante destacar que os dados separados de cada estudo de caso serão apresentados na dissertação como apêndices, uma vez que, no corpo da pesquisa, os estudos de caso serão aplicados na ilustração de argumentos, na demonstração da validade ou na refutação das hipóteses propostas, e não como seções ou capítulos separados. Deste modo, utilizaremos mais os dados cruzados do que os individuais de cada objeto no corpo da dissertação.

Cabe mencionar ainda que a escolha de uma das quatro alternativas de modelo de relatório neste projeto, embora seja essencial, não é algo inquestionável durante a realização da pesquisa. Em outras palavras: sempre será possível que essa escolha inicial seja alterada, pois podem surgir condições adversas, de modo que outro modelo se revele mais adequado do que o adotado originalmente. No relatório do estudo de caso proposto, pretendemos incluir também a transcrição de todas as entrevistas realizadas.

APÊNDICE 2 – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ABERTA

1. O que você entende como jornal-laboratório?
2. Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?
3. Qual o histórico deste jornal-laboratório? Quais as fases pelas quais passou? Qual a metodologia de ensino/produção?
4. Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?
5. Existe uma linha editorial a ser seguida?
6. O que é notícia neste jornal-laboratório? Como são escolhidos os assuntos que serão pautados? Quem participa da escolha? Como as pautas são direcionadas?
7. Como se dá a escolha das fontes?
8. Como ocorre a apuração? Qual a influência dos cybermeios nesta etapa do processo de produção noticiosa?
9. Este jornal-laboratório conta com (ou segue como modelo) algum manual, regra ou norma de redação e estilo?
10. Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?
11. Quem gerencia a equipe? Como ocorre isso? Quais são os cargos dentro do processo de produção?
12. Existe um planejamento que pense o produto para circulação nos diferentes meios (por exemplo, impresso e ciberespaço)?

13. De que forma o ciberespaço auxilia a produção enquanto etapa?
14. Qual a influência do fator tempo no processo de produção? Os prazos (dead line) são respeitados?
15. Qual a periodicidade deste jornal-laboratório?
16. Há uma preocupação com a memória dos jornais? Onde são arquivadas as edições anteriores?
17. Como se dá a distribuição dos jornais? Quem participa desta etapa? Qual o público específico do jornal?
18. Existe reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal? Como acontecem essas reuniões?
19. A produção está aberta à participação do público-leitor? Como ocorre isso?
20. O ciberespaço é usado na circulação do jornal? Quais as formas de circulação no ciberespaço (sítio, blogue, redes sociais, outros)?

APÊNDICE 3 – MODELOS DE QUESTIONÁRIO

- **ALUNOS**

1. Idade:

2. Nome da disciplina e semestre (período do curso):

3. Qual função (cargo) você está desempenhando nesta edição?

repórter editor outro

Qual?

4. Você já usou o ciberespaço para ter uma ideia de pauta ou na etapa de apuração?

sim não

Explique:

5. Você já usou o ciberespaço na etapa de produção?

sim não

Explique:

6. O ciberespaço é usado na circulação do jornal?

sim não

Quais formas de circulação existem e quem fica responsável?

7. O que você entende como jornal-laboratório?

8. Na sua opinião, o jornal-laboratório prepara o futuro profissional? Explique:

9. Você tem autonomia na produção?

() sim () não

Explique:

10. Quais as maiores dificuldades para a produção? Explique:

- **SECRETÁRIOS E/OU TÉCNICOS**

1. Idade:

2. Qual função você desempenha no laboratório?

3. Descreva de modo sucinto seu trabalho no laboratório:

4. Qual seu período de trabalho?

manhã tarde noite

Número de horas diárias:

Dias da semana:

5. Qual o tipo de vínculo formal que você tem com o laboratório/universidade?
 funcionário efetivo funcionário contratado
 estagiário do próprio curso estagiário de outro curso
 monitor outro
Qual?

6. Há quanto tempo trabalha neste laboratório?

7. Formação profissional:

8. Você participa de alguma forma do processo de produção do jorna-laboratório? Explique:

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM LEONARDO CUNHA

1 – O que você entende como jornal-laboratório?

É um espaço para se exercitar vários momentos do jornalismo desde a pauta, discussão de pauta, apuração, redação, edição de matérias. Isso com os próprios laboratoristas, monitores, estagiários, mas também é um espaço para a veiculação de materiais que são produzidos ao longo do curso, em várias disciplinas. Não é necessariamente só de produção própria, é também um canal de escoamento, de visibilidade para o material produzido nas disciplinas para não ficar só aquela coisa de fazer o trabalho para ganhar nota, mas também para ter uma possibilidade daquilo ali ter um escoamento. Antigamente, quando não tinha blogue, Facebook, essas coisas, praticamente o único lugar que os alunos tinham para publicar era nos jornais-laboratório. Hoje em dia, isso já está um pouco mais diluído. Já tem muitos alunos que têm seus próprios blogues, que escrevem para sites, tem outros canais de publicação. Ainda assim, eu acho que o jornal-laboratório tem um papel importante porque ele vai sistematizando tudo isso.

Não é institucionalizado ainda. Por exemplo, o blogue é iniciativa do próprio aluno, iniciativas de grupos de alunos ou alunos isoladamente ou alguém de conhece. Tem esse lado. Agora, claro, os jornais-laboratório também podem, em tese, ter os seus blogues. Aqui no UNI-BH o que a gente faz é uma versão online do próprio jornal, acrescentando algumas coisas, mudando algumas coisas. Mas em tese sim. Os próprios laboratórios do curso de jornalismo podem ter os blogues ou as

disciplinas podem ter. aí depende do procedimento de cada professor, de cada laboratório.

2 – Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?

Olha, isso aí depende muito da instituição. No nosso caso aqui, ele não é uma disciplina, ele é um laboratório separado que recebe textos e materiais e fotos e dossiês e artigos e tal de várias disciplinas, mas também produz alguns materiais próprios. Mas ele tem um papel didático, educativo em vários momentos. Por exemplo, na disciplina de edição tem momento em que se pega o jornal-laboratório e se analisa o último número, o que foi feito, problemas, qualidades, o que pode mudar, o que não pode. Então, ele é um material didático nesse sentido, e dentro do laboratório e, particularmente, para os monitores e para os estagiários, ele funciona realmente como um laboratório, uma simulação do que é uma redação com todas as etapas: reunião de pauta, de apuração, reportagem, edição. Então tem todos esses lados.

3 – Qual a metodologia de ensino/produção?

A gente tem uma reunião de pauta a cada edição que a gente convida os alunos. É aberta a qualquer aluno, qualquer aluno pode participar. Porque aí é para propor pauta. Às vezes vem sem ideia, mas pode alguém chegar com muitas ideias e passar para o outro. Mas assim: já houve épocas em que essas reuniões de pautas eram lotadas. Na época que tinham quatro números por semestre e que tinha também uma página no jornal Hoje em

dia, então era mais disputada. Agora está menos. Nós estamos começando a tentar recuperar essa ideia das reuniões de pauta mais disputadas. Porque também o jornal-laboratório não é mais o único espaço de publicação. Muitos alunos fazem estágio, que antigamente não tinha. Muitos têm blogue. Então essa coisa de participar da reunião de pauta e publicar no jornal-laboratório não tem todo o charme e ineditismo que tinha um tempo atrás.

3.1 – Sobre mudança no número de jornais publicados por semestre:

Tem um pouco a ver com a mudança da instituição que foi vendida uns dois, três anos atrás e que também coincidiu com uma diminuição do número de alunos, que chegou a ter 800 alunos no curso de jornalismo e atualmente está por volta de uns 500. Então, com isso é claro que também o número de publicações acaba diminuindo porque é um percentual dos investimentos e tal.

Estou no Imprensa desde o ano passado. Antes eu era do laboratório de jornalismo online e aí teve um momento que fechou o laboratório de jornalismo online e aí um pouco depois abriu o de convergência. Então teve uma pausa aí que eu não acompanhei muito de perto.

4 – Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?

Olha, ele é feito pelo laboratório de jornalismo impresso. Então assim, existia muito antes de existir qualquer ideia de internet, de convergência. Mas quando a internet se tornou mesmo uma realidade, uma possibilidade para ampliar os limites do jornal-laboratório foi natural a gente começar

esse contato. A própria professora Lorena, que é coordenadora do laboratório de convergência, que propôs a versão online do jornal. Talvez ela até vai poder falar melhor com você sobre isso. Mas a gente trabalha em diálogo.

5 – Existe uma linha editorial a ser seguida?

Até o ano passado a coordenação do laboratório era de outro professor. Eu participava mais no segundo caderno só. E o jornal seguia uma lógica um pouco mais dos jornais tradicionais tanto em termos de narrativa, em termos de texto, diagramação. E eu desde alguns semestres já colaborei com a minha disciplina de jornalismo cultural. Praticamente o segundo caderno é quase todo resultante de textos da minha disciplina. Então eu já participava mesmo não estando na coordenação, eu já participava fortemente do segundo caderno. Aí ano passado eu entrei para ser o sub-coordenador e tomei conta quase do segundo caderno, aí cuidei também de diagramação, de coisas que antes eu não cuidava, era só texto. E agora esse ano teve essa outra mudança, que com a saída do professor que coordenava e a chegada do Maurício agora nós estamos dividindo em pé de igualdade. Nós dois agora somos os editores e discutimos em conjunto todo o jornal. E aí, se até então o jornal seguia o jornalismo um pouco mais tradicional, a nossa ideia – até por um perfil meu e do Maurício – é de abrir mais para um texto mais criativo, abrir para a reportagem mais narrativa (não chega a um jornalismo literário, mas dá um passo nessa direção) e visualmente também a proposta é ir por esse lado. Então é um

tipo de jornalismo que passou por uma mudança de linha editorial do ano passado para cá.

Não há um documento que institua uma linha editorial oficialmente.

6 – O que é notícia neste jornal-laboratório?

Como é um jornal que é publicado duas vezes por semestre e muitas vezes essas matérias vão sendo feitas até no semestre anterior, então é claro que a gente tem que tomar cuidado para a gente não propor pautas, de reportagens ou outro tipo de matéria muito factual porque a chance de ela ficar fria, ficar datada é muito grande. Não estou defendendo o jornalismo totalmente frio, mas é de entender que dá para fazer reportagens que sejam mais atemporais, que sempre vão ser interessantes, que vão tratar de questões que não envelhecem aí em um mês.

7 – Como são escolhidos os assuntos que serão pautados?

Tem uma reunião de pauta que a gente deixa algumas seções abertas. Por exemplo, no segundo caderno são quatro reportagens, mas a maioria já vem da reunião de pauta da disciplina de jornalismo cultural. Quatro reportagens ou cinco, eventualmente. Duas resenhas e duas crônicas. No primeiro caderno, há uma flexibilidade grande. Tem uma seção que trata de mídia e tecnologia e aí pode ser qualquer assunto nessa área. Tem outra seção que fala da Minha BH, que é também qualquer assunto que fale de uma BH que é pouco conhecida, pouco vista, que fuja dos cartões-postais, que fuja do olhar mais óbvio sobre a cidade. Tem uma seção que chama tramas contemporâneas, que aí é meio guarda-chuva, vale tudo. O

primeiro caderno não está trabalhando exatamente com editoria (política, economia, esporte). Esses assuntos podem entrar, mas não pelo viés tradicional das editorias. É mais pelo viés de estar ou lidando com tecnologia ou com BH ou lidando com tramas contemporâneas. Tem uma seção que é de um perfil, uma boa entrevista, bem escrita e tal. Enfim, a lógica é essa.

8 – Quem participa da escolha das pautas?

Na reunião de pauta, somos eu, Maurício e qualquer aluno que participar, e quando a gente terminar a contratação dos monitores, estagiários que a gente está fazendo essa semana, essa seleção, eles também vão participar e qualquer aluno pode propor. Agora, das matérias que já vem das disciplinas aí é dentro da disciplina de cada professor. A gente não interfere. Claro que uma disciplina é a minha, outra é a do Maurício, mas tem a disciplina de jornalismo interpretativo, tem a disciplina de redação I, redação II, todas essas podem fornecer material para a gente.

O professor mesmo sugere as melhores, as que ele achar mais interessante.

9 – Como as pautas são direcionadas?

Não tem uma pré-definição assim não. Acho que dentro dessas grandes seções que a gente fez aí, qualquer recorte está valendo. Não é muito fechado isso não.

10 – Qual a influência dos cibermeios no processo de produção noticiosa?

Eu mesmo sugiro para eles olharem no Facebook (antes era no Orkut) em comunidades. Que eu falo para eles que essas comunidades são mananciais de pautas. Que eles devem procurar. Às vezes são pautas pouco evidentes que podem surgir, assim como eu falo também para pesquisarem na UFMG, onde tem muito pesquisador de mestrado e doutorado, como que isso é um manancial de pautas também. É que há uma distância muito grande entre o jornalismo e a academia e, como eu já fiz mestrado e doutorado, eu fico pensando que cada colega meu de mestrado e doutorado era uma “puta” reportagem, que daria para fazer a partir da pesquisa deles. Só que isso quase nunca acontece por causa dessa má vontade mútua entre o jornalismo e a academia.

10.1 – E a apuração também acontece?

Dependendo da matéria, eu não tenho nada contra. Acho que a internet tem muita informação disponível. Na área de cultura mesmo, eu sugiro vários sites que eles podem pesquisar. Eu navego com eles em alguns sites na sala de aula e acho que outros professores também fazem isso. Não tenho nada contra. O que eu falo é que a gente não pode ficar só ali, mas é uma das fontes.

11 – Este jornal-laboratório conta com (ou segue algum modelo) algum manual, regra ou norma de redação e estilo?

A gente tem um micro-manual que a gente desenvolveu internamente. É mais para dar um padrão mesmo. Não é um manual muito de estilo, é um manual mais de padronização. O restante a gente vai discutindo internamente mesmo.

12 – Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?

Aí vai depender se são as matérias que vem das disciplinas ou as matérias feitas a partir das reuniões de pauta. [No caso das matérias feitas a partir das reuniões de pauta], a gente dá total autonomia. A gente não fala assim: não pode fazer isso, não pode fazer isso, tem um enfoque proibido, nada disso. Agora o que muitas vezes limita o aluno é a questão mesmo financeira, a dificuldade de ficar rodando e conversar com muita gente. Muitas possíveis fontes não gostam de conversar com jornal-laboratório. Então vai meio que com má-vontade, mas outras vezes não. A gente alerta os alunos que é uma atividade que é mais problemática mesmo quando a fonte sabe não é para um veículo da grande imprensa, mas sim um veículo da escola.

13 – Quais são os cargos dentro do processo de produção?

Então tem eu e Maurício como editores. Eu fico mais por conta do segundo caderno, mas também opino no primeiro e vice-versa. Tem a Ana Paula que é a nossa diagramadora, laboratorista, que cuida da diagramação e tem os estagiários. Varia, mas normalmente são dois estagiários e dois monitores. Um mais por conta de foto, um para ajudar mais na diagramação e os outros por conta de texto.

14 – Qual a influência do fator tempo no processo de produção?

A gente tem um problema contrário na maioria do jornalismo, que é o problema do tempo muito alongado, ao contrário dos jornais do cotidiano cujo problema é exatamente a falta de tempo. Aqui normalmente a gente tem um tempo até porque são duas edições semestrais, mas ainda assim quando chega na hora de fechar é um desespero.

15 – Os prazos (deadline) são respeitados?

Normalmente são, mas não é uma coisa tão rígida quanto num jornal da grande imprensa, que tem obrigatoriamente de sair naquele dia. Num jornal-laboratório se não sair naquele dia, ninguém vai “morrer”. Mas a gente tenta seguir o combinado, mas normalmente a gente tem uma variação de uma semana ou alguma coisa assim. Mas lógico que o rigor de um veículo oficial da imprensa mesmo é muito maior.

16 – Há uma preocupação com a memória dos jornais?

Sim, tem. A gente encaderna de tempos em tempos. Antigamente era anual porque eram mais jornais, agora talvez passe a ser de dois em dois anos. Mas tem quase tudo encadernado. Agora, a próxima encadernação vai pegar o ano passado e esse ano. A partir de oito, dez anos atrás tem os arquivos digitais.

17 – Como se dá a distribuição dos jornais?

Os próprios estagiários e monitores do jornal distribuem. Tem uma distribuição nos três campus da UNI-BH e dependendo da

disponibilidade que a gente tem de carros, a gente também distribui em alguns bares, alguns cinemas.

18 – Qual o público específico do jornal?

O principal é a própria comunidade [universitária]. Teve uma época que a gente tinha uma preocupação com o entorno da universidade. Quase virou um jornal meio de bairro, mas atualmente não é mais assim. Não é mais um jornal que discute prioritariamente assuntos da região do bairro.

19 – Existe uma reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal?

Quando o jornal chega da gráfica, a gente para, reúne a equipe, discute o que ficou legal, o que não ficou, o que pode mudar. É o que a gente tem feito.

20 – O ciberespaço é usado na circulação do jornal?

Temos que retomar isso, porque o estagiário que fazia o Twitter do laboratório saiu e ainda não conseguimos contratar outro. Temos Twitter sim, mas não sei se temos Facebook.

21 – Como se dá a impressão do jornal?

A gente faz três, quatro orçamentos e escolhe uma delas, mas é sempre uma mesma gráfica que acaba dando o melhor orçamento. A revista Múltipla era para ter sido impressa no início de janeiro e deu algum problema lá que até hoje a gente não entendeu o que é. Eles estão

enrolando já tem quase três meses. A revista já era para ter ficado pronta em janeiro, mas ainda não saiu.

APÊNDICE 5 – ENTREVISTA COM LORENA TÁRCIA

1 – O que você entende como jornal-laboratório?

É um espaço de experimentação de linguagem. O espaço de aprendizagem, do risco. É o espaço em que a gente não o risco comercial, portanto, é o espaço que a gente deve utilizar – eu tenho feito isso em contato com o mercado para ver o que eles precisam em termos de experimentação dessas linguagens, que eles não podem fazer e que a gente pode. E levar os alunos para isso. É o espaço que a gente não tem que dar muita satisfação comercial enquanto a gente pode experimentar. O jornal-laboratório é o espaço para isso.

A gente tem procurado fazer isso nos dois [impresso e online]. Desde 2009, a gente tem trabalhado os laboratórios da comunicação de uma forma bastante integrada, inclusive com a publicidade, tentando arriscar um pouco, mudando um pouco em termos de visual, de linguagem, de cross mídia, de convergência. Esse tem sido o nosso foco. Eu acho que laboratório – não só jornal-laboratório, mas laboratório – em espaço acadêmico em si, é esse espaço de aprendizagem e de risco.

1.1 – O impressão online é uma extensão do impresso?

É. A gente tem o laboratório de convergência de mídias. Uma das funções dele é pensar essa extensão do impresso. O ideal e que a gente está tentando ainda em termos de projeto é que o próprio jornal [impresso] já pensa em convergência desde a proposta inicial dele. Mas como a gente tem a dificuldade dele estar lincado com uma disciplina que é no 4º período e os alunos ainda não viram jornalismo online, a gente ainda tem essa dificuldade de o aluno pensar uma matéria convergente que ultrapasse o espaço do impresso. Mas a gente tem esse laboratório que dá suporte a eles. Mas um dos projetos desse semestre agora – a gente voltando a trabalhar – é que o Impressão online vá para o espaço do laboratório Impressão. Nós vamos descer com o laboratório de convergência de mídias e ficar mais próximo da TV.

1.2 – Quando a gente fala “extensão” é o que?

É no que diz respeito a todo processo de produção da notícia, desde a apuração até as pautas, a produção e a distribuição. Que a gente pense a matéria, pense a pauta expandido o texto, já pense nos recursos sensoriais que compõem uma matéria que não podem ir no ambiente do impresso. Então que já saiam para a rua com uma câmera fotográfica, com um gravador, com uma filmadora [porque ela pode ir tanto para o impresso quanto para o online] e ela pode ser estendida.

2 – Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?

Eu acho que o papel já foi maior. Acho que o jornal-laboratório já foi o “carro-chefe” da formação do aluno porque ele não tinha outro espaço

prático de aprendizagem. Hoje em dia, eu tenho visto cada vez mais o esvaziamento desse espaço porque as empresas estão meio que substituindo a mão-de-obra por mão-de-obra barata do estagiário. Então, nunca se viu tanta oportunidade de estágio e os meninos perdem um pouco o interesse na experimentação nesse espaço interno da escola para já partir para o mercado. Acho que cabe a escola também reformular esse espaço. Se já não é mais o espaço de experimentação antes de ir para o mercado, que seja um espaço de cumprir aquilo que o mercado não pode dar a esses alunos. Acho que hoje esse é o principal desafio desse espaço de experimentação.

3 – Qual a metodologia de ensino/produção?

A gente tem procurado trabalhar o Impressão online no sentido da convergência de mídias. Então a gente tem com os meninos que entram lá no [laboratório de] convergência, eles passam por pequenos laboratórios de edição de vídeo, edição de áudio e partir para a prática sem muito compromisso com uma linguagem já formatada. A gente não tem manual e eu falo com os meninos que espero que a gente nunca venha a ter porque o online é isso aí: o espaço da mudança, é o espaço da gente “brincar” com essa possibilidade de estar atingindo os vários sentidos das pessoas. A gente trabalha muito com equipe, cobertura colaborativa. Então a gente já chegou a conclusão, há muito tempo, que não funciona você pegar um jornalista e colocar ele para fazer todas as partes que compõem uma matéria multimídia. Então a gente trabalha colaborativamente em equipe: um faz o vídeo, outro faz fotografia, outro

faz o texto. Isso no caso do laboratório, mas a metodologia é usada na disciplina de jornalismo online também.

O link entre [a disciplina] jornalismo online e o jornal Impressão online, eu faço exercícios até que os meninos cheguem num ponto de compor matérias nesse formato e aí as melhores vão para o Impressão online. Mas como é um exercício de aprendizado porque eles não viram essa possibilidade de matéria multimídia e de cobertura nos outros períodos, então a gente começa o semestre aprendendo isso.

3.1 – O que você chama de “as melhores matérias”?

As matérias que os próprios alunos consideram que são as melhores. Em determinado momento do curso depois que a gente faz a primeira matéria multimídia, a gente senta para comentar uma a uma e aí eles vão dizer qual que...

[Então o Impressão online não está vinculado à disciplina de jornalismo online]

Porque como já está lá no sétimo período e os alunos já estão saindo e é um período complexo também que os alunos estão fazendo TCC, então a gente prefere trabalhar com os alunos que estão chegando [no curso]. Eu percebi essa possibilidade de utilizar o laboratório como uma forma de suprir uma deficiência do curso, que eu acho que é de todos os cursos de jornalismo: o aluno não pensa convergente, não pensa multimídia, eles ainda são muito de gavetas de conhecimento e a escola mantém esse padrão – o aluno vai ver impresso, ele vai ver fotografia, ele vai ver rádio, ele vai ver TV e só lá no 7º período que ele vai ver tudo junto. Apesar da

gente ter uma disciplina no 2º período que é Fundamentos de multimídia, as disciplinas acabam compartimentando essa possibilidade de linguagens. Então se a gente pega os alunos mais do começo do curso, como monitores e estagiários, a gente tem condição de que na cabeça dele, na forma dele trabalhar, ele perpassa o curso nessa possibilidade de uma linguagem múltipla.

Por semestre, a gente tem que renovar, eles têm possibilidade de ficar até dois anos. Então a gente tem lá no laboratório de convergência dois estagiários de 30 horas e dois monitores de 15 horas. Mas nesse semestre está completamente devagar. Nós só estamos renovando uma estagiária, que é a Cristiane Lasmar, e ontem eu fiz entrevista com três, que é o processo de seleção.

A seleção dos estagiários, os meninos fizeram entrevista comigo e ontem mesmo eles tiveram o desafio: a entrevista foi seis horas e tinha um evento começando às sete e eles tiveram que fazer a cobertura do evento e me mandar até às onze. Eu recebi às onze o texto deles, daí eu faço a seleção.

Temos quatro estagiários que são fixos e recebem bolsa, mas nosso universo é muito ampliado pelos voluntários e não só fica restrito a voluntários internos como também voluntários externos (ex-alunos, agregados, todo mundo que tem interesse em convergência a gente acaba agregando em algum ponto – nós fizemos uma ampla cobertura que até ganhou o prêmio Expocom que foi em 2010 e ganhou o prêmio ano passado que foi uma cobertura convergente de um campeonato de futebol que acontece aqui no UNI-BH que chama “Futichampions” e aí nós

tínhamos alunos de História, nós tínhamos alunos de Publicidade, nós tínhamos alunos de Educação Física escrevendo como colunistas, como repórteres – então a gente agrega porque a gente é muito chamado e a gente tem essa certa referência em termos de convergência, então nós somos chamados para eventos externos. A gente faz anualmente a cobertura do Festival do Folclore do Jequitibá, que acontece no segundo semestre, novembro por aí, e tem dois anos que a gente faz. Esse será o terceiro. A prefeitura dá transporte, dá hospedagem e eu tenho três ex-alunos que monitoram a equipe de lá, eu monitoro a equipe daqui e a gente ainda faz um boletim impresso que é diagramado em Portugal. A produção se dá em todo lugar. A gente tem três mochilões, que a gente chama de mochilões multimídia, que é o equipamento que os meninos trabalham. Esse mochilão tem um netbook, tem gravador digital, tem filmadora digital, tem máquina fotográfica e agora tem iPad. Então onde o alunos está, ele tem condição de cobrir e enviar a informação em tempo real).

3.2 – Gerenciador de conteúdos:

Quando a gente fez o site do Imprensa online, a gente tinha um dos estagiários que estava também estudando programação. Então ele fez uma proposta da gente fazer um gerenciador de conteúdo que fosse específico para jornalistas. Então toda linguagem do CMS é de jornalismo (retranca, legenda, etc.). Então esse é um diferencial que está por trás do site, que para os meninos é interessante em termos de

aprendizagem porque não aparece, no final das contas, na página, mas que é mais uma possibilidade.

O site já tem ferramentas destinadas ao jornalismo. E a gente até fez um artigo em cima disso. Por que hoje em dia o jornalista usa o gerenciador genérico, que não fala a linguagem dele. Então, ele na época estava querendo desenvolver isso: uma ferramenta exclusiva para jornalistas.

4 – Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?

A ideia inicial do Convergência e que é um caminho que a gente está tentando trilhar é justamente trazer todos os laboratórios para um mesmo perfil de produção. Por causa da tradição do impresso, nós tivemos muita resistência e, por incrível que pareça, dos próprios alunos. Por incrível que pareça os alunos do impresso tem dificuldade de pensar multimídia e não querem. Para eles, quem faz a seleção e entra no impresso, é como se o online fosse uma mídia pobre. Eu sempre notei isso no laboratório de impresso e vejo como isso é preocupante porque os alunos trazem um preconceito que é muito característico das redações tradicionais. A gente tende a achar que o aluno que entra no jornalismo está antenado e está com as novas linguagens. E na verdade, esse link foi sempre forçado. Foi sempre a gente tentando puxar o pessoal do impresso. Já os professores não. Apesar da dificuldade tecnológica. Todos eles têm a dificuldade com o técnico, apesar de circular no universo online, por exemplo, eles não sabem uma edição de áudio, uma edição de vídeo, mas não era empecilho para eles não incentivarem os alunos a fazer. E a gente fez oficinas para os meninos do impresso e do online: oficina de edição de áudio e edição

de vídeo. E a maioria dos meninos do impresso não concluiu a oficina. Não era interesse deles expandirem a linguagem.

5 – Existe uma linha editorial a ser seguida?

Na verdade, a proposta é ser um laboratório. Acho que a principal linha editorial é essa e os temas são discutidos com as turmas semestre a semestre. O jornal Impressão (impresso) tem projeto gráfico, tem tudo organizadinho. O online não, eu faço questão que não tenha. A gente muda a cada momento e vai experimentando e vendo o que dá certo, o que não dá porque não tem manual e eu não quero que tenha, não tem modelo e eu também não quero que tenha. Não quero que façam o Globo online nem a Folha online. Eu quero que faça o que é possível a gente fazer de experimentação dentro dos recursos que a gente tem.

6 – O que é notícia no Impressão online?

A gente um viés que é tradicional no curso de jornalismo do UNI-BH que é cultura e comportamento. Então normalmente a tendência do que é notícia que vem dos alunos (eles é quem decidem o que vai ser tema das reportagens) é muito voltado para o cultural e para o comportamento. Agora quando eu faço o link com a minha disciplina, eles tratam de outros assuntos. Mas o foco principal do Impressão (impresso) sempre foi a área cultural e de comportamento.

[ligação com o público]

Isso é um problema. A gente não tem um público definido que agora nós estamos mudando. O que acontece? Eu entrei no UNI-BH, o Fabrício já

estava aqui. Então com a competência do Fabrício, eles tinham um domínio da produção de conteúdo no curso como um todo porque o impresso era o carro-chefe. Então a gente ia na linha do Fabrício: o que ele decidisse que era notícia e o público que ele fosse escreve – que acaba sendo um público de massa por causa da disciplina de Edição Jornalística, os meninos querem fazer um jornal voltado para o público de massa – a gente ia nessa linha. Agora, depois que o Fabrício saiu e a gente consegue coloca o dedo lá – porque ele morria de ciúme daquele projeto, que é sensacional, ganhou Intercom duas vezes – a minha linha, por exemplo, que se afasta um pouco do impresso, vamos trabalhar com jornalismo hiperlocal aqui na Lagoinha, que é o bairro aqui. Então nosso público vai ser esse.

7 – Como são escolhidos os assuntos que serão pautados?

No Impressão online temos essas duas linhas: o que vem do impresso a gente transforma em multimídia e o que os alunos pautam que a gente faz uma reunião semanal e os alunos têm que trazer uma sugestão de matéria para cobrir aquela semana (dentro do laboratório de convergência). Então geralmente parte para isso aí, para o lado cultural, para cobrir show, evento etc.

A gente faz reunião conjunta quando está funcionando em plenas condições. Aí a gente senta e faz reunião conjunta do impresso com o online e os alunos conversam alí, eles que decidem entre eles. A gente faz uma reunião de acerto semanal, mas a reunião de pauta são duas por semestre.

8 – Como se dá a escolha das fontes?

Aí fica por conta dos alunos levantarem. Eles que correm atrás e buscam. A gente sugere e procura não deixar que eles fiquem presos a fontes que eles têm acesso fácil.

9 – Qual a influência dos cibermeios no processo de produção noticiosa, na apuração especificamente?

Nessa produção que vem da disciplina jornalismo online é mais forte isso. Por exemplo, os meninos acabaram de fazer uma prova de jornalismo assistido por computador. Eles começam a vasculhar banco de dados, começam a entender a internet que vai além do google. Então com isso começa a surgir muita pauta daí. Por exemplo, a gente tem uma matéria que a gente faz com o uso de mapas e aí as pautas surgem totalmente da internet.

Um dos exercícios que eu faço com eles agora. São duas pautas. Uma é construir uma matéria que se justifique em uma narrativa ao longo do tempo, que eles vão fazer uma linha do tempo. E aí eles vão pesquisar na web o que faz sentido em termos de reportagem contada historicamente, cronologicamente. E a segunda é fazer uma matéria utilizando mapa que tenha um conceito de serviço público. Então, por exemplo, mapear os locais da cidade onde tem maior índice de acidente de trânsito, mapear os locais que têm mais buraco, que têm mais acidente. O que eles conseguirem de dados online que eles transformem numa reportagem.

Ontem mesmo a prova que eles fizeram foi essencialmente de consulta e cruzamento de dados na web. Por isso que eles estavam roendo as unhas porque deixou de ser jornalismo google. Quer dizer, eles têm que conhecer os bancos de dados, têm que saber cruzar dados e obter informação a partir desses dados.

IBGE, Datasul, Banco Central.

Porque antes desse exercício, eles tiveram que mapear vários bancos de dados de interesse jornalístico e fizeram um banco de dados coletivo. Coletaram e fizeram um delicious. E a partir desse delicious foi que eles fizeram a pesquisa para a prova. Tinham que acessar o delicious para saber qual banco de dados que tinha a informação.

10 – Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?

Absoluta, às vezes acho que até demais. Primeiro que eu não faço pauta. Eu trabalhava com uma outra professora nessas coberturas convergentes que a gente faz e ela ficava incomodadíssima porque ela é de revista. Então sempre que a gente ia fazer uma coisa conjunta, a primeira coisa que ela fazia era trazer as pautas bem encaminhadas. E eu prefiro que eles descubram a matéria à medida que as coisas vão acontecendo. Então a gente faz uma pesquisa geral do que pode vir a ser, o que pode ser qual linguagem, mas quem decide o rumo da matéria, como vai narrar são eles.

11 – Quem gerencia a equipe?

Do online, sou eu. E quando tem eventos de grandes proporções, aí eu formo um grupo de professores.

A cobertura do “Futichampions” que a gente fez era mais de 30 alunos envolvidos e aí a gente fez uma escala de professores. Tinham dois professores por dia trabalhando comigo.

12 – Quais são os cargos (funções) dentro do processo de produção?

Todos são repórteres convergentes.

13 – Existe um planejamento que pense o produto para circular nos diferentes meios?

No laboratório de convergência, além do Impressão online, a gente tem um portal, que a gente chama Portal da Convergência, que é o portal de conteúdo de todos os cursos do Instituto de Comunicação e Design. E fica sob a responsabilidade do laboratório também. Então esse portal vai convergir toda a produção do curso: o que é feito para a TV, o que é feito para a rádio, o que é feito para o impresso, ele converge no online por meio desse portal. E não só converge a produção de disciplinas como também os conteúdos dos cursos, de forma que o aluno quando loga no computador cai na primeira página, que é do curso dele de jornalismo, mas todo o universo da comunicação está ali do lado – ele pode navegar por ele.

Agora, a gente está descendo estruturalmente o laboratório do quinto andar para a TV universitária. Vamos trabalhar dentro da TV porque esse projeto de jornalismo hiperlocal é hiperlocal, participativo e transmídia.

Então o projeto começa na televisão como carro principal, mas se estende em termos de linguagem pelo impresso, pelo rádio e pelo online.

14 – Qual a influência do fator tempo no processo de produção?

Isso é um facilitador e um dificultador. Nosso tempo da escola é um tempo que não reproduz a realidade. Então até esses tempos da burocracia são meio irritantes porque você fica dependendo da burocracia, fica dependendo do período escolar do aluno, fica dependendo do período de prova do aluno. Você fica meio que amarrado a um tempo externo ao tempo de produção e isso interfere totalmente.

15 – Os prazos (deadline) são respeitados?

Também deveriam ser mais respeitados. Mas eu não me preocupo muito com isso porque o deadline é o deadline do impresso. Esse sim, os meninos são mais rigorosos lá. A hora que eles cumprem as pautas deles é que a gente começa a trabalhar. Então eu sigo o deadline do impresso.

16 – E a periodicidade do Impressão online?

São duas edições por semestre e produção semanal das reportagens que os meninos fazem.

17 – Existe uma reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal?

Nas reuniões de pauta a gente pensa o que foi feito e também quando começa o semestre os alunos da disciplina que vão estar responsáveis

fazem um trabalho de ombudsman da edição anterior. E esse trabalho de ombudsman é publicado na próxima edição. Tem uma coluna que eles criticam o que foi feito.

18 – A produção está aberta ao público de uma forma geral?

Está publicado para leitura e para parceira. Para escrita está aberto para alunos e ex-alunos. O principal foco é atender os alunos. Mas todos os nossos produtos são publicados na web.

19 – Quais as formas de circulação?

Temos Twitter e temos página no Facebook. E é até interessante porque quem vai tendo acesso a essa página, às vezes vai formando e continua tendo acesso. Então os meninos continuam publicando.

Nós temos outro produto que é de responsabilidade do laboratório, que é o Twitter institucional. Esse fica sob minha responsabilidade por causa de português, tem que ter um cuidado do que é notícia institucional. Esse aí fica por minha conta. Agora o Twitter que publica a respeito das notícias que eles fazem, todo mundo publica.

20 – De que forma as questões institucionais interferem na produção?

A gente tem que considerar que o UNI-BH está passando por um momento de transição que começou em 2009, quando o UNI-BH foi comprado por outra empresa. Então a gente tem vivido isso não só nos laboratórios, mas em todos os processos internos. Um processo que a gente enxerga como processo de melhoria (informática, seleção, folha de

pagamento). Está tudo sendo transferido de plataforma, profissionais novos chegando que não conhecem a empresa, que é muito grande. Temos mais dois campus, além desse. Então essa fase de transição realmente tem emperrado muito, mas em compensação também nós nunca tivemos tanto investimento em termos de qualidade e condições de trabalho, de equipamentos, de laboratórios, das próprias condições dos laboratórios, que eram muito piores. É um momento de transição para o bem a para o mau. E a gente tem que ter uma certa paciência porque interfere, claro, que a infraestrutura da empresa que a gente está interfere, mas não é nada que seja uma coisa que não vá passar, e que vai melhorar.

21 – O que muda nessa extensão do Impressão impresso para o Impressão online?

Na minha forma de ver que o laboratório seja, muda tudo: o processo de pensar, de apurar, de produzir, de distribuir, da pós-notícia. Então assim, nessa junção da forma que a gente está tentando integrar, a gente mudar, inclusive, o fato do online da forma como a coisa é produzida interferir, inclusive, no visual do impresso. E isso os meninos estão mexendo, estão mudando a dinâmica, nessas possibilidades de linguagem. Um interfere no outro.

Ao contrário do que o pessoal costuma fazer que é pegar o texto e reduzir, simplificar para o online, na verdade a gente faz o processo contrário: a gente estende a matéria no online. Porque a gente tem mais espaço, mais possibilidades de contar a história em outros aspectos dela que não cabe no impresso. Por exemplo, com galeria de imagem que vai

para o online (na qual duas fotos vão entrar no impresso). A gente usa o online como espaço de extensão, e não de adequação e simplificação de linguagem. Um entrevista que a gente faz vai para o impresso em meia página e para o online a gente coloca a entrevista inteira com vídeo e áudio.

Muda também a percepção das diversas possibilidades de contar uma história, qual o sentido que a gente vai utilizar o áudio, o vídeo, o texto. A gente pensar isso desde o momento da pauta para enriquecer a matéria.

APÊNDICE 6 – ENTREVISTA COM MÁRIO MESSAGI JR

1 – O que você entende como jornal-laboratório?

No nosso curso, jornal-laboratório é a experiência, é o momento em que eles [os alunos] vão ter o convívio mais próximo com o que vai ser a profissão. E veja: a gente não está querendo confundir profissão com mercado. A gente entende que jornalismo é uma atividade profissional que é explorada por empresas privadas, mas a profissão em si não é exatamente aquilo que o mercado faz. Por exemplo: nosso trabalho de pauta é muito melhor do que o que se faz nos jornais.

As nossas pautas tem mais contextualização. Nós temos pauta efetivamente. Olha as pautas que são feitas aqui nos jornais de Curitiba, você que são bilhetes com o tema e mandam o repórter fazer. Então, a contextualização, a busca do enfoque, a prospecção de fontes. Então, o produtor-editor, que é a figura que a gente tem aqui, liga e verifica antes as fontes. Então a pauta sai muito melhor estruturada porque a gente

entende que é fundamental a produção de pauta. Então o jornal-laboratório é o momento em que eles vão ter o convívio mais próximo, mais intenso com a profissão. Então é o momento em que eles ou definem e escolhem de vez que vão ser jornalistas, se convencem que são jornalistas ou inclusive é o momento que eles desistem e percebem que jornalismo não é exatamente o que eles querem fazer.

Tem aluno que desiste no jornal-laboratório, que chega no jornal-laboratório e percebe que não é aquilo que ele quer fazer. Já aconteceu algumas vezes. Não é muito frequente, mas aconteceu.

Ao mesmo tempo o jornal-laboratório tem que estimular que eles façam jornalismo de maneira experimental, mas acho que tem outras condições que nos diferem do que se faz no mercado. Estou falando de inovação porque sempre se diz que jornal-laboratório tem que ser original. Só que além de ter que tentar ser experimental, tem que lembrar que a gente está lidando com repórteres que estão no segundo ano e estão publicando pela primeira vez. Não dá para esperar que o aluno que chega no segundo ano vá ser um gênio do jornalismo literário. O jornal-laboratório tem que contribuir para que eles adensem a formação profissional, inclusive para fazer as coisas mais convencionais, triviais, produzir com pouco tempo, produzir um bom texto informativo. Mas ao mesmo tempo, como o jornal é um espaço diverso com várias editorias, colunas, ele também tem espaço para, por exemplo, uma editoria como “tubo”, onde o aluno pode ter mais experimentos de linguagem, de procedimentos para obtenção de informação. Mas a gente sabe que o foco dele não é ser um renovador do jornalismo, o foco dele é fazer bom jornalismo e permitir que os alunos

adensem a sua formação como jornalistas. E a gente faz isso, por exemplo, com algumas coisas que não existem no mercado, a gente faz isso com um grau de independência. Eles são muito independentes editorialmente. Eles podem escrever sobre o que eles quiserem porque não têm dependência nenhuma em relação a fontes de financiamento nem a governos nem a nada.

1.1 – O que o senhor chama de “bom jornalismo”?

Quais são as condições para você fazer bom jornalismo? Primeiro, você tem que ter competência técnica, você tem que ter uma capacidade de levantar, de descobrir, de apurar, checar informação para ter informação de boa qualidade, informação completa, precisa, informação nova. E ao mesmo tempo, ter capacidade de redigir. Então o bom jornalismo pressupõe bons jornalistas, mas também pressupõe condições institucionais. Não consigo imaginar que um bom jornalista numa empresa que não tenha autonomia editorial consiga fazer bom jornalismo. Ele consegue fazer algo muito bem que parece jornalismo. Então aqui a gente tenta dar condições como independência editorial, liberdade, tempo suficiente para eles produzirem e acompanhamento para que eles consigam tecnicamente desenvolver e se aprimorar para fazer bom jornalismo. E ao mesmo tempo, acho que bom jornalismo é aquele que também leva as pessoas a compreenderem melhor a sociedade e, muitas vezes, leva as pessoas a querer mudar a sociedade à medida que elas compreendem melhor a sociedade. Então buscar sempre fazer

aprofundamento, não superficializar. Apesar que nesse ano a gente está buscando aprofundamento em boa parte das pautas, mas a gente também vai atrás das factuais, do que está acontecendo, porque a função dessas pautas é mais informativa de que as pessoas saibam o que está acontecendo.

2 – Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?

No nosso caso aqui é fundamental. Acho que é a principal experiência formativa profissional para eles são os laboratoriais. E as laboratoriais de impresso e de online são as que mais tomam tempo. Porque fazer apuração de informação é o que eles aprendem para o impresso e depois eles vão aplicar em TV porque o procedimento de obtenção de informação, às práticas, não variam conforme o meio. Então a partir do momento que eles têm uma boa formação para produzir texto e online, eles carregam isso para as laboratoriais seguintes, que são a de rádio e de TV. Então eu acho que o papel do jornal-laboratório para a gente é isso e permitir que ele seja a principal experiência formativa para eles. E a gente busca leitura, mas por uma finalidade pedagógica. A gente entende que a relação que o aluno tem com o texto que está publicado é muito diferente se ele tem o leitor. Cria um outro ambiente de formação que não é mais o ambiente de sala de aula em que ele escreve para o professor. Então a gente quer que eles sejam lidos, por isso que a gente persegue o leitor, por isso que a gente vai atrás de pauta. Até porque isso é inerente ao

jornalismo: buscar as matérias mais relevantes possíveis e que tenham maior potencial de atração de leitores. Então a gente vai atrás de leitores também para que a relação que eles têm com o texto seja uma relação mais próxima do que eles vão ter na vida profissional.

3 – Qual o histórico deste jornal-laboratório e as fases pelas quais passou?

Ele tem mais de 30 anos. Começa com o impresso naturalmente até porque as exigências de qualidade do MEC – daí a partir de 84 exige que você tenha publicação de oito edições do jornal por ano. Então o impresso é a primeira experiência de laboratoriais. Então o impresso tem 30 anos.

Foi feito ao longo do tempo do curso de maneiras muitas vezes precárias, difícil. Ele está sempre combalindo. Em 2000, com o novo currículo, começa a funcionar este modelo de jornal-laboratório que a gente tem hoje: com disciplinas obrigatórias e optativas integradas num mesmo projeto. O novo currículo já traz essa concepção. A partir de 2003, a gente começa com o online – a primeira versão. Depois é refeito e relançado, mas com essa primeira versão em 2003. Então a partir de 2003, a gente tem esta situação: produção para o online e produção para o impresso. A consequência disso – que é fundamental para mim – é a intensidade de produção. A gente produz muita pauta. Você imagina o que seria fechar oito páginas com 27 repórteres por mês, eles iam escrever muito pouco. A experiência perderia muito do seu... Hoje então

eles produzem intensamente, produzem muito conteúdo, todo dia tem postagem porque a gente está produzindo para dois veículos diferentes. Então a gente intensificou muito as rotinas. Eles sabem que é uma experiência que exige muito deles.

Eu diria que o jornal passou por um período só de impresso que era feito só por uma turma numa concepção pedagógica que era uma disciplina que os alunos faziam isso no jornal-laboratório. Em 2000, muda a concepção e passa a haver integração entre as disciplinas. E em 2003, a gente acelera a intensidade da produção com o surgimento do online. E aí ele ganha esse formato que tem até hoje com reuniões toda semana, pauta toda semana, postagem todo dia e um ritmo muito acelerado com muita produção de conteúdo.

4 – Qual a metodologia de ensino/produção?

A gente tenta paralelamente fazer com que funcione como um veículo de comunicação. Portanto, por exemplo, a gente não exige que professor veja a pauta antes da pauta ser enviada. Por dois motivos a gente não faz isso. Primeiro porque isso tornaria o processo muito mais lento, se perderia velocidade. Então para fazer uma cobertura factual, ter que primeiro o professor ler a pauta e depois dizer que está ok e tal, isso a gente perderia velocidade e começaria a se parecer menos com uma rotina de um jornal. Então professor que orienta recebe todas as pautas, todos os textos, mas ele recebe para fazer a avaliação. Ele não tem o poder de fazer uma avaliação prévia para dizer se vai ou se não vai.

Segundo, autonomia editorial. A gente está querendo ensinar para eles que jornalista tem que ser um ser editorialmente autônomo. Os editores têm autonomia para fazer o que eles acham com o máximo de autonomia possível. Idem funciona para os repórteres. Os repórteres não mostram para o professor antes do texto ser postado, ele manda direto para os editores e para o professor. O professor ler o texto para a avaliação.

5 – Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?

Nós somos uns dos mais longevos, que tem mais história de ter produção contínua para online e para impresso e na área de fotografia também, que a gente tem as galerias. E o portal também, o veículo online, apesar de não ter produção nessas áreas, mas ele também agrega conteúdos de rádio e TV. Então, o portal é o condensador, é o grande depositário de toda a produção do curso. Nesse sentido, acho que ele vai na construção de uma comunicação multimídia. Onde ele não vai ainda? Onde ele tem que aprofundar? Ele não trabalha ainda, não tem experiências nem está estruturado para dar respostas para fazer crossmidia, para fazer cobertura ao mesmo tempo de rádio, TV, foto, isso ele ainda não está fazendo. É uma coisa que ele tem que avançar. Então ele está conseguindo convergir vários meios para um mesmo veículo, mas não ainda a fazer uma cobertura convergente.

6 – Existe uma linha editorial a ser seguida?

Tem um manual de 2007 que mais ou menos definiu todas as editorias, basicamente é o que se segue. Apesar que todo semestre as editorias

fazem um planejamento novo do que elas pretendem cobrir e tal, inclusive, levando em conta o que foi feito, o que não funcionou, o que funcionou e tal.

7 – O que é notícia neste jornal-laboratório?

É aquilo que traz algum elemento de novidade e que interessa ao nosso público. Nós miramos muito no estudantado da Universidade Federal do Paraná. Nós tentamos escrever para eles. Notícia é aquilo que é o assunto novo ou um acontecimento novo e aí a gente vai atrás disso. E numa perspectiva muitas vezes de fazer uma cobertura com matérias mais ricas o máximo possível.

8 – Como são escolhidos os assuntos que serão pautados?

Os editores sugerem, eles se organizam. Eles têm muita liberdade para isso. E eles colocam muitas vezes a discussão online primeiramente e depois trazem a discussão para a reunião semanal.

Eu participo de todas as reuniões de pauta. Mas não participo, por exemplo, das reuniões de editoria com os repórteres. Uma vez por mês, a editoria tem o espaço para reunir-se com seus repórteres. Essa eu não participo. Mas participo de todas as reuniões de pauta, de todas as reuniões que a direção participa, planejamento de projetos etc. A mais usual é a reunião de pauta às terças.

9 – Qual a influência dos cibermeios no processo de produção noticiosa?

Eu creio que sim, mas não sei se isso é uma coisa deliberada, que o curso quis que fosse, pensou isso. Acho que isso veio junto com a geração Y. Eles são conectados. Então quando você bota esse pessoal para produzir, eles vão naturalmente usar esse tipo de instrumento mais do que a minha geração, por exemplo, usaria.

10 – Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?

Ele tem total autonomia, mas ele tem editores. Isso está no processo de relacionamento. O que ele produziu não necessariamente vai ser publicado.

Meu papel é como orientador e depois como avaliador. O mais importante é que haja um feedback, que o aluno saiba onde ele está errando porque a partir da leitura dos textos que os alunos fizeram que o professor vai conseguir identificar os problemas, fazer a crítica e permitir que eles se aprimorem profissionalmente. Acho que esse é o principal papel do professor: conseguir fazer eles superarem os déficits e melhorarem a qualidade técnica deles.

11 – Qual a influência do fator tempo no processo de produção?

Total. Eles produzem sempre com dead lines definidos, dead lines em função do impresso, dead lines para o online. A gente regula a maneira como se pode pedir a prorrogação de dead line ou não. A gente trabalha quando as pautas são factuais com dead lines mais curtos. Fator tempo é central como em todo jornalismo.

Semestre passado foi muito problemático. Esse semestre acho que a gente está bem melhor em relação ao cumprimento dos prazos de pauta.

12 – Qual o público específico do jornal?

É a comunidade interna e, da comunidade interna, aquele segmento que é mais numeroso, que é o estudantado. Jovens, universitários, é basicamente isso. A gente escreve pensando nisso.

13 – Existe uma reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal?

Uma vez por mês a gente tem uma reunião de avaliação do impresso. E a gente tem também uma vez por mês os relatórios de google analytics, em que a gente discute a produção do online, onde a gente acertou, onde a gente errou. E também a gente está fazendo os relatórios de redes sociais, que também nos dá dados estatísticos sobre a nossa aceitação, nosso nível de leitura etc.

14 – Fale um pouco dessa disciplina que foi ministrada em caráter especial (durante as férias de verão):

Foi a primeira vez que foi ministrada. Porque assim, a gente tenta reproduzir no jornal-laboratório a experiência do que é o fazer jornalismo, mas tem um aspecto da profissão que a gente não consegue reproduzir. Porque assim, você tem que organizar uma redação com disciplinas. Então você tem conflito de duas lógicas: a lógica didático-pedagógica e a lógica jornalística. Pela lógica didático-pedagógica, um

aluno que pega oito pautas e deixa de cumprir três, tem chance de ser aprovado. Pela lógica jornalística, não faz o menor sentido, é um baita de um irresponsável profissional. Então combinar essas duas lógicas sempre foi um desafio. Como que você combina essas duas lógicas? Por mais que sejam disciplinas, a gente faz um esforço gigante para convencer o aluno que ele tem que se inserir no jornal-laboratório profissionalmente e não pensando em cumprir metas suficientes para ele passar, não como em outra disciplina. A gente consegue hoje com a maioria, mas não com todos. Tem uns que levam na “flauta” e faz o mínimo possível para conseguir a nota mínima para passar. Então a gente faz essas duas lógicas tentarem dialogarem e de preferência preservando o espírito do que fazer jornalismo. Só que em disciplinas semestrais, a gente não consegue repetir a experiência do diário, do cara de paga a pauta no começo do expediente e tem que entregar no final, que é publicado. Aquele conteúdo que é um conteúdo quente, atual. Se não for publicado hoje, amanhã não adianta publicar mais. A gente está dando uma matéria, no dia seguinte tem que estar suitando a matéria. Nada disso a gente consegue fazer durante o ano. Então a gente ofereceu uma disciplina concentrada, todos os dias, antes do começo das aulas (entre 13 de fevereiro e 2 de março), com produção de pauta factual. Não dávamos três dias para entregar uma pauta. Era: pega hoje e entrega hoje, no máximo amanhã. E a gente fez também uma edição especial.

No ano passado, tinha uma perda sensível. Assim, os alunos não se relacionavam mais com o jornal-laboratório como um projeto ao qual eles têm que se dedicar, sobretudo, porque eles vão vivenciar a profissão

deles, por responsabilidade profissional. Tinha se perdido isso. O jornal não conseguia fechar os dead lines, não conseguia fechar a edição, estava cheio de problemas. E aí quando a gente fez a optativa, a ideia também além de dar uma experiência que não tem condições deles terem ao longo do semestre, era também para recuperar esse gosto, esse compromisso com o jornalismo e não com a nota. A gente quer que eles se insiram, que eles se sintam jornalistas. Como jornalistas eles têm que fazer a melhor matéria possível, cumprir os prazos, entender que do outro lado tem um leitor que a gente tem que atender. Então a disciplina também visava isso: virar uma tendência a perda da paixão pelo jornal. A gente tenta fazer eles esquecerem que há uma nota.

Não é todos os alunos que são repórteres do segundo ano que viram editores e depois para os cargos de chefia menos ainda. Esse ano a gente aceitou todo mundo, mas na verdade, eles acabam depois quando estão no terceiro ou no quarto preferem focar em TCC, outros querem fazer rádio, outros querem fazer TV. Eles acabam se dividindo naturalmente.

APÊNDICE 7 – ENTREVISTA COM MAURÍCIO GUILHERME

1 – O que você entende como jornal-laboratório?

Eu entendo como jornal-laboratório aquele espaço de prática e teoria, uma extensão do que é realizado em sala de aula, mas pelo viés da experimentação. Hoje é um dos campos fundamentais para a prática do jornalismo. Eu costumo dizer que o jornalismo é a arte da circunstancialidade, ou seja, é uma área que epistemologicamente falando

é muito complexa de ser definida. Em função disso mesmo, há uma série de práticas a serem desenvolvidas. Agora, essa prática pela prática se encerra de modo muito simples e com muita facilidade, ou seja, o que torna mais complexa essa atividade que é, na verdade, muito complexa porque lida com a vida, que é o jornalismo. O jornalismo como arte da circunstancialidade, mas a arte de representação da vida social. Então nós estamos falando de um espaço de práticas, mas de um espaço que precisa repensar essas práticas o tempo inteiro. O jornal-laboratório é o espaço justamente de unir essas duas facetas: a práxis jornalística com um repensar desse próprio fazer jornalístico. Ou seja, no cotidiano de um grande jornal diário é difícil que haja esse repensar permanente porque há uma prática já em andamento e os planejamentos para a mudança, por exemplo, editorial, para a mudança gráfica, vão acontecer de décadas em décadas, de muitos e muitos anos. Não que não haja pequenas constatações semestrais, semanais, mas essas grandes mudanças se dão como mais tempo porque assim é a necessidade. Não tem como você querer fazer um jornal novo a cada semana. Nenhum jornal sairia. No caso de um jornal-laboratório, esse repensar é parte da atividade. Você precisa repensar o jornalismo a cada edição. Não estou falando de linha editorial necessariamente, não estou falando de projeto gráfico, visual. Isso também requer um tempo maior. Mas o jornal-laboratório é aquele jornal que vai propiciar o debate que nós estimulamos em sala de aula de modo mais concreto, de modo mais efetivo. Os repórteres, que na verdade, são os alunos, os editores, que na verdade são os alunos vão editar, vão fazer reportagem. Mas que tipo de reportagem? Por que essas

reportagens têm sido pensadas daquele modo? Há outros modos de pensar ou de repensar essas reportagens? De modo, inclusive, distinto do que é feito pelos jornais? Nesse sentido, só para finalizar, o jornal-laboratório, a meu ver, é uma concepção bastante própria e óbvia, que academicamente eu vou trabalhar nesse sentido da experimentação e do distanciamento para a prática cotidiana dos jornais. Óbvio, se você prepara um aluno para desenvolver ou para criar ou para promover experimentação com a base técnica, com os conceitos e com as convenções do jornalismo, óbvio que quando ele chegar num território menos experimental, ele vai saber articular ideias, vai ser articular a própria práxis de modo muito mais interessante. Então o jornal-laboratório é o espaço para o repensar permanente da prática jornalística e para daí criar, para que haja daí criação.

1.1 – O termo experimentação ao qual você se refere me remete a dois sentidos: experimentação como experiência e experimentação como inovação. De qual dois você está falando?

Estou falando dos dois. Essa experiência, quando eu falo em técnica e convenções jornalísticas, estou falando justamente de você por em prática, de você exercer as convenções e as práticas e as técnicas discutidas e treinadas em sala de aula. É nesse a experiência fundamental. No sentido mesmo de: o que o jornalista faz com a vida? Ele vai categorizar, por exemplo, no caso de editorias. Não é caso do jornal Imprensa, mas ele vai categorizar essa vida social em editorias e há um modo de você articular a apuração, pauta, todas essas etapas do processo

de construção da notícia nessa experiência diária do repórter. Nesse sentido, a experimentação ganha sim uma espécie de faceta de simulação. Nesse sentido, a ideia de experimentação está vinculada a ideia de experiência e ideia de simulação. Vamos simular técnicas práticas e desafios jornalísticos nesse campo. Do outro lado, e aí sim, o termo experimentação engloba as duas coisas, há necessariamente a ideia da inovação. Vamos fazer o que não foi feito. Isso é difícil, é óbvio. Mas vamos fazer ou repensar ou tentar fazer o que foi feito na década de 1950 ou agora vamos pensar modos de lidar com as novas tecnologias ao mesmo tempo que a gente escreve no meio impresso. Ou vamos pensar essa relação. É bacana perceber que essas ferramentas, esses ambientes de práxis não estão definidos, não estão selados, encerrados em si mesmos. Então, respondendo de modo direto a sua pergunta: experimentação diz respeito a experiência e diz respeito também a inovação. No caso da experiência, uma simulação das técnicas, mas não necessariamente ligada a alguma grande corporação. Essas parcerias podem até acontecer. Não é o caso aqui do Imprensa atualmente. De outro lado, a inovação, que eu acho necessária. Ela precisa existir senão o jornal-laboratório não cumpre o papel dele. Eu sou coordenador de um laboratório impresso, mas tem uma analogia que eu gosto de fazer com o laboratório de TV, por exemplo: se você for simular o que a [TV] Globo faz, você encerra as discussões do aluno de modo extremamente restrito. Ele não vai fazer aquilo tão bem feito. Ele pode até repetir como se fosse uma fórmula, mas ele não vai fazer aquilo bem feito porque ele está dentro de toda uma linha editorial, de todo um sistema jornalístico que

pregue determinados princípios e ele não tem aquele equipamento todo, que é um equipamento extremamente caro e que está restrito a emissora hegemônica do país, ou seja, não há sentido nisso, em simular o que outro já faz. Não, é o espaço da experimentação. Em TV isso fica muito claro. No caso de um jornal impresso, fica claro, por exemplo, na experimentação da narrativa, para citar só o campo da escrita. Mas isso diz respeito da pauta até a etapa de pós-produção.

2 – Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?

Nem todos os jornalistas formados passaram por um jornal-laboratório. O que isso nos diz? Que ele ao mesmo tempo que é imprescindível, por conta dessa experimentação, ele precisa ser uma experiência que não se restringe a ele próprio, ou seja, muito do que é feito nesse jornal-laboratório tem que ser feito nas outras disciplinas. Imagine que uma sala tenha 60 alunos, que desses 60 alunos, apenas 10 passem pelo jornal-laboratório. Essa experimentação só esses 10 vão vivenciar. Agora a possibilidade da inovação ou mesmo as técnicas têm que ser distribuídas nas disciplinas. O que eu quero dizer com isso? Que ele é fundamental, a meu ver. Agora ele até pelo modo como as instituições, as universidades, são construídas, é impossível que todos participem daquele jornal a todo momento. Agora, de que modo solucionar isso? O jornal Imprensa, por exemplo, há aqueles estagiários e monitores que vão receber por isso, que estão diretamente envolvidos. Agora todos os alunos de todos os períodos podem participar. E aí tem algo fundamental para o que eu gostaria de

dizer, que é essa questão: por que é imprescindível? Ou seja, é restrito, mas na verdade é de todos ao mesmo tempo. E aí há uma peça-chave fundamental na formação do jornalista. O jornalista tem que se fazer muito por ele mesmo também. Então a ideia de experimentação está na própria busca da possibilidade de ele divulgar o seu próprio trabalho. Então eu quero ver alunos chegando aqui no jornal e falando assim: a gente quer participar. Eu e o Léo, a gente passou nesse semestre em todas as salas de aula. Sabe quantos alunos apareceram aqui para participar da reunião de pauta, que é livre? Um na parte da manhã e um na parte da noite. Isso diz um pouco dos nossos tempos também. Diz um pouco da pouca expectativa dos alunos com a vida em alguns momentos. E eu sou louco pelos alunos. Eu sou um professor que me dou muito bem com os alunos e busco promover essa interação deles com a vida permanentemente. E aí respondendo diretamente a sua pergunta, senão vou divagar demais... Jornal-laboratório, esse espaço da expectativa com relação à vida. Então, eu estou fazendo essa disciplina do 1º, do 2º, de qual período que seja. Eu sei que há um jornal-laboratório no meu curso, que é o espaço da experiência, que o espaço da inovação, que é o espaço do aplicar, de certa forma, todo aquele conhecimento que eu estou absorvendo em sala de aula. Eu preciso buscar isso, eu preciso buscar porque essa ideia de você estar numa reunião de pauta efetivamente, de você pensar com prazo, de você pensar com dead line, de você pensar com uma linha editorial é diferente daquela lógica das disciplinas ou de um trabalho final em que você vai promover uma reportagem. Ali você tem um dead line, que é o dead line da disciplina, mas você não tem uma

linha editorial definida, mesmo que o professor indique essa linha. Você não tem um veículo já construído socialmente, construído com sistema. O Imprensa tem décadas de vida, ou seja, ele é um sistema. Mesmo que um sistema ligado a uma instituição que não tem uma circulação tão gigantesca como num jornal diário, ele tem uma história. Essa história se comunica com qualquer repórter a qualquer momento que ele chega lá. Então é imprescindível por um lado pela experiência, por outro pela simulação, por outro pela inovação, mas também para fazer com que os alunos compreendam que o jornalismo vai muito além de apurar e de escrever. O jornalismo vai muito além disso. O jornalismo é um modo de você produzir um tipo de conhecimento bastante específico e revelá-lo por meio dos processos de comunicação. Então, como é que você vai operar alguém, se você nunca viu sangue? Como é que você vai produzir uma prática jornalística, se você corre dela? O aluno precisa afora buscar relações contratuais, institucionais, com o jornal-laboratório estar permanentemente estimulado a fazer parte dele, ou seja, eu estou numa instituição, essa instituição possui um jornal-laboratório que é o meu espaço de experimentação. Então ele é imprescindível nesse sentido. Não só pelos produtos que gera, mas principalmente pelo estímulo ao repórter de dar vazão ao seu próprio instinto de representação da vida.

3 – Fale um pouco do histórico deste jornal-laboratório:

O curso de jornalismo do UNI-BH tem mais de quatro décadas. Eu sei que fez 35 anos há algum tempo, então imagino que esteja fazendo 40 anos. Este jornal-laboratório acompanha quase que todo o curso de

jornalismo. Ele é um jornal que começou como standard, ou seja, ele tinha um padrão bastante próximo ao padrão dos grandes diários do Brasil, Folha de São Paulo, Estado de Minas etc. Agora ele sempre teve um viés da experimentação, mas sempre buscou concatenar grande parte do conteúdo das disciplinas do curso de jornalismo. Sempre ligado, de certa forma, à disciplina de edição jornalística. Pelo que eu saiba, há pelo menos 15 anos que ele está vinculado à disciplina de edição jornalística. É um jornal que já ganhou prêmios, já ganhou Intercom. Então essa questão eu acho interessante pensar porque para mostrar o tanto que ele está diretamente relacionado à pesquisa. Ele não é só um jornal para reprodução de técnicas, ele é um jornal – como eu disse – em permanente repensar dessas técnicas. Ele tem bastante tradição aqui no curso de jornalismo. Muitas e muitas pessoas já estiveram à frente dele. Muitas dessas pessoas já saíram ou porque foram para outras instituições ou porque deixaram essa instituição. Sempre esteve vinculado à produção de dois veículos necessariamente: o jornal Impressão e a revista Múltipla. A revista Múltipla vinculada à disciplina de jornalismo opinativo-interpretativo e o jornal Impressão vinculado à disciplina de edição jornalística, o que não quer dizer que sua produção se restrinja a essa disciplina. As disciplinas de redação jornalística e técnica jornalística sempre alimentaram o jornal Impressão. Houve épocas que havia praticamente uma edição por mês. Por motivo de mudança institucional, atualmente estamos com duas edições por semestre. A partir de 2010, ele se modificou graficamente e aí passou a circular no formato tabloide.

Menos por questões editoriais e mais pela ideia mesmo de que com a diferença de periodicidade seria necessário pensar um outro formato.

Na verdade, de modo oficial não existe nada nesse sentido. A disciplina de edição jornalística é o carro-chefe da produção do jornal Impressão, mas aí vou só citar o tanto que as pessoas modificam esse formato também. Aquele professor que está a frente – não estou falando nem de pior nem de melhor, estou falando de mudanças: o Fabrício Marques, que estava, por exemplo, à frente do jornal antes do semestre passado, até o 1º semestre de 2010, tinha como primeira atividade na disciplina de edição jornalística era uma releitura do próprio Impressão do semestre anterior pelos alunos para que eles fizessem críticas e tal. O Luciano creio eu que já não seguiu mais esse caminho, mas vinculava grande parte do Impressão à disciplina. Agora eu, à frente da disciplina de edição jornalística, só vou trabalhar com o Impressão diretamente em uma das atividades que é a Avaliação Intermediária de Aprendizagem (AIA), aqui do UNI-BH. Nessa avaliação eles vão produzir reportagens para o jornal Impressão, o que não quer dizer que eles não estejam trabalhando com o jornal o tempo inteiro porque nas próprias discussões de edição jornalística, eu uso o Impressão como exemplo. Há esse vínculo pelo viés da aprendizagem, mas não esse vínculo oficial. O que é o oficial? As monitorias que nós temos vinculadas ao jornal Impressão são monitorias que dizem respeito a essa disciplina de edição jornalística, então isso é oficial. Nós temos atualmente de monitoria três vagas de 20 horas: duas para texto e uma para fotografia que estão diretamente vinculadas a disciplina de edição jornalística. Ou seja, os alunos do 6º, 7º e 8º períodos

apenas é que podem participar. No que tange à disciplina de jornalismo cultural – a gente está falando de circunstancialidade também – é óbvio que tem o caderno 2 e o Léo sempre teve a tradição de enviar os textos para os outros coordenadores também, ou seja, há uma tradição de o caderno 2 ser alimentado pelos textos produzidos no jornalismo cultural. Então assim: 90% dos textos vêm da disciplina, só que isso também não é oficial. Esses vínculos oficiais se dão pelo viés da monitoria, no caso da edição jornalística, mas não há. E há outros textos de outras disciplinas que alimentam também o Imprensa. Na minha primeira passagem pelo jornal Impreso, aí como um professor orientador – eu não era necessariamente o coordenador, que era o coordenador era o professor Fabrício Marques à época, isso em 2007 – só para você ter uma ideia, uma das minhas áreas de atuação era o jornalismo científico e eu dava aula de jornalismo científico nesse período, hoje não dou mais (atualmente é o professor Murilo Marques Gontijo), fiz um dossiê de jornalismo científico sugerindo que a gente fizesse esse dossiê com seis reportagens, se não me engano, foi todo alimentado pela disciplina de jornalismo científico. Ou seja, qual o vínculo institucional que há de disciplina com o Imprensa? A disciplina de edição jornalística. As outras diversas disciplinas estão vinculadas de modo informal, mas quaisquer disciplinas podem alimentar o jornal.

4 – Qual a metodologia de ensino/produção?

Reunião de pauta com a proposta. Óbvio que está tudo vinculado às outras aulas, que não necessariamente têm a ver com o jornal-laboratório.

Eu entrego para os alunos todo semestre uma descrição de aula a aula do que eles vão trabalhar. Eles leem um livro inteiro comigo e mais uma série de outros textos. Todas essas discussões são as discussões que eu desejo ter também aqui com os monitores e com os alunos que nos procurarem no jornal *Impressão*. Então mesmo que esse vínculo da disciplina do semestre inteiro não seja condizente com a prática do *Impressão*, eles fazem parte dessa discussão que eu pretendo levar aqui. Agora diretamente na Avaliação Intermediária de Aprendizagem (AIA) que acontece nesse primeiro semestre no mês de abril e no segundo semestre acontece no mês de outubro, eles vão produzir reportagens que vão alimentar as seções do jornal *Impressão*. O que eu faço nesse sentido com eles? Eu apresento mais do que as seções, a filosofia hoje do jornal, a linha editorial, o que se busca e que é uma linha editorial engendrada agora por mim e pelo professor Léo Cunha que busca estimular muito mais as práticas e os modos de fazer jornalismo do que necessariamente a divisão, por exemplo, por editorias. Economia pode estar em qualquer das seções propostas por nós. São seções que buscam estimular modos de compreensão da vida por meio do conhecimento jornalístico. Então diz respeito mais ao fazer. Nesse sentido, há essa apresentação. Depois dessa apresentação, há a reunião de pauta, que é feita já na primeira aula. Eu já peço na aula anterior de laboratório, a aula teórica, que eles já comecem a pensar em temáticas. Depois eu apresento todas as seções do jornal e digo o que se espera de cada uma daquelas seções. Essas reportagens podem ser feitas em dupla ou individualmente. No caso de salas muito grandes, até pode ser feitas em grupos. Mas não tem sido o caso – não que não

haja salas grandes –, mas a gente tem buscado trabalhar com duplas ou individualmente. E aí eles vão e pensam essa pauta em 50 minutos – a aula tem uma hora e 40 minutos. Nos 40 minutos finais, nós vamos discutir coletivamente aquelas pautas. É um momento bastante rico porque os alunos não só falam de suas pautas, da sua vontade de produzir informação dentro daquela proposta editorial do jornal, mas uns dão pitaco nos trabalhos dos outros, indicam fontes e tal. É uma grande reunião de pauta em que se busca não só o pensamento de temáticas, mas a primeira experimentação, que é essa do fluxo de informação entre os próprios repórteres que estão ali. Nesse mesmo dia, eles começam a produzir para mim um formulário de pauta em que eles preenchem com as informações básicas, o que é exatamente a proposta, já com uma ideia de retranca, já com uma ideia de box. Nada ali é obrigatório. Mas eles já precisam, segundo a minha concepção, imaginar as suas especificidades. Aquela teoria da maçã: você tem uma maçã. Se eu peço a você: faça uma reportagem sobre essa maçã. Você vai para casa feliz: ah, que coisa fácil! Aí você chega lá e fala: mas o que exatamente ele quer que eu fale sobre aquela maçã? Ele quer que eu fale do cabinho, ele quer que eu fale da cor, ele quer que eu morda e fale do sumo, ele quer que eu compare essa maçã com diversas outras maçãs, a maçã verde, ou ele quer que eu fale do mito de Adão e Eva? Ou seja, uma mesma temática é infinita em si. Então nós precisamos já começar a detalhar. É uma busca, mas é quase uma obrigação: não haver pautas batidas. O que não quer dizer que todos os temas têm que ser novos. Não. Nós podemos pegar temas antigos, mas com uma nova abordagem, com uma nova angulação, com um novo

modo de olhar sobre aquela pauta. Terminada essa aula, eu até dou uma semana para eles me entregarem essa pauta feita e aí eles vão ter mais ou menos um mês e uma semana para desenvolver essa reportagem com toda a orientação do professor em sala de aula e o suporte do jornal Imprensa. Eles podem utilizar do jornal o momento que bem desejarem tanto com os monitores quanto com os professores vinculados, ou seja, eles têm orientação durante as horas de aula tanto a minha aula teórica quanto de laboratório. Eles têm o laboratório livre: se eles precisarem fazer entrevista na hora da aula, eles podem. Eu não vou dizer que suspendo a chamada nesse período, mas é quase suspender a chamada mesmo. E digo que o ideal é que eles vão fazendo aos poucos até para que eu possa acompanhar. Hoje, por exemplo, só para dar uma ideia, alguns grupos vieram mostrar um questionário que eles prepararam previamente para fazer entrevista. É bacana você poder discutir não só a pauta geral, mas a proposta de questões desses alunos. E aí ao longe de um mês e uma semana, eles vão produzir essa reportagem. Eu defino o tamanho: são 8.000 caracteres porque a disciplina está vinculada a um ambiente impresso, mas para que eles também trabalhem a ideia de que escrever 20.000 caracteres é, às vezes, muito mais fácil do que escrever três mil caracteres. Então a concisão já é trabalhada aí nessa definição de caracteres, mas que está vinculada ao jornal: 8.000 caracteres são duas páginas do jornal Imprensa.

5 – Existe uma linha editorial a ser seguida?

Acho que essa seria a pergunta mais difícil de responder. Porque a cada novo coordenador do jornal Imprensa mexe um pouco nessa tênue linha editorial. Hoje há uma linha editorial a ser seguida, mas não é uma regra. É pensar uma linha editorial como um horizonte editorial, na verdade. Linha editorial dá muito aquele sentido de: o que podemos falar e o que não podemos. Não existe isso no Imprensa. Ou: podemos falar isso por esse viés... Não existe isso. Isso não existe mesmo. Nós podemos fazer uma reportagem crítica acerca do próprio UNI-BH. Não há esse limite nem ideológico nem... Óbvio que há limites, mesmo que inconscientes. Há filtros. O que é a linha editorial atual, nesse sentido? É a linha editorial da experimentação.

[faz um desenho explicativo]

Vamos pensar a informação. Eu vou chamar isso de pirâmide da informação como sendo aqui o território da informação, aqui o território da opinião, certo? E aqui o território do entretenimento. Uma pirâmide simples da informação que eu estou fazendo. É como se no Brasil, por exemplo, os jornais se preocupassem demais em estar ou aqui ou aqui. Ou seja, ou eu sou informação e sou notícia, ou eu sou opinião e sou editorial, ou eu sou artigo e sou a crônica. E aqui está o entretenimento, aqui estão as charadas, aqui está todo aquele universo. Os mais importantes jornais do mundo não fazem jornalismo horizontal ou vertical. Eles fazem jornalismo transversal, diagonal: ao mesmo tempo que eu informo, eu interpreto e eu opino. Isso tudo ao mesmo tempo. E eu divirto porque uso uma narrativa extremamente atraente. Essa é a nossa busca no jornal Imprensa. Essa é a nossa busca atual. Esse jornalismo

que não lida com a objetividade ou com a imparcialidade como se fosse uma pedra que te atrapalha a vida. Na verdade, nós buscamos deixar esses mitos de lado, o que não quer dizer que não tenhamos bastante preocupação com a informação. A gente busca esse jornalismo interpretativo com ampla aparição do eu. Então há seções no jornal Impressão que são diretamente relacionadas ao eu: eu estava lá. Tem uma seção que se chama eu estava lá. Nós buscamos o que, de certa forma, o novo jornalismo buscou há algumas boas décadas. Não necessariamente com a pretensão de fazer dos estudantes repórteres Gay Teleses, Tom Wolfs, Truman Capotes. Mas com a ideia de que eles não tenham medo dos próprios filtros e que eles lidem com esses filtros de modo a enriquecer a informação. Nem de viciar a informação, mas também sem purismos. O meu olhar é tão importante quanto a minha informação. Então a linha editorial hoje é a da experimentação – de um lado a experiência, de outro lado a inovação – mas com ênfase, digamos, nos auspícios e nas vicissitudes do eu. O eu no jornal Impressão é importantíssimo, então a nossa linha editorial passa pelo modo como o repórter vai lidar com a informação e pelo modo como ele próprio pensa na construção dessa informação. Só para citar uma seçãozinha que nós criamos chamada repórter no espelho: ela é cambiante, não vai entrar em todas as reportagens, mas uma reportagem ou do caderno 2 ou do caderno principal vai fazer com que os alunos não só façam reportagem como descrevam desafios, modos de como eles lidaram com aquela informação. O repórter no espelho nesse sentido de: o que eu fiz? Ou seja, esse eu é

tão importante quanto as informações que são ali coletadas. Essa é a atual linha editorial do Imprensa.

6 – O que é notícia neste jornal-laboratório?

A ideia de notícia eu vincularia aqui bastante a ideia do factual. Nós pensamos em pautas contemporâneas. Uma das nossas seções tem o nome, inclusive, de tramas contemporâneas. Agora a ideia de notícia no jornal Imprensa não está vinculada ao factual. São pautas frias, mas não necessariamente sem vínculo com o tempo presente imediato.

Nós não temos esse viés institucional. O nosso público, se a gente pensar um público para o Imprensa, são os próprios alunos, é a comunidade acadêmica. Mas ele não é um jornal institucional nesse sentido.

O jornal Imprensa tem um vínculo bastante contundente com a cidade de Belo Horizonte. Nós não temos essa definição de pesquisa de público, mesmo porque isso não é feito. Para que a gente sustente uma linha editorial mais flutuante, inclusive, uma linha editorial mais experimental, nós não nos preocupamos tanto com um público diretamente delineado. Se estamos falando de classe A ou B.

Geograficamente falando isso não existe, mas acaba que grande parte das pautas tem vínculo ou com a cidade ou com o Estado. Eu diria que sim: são pautas por repórteres em Minas Gerais e por repórteres mineiros. Agora o jornal pode ser lido e estar bastante próximo do seu conhecimento tácito, da sua ideia de mundo, por leitores de quaisquer estados. Ou seja, nosso público é bastante amplo.

Nós buscamos também dentro dessa proposta de critérios de noticiabilidade, do que é notícia, mesmo que a gente fale de temáticas que foram bastante trabalhadas pela imprensa, trabalhar o que não foi dito. Vou dar um exemplo aqui (até não é da minha época como coordenador): havia um jornal aqui em Minas Gerais chamado diário da tarde. O diário da tarde morreu com o surgimento principalmente do jornal super (do grupo do jornal o tempo), que é um jornal bem mais popular que o diário da tarde, que já era popular. E o jornal diário da tarde morreu por conta de questões comerciais, parou de ser vendido, porque o super tomou esse nicho de mercado. E o grupo dos diários associados criou o jornal aqui para competir diretamente com o jornal super, um jornal bastante popular, um jornal bastante iluminado, colorido. Nada foi dito sobre a morte do diário da tarde. Ou seja, era uma questão factual, não no sentido de notícia porque a gente falou disso muito tempo depois, meses depois da morte do diário da tarde. Mas nós fizemos uma retrospectiva dessa morte como nenhum outro veículo havia feito nesse período, ou seja, aí é que está a questão da prática contemporânea. Ao mesmo tempo, a morte do diário da tarde é uma questão mineira, uma questão do leitor mineiro. E aí nesse sentido há essa conexão geográfica, mas ela não é estimulada como linha editorial. Então se um aluno nosso propuser uma pauta que diga respeito há algo no Rio de Janeiro, em Santa Catarina, em qualquer lugar que seja do Brasil vai ser muito bem aceita aqui. Agora a morte de um jornal mesmo que seja de um jornal diretamente vinculado a Minas Gerais é uma temática que vai interessar quaisquer leitores de quaisquer cantos do País. Então de modo enfático,

nós não temos essa questão geográfica, cartográfica, como linha editorial. Ela é natural de acordo com a origem dos alunos do curso.

7 – Como são escolhidos os assuntos que serão pautados?

Até pelo fato de o jornal estar diretamente vinculado a uma série de disciplinas, esses assuntos são pensados em muitas das disciplinas. Atualmente nós não partimos do assunto, partimos do modo de como vão ser feitas essas reportagens. Como eu disse, em função das seções que a gente não divide mais por editoria. No caso das reuniões de pauta do Imprensa, a gente deixa que os próprios alunos tragam as suas ideias e nós vamos burilando essas ideias a partir dessas sugestões. Quando os temas, os assuntos, são muito batidos, nós dizemos necessariamente: isso está muito batido! Vou só fazer uma piadinha aqui: tem duas reportagens que eu e o Léo costumamos dizer que a gente não quer mais. Em Belo Horizonte seria a feira hippie e o mercado central. Curiosamente, diversos alunos vêm com essa pauta: ah, a gente queria trabalhar o mercado central. Isso já foi dito demais, já foi feito demais! Você me traga um ângulo completamente novo acerca do mercado central e isso vai entrar. Ou seja, nós estimulamos que os próprios alunos busquem esses assuntos e vamos burilando eles de acordo com essa natureza, de assunto. Nós definitivamente não temos essa preocupação com editorias. A economia, a política e a sociologia podem entrar numa mesma reportagem.

7.1 – Sobre a expressão “temas batidos”:

Eu estou falando de temáticas, em primeiro lugar, sem originalidade. A gente busca que os alunos pensem em ângulos originais mesmo que sejam para velhas questões. Então a ideia do olhar. Isso está diretamente vinculado ao olhar, ao enfoque. Qual o olhar que você vai ter sobre uma temática? A pauta batida, na minha concepção, o problema não está diretamente relacionado à temática. Está diretamente relacionado ao olhar acerca dessa temática. Pautas batidas dizem respeito também, como segundo item, a temáticas já excessivamente trabalhadas, por exemplo, pela mídia nacional, a mídia comercial, a mídia local e o próprio jornal-laboratório. Essa questão do mercado central e da feira hippie é menos trabalhada hoje pela grande mídia, pelos veículos de circulação convencional – para usar um termo diferente. Mas aqui no jornal-laboratório é o tempo inteiro. Então nós precisamos barrar um pouco essa possibilidade. No semestre passado, eu nem estava vinculado ao jornal Impressão, mas dentro de uma disciplina que eu trabalhava propus um exercício chamado a arte estranha da cidade. E aí, houve um grupo que queria trabalhar com o mercado central. E eu fui direto falando: vocês não me vêm com o mercado central, não! Chega disso! Desde que vocês tenham um olhar diferente. E eles conseguiram um olhar bem diferente. Que era um olhar dos paradoxos. Ou seja, o mercado central é um lugar onde ao mesmo tempo vende aquários e peixes, e do lado tem uma peixaria. Então é um lugar de morte e vida. É um lugar de riqueza e de pobreza. Eles trabalharam menos com a ideia do histórico do mercado central. Isso já foi dito demais. Isso não tem necessidade ser dito novamente tanto pelo jornal Impressão como por grande parte da mídia.

Mas esse viés do paradoxo é realmente novo. Ou seja, pautas batidas são, sim, fruto de uma temática, mas que pode vir a ser tornar interessante. Mas a questão do olhar realmente é fundamental.

8 – Como as pautas são direcionadas?

Quase que um processo psicanalítico. Aí há um trabalho de tutoria mesmo. Aí somos nós como professores sendo tutores dos alunos. E a gente treina, busca fazer com que os monitores tenham essa preocupação com o outro. Os monitores que entram ou como monitores ou como estagiários. De você fazer com que o outro busque pensar de modo complexo naquela pauta que ele resolveu tomar para ele. Mas será que esse é o melhor viés? Quais são as vertentes e/ou as possibilidades de discussão em torno dessa pauta do modo como você busca construir? Isso é feito caso a caso. Cada aluno que vai propor uma pauta vai ter a sua orientação. Na verdade, vamos chamar de uma conversa complexa acerca daquela temática que ele buscou. Por que isso é uma pauta? De que modo essa pauta se constrói dentro do território do jornal *Impressão*, dentro dessa seção? Quais são os conhecimentos necessários para a compreensão desse tema? Você vai precisar de personagens? Mas a gente evita um pouco no jornal *Impressão* essa coisa de “há personagens?”. Que aquilo entre como natural. A personagem nunca antecede nada nas nossas pautas, a não ser que seja um perfil. Aí é óbvio que é uma discussão sobre a personagem. Mas vamos pensar quem são as pessoas que podem colaborar com essa discussão que você propõe. O que você precisa observar? De que modo você precisa observar? O que você vai poder

criar a partir do seu olhar como jornalista? De outro lado, é interessante promover nessa sua pauta uma discussão, digamos, mais acadêmica? Ou um olhar mais especializado? Você está discutindo insônia. Vamos conversar com um médico? Ou vamos conversar com um sociólogo para pensar a sociedade contemporânea e a partir daí pensar se essa diminuição da qualidade do sono também não está vinculada a questões...? Ou seja, isso tudo é construído. A gente evita – e aí sim é uma preocupação minha e tenho certeza também do professor Léo Cunha – que a gente se jogue menos do que o aluno. Mas obviamente buscando fazer com que ele próprio seja estimulado a evitar o lugar comum.

Só um detalhe que eu não tenho falado disso aqui na entrevista. Porque a gente está falando de pauta. Agora tem um sistema tutorial na parte da escrita da narrativa também. De você, no caso, de um jornal impresso, de uma revista como é o caso da *Múltipla*, de a gente estimular modos de escrita distintos também. Então essa tutoria vai aí também. Ela diz respeito também a gente apresentar aos alunos coisa que eles não conhecem. E esse é um mal porque eu tenho visto que os alunos estão lendo cada vez menos. Isso é muito complexo. Como que alguém vai escrever bem sem ler bem? Não existe essa possibilidade.

9 – Qual a influência dos cibermeios no processo de produção noticiosa, sobretudo na apuração?

Para responder isso vou ter que discutir uma série de possibilidades que a gente estimula todas. Mas vou tentar não me estender muito. Há muitas coisas boas vinculadas ao ciberespaço e muitas coisas que eu considero

negativas. Mas nós estimulamos todas ao mesmo tempo. O que é negativo? O esvaziamento de outros espaços de busca de informação: o livro, a pessoa, etc. Há esse esgotamento, infelizmente. Então esse é o trecho negativo: a pessoa prefere ir no google do que ir na biblioteca, prefere ir no google do que entrevistar o especialista. Você vai fazer uma pauta sobre Beattles só baseada no que você leu na wikipedia? É difícil. Ouça os discos, leia coisas sobre os Beattles, converse com pessoas que curtiram Beattles e com aquelas pessoas que pensam a obra dos Beattles. Ou seja, vá além do oráculo dos tempos modernos. Você me viu falando, brincando em sala de aula, que é o google. Ele é importante, é uma ferramenta vital. Bem, essa é a primeira etapa, o que eu chamaria de negativo. Eu também não preocupo muito com isso não. Que esses alunos façam isso tudo, mas que sejam estimulados ao outro território. Mas eu não deixo de achar que isso é preocupante também. Agora, saindo disso, que acho até meio lugar comum essa discussão mesmo. Mas vamos pensar nas mídias sociais de hoje como espaço – pensando no conceito de espaço público do Habermas – de práxis jornalística. Hoje mesmo um aluno que vai sair com um caminhoneiro porque ele vai fazer uma pauta: um dia com os caminhoneiros. É uma dupla, a verdade, que eles vão seguir estrada com caminhoneiros. E eles descobriram uma pesquisa, acho que da Universidade de São Paulo, sobre qualidade de vida dos caminhoneiros, uma coisa assim. Aí o menino falou assim: olha, já estou até te entregando a retranca. Eu falei: mas vocês nem viajaram com os caminhoneiros. E eles: não, pois é. Mas essa retranca aqui, a gente pode até modificar, mas ela é baseada numa pesquisa que nós encontramos...

Eu falei: onde vocês encontraram essa pesquisa? E eles: no google. Eu: e vocês não vão conversar com os pesquisadores? E eles: já conversamos. A gente conseguiu o contato deles no Twitter e conversamos via Twitter ou via Facebook. Não sei exatamente o que eles utilizaram. Aí, beleza! Ou seja, aí nós estamos falando das mídias sociais como um mecanismo – por que não? – riquíssimo de aproximação com as suas necessidades básicas, operacionais. Então assim, eles já conseguiram. Eles não só localizaram por meio do google, como leram parte desse material que encontraram e, a partir do ciberespaço, já realizaram. Foi uma boa surpresa saber que eles não tinham só descrito o que eles tinham encontrado na internet. Aquilo já está sendo apurado. Ou seja, esse estilo ao uso das mídias como ferramenta e mesmo como locus de discussão é feito permanentemente. Vou te dar um exemplo aí – nem sou eu aqui no UNI-BH, porque ainda não aconteceu, mas pode acontecer a qualquer momento: eu estimulei alguns alunos da UFMG a participarem ativamente de suas pautas numa revista que é produzida lá. E teve uma determinada discussão – e eu quero que isso aconteça, vou propor isso em algum momento – que eles fizessem a reportagem toda no ambiente virtual. Essas meninas fizeram a reportagem toda sobre astrologia na internet. Só que aí elas próprias entraram em sites e buscaram compreender a vida delas por conta da astrologia. Os perfis, por exemplo, delas astrologicamente estavam lá para consulta na internet. E aí, vou para uma terceira questão, que é justamente o vínculo dos dois espaços. Você faz uma discussão no meio impresso, mas remete a uma

série de outros espaços de discussão nas mídias sociais ou em quaisquer outros lugares. Isso há também um estímulo da nossa parte.

Há um estímulo. Vou confessar que nós nunca pensamos isso de modo acadêmico, mas vamos pensar na wikipedia. Ela não é proibida de ser consultada, mas não pode ser a apuração em si. Ela é um pontapé muito inicial para uma discussão mais ampla. Agora, há diversas outras plataformas riquíssimas hoje na internet. Com relação a essas plataformas, sim, nós estimulamos.

Como tutores, não temos como acompanhar esse processo o tempo inteiro. Agora, a comprovação de determinados dados – até porque o jornal Impressão tem um nome a zelar, até porque aquela informação está com o nome desses alunos, ou seja, para eles tomarem a noção do que é a palavra, do que é a informação que está sendo divulgada num espaço extremamente importante. Há esse estímulo, mas não há esse acompanhamento em 100% do tempo. Isso é impossível. Agora, no processo de edição das reportagens, a gente tem buscado falar: olha, faltou isso na sua reportagem. Então esse aluno vai em busca disso.

Um exemplo que acontece muito: diversos pesquisadores pensam que determinada coisa acontece. Como assim diversos? Diversos, nesse sentido, não diz absolutamente nada. Outro: tem crescido o número de suicídios na periferia de Belo Horizonte. Que periferia estamos falando? Onde estão esses dados acerca do suicídio? Esse tipo de apuração – com exceções, não tão raras – geralmente não é feito. Faltam dados bastante concretos para sustentar. Com relação a esse retorno, muito erro de coerência de texto e erros básicos de gramática, concordância e tal. Num

primeiro momento, eu, pelo menos, faço a edição, mas com muitos recados no texto para que o aluno tenha noção do que é preciso apurar, ampliar a apuração e do que ele errou em grande medida. Eu sou bem obsessivo com isso tudo. Agora há outros níveis que dizem respeito à narrativa. Eu sou obsessivo com a repetição de palavras. Você me ouviu falando em sala de aula: o dicionário tem que ser usado tanto pelo repórter quanto pelo leitor. Eu vejo pouco isso. Eu falo: faltam verbos originais no seu texto. Então esse retorno diz respeito a isso. Com relação a apuração, duas questões: excesso de subjetividade, mas não a subjetividade que eu falei que a gente estava estimulando. São garotos que, por exemplo, são loucos por futebol e são loucos por determinado time e vangloriam aquele time sem base nenhuma. Na verdade, é um texto opinativo deles. Isso aqui não é um território. É um território do eu. Isso é diferente. É um território da interpretação. Para que você faça uma interpretação, você tem que suar muito a camisa. Ou seja, para você fazer um texto interpretativo, você precisa entrevistar 100 pessoas. E não entrevistar duas e fazer um texto com base nas suas próprias concepções acerca daquilo. Então são retornos às vezes de ortografia, são retornos às vezes de falta de apuração com relação a dados vitais e, em alguns momentos, retornos com relação a sugestão. Olhe bem, a quantidade está boa. Mas não seria legal fazer uma retranca sobre isso? Aí é óbvio que o tutor-editor também dá pitaco como qualquer editor.

10 – Este jornal-laboratório conta com (ou segue algum modelo) algum manual, regra ou norma de redação e estilo?

Na verdade, eu sou até uma figura ruim para falar disso porque eu estou chegando aqui agora. Mas deixa eu só fazer um comentário disso para o futuro... Eu já conversei com o Léo. Porque o Léo estava aqui até semestre passado. Eu vim principalmente para o primeiro caderno. Sou sempre assim: gosto de fazer as coisas. Eu quero pensar um manual. Não um manual de restrições. Mas um manual de discussão, por exemplo, sobre o que significa exatamente eu falar que a gente quer que o eu do repórter seja sobrevalorizado. Precisa ter uma discussão em torno disso senão fica muito um achismo. Então, assim, não há efetivamente – isso eu sei desde outras passagens por aqui – um manual estrito, escrito, certinho a ser seguido. Nós queremos construir um manual, digamos, de pensamento acerca da prática jornalística no jornal-laboratório e, óbvio, com dicas básicas sobre escrita. Um manual básico de pequenas regras que vai ser feito ainda, mas nós não seguimos hoje nenhum manual nesse sentido.

11 – Qual a influência do fator tempo no processo de produção?

Eu costumo dizer em aula que o tempo não pode servir de justificativa para um mau jornalismo. O tempo é parte, integra, está inerente à prática jornalística. No Imprensa vai ser a mesma questão, só que nós não valorizamos tanto a briga com o tempo. Nós temos nossos prazos, nosso dead line, porque as coisas precisam ser fechadas. Mas isso é extremamente discutível, negociável. Se um aluno quer trabalhar melhor a reportagem em uma semana ao invés de entregar em dois dias, por que não? Esse é também um estímulo ao eu. Estímulo para que o jornalista se

descubra. Eu vou dar um exemplo bastante pessoal: as minhas áreas de atuação diz respeito a territórios da prática jornalística que brigam menos com o tempo, o que não quer dizer que elas não tenham dead line. Eu sou especializado em ciência. Atualmente, eu faço parte de um projeto da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), de jornalismo científico. Fui 10 anos assessor da UFMG. Então lá trabalhei muito com a temática da ciência. É impossível fazer jornalismo científico como se faz jornalismo de polícia, factual. Eu não estou falando mal do jornalismo de polícia. Estou querendo dizer que são práticas completamente distintas. Você não pode chegar diante de um físico quântico e dizer o que é física quântica. Isso é falta de ética jornalística, isso é falta de preparação básica, isso é falta de vergonha na cara, para ser bem escrachado. Você tem que pesquisar aquele cara, você tem que pesquisar um pouco da área, você tem que participar, sim, de congressos relativos à área para ver o que tem que ser discutido. Ou seja, dá trabalho e requer mais tempo sim. Você vai fazer durante 10 anos entrevistas com pesquisadores do campo da física quântica, a sua 20ª entrevista vai ser muito melhor do que a primeira. Então a maturação está diretamente relacionada à necessidade da área. O mesmo eu digo para a cultura. Não essa cultura de produto: o novo disco do Caetano, o novo disco dos Racionais, MC's. O novo disco é muito simples, mas não é simples também. Não deveria ser. Que é outra área minha, que é o jornalismo cultural. Óbvio que nos jornais diários, há a pressão do tempo e a pressão dos produtos. Mas e o chamado jornalismo cultural de processos culturais? Pensar a própria noção de cultura para você pensar que

jornalismo cultural você está fazendo. Esse jornalismo cultural requer mais tempo. E por fim, na minha área, a chamada relação entre comunicação e artes, que são áreas que requerem necessariamente uma extensão de tempo. Ou seja, o tempo existe, os nossos dead lines existem, mas a experimentação que a gente propõe no Impressão tem que lidar com o tempo como amigo, e não como inimigo. O que não quer dizer que não simulemos também as tarefas e a ideia da necessidade de prazos. Há os prazos, mas nós não enrijecemos a nossa prática em função do tempo.

12 – Como se dá a distribuição dos jornais?

Extremamente mal feita essa distribuição. Nós não temos um processo de distribuição bem feito, bem delineado. Quem participa, geralmente, são os próprios alunos, os monitores e os estagiários do laboratório. Nós também estimulamos isso. E aí, na verdade, o jornal Impressão – aí eu vou até me contradizer numa coisa, mas porque não há solução ainda por via da distribuição... Quando eu disse que a comunidade de Belo Horizonte ou mesmo parte da comunidade do Brasil poderia ler o jornal Impressão porque nós não temos esse público tão definido, nossa distribuição não diz isso. Nossa distribuição é basicamente no UNI-BH. Ou seja, há um erro de distribuição que eu gostaria de sanar. Eu gostaria que o jornal Impressão chegasse a outras universidades, que o jornal Impressão chegasse a outros ambientes que não universidades em outros estados. Por que não? Mas nós temos aí, sim, uma deficiência grave. Qual a distribuição que é efetivamente feita? Por mim, pelo Léo e pelos alunos assim: vamos deixar um em cada andar, vamos distribuir nas salas do

jornalismo. Mas mesmo nos outros cursos essa distribuição é muito deficitária. Se você perguntar aqui – imagino eu – entre os alunos dos outros cursos: você conhece o jornal Impressão? Muitos vão dizer que não conhece. E essa distribuição não é feita de modo regular ou de modo correto nem mesmo no outro campus. Não é feito de modo correto nos dois campi. Então há um erro de distribuição que precisa ser sanado. Eu te confesso que não sei como ainda. Nós precisamos de um suporte institucional para que isso seja feito de forma mais correta.

13 – De que forma as questões institucionais interferem na produção?

É uma questão básica. A gente está em abril, praticamente, e nós não temos estagiários-monitores.

As aulas começaram em fevereiro. Antes do carnaval, certinho.

Na verdade, as aulas começaram dia 7 de fevereiro para os calouros e 8 de fevereiro para os veteranos.

Isso já foi mais eficiente. Há uns cinco anos era extremamente eficiente.

Na verdade, o normal era que a seleção fosse feita num semestre anterior.

Então você já começa o semestre sabendo quem vão ser os monitores-estagiários. Ou seja, primeira semana de aula o primeiro encontro, a primeira reunião de pauta. Nesse período, inclusive, que o jornal era feito quase que mensalmente. Eram quatro edições, na verdade, por semestre.

Nesse semestre, eu e o Léo requentamos – no sentido de trouxe de coisas que já estavam produzidas. Foram produzidas pelo Luciano, no caso de edição jornalística do semestre passado, e a gente está usando só uma reportagem; na disciplina de jornalismo organizacional; e uma pauta

apenas foi desenvolvida por um desses alunos que veio para as reuniões de pauta. Ou seja, a participação dos alunos está em todos os textos. Nós não fizemos todos os textos. Agora quem vai editar essas matérias? Eu e o Léo. Ou seja, se os alunos já estivessem aqui, eles que editariam. Porque pensa bem comigo... Se a gente fosse esperar os alunos para eles editarem, essa primeira edição ia sair no mínimo no final de maio. Sem condições. Então assim, esse atraso no processo de seleção dos estagiários traz prejuízos essenciais ao jornal porque eu e o Léo já sabemos editar. A gente já edita da nossa forma, a gente já estudou muito para editar. Eu não quero saber se eu edito. Mal ou bem, eu faço a coisa segundo meus princípios editoriais. Óbvio, a gente busca estimular mesmo assim essa conversa que eu disse: a gente volta com o texto para o aluno e fala tem isso, tem isso... Ele vai e volta com esse texto para nós. Aí nós fazemos a edição. E a Ana Paula, que já é formada, vai depois diagramar. Nós ainda vamos ter a possibilidade, já que a seleção está sendo feita agora, de no dia 9 de abril, se eu não me engano, ter uma grande reunião já com os monitores-estagiários contratados para o fechamento dessa edição. Mas atrasos institucionais, óbvio que eles trazem um prejuízo básico. Professor não é para ficar editando o texto do aluno. A gente faz porque gosta, mas quem tem que editar são os alunos. E o professor vai depois e faz sua própria edição com o aluno do lado. Então assim, laboratório sem alunos, não existe.

APÊNDICE 8 – ENTREVISTA COM TONI SCHARLAU

1 – O que você entende como jornal-laboratório?

É o espaço da experimentação por excelência. Na verdade, a disciplina e o contexto na maioria dos cursos, na minha opinião, não é bem trabalhando justamente porque tem pouca experimentação.

1.1 – Quando você fala de experimentação, é experiência ou inovação?

As duas coisas porque quando você faz a experiência automaticamente você está mirando numa inovação em relação ao que é feito tradicionalmente. E a universidade só tem sentido se produzir algo novo em relação ao que é processado no chamado mercado, no mundo real de uma maneira geral. E um jornal-laboratório que tenha realmente essa função, o nome já está dizendo laboratório, é produzir textos, produzir abordagens que possam ir além com responsabilidade, obviamente, mas que possam ir além do que é feito normalmente nos veículos tradicionais e que possam dar experiências para que os alunos prezem mais a criatividade, prezem mais a iniciativa como uma mola propulsora de novos procedimentos.

2 – Qual o papel do jornal-laboratório na formação do jornalista e no ensino de jornalismo?

Na minha opinião é fundamental porque ele representa não só uma experiência, ainda que universitária, mas uma experiência no contato com as fontes, na produção da pauta, na lógica de produção, no encaixe, a

questão do limite de tempo, o dead line, enfim, toda a lógica de produção e também no que se refere à vida de redação, essa vivência de ter repórteres-colegas, de ter editor, de ter diretor de redação, a responsabilidade de cada cargo, a visualização do fluxograma de produção, do organograma de produção, viver isso. Trabalhar com a questão do telefone, do contato com a fonte, da marcação de entrevistas. Um choque real da atividade e isso proporciona não só a experiência, mas também, como eu falei, a possibilidade de você repensar o próprio contexto dessa realidade de produção. É lógico que eu acho que o professor tem que puxar muito essa reflexão, fazer com que o aluno produza essa reflexão do ponto de vista de: qual é o significado de uma entrevista por telefone, por que a gente faz a entrevista por telefone, por que a gente não faz ao vivo, o que o e-mail tem como suporte, até que ponto ele pode ser usado ou deve ser evitado, enfim, todas as questões que envolvem a ideia de produção jornalística e a forma como as pessoas refletem sobre a sua própria produção.

A escola que tem jornal-laboratório é quase que uma formação pela metade ou até menos do que a metade porque viver essa linha de produção ou viver, como eu falei, o fluxograma, o organograma de uma vida jornalística é fundamental para que ele tenha uma formação que dê condições de entrar no mercado de trabalho e fazer diferença no mercado de trabalho porque aí ele pode, inclusive, propor as atividades diferenciadas que ele vivenciou no âmbito da experimentação do jornal-laboratório.

3 – Qual a metodologia de ensino/produção?

Como professor-responsável, eu já trabalhei como responsável pela disciplina dos editores, que é uma disciplina optativa, e isso é uma coisa interessante de se sublinhar porque uma das disciplinas de produção do jornal-laboratório e, no entanto, os alunos fazem questão de sempre cursá-la, inclusive, cursando ela mais de uma vez. Nós trocamos o código da disciplina, no primeiro semestre é um código, no segundo semestre é outro, para que a mesma equipe fique durante uma no inteiro produzindo o jornal. Há abstenções, há pessoas que abandonam, mas em geral se mantém uma equipe o ano inteiro. Então a equipe que foi montada agora no começo de março, final de fevereiro, deve permanecer até dezembro, alguns cargos vão ser trocados porque há um rodízio: o editor de cultura vai editar política e vice-versa. Mas a equipe se mantém, o que é uma questão muito importante. No aspecto metodológico, do ponto de vista de uma regra, não existe essa regra. O que a gente trabalha sempre é com a ideia de você ter uma exposição para os alunos que esteja conectada com a realidade vivida naquele momento. Então a gente estuda os outros veículos, a gente propõe reflexões a respeito do que está sendo feito, revisões históricas, leituras de textos básicos. Enfim, você aposta numa metodologia que esteja mais conectada com a atividade prática. Então, a reflexão se dá especialmente dia a dia de produção. E por isso não tem uma metodologia fixa. Ela é trabalhada em cada semestre, conectada, inclusive, com o perfil dos alunos que estão cursando.

Na aula de redação e também na aula de edição porque é a própria equipe cada ano demonstra desejos diferentes em função da formação, do foco

que ela tem, nível profissional, pré-profissional que vai se manifestando ao longo do semestre. Então, tem anos que a gente tem uma equipe que foca muito em cultura, por exemplo, foca muito em variedade, tem excelência nessa área. Tem anos que a gente faz um conteúdo factual com mais ênfase e editoriais tradicionais como política, por exemplo, com bastante conteúdo naquela área. Então depende do público, mas a ênfase metodológica se for para sublinhar alguma é a de trabalhar a questão técnica e ética, forçar para que haja uma reflexão nos alunos sempre sobre a técnica e a ética ou a ética e a técnica para colocar isso numa ordem de importância, quer dizer, a reflexão ética sempre está presente e a reflexão técnica para fazer aquilo que eu falava anteriormente: não só aprender a fazer, mas aprender a fazer, refletir sobre o que se faz e pensar na perspectiva de fazer algo que possa avançar em relação ao que é feito, que possa ser melhor em relação ao que é feito.

4 – Como este jornal-laboratório se situa no contexto da convergência?

A gente aposta nisso. Tanto é que no jornal, na página tem conteúdo de vídeo e conteúdo de áudio. Mas eles não conversam entre si, então isso não é convergência. O que nos falta é a técnica dentro da produção da página para que os hiperlinks estejam mais perfeitos em relação ao conteúdo jornalístico para que a gente possa superar essa transposição do impresso para o online. Porque quando a gente faz uma retranscrição, muitas vezes a gente trabalha subtítulo, retranscrição, prejudicando a leitura e não usando hiperlink, não usando as ferramentas que a internet e o jornalismo online oferecem por questões eminentemente técnicas. A gente é bastante

desejoso de ampliar isso, mas não temos condições porque ninguém é técnico em informática para poder mudar a arquitetura da página, intervir, por exemplo, a questão do vídeo ser usado. Tem um jornal-laboratório da UNISC, de Santa Cruz do Sul, com o Demétrio Soster, e eles têm uma periodicidade completamente diferente da nossa. Nós temos uma presença diária na web e mensal no impresso. Mas ele fez uma atividade que era interessante, que é a reportagem ia para o ar e também ia para o ar um vídeo com o bastidor da reportagem. Então o próprio repórter se filmava, filmava a fonte e tinha uma versão em vídeo do conteúdo impresso, do conteúdo que estava disponível online só em texto. E isso a gente não tem conseguido fazer. Então há a necessidade de maior força do ponto de vista técnico, de forçar que a universidade disponibilize isso e também desejo prático das pessoas, porque às vezes a gente manifesta o desejo, mas acaba deixando o feijão com arroz, vai levando. Esse é um objetivo ainda a ser atingido.

5 – Existe uma linha editorial a ser seguida?

Nós temos um manual de redação e uma linha editorial que se pauta especialmente pelo atendimento das necessidades da comunidade acadêmica. Então, é por isso que, por exemplo, a editoria de UFPR é uma das mais focadas do ponto de vista da produção e no funcionamento jornalístico em geral a gente sempre dá ênfase para essa questão que eu falei antes da ética, que é uma baliza sempre colocada. O manual de redação é acessório, não é uma bíblia. E ele orienta a produção até porque os repórteres são mudados ano a ano. Como eles são segundanistas, eles

não têm conhecimento prévio daquele manual. Isso também é um problema porque a disciplina de redação I, por exemplo, que antecede a disciplina de laboratório de jornalismo, não trabalha dentro do manual de redação do próprio jornal Comunicação. Ele não é uma peça de ensino da disciplina. Então, são coisas que ainda precisam ser melhoradas nesse ponto de vista. Mas aí é que entra na questão de: cada professor tem o seu ritmo, tem a sua estrutura. Teria que fazer uma grande discussão para que o manual pudesse ser um fio condutor no trabalho em geral de redação. E quando o repórter entrasse no jornal-laboratório, ele já está ambientado com aquela linguagem. E aí a gente tem que se vacinar com relação a isso, isso possa representar uma pasteurização de texto. Você viu na reunião aqui: a gente investe muito no texto livre, na iniciativa do repórter, no formato diferenciado de produção de texto para que os próprios repórteres possam ter uma responsabilidade e atuarem como sujeitos no processo deles mesmos.

6 – O que é notícia neste jornal-laboratório?

Em tese, notícia é tudo aquilo que interessa ao nosso público, especialmente. O público, portanto, acadêmicos da UFPR. Mas como o trabalho dos editores-pauteiros é um trabalho laboratorial, em grande parte a gente deixa aberto para o editor trabalhar. E aí, por exemplo, em sociedade ou comportamento tem anos que nós trabalhamos comportamento numa linha muito assim: comportamentos desviantes. Teve um semestre que tinha uma editora que produziu conteúdo sobre homens que usavam saia. Coisas assim fora da perspectiva da sociedade

média contemporânea. E tem outros semestres que se investe em psicologia, comportamento, média de consumo. Então parte muito do desejo do editor e eu acho que isso também é educativo porque como as pautas são discutidas coletivamente, o editor da editoria X apresenta a pauta no coletivo dos editores e ela é discutida e aperfeiçoada pelo grupo e aí depois passa para o repórter. Então a baliza principal é o interesse da comunidade, mas em editorias como comportamento, por exemplo, muda de ano a ano, muda de semestre para semestre – o que eu acho que é interessante, é salutar.

7 – Como as pautas são direcionadas?

Também depende muito do desejo do editor, mesmo com a supervisão dos professores na produção das pautas. O enfoque tem uma orientação geral – como eu falei – de ter interesse para o público da UFPR. Então tem pautas que às vezes aparece que a gente descarta justamente porque não vai ter conexão com o nosso público, não vai ter conexão com o interesse dos alunos, professores, comunidade acadêmica de uma maneira geral. Então tem pautas que são derrubadas nessa linha. Então, a partir dessa linha mestra, dessa diretriz geral, todas as pautas tem o direcionamento para atender o público alvo.

8 – Como se dá a escolha das fontes?

Primeiramente pelo editor e elas são ampliadas nas reuniões dos editores e também com a supervisão do professor-orientador das pautas porque você tem alunos às vezes que estão numa editoria que necessariamente

não são experts. Então pode ter alguém que esteja na editoria de esportes que só conhece futebol ou algum dos esportes de massa do Brasil e não tem o conhecimento sobre outros esportes. Aí a gente tenta sempre orientar para uma questão de ampliar a área de atuação, o número de assuntos enfocados, fazer a relação com o público alvo. Então, por exemplo, nós temos um time de handbol da universidade que ganhou o campeonato, a gente força ou criou uma liga de alunos que jogam hugbi, por exemplo, a universidade mesmo investiu na criação de um time de hugbi e isso cumpre aquele desejo de atender a comunidade, de focar na comunidade, e falar de esportes não tão tradicionais. Porque como a gente é um veículo “alternativo” do ponto de vista de não ser um veículo com grande visibilidade e também com o afã de atender o público em geral, a gente focando na UFPR, a gente também trabalha para apresentar conteúdos que normalmente não são apresentados nos veículos tradicionais.

9 – Qual a influência dos cibermeios no processo de produção noticiosa, na apuração especificamente?

Às vezes até se comunicam com as fontes por uma dessas ferramentas (Facebook, Twitter), dependendo da situação, da rapidez, do tempo. Mas em geral nós pedimos para que as fontes sejam contatadas diretamente ou pelo telefone, devido até a premência de tempo. Todos os alunos dessa disciplina, os alunos repórteres, fazem diversas outras disciplinas, então eles têm quase que todas as manhãs tomadas e alguns até algumas noites também tomadas. Então para eles é bastante difícil atender a demanda

com relação à produção, a cumprimento de prazos. Às vezes até pode dar algum problema com relação a isso. Nós temos um ramal aqui só.

A universidade tem um sistema de voip. Então há uma relação boa e até a gente quer estruturar na relação-modelo aqui o voip em cada máquina de computador para ampliar o número de contatos com as fontes externas, que é uma grande necessidade. Mas mesmo do jeito que está ainda se tem uma produção acima da média nacional, digamos assim, porque como a gente tem produção diária, o site é atualizado quase que diariamente, é para ser diariamente. Então quando não é diariamente é porque deu algum problema, mas quase todo dia tem coisa nova no site. E isso tudo é feito dessa maneira: com um ramal, com um grande número de repórteres que está envolvido na equipe que tem várias outras disciplinas. Quer dizer, eles já estão aprendendo a serem jornalistas nesse ponto de vista: de saber fazer uma porção de coisa ao mesmo tempo e ser feliz ainda.

10 – Qual o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?

Praticamente total porque ele realiza toda a apuração e produção e depois manda o texto para o editor. Aí o editor entra trabalhando como chefe de reportagem e pauteiro e propõe alguma alteração, ampliação de fontes, dependendo do que é possível fazer e até discutindo a derrubada da matéria quando tem uma deficiência muito grande. Em geral – e nessa equipe aqui – há uma maturidade impressionante dos repórteres. Eles próprios avaliam a sua produção e já mencionam para o editor e dizem: olha, a minha matéria não ficou boa, realmente. Não consegui falar com

tal fonte etc. Se você quiser eu continuo tentando ou então vamos tentar fazer desse jeito aqui. Então é um nível de profissionalismo que chega a impressionar porque tanto o editor como o repórter tem trabalhado numa sintonia desse nível.

10.1 – Esse nível de maturidade se deve a quê?

Eu acho que são vários fatores. Não dá para dizer só uma coisa. Em primeiro lugar, a gente tem um vestibular concorrido. O curso de jornalismo tem uma média acima de 15 candidatos por vaga, mesmo com o fim do diploma com a obra e graça do Gilmar Mendes. E isso significa que os alunos que entram são alunos preparados. Geralmente alunos que têm leitura, que já tem um certo nível intelectual de conhecimento de obras básicas e tal. Então eles não são bobinhos. Se você comparar com parte de escolas privadas, que o vestibular é praticamente “fez, entrou”, isso é uma diferença significativa. E além disso, o próprio estado de espírito do pessoal porque nós tivemos algumas crises com relação ao jornal-laboratório, que ficou um tempo sem ser impresso, houve um boicote de algumas pessoas com relação a própria produção via online, e isso fez com que os alunos se mobilizassem e eles mesmos reconstruísem o jornal-laboratório na perspectiva de “ele é meu e eu faço parte dele e eu quero preservá-lo”. Os alunos colocavam nos seus nick “jorlab é vida” no começo do ano passado. No começo do ano passado teve uma greve de alunos em que um dos itens da reivindicação era a periodicidade do jornal, porque ele teve problemas com licitação, pregão eletrônico e não houve impressão do jornal durante um semestre inteiro.

Ele foi impresso depois, uma quantidade só para a gente ter ele impresso para apresentar para o Ministério da Educação, se fosse o caso. Então os alunos ficaram muito sentidos com isso, sofreram muito com isso e, de uma certa forma, até continuam sofrendo porque o impresso ainda está capenga nessa questão da periodicidade, especialmente.

11 – Existe um planejamento que pense o produto para circular nos diferentes meios?

Existem alunos desde o semestre passado – do ano passado especialmente – que são alunos eventualmente até de outros cursos porque a disciplina de editores, não essa aqui dos repórteres, é optativa. Então ela pode ter participação de alunos de Publicidade, de aluno de RP. E no ano passado três alunos de RP fizeram o trabalho de utilizar o conteúdo editorial produzido e inserir nas redes sociais. Então havia chamadas, nós criamos página no Facebook, tinha Twitter, tuitamos os conteúdos principais. Havia um trabalho de acompanhamento do google analytics fazendo reflexão sobre aqueles que tiveram mais visibilidade, por que tiveram. Então a gente conseguiu fazer uma rotina que esse ano vai ser aprofundada. A ideia é melhorar isso porque ainda é muito incipiente, até por causa dessa relação que precisa ter outros cursos participando, já que os alunos, especialmente de jornalismo, estão envolvidos na produção editorial e nenhum deles tem desejo de ficar mais trabalhando na questão de conteúdo só para rede social. Então é uma lacuna ainda, mas está sendo preenchida. E tem dado bons resultados.

12 – Qual a influência do fator tempo no processo de produção?

Isso é um grande problema, na verdade, porque além do fato de que sendo disciplina de graduação, você sempre tem aquele problema do aluno que falta um dia, faltam dois dias e pode faltar até 25%. Então quando um editor não vem dá problema. Tem gente que falta mais dias. Tem repórter que falta. Tem repórter que atrasa dead line. Tudo isso é coisa para ser administrada. Alunos são reprovados, acabam se reprovando porque são negligentes na produção, atrasam muito. E isso tem um peso na avaliação. E como essa é uma disciplina de produção, não tem exame. Ela é apresentada como uma disciplina comum, mas a gente sempre avisa aos alunos: olha, não vai ter exame. A produção serve para a avaliação. Até porque é impossível repetir uma pauta. Então a vivência da pauta é o conteúdo, é uma parte da prova, do exame em si. E eu não posso dizer: ah não, você fez mal a matéria. Então volta lá e pede para a fonte repetir todo o ato de inauguração do evento lá porque você não pegou tudo que tinha que pegar. É impossível. Então se ele não fez certo, teve falhas muito significativas, simplesmente a nota dele vai ter uma avaliação menor e ele vai ter que se organizar em outros momentos para melhorar isso.

13 – Há uma preocupação com a memória dos jornais?

Nós estamos organizando o arquivo físico. Você percebeu na sala aí que está tudo disponível. Está organizado pelo menos em pilhas, separados os números. E aí a gente vai entrar num processo provavelmente no semestre que vem – não nesse – de digitalização porque uma parte já está

digitalizada e disponível no site em pdf, mas os antigos não estão. Então é justamente esse resgate para digitalizar o conteúdo mais antigo é que a gente deve fazer no próximo semestre.

14 – Existe uma reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal?

São feitas várias reuniões de avaliação ao longo do semestre. E em geral no final do semestre a gente faz uma grande avaliação principalmente focando na questão da qualidade da produção e no cumprimento das rotinas, porque daí é o momento de fazer uma avaliação se as rotinas foram cumpridas ou não e se elas estão corretas ou não para serem reorientadas para a proposta do ano seguinte. E é isso que eu falava com relação ao experimentalismo do jornal-laboratório e a forma como esse experimentalismo acaba impulsionando mudanças significativas que acabam depois se refletindo no mercado de trabalho porque o nível de colocação dos alunos que passam pelo jornal-laboratório é impressionante. Nós temos alunos que passaram aqui, entram no mercado e vão direto já para o trabalho. São aproveitados imediatamente, justamente por essa experiência.

15 – Explica um pouco da dinâmica deste jornal-laboratório:

São basicamente duas disciplinas: laboratório de jornalismo impresso, que é obrigatória, e a de edição, que é optativa. Além dessas, tem uma disciplina de rádio e uma disciplina de TV, que produzem conteúdo e veiculam apenas na página. Estão em outras disciplinas, em outros

laboratórios. Inclusive, sem uma, digamos assim, ascendência da equipe principal de produção porque a gente não faz pauta conjunta, não discute o material de produção, a gente não otimiza, por exemplo: ah, vai fazer uma matéria de telejornal e vai conseguir um carro da universidade para ir em Cacimbinhas fazer uma entrevista com um octogenário que está levantando peso. Bom, podia ir alguém aqui do impresso, do online, para fazer junto a mesma matéria, já que são linguagens diferentes e até linkar as duas no sentido da convergência ou pelo menos da aderência de conteúdos que poderiam ser veiculados com alguma ligação. E isso não é feito. Então é uma coisa para ser pensada, até porque hoje o mercado cada vez mais foca nessa ideia do profissional que tenha características de convergência, que possa transitar no vídeo, no áudio, no texto para internet, no texto para impresso. E essa experiência é um fundamento até para também ele próprio poder dialogar mais com os colegas, vivenciar a produção em vídeo junto com a do impresso. Isso eu acho que é muito bacana, mas a gente não faz ainda e deve fazer.

16 – fale sobre a estrutura do laboratório:

Essa sala aqui já existe há quase dois anos. Ela é aproveitada especialmente pelos repórteres que estão produzindo matéria. Nesse semestre a gente achou por bem também colocar as disciplinas funcionando aqui para criar esse clima de redação. Então, a gente trouxe, por exemplo, os prêmios que o jornal já recebeu para expor na sala. Vamos colocar o histórico, o arquivo dos jornais. Tem um grupo de alunos que está se preocupando em produzir pinturas na sala para colocar

uma personalização nela, trazer quadros. Um trabalho de transformar isso aqui numa redação, dar mais cara de redação, embora as redações hoje em dia sejam completamente assépticas, parece um hospital. No tempo que eu trabalhava em redação era completamente diferente, não só por ter máquina de escrever, mas principalmente por ter uma vida jornalística muito mais efervescente. Hoje, como eu falei, parece hospital, você entra numa redação é um silêncio, uma assepsia. Não dá para entender – ou dá para entender – como é que surgem essas matérias que a gente acaba consumindo porque são matérias meio irreais ou não conectadas com o mundo real.

17 – Como se dá a impressão do jornal?

Até o ano passado, ele era produzido aqui na gráfica da universidade, que, inclusive, funciona dentro desse campus. Só que a gráfica funciona com uma lógica não comercial. Se aparecia um pedido do reitor, entrava na nossa frente. A gente nunca tinha prioridade, nunca tinha periodicidade certa. Esse ano nós temos um contrato com um jornal diário tradicional que tem gráfica e a gente manda e, no outro dia, eles devolvem.

18 – O senhor gostaria de acrescentar algo?

Eu diria que a diferença em relação aos jornais-laboratório em geral. Eu percebo que aqui a gente tem primeiro um amor dos alunos com relação ao jornal-laboratório e isso é uma coisa muito importante. O aluno tem uma relação amorosa com o jornal, uma relação forte com o jornal, de

carinho. E isso, acho que já é uma mudança superimportante em relação ao tradicional. E também porque nós temos aqui uma característica por ter uma atualização diária, por ter um site que funciona que tem visibilidade, que tem repercussão, isso acaba ampliando a responsabilidade dos alunos e dando para eles também mais motivação para trabalhar. É muito diferente de você ter nas escolas que têm só jornal-laboratório impresso e esse jornal-laboratório impresso só é publicado no final do semestre ou é publicado quando o Ministério da Educação vem fazer visita. É muito significativo isso. E depois, por estarmos numa federal, os alunos têm ampla liberdade temática. Então tem textos que criticam o próprio departamento, tem textos que criticam a reitoria. O jornal tem uma autonomia. Lógico que é uma autonomia com responsabilidade. No ano passado durante a greve dos alunos, eu tive um grande atrito com a equipe que estava no jornal, justamente porque foi publicado um conteúdo que não tinha contraponto. E aí eu pedi para eles retirarem do ar e eles não quiseram retirar do ar. E a gente brigou porque eu entendia que aquilo ali era um produto que ia contra a nossa ideia de jornalismo. O mínimo que se espera é que haja contraponto. Se tem alguma coisa para ser falada, as duas partes ou as múltiplas partes envolvidas precisam ser ouvidas.